



"MELHOR ROMANCE SOBRE CORRIDA JÁ ESCRITO"
(RUNNER'S WORLD)

era
uma
vez
um
corredor



JOHN L. PARKER JR.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Capa	
Rosto	
Créditos	
Mídias sociais	
Dedicatória	
Epígrafe	
1. Era uma vez...	
2. Doobey Hall	
3. A corrida da manhã	
4. Cross-country	
5. Jogando boliche por dinheiro	
6. Bruce Denton	
7. Andrea	
8. Dick Doobey	
9. Uma tarde	
10. Demônios	
11. Notas de uma fã	
12. A acusação	
13. O julgamento	
14. Temporada indoor	
15. Uma baixa	
16. Novo território	
17. Em pane	
18. Torneios	
19. O incrível ataque da meia-noite	
20. Correndo à noite	
21. Steven C. Prigman	
22. Brady Grapehouse	
23. Mais cavalo que cavaleiro	
24. Fazendo as malas	
25. A floresta	
26. Trabalho de reconhecimento	
27. Uma morte muito prematura	
28. Tempo...	
29. Quarenta quilômetros na chuva	
30. Hidromassagem	
31. Porre à irlandesa	
32. Treino intervalado	
33. Orquídeas	
34. Pausa...	
35. O circuito	
36. A corrida	
37. Uma cidade mais imóvel	
38. ...Um corredor	
Sobre o autor	

era
uma
vez
um
corredor
JOHN L. PARKER JR.

TRADUÇÃO DE CLAUDIO FIGUEIREDO



Copyright © 1978, 1990 John L. Parker
Originalmente publicado por Cedarwinds Publishing Company

TÍTULO ORIGINAL

Once a Runner

TRADUÇÃO

Claudio Figueiredo

CAPA

Roberto de Vicq de Cumplich

PREPARAÇÃO

Taís Monteiro

Maíra Alves

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

Fátima Amendoeira Maciel

REVISÃO TÉCNICA

Moacyr Dutra

REVISÃO DE EPUB

Melissa Lopes

CONVERSÃO DE EPUB

Geográfica

E-ISBN

978-85-8057-074-8

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Este livro é dedicado a Jack Bachelier e Frank Shorter, velhos amigos, grandes corredores. Com afetuosa lembrança, de tantos Sacrificios e de tantos Quilômetros, meus companheiros...

Como eu sabia que você tinha corrido uma milha em quatro minutos e meio na escola? Fácil. *Todo mundo* corre uma milha em quatro minutos e meio na escola.

— FRANK SHORTER, *CORRENDO POR AÍ*,
POR VOLTA DE 1969

Os que corriam à noite estavam lá fora, como de costume.

Mesmo com aquela luz fraca, o rapaz podia ver os vultos na pista, correndo lentamente, uma volta atrás da outra, na mais infinita das trilhas. Devia haver, ele sabia, mulheres gorduchas, de aparência decidida, avançando numa marcha pesada, enquanto os joelhos carnudos tremiam. De vez em quando, afastariam com um gesto enérgico os cabelos úmidos caídos sobre os olhos e sonhariam com determinados mestres de cerimônias sorridentes e cruéis: biquínis, o ato de cortar as fitas em inaugurações e coisas do tipo. E em seguida, é claro, com uma partida de tênis disputada com homens de dentes muito brancos, tangos apaixonantes à luz da lua.

Haveria ainda homens de idades e níveis de decadência variados, que talvez também remoessem fantasias secretas (será que se imaginavam uma espécie de Peter Snell,* não fosse a gordura ou o medo que sentiam ao atingirem a velocidade na qual percorrem quatrocentos metros em noventa segundos?).

O rapaz se deteve por alguns momentos do lado de fora da grade, enquanto uma nuvem de mariposas atacava as lâmpadas do poste, e ele parecia estar sob um holofote obscurecido por sombras esvoaçantes. Ele adorava o início do outono em Panhandle, na Flórida. Em outros lugares, as folhas podiam estar rodopiando, mas ali a brisa quente do verão persistia. No calor úmido, contudo, havia já um leve indicio, uma promessa distante, de um ar mais fresco pairando sobre a copa das árvores e perto das barbas-de-velho. O rapaz pegou sua pequena bolsa de viagem e atravessou o portão de entrada, caminhando pela pista no sentido horário, rumo às marcas de largada, no início da primeira curva. Os corredores ignoraram o estranho que vestia roupas comuns, assim como ele também não lhes deu nenhuma atenção. Eles sempre estariam por ali.

A área do salto em altura tinha sido reformada, foi construído um novo setor de arquibancada e instalaram um fosso com água para a corrida com obstáculos. Mas, em sua maior parte, a imagem era a mesma de quatro anos atrás, tão familiar quanto qualquer oval de quatrocentos metros para quem conhece cada centímetro das pistas de atletismo.

Mais uma vez, os torneios haviam terminado. O jovem sabia perfeitamente que, para ele, tinham acabado para sempre. Em alguns círculos, quatro anos é muito tempo; mas, contados em tempo real — tempo da vida efetiva como é o dos donos de lojas, dos vendedores de seguros, dos que vivem de capitalizar juro e assim por diante —, não o é, de modo algum. Em sua mente, contudo, o Tempo repousava em recipientes especiais; para ele, a passagem de um minuto assumia todo tipo de significado incomum. Um minuto queria dizer um quarto de uma corrida de uma milha em quatro minutos, uma pitada de sua vida cotidiana.

Como muitos outros, ele não tinha a menor ideia do que fazer agora, depois de tudo acabado. Pensar no que viria em seguida exigia tanto, era algo tão definitivo, uma catarse tão intensa, que a maioria dos corredores simplesmente nunca chegava a esse ponto. Eles deviam estar — supunha — espalhados ao redor do mundo, fazendo exatamente o mesmo que ele naquele momento: pensando sobre tudo o que havia acontecido, contabilizando perdas e ganhos.

Precisava retomar a vida normal e, ainda que não soubesse exatamente por quê, tinha de começar por retornar a esse lugar, por voltar ali, ao calor sufocante de Panhandle, exatamente à

pista oval de quatrocentos metros que ainda guardava seu suor, seco havia já muito tempo. De volta a setembro, o mês das promessas.

Colocou a bolsa de viagem no chão, ao lado dos colchões do salto com vara, olhou para trás para se certificar de que não vinha ninguém pela pista e então caminhou até a linha de largada. “Meu Deus”, pensou, “mais uma vez nesta linha.”

Ele parou na raia número 1, ficou completamente imóvel, olhou para os sapatos (os corredores à sua volta lançavam olhares curiosos) e tentou evocar os sentimentos. Depois de um momento, um vestígio de emoção chegou até ele, e então compreendeu que aquilo seria o máximo que conseguiria. “É possível lembrar”, disse a si mesmo, “mas não se pode reviver a experiência. Temos de nos contentar com as sombras.” Em seguida, pensou em como era na segunda e na terceira voltas, e decidiu que algumas vezes as sombras eram mais que suficientes.

Ele tinha vinte e seis anos, cinco meses e dois dias e, parado ali na largada, pensou que se sentia bem mais velho. Os músculos que se ondulavam, definidos, sob o tecido de suas calças só poderiam ser resultado, em termos biológicos, de muitos milhares de quilômetros mais do que ele gostaria de se dar o trabalho de calcular.

Tentou se concentrar nas emoções difusas, como um fotógrafo metafísico que mirasse nos contornos nítidos para centralizá-los no visor. O que estava sentindo? Nostalgia? Arrependimento? A mente se contraiu e ecoou a pergunta: “Estou amolecendo?”

Ele não sabia. Mais uma vez, se dava conta de como tinha se especializado em não conseguir dizer certas coisas. Suas emoções estavam calejadas, assim como seus pés.

O homem que dava o sinal da largada mandaria que ficassem às suas marcas... então ele se apurou — ali, no meio da noite. Haveria o comando de preparar e em seguida o disparo. Respirou fundo e começou a caminhar de volta, no costumeiro sentido anti-horário, a direção de todas as corridas, e pensou: “A primeira volta se perde num instante de adrenalina e ressoar de passos...”

* O neozelandês Peter Snell conquistou três medalhas olímpicas de ouro: duas nos 800 metros (1960 e 1964) e uma nos 1.500 metros (1964). (*N. do T.*)

Doobey Hall era um desses antigos e ressonantes prédios de madeira que pareciam guardar os fluidos e as essências dos que viveram ali ao longo dos anos. Como uma velha poltrona forrada com tecido, era antiquado, mas confortável.

Assim como acontece com muitas construções que já serviram de residência para alguém, o prédio conseguia preservar certo afeto familiar em meio ao atual tumulto institucional. Os baques e os estrondos ressoavam ali de modo profundo, em vez de estalarem no ritmo seco, descontinuo, das habitações mais modernas e eficientes.

Depois de ter sido o lar do prefeito de Kernsville, Hiram “Sidecar” Doobey, e de seus vários parentes barulhentos, nos últimos anos a construção ampla e aconchegante vinha sendo usada para alojar cerca de trinta agradecidos integrantes da equipe de atletismo da Southeastern University. Situado convenientemente a duas quadras do campus, o prédio emitia, da manhã à noite, uma permanente mas imprevisível cacofonia de ganidos vagamente humanos, gritos primitivos e fragmentos desafinados de músicas populares, tudo isso vindo de um grupo singular de jovens cuja principal função na vida era correr, saltar e arremessar objetos pesados. E fazer isso muito melhor do que os seres humanos comuns. A energia necessária para lançar algo a mais de vinte metros de distância ou dar um salto de mais de dois metros de altura às vezes não podia ser contida por simples madeira ou gesso.

Paredes tremiam e coisas estranhas aconteciam ali.

O velho Sidecar Doobey — falecido havia anos — teria ficado vermelho de tanto rir. Seu apelido era fruto daqueles tempos loucos da Depressão, quando, numa noite de sábado, por pura diversão, Doobey teria entornado três quartos de uma garrafa da bebida caseira local, apanhado sua pequenina e assustada esposa — uma gracinha de olhos grandes chamada Emma Lee —, acomodado-a no *sidecar* de sua Harley Davidson 1932 de mil e duzentas cilindradas e começado a aterrorizar o gado que pastava pelas redondezas.

— Mulher! — ele lhe teria dito. — Prepare-se para dar uma volta à noite!

Seus olhos verdes e impetuosos se fixaram nela por um momento, como se fossem uma luz.

— Irrraaa! — ela teria exclamado.

Isso não significa que Sidecar fosse exatamente um fora da lei, pois possuía a maior parte das vacas de Kalhoun County (e boa parte da terra, assim como várias hipotecas em situação de risco). Era apenas o que algumas pessoas costumam chamar de “animado”. Sidecar era um desses homens rudes e enérgicos que muito cedo na vida compreendem quais alavancas e roldanas realmente funcionam e quais são apenas figuração. E também entendeu que tudo aquilo terminaria de repente, num belo dia. Inevitavelmente, ele suspeitava.

A única vez em que se viu em algum tipo de encrenca de verdade foi certa noite quando, comportando-se como um arruaceiro, quebrou algumas cercas e (com Emma Lee guinchando como um morcego ferido) entrou rugindo pelo centro de Kernsville para “bombardear os malditos pombos”, enquanto velhos excêntricos de olhar triste observavam a cena e se divertiam, sentados em torno da praça do tribunal da cidade.

— Ah!, senhor xerife, *jurro* pra você... Senhor, não sei por que às vezes fico tão malvado — disse, sinceramente arrependido, na manhã seguinte à sua prisão. Segurava a cabeça desgrenhada e latejante entre as mãos.

— Bem, papai — disse o xerife —, o pessoal está começando a falar, isso não dá para negar. — O xerife William “Boots” Doobey era seu filho mais velho. — O que eu não entendo — continuou — é por que você sempre quer levar a mamãe junto.

Sidecar empertigou-se de repente.

— Porque — grunhiu com selvageria — *ela é simplesmente louca por isso!*

O fato de, um ano depois, a cidade universitária ter elegido Sidecar prefeito talvez refletisse seu senso de humor coletivo. Ele tinha se candidatado com uma plataforma que se baseava em botar os filhos da mãe para fora, o que não deixava de ser curioso, uma vez que eram todos parentes seus. Fiel à sua palavra, ele botou os filhos da mãe para fora.

Sua eleição tinha sido, como quase tudo em sua vida, um prêmio que lhe haviam dado quase sem que pedisse. A maior mágoa do velho foi quando seu garoto mais novo, nascido quando Sidecar tinha cinquenta e dois anos e Emma Lee, quase quarenta, acabou se revelando um perfeito idiota. Boots podia ter ingressado na Academia Militar de West Point e Sheryl Ann foi escolhida rainha do Georgia Institute of Technology (antes de abandonar o curso para se casar com um zagueiro do time de futebol americano). Sidecar sentiu um golpe profundo e doloroso no peito ao ver seu caçula, na verdade quase um neto, tentando dominar os princípios básicos de funcionamento do grande trator John Deere. Quando o garoto foi passado para trás num jogo de cartas por um primo com metade de sua idade, o pai foi caminhar por suas terras, chorando de raiva.

Naquele momento Sidecar, um homem de visão ampla e amante da ironia, decidiu dar àquele menino ligeiramente atrapalhado o que faltava aos outros filhos (e algo do que, aliás, eles não faziam a mínima questão): um status acadêmico. Anos depois, esse curioso objetivo seria alcançado do modo como metas difíceis ou impossíveis costumam ser atingidas por homens de muito poder e poucos escrúpulos, ou seja, por baixo do pano. Ele doou à Southeastern University (que precisava desesperadamente de um espaço para seu recém-fundado Departamento de Entomologia) a casa que tinha ocupado por sete anos como prefeito. A oferta continha a fórmula burocrática: “Em troca de dez dólares e outras considerações de ordem legal e beneficente...” A natureza dessas outras considerações de ordem legal e beneficente era conhecida apenas pelo próprio Sidecar, por seu advogado e pelo reitor da universidade, o respeitável Steven C. Prigman, egresso da venerável Suprema Corte da Flórida. A essa altura, Emma Lee já estava havia cinco anos na sepultura e o velho Sidecar queria sair do “diabodapolíticadessacidade” e voltar a seu rancho, onde ao menos “podia bater as botas com o cheiro honesto de feno e de bosta fresca de vaca nas narinas”. Ele não mencionou que na verdade acalentava a ideia de ressuscitar sua velha e querida Harley, que enferrujava no celeiro debaixo de uma lona salpicada de tinta.

Seu caçula teria de fingir frequentar a universidade, já que a concessão formal do diploma só aconteceria quatro anos depois. Sidecar ficou matando tempo pelo rancho: encheu a paciência do capataz, comprou um bosque de dois mil hectares de pecãs e finalmente foi convencido a comprar um pacote turístico para várias cidades interessantes do interior do México. Voltou falando maravilhas das propriedades regenerativas de certos destilados à base de cacto e fazendo

insinuações sombrias sobre os negócios no ramo de exportação e importação.

No plano acadêmico, as coisas correram às mil maravilhas, e o velho viveu para ver o filho, aturdido e suando como um desgraçado, de beca e com o capelo na mão, avançar entorpecido ao som de “Pompa e circunstância”. Em poucos anos, Doobey Hall ficou pequena para o Departamento de Entomologia, e a equipe de atletismo, unanimemente encantada, passou a ocupá-la. Sidecar morreu pouco depois, mas dizem que ainda tentou pular do caixão a caminho do cemitério Jesus Caminha entre Nós.

O folclore em torno de Doobey era conhecido dentro e fora de Kernsville, o que explicava boa parte dos grafites espalhados pelo campus. Certo semestre, letras vermelhas e chamativas apareceram pintadas na parede do ginásio, alardeando um aviso sinistro: SIDE CAR ESTÁ VIVO!

Hiram Sidecar Doobey, saudável *bon-vivant*, o terror das vacas e, acima de tudo, habilidoso com a bola, acabou se transformando numa figura onipresente nos muros daquela região do interior.

E seu último descendente, aquele da inteligência fraca, do diploma falso e da inexplicável inclinação para torturar insetos, seu filho mais novo, Dick Doobey, terminou como técnico titular do time de futebol americano.

No terceiro andar de Doobey Hall ficava o quarto que Dick Doobey ocupara quando criança. Agora sua castigada porta de carvalho exibia dois cartões de 7cm x 12cm, um acima do outro, presos com tachinhas.

O de cima dizia em caracteres de uma máquina de escrever Smith Corona:

*Se você pode preencher o minuto implacável
Com sessenta segundos de uma boa corrida...
A Terra lhe pertence, bem como tudo o que nela existe.
E — mais ainda — você será um Homem, meu filho!*

— RUDYARD KIPLING, 1892

No outro cartão, lia-se:

Rudyard Kipling corria uma milha em 4min30.

— QUENTON CASSIDY, 1969

Dentro do quarto, Quenton Cassidy em pessoa dormia um sono intermitente enquanto o amanhecer se aproximava. Numa região lúgubre formada por seus piores medos, vivia um pesadelo que tinha certo encanto. Era um tema antigo ao qual estava habituado: na última volta de uma corrida, ele se via sendo completamente arrasado por todos os outros competidores na pista. Corria afundado até a cintura em manteiga de amendoim, enquanto todos passavam por ele, deslizando com facilidade. Tentava agarrar algo com as mãos para se projetar para a frente, mas não adiantava. Qual era o problema? Seu treinamento tinha sido inadequado? Onde estava seu ímpeto?

Felizmente, acordou. Antes de o despertador tocar, molhado de suor devido à agitação, mas esquecendo rapidamente o pesadelo. Sentou-se na beirada da cama, pensativo, mexendo os dedos dos pés enquanto as teias de ansiedade lentamente se dissolviam em sua cabeça confusa. Enquanto estava acordado, se concentrava de corpo e alma no objetivo de, a pé, vencer distâncias rapidamente. Quanto a isso não havia quem se comparasse a ele, exceto uma dúzia de outros atletas espalhados pelo país e pelo mundo, que também despertava com os mesmos sonhos angustiantes. Quenton Cassidy conhecia cada um deles pelo nome.

Vestindo apenas o leve short de náilon com o qual tinha dormido, avançou lenta e firmemente até a janela iluminada pela aurora e ali se deixou ficar por um momento, grogue de sono, admirando o brilho alaranjado que banhava os carvalhos lá fora. Uma leve brisa era fria o bastante para deixar arrepiada a pele ainda quente após o sono. Ele não gostava muito desse negócio de acordar cedo, mas a ideia de não fazê-lo, ainda que por uma manhã apenas, jamais lhe passara pela cabeça.

Quenton Cassidy tinha um metro e oitenta e oito e seus magros setenta e seis quilos se distribuíam pelo corpo de acordo com as dolorosas necessidades diárias impostas por sua tarefa especial. Sob a pele firme fluía uma musculatura suave, que deslizava com facilidade, dando a

impressão de uma força elástica, leve: uma visão de um jovem falcão sem plumas.

Não havia ângulos ou protuberâncias supérfluos; a forma fora talhada com habilidade, como num desses pedaços de madeira trabalhados pela ação da areia, na praia, que se tornam estriados, com ângulos oblíquos e longos sulcos delgados — delicados frutos do esmero. Mesmo agora, enquanto estava totalmente imóvel, à luz da manhã que começava a surgir, a forma de suas coxas, como a de uma lágrima invertida, e as panturrilhas muito rígidas, sugeriam apenas movimento: velocidade constante e natural.

Sentindo uma dor agradável ao se alongar, afastou-se da janela e sentou-se novamente na beira da cama desarrumada para calçar os surrados tênis Adidas Gazelle. O rosto estava corado, mesmo àquela luz suave, com um nariz escandinavo e as maçãs salientes; era discutível se podia ou não ser considerado bonito. Os cabelos castanhos desgrenhados, clareados por horas ao sol, caíram para a frente de qualquer jeito enquanto ele dava um laço duplo no tênis. Lavou as mãos na pia (os cadarços, nos quais se acumulavam antigos suores, cheiravam a algo morto atrás da geladeira) e, com um grunhido, saiu porta afora.

Quenton Cassidy era um corredor de uma milha.

Lá fora, nas ruas que amanheciam, o pequeno grupo de corredores abria caminho descendo a University Avenue e virando ao norte na Thirty-fourth Street; iriam atravessar uma grande área de cerca de onze quilômetros conhecida como “o Circuito da Manhã”, como “o Caminho das Sete Milhas” ou como “a Faixa de Bacon” (devido a uma série de colinas sinuosas). Cassidy corria atrás do grupo numa passada larga e relaxada que beirava a falta de jeito. Para um corredor de milha, um ritmo de 4min por quilômetro era uma brincadeira, mas com o cansaço acumulado não fazia questão de nada mais desafiador. Conversava tranquilamente com Jerry Mizner, um corredor mais magro e mais moreno, que tinha a aparência de um verdadeiro corredor de longa distância. Ele e Cassidy tinham passado juntos pelo que agora chamavam de “Sacrifício dos Quilômetros”. Como ocorre com sobreviventes de um naufrágio, reféns e outras pessoas que vivenciaram situações extremas, o suplício acaba por promover uma espécie de intimidade não sentimental. Às vezes, Cassidy e Mizner pareciam ser capazes de ler a mente um do outro.

— Realmente não acho que isso seja possível — disse Mizner.

— Mas é a pura verdade. Posso dormir nos primeiros oitocentos metros pelo menos. Tenho certeza. Dizem que soldados conseguem marchar quando...

— Corta essa.

— Bem, tenho a *sensação* de que estou dormindo; para mim, isso basta.

— Ter a sensação e de fato fazer são duas coisas diferentes. Platão disse isso. Ou foi Hugh Hefner. Bem, um filósofo desses.

Para Cassidy, não havia nenhum prazer naquela rotina matinal. Seu sono era pesado e ele demorava para despertar. Aquela turma da manhã que dizia gostar desses treinos na alvorada o irritava. Mas a conversa civilizada tornava a coisa mais suportável, uma espécie de compromisso social, pois, como a hierarquia pressupõe seus privilégios, assim também acontece com a peculiar condição física dos corredores de longa distância, que tagarelam como papagaios.

Em ritmos que poderiam deixar outros corredores habituais atordoados ou desanimados, aqueles homens transmitiam total descontração, batendo papo ou fazendo brincadeiras entre si. Quando por acaso ultrapassavam um gorducho ofegante ou um corredor já de certa idade, automaticamente diminuíam as brincadeiras para não dar a impressão de que estavam se exibindo (não que desacelerassem um segundo sequer). Na verdade, eles respeitavam esses primos espirituais distantes, que, entre todas as pessoas, apresentavam um mínimo de familiaridade com o meio em que viviam. Mas esse tipo de corredor se assemelhava a eles tanto quanto um puma se parece com um gatinho. É a diferença entre se espreguiçar no tapete e espreitar pela floresta em busca de carne fresca.

— Acho que logo vamos descobrir quem descansou bastante no final de semana — disse Cassidy.

Eles se aproximavam da metade do percurso.

— Três chances — respondeu Mizner.

Apesar da permanente proibição de fazer pegadas em corridas longas, prática que rapidamente fugiu ao controle, um corredor mais jovem eventualmente procurava a glória efêmera.

— Olhe ali — disse Cassidy, apontando para a frente.

Mizner ergueu os olhos, sorriu para Cassidy e deu de ombros, querendo dizer que não estava nem aí.

— Apressadinhos das manhãs de segunda-feira — Mizner falou alegremente.

Estava se referindo a Jack Nubbins, uns vinte metros à frente do grupo e ainda assim pressionando. Um novato promissor, recém-chegado de uma região de pinheiros no norte de Orlando, que fora cortejado por várias escolas, até que sua ficha revelou algumas deficiências preocupantes. Quando Nubbins chegou à Southeastern University, em caráter de experiência, disse aos colegas do primeiro ano em Doobey Hall:

“Meu nome é Nubbins e faço uma milha em 4min12s3, mas corro a cavalo melhor que isso, e no outono eu e meu avô saímos para caçar uns porcos-do-mato, às vezes com uma arma, às vezes sem. Legal conhecer vocês.”

Os outros corredores de longa distância, apesar de acostumados a certo grau de esquisitice, acharam que ele fosse doido de pedra e um tipo para lá de fascinante. Cassidy até gostava dele, mas achava que ele ria alto demais e abusava de gírias caipiras. Além disso, parecia não ter certo... *respeito*.

— Não acho que ele vá conseguir se conter hoje — Cassidy murmurou com certa irritação.

Alguns dos outros corredores tentavam acelerar o ritmo para alcançar Nubbins, e o grupo começava a se dispersar. A regra tácita contra os pegadas estabelecia uma punição: os que persistissem no erro poderiam se ver num confronto mortal com algum corredor veterano.

— Você fez quarenta e três quilômetros ontem, não foi? — Cassidy perguntou.

— Isso.

— De qualquer maneira, você não iria querer me acompanhar, só para a gente dar umas risadas, certo?

— Certo.

— Foi o que pensei. Até mais.

Nubbins tinha sido um prodígio no ensino médio; havia realmente completado uma milha em 4min12 e quase quebrado a marca dos 9min para duas milhas. Eram façanhas impressionantes para um atleta ainda na escola, o que conferiu a Nubbins um indiscutível prestígio entre seus jovens pares. Um corredor forte como ele, sem espírito de equipe e sem limites, simplesmente arrasaria a maior parte dos companheiros. Logo Nubbins passaria a representar o auge para eles, o competidor insuperável; ele passaria a ser, para sempre, o máximo de suas ambições. Se tivesse certo tipo de índole, aceitaria essa responsabilidade com amor e grande modéstia. Como era indiscutivelmente aquele que os tinha derrotado, iria rir e brincar com eles, distribuindo tapinhas nas costas num espírito de camaradagem; então, diariamente, nas trilhas, nos caminhos ou nas pistas, atropelaria esses colegas casualmente, deixando evidente a submissão a ele. Mizner chamava isso de a “Síndrome do Maioral”.

De certa forma, todos se mostravam competitivos com os colegas; quando alguém partia para conquistar o mundo, ser superado por um companheiro da equipe num treino diário não era um bom presságio. Mas Cassidy tentava acompanhar os corredores mais jovens sem recorrer a comparações diárias que os humilhassem. Era mais forte; queria que soubessem disso, mas não que se fixassem nisso. “Há tempo”, ele lhes diria; tempo e tempo e tempo. Queria compartilhar algumas das lições que Bruce Denton lhe ensinara: por exemplo, que não se torna um campeão ao vencer um treino matinal. O único caminho correto é conduzir a fúria da ambição ao longo de muitos dias, semanas, meses e — se finalmente for capaz de aceitar isso — anos. O Sacrifício dos Quilômetros. Quilômetros de Sacrifício. Como poderia fazer com que entendessem?

Nubbins estava longe de ser um preguiçoso. Era veloz, corajoso, persistente, determinado, e tinha nove títulos estaduais conquistados durante o ensino médio para provar isso. Como todos os bons corredores, não desistia de nada. Cassidy sabia que havia muito ele se julgava um vencedor, habituado a olhar os oponentes de forma superficial, com uma espécie de sentimento distanciado de piedade, para em seguida deslanchar em grande estilo.

A sensação gradual de desespero que Nubbins tinha agora era uma experiência nova e frustrante. Ele nunca havia corrido com alguém que o seguisse tão de perto, como uma sombra implacável. Forçou mais um pouco, mas Quenton Cassidy (cujas camiseta exibia a inscrição: “CHIQUE É SER MAGRO”) apenas deu uma olhadela e sorriu de modo amistoso.

— Está se sentindo bem, Jack? — perguntou Cassidy ao expirar.

— Não tão mal, acho. — Nubbins tentou sorrir.

— Ótimo — disse Cassidy enquanto aumentava o ritmo cerca de seis segundos por quilômetro. Um minuto depois, quando Nubbins estava quase se acostumando àquele ritmo assustador, Cassidy acelerou para uma velocidade na qual gastavam apenas trinta e dois segundos para percorrer cada duzentos e vinte metros. Estavam agora quase num tiro pela calçada em plena manhã. O rosto de Nubbins estava ao mesmo tempo pálido e tenso. Sua expressão anunciava que ele estava com problemas.

Dispararam a um ritmo abaixo de 3min por quilômetro, velocidade suficiente para deixar os pedestres espantados. Deram tudo na última milha, encontrando e passando — um de cada lado

— por um grupo de alunos sonolentos rumo à primeira aula do dia: folhas com anotações de biologia voaram por todos os lados.

Mizner galgou os degraus da escadaria da entrada da frente de Doobey Hall, onde Cassidy estava reclinado, descansando.

— Bem — disse —, ele ainda está se achando?

— Só Deus sabe. Nossa, aquele filho da mãe não é fácil. Da próxima vez você fica com ele. Você o viu lá atrás em algum lugar?

— Vi, passei por ele há cerca de um quilômetro. Disse que ia levantar uns pesos lá no ginásio. Foi isso o que ele falou para você?

— Não, tudo o que ele disse foi: “Ahhhh.”

— “Ahhhh?”

— Ahhhh. Então se curvou, agarrou os joelhos e começou a ofegar desesperadamente.

No mundo dos corredores, assim como no oceano, existe uma hierarquia de ferocidade. No mar, o ágil xerelete é comido pela voraz barracuda, que é comida pelo aterrorizante tubarão-sombreiro. Nas pistas de corrida, as posições correspondentes são relativamente bem-definidas e só são alteradas a muito custo e de forma reveladora. O orgulho necessariamente brota e cresce; orgulho que só pode vir do esforço incansável de amaciar a carne resistente, dolorosos meses moendo e queimando tudo que é pesado, tudo que possa minar a força e que seja inútil ao corpo na sua condição de um projétil. O corredor torna-se quase presunçoso. Olha para os mais fortes com respeito e medo, para os mais lentos, com compaixão e tolerância (eles trilham um caminho que há muito ele já deixou para trás). A diminuição de um simples segundo no tempo é anunciada como se fosse um nascimento na família.

Quenton Cassidy tinha corrido uma milha em 4min00s3 e, apesar da quase indiferença no mundo do esporte, aqueles capazes de fazer uma milha em quatro minutos são uma espécie tão rara quanto, digamos, o são os astronautas. O nome “Cassidy” aparecia nos livros de recordes da universidade em oito entradas distintas, que incluíam várias corridas de revezamento. Ainda que Jack Nubbins fosse um jovem corredor talentoso, Quenton Cassidy enxergava fantasmas; quando descia através das camadas muito conhecidas de desânimo e cansaço, costumava encontrar mais que um desejo obscuro e efêmero de conquistar troféus de plástico. Ele e Nubbins nem sequer estavam no mesmo nível.

— Bom dia, capitão Cassidy — saudou Michael Mobley, o arremessador de pesos, com sua aparência de jovem tipicamente norte-americano. Ele envolveu sua mesa com os braços como se fosse um brinquedo.

— Bom dia, capitão Mobley — disse Cassidy. — Já falo com você.

Cassidy provavelmente estimulava essa cortesia exagerada entre os atletas que eram

capitães nas três modalidades de esporte: ele tinha uma queda irresistível por tradições inofensivas.

A sala de jantar em Doobey Hall dava uma ideia do que aconteceria se um avião de carga repleto de carne bovina crua caísse num parque de safári cheio de leões. Várias dezenas de atletas gritavam, riam, brincavam e se esmurravam amigavelmente com uma intimidade afetuosa e descontraída que o esporte estimula entre jovens reunidos em grupos e da qual eles, consciente ou inconscientemente, sentiriam falta pelo resto de suas vidas.

Enquanto eles consumiam calorias em quantidade suficiente para alimentar a população de uma pequena cidade, a confusão bem-humorada era considerável. Relativamente magros, os corredores de longa distância comiam mais do que é esperado (Cassidy carregou sua bandeja com três ovos mexidos, duas panquecas, salsichas, quase um litro de leite e dois *doughnuts* para mais tarde). Um colosso como Mobley, contudo, simplesmente comeu mais ainda. Com determinação e concentração inabaláveis, ele se sentou e *devorou*.

— Preciso conservar minha força, certo? — diria ele. — Senão vou ter de apelar para os esteroides anabolizantes, e não quero que meus testículos acabem murchando como um amendoim, certo? — Sua risada era como o som grave de um tambor.

Os arremessadores de peso eram convencidos, viris e, na verdade, bastante gentis; nunca precisaram intimidar, tamanha a impressão causada por sua presença física. Esses espécimes abriam seu peculiar caminho no mundo lançando bolas de ferro de sete quilos a grandes distâncias, fazendo pratos de fibra de vidro sumirem de vista, atirando dardos de alumínio no horizonte. Eram os remanescentes mais diretos dos tempos antigos, quando essas artes eram cultivadas para golpear e perfurar a armadura do inimigo, para derramar sangue a distância. Eram a artilharia pesada dos velhos tempos. A confiança dos que são bons em coisas como essas é enorme e não precisa se apoiar em bravatas. Eles só temiam uns aos outros.

Os corredores de longa distância eram mensageiros serenos. Deslizando por trilhas nas florestas e por caminhos nas montanhas, seus antepassados espirituais mantinham as próprias deliberações solitárias durante longas horas, enquanto carregavam alguma mensagem cuja importância ocupava apenas um recanto de suas consideráveis especulações. Viviam no interior de si mesmos; eram assim há muito tempo, e são assim hoje.

Existia um grande respeito tácito entre os arremessadores de peso e os corredores de longa distância, algo compreendido, mas nunca analisado de perto. Todos os atletas lidavam, de um jeito ou de outro, com os limites absolutos do corpo e do espírito humanos, mas os corredores e os arremessadores pareciam de alguma forma compartilhar um entendimento especial, e havia boas amizades entre eles.

Com os velocistas e os saltadores a história era bastante diferente. Sua arte girava em torno de um único instante explosivo durante o qual se ganhava ou se perdia tudo. Talvez eles fossem descendentes espirituais das tropas de assalto, que pulavam sobre trincheiras e escalavam barricadas para liderar o ataque. Eram nervosos, irritáveis, ora abobalhados com o sucesso, ora atolados no mais pavoroso fracasso. Eram os maníacos-depressivos do mundo do atletismo. Constantemente se gabavam de suas fanfarrices, fosse para inflar sua coragem debilitada, fosse para intimidar seus oponentes. A intensidade de sua competição era furiosa, quase cruel. Um saltador fica no ar por menos de um segundo e meio. Uma corrida de velocidade dura dez

segundos. Um praticante de salto com vara permanece com sua catapulta de fibra de vidro nas mãos e contempla a missão que tem à frente por mais tempo que os três segundos em que se debate no ar. Cassidy se compadecia deles pela intensidade de suas disputas, mas sentia inveja ao mesmo tempo. Gemidos são emitidos com o enorme esforço feito, músculos elásticos respondem a anos de treinamento com pesos e exercícios de explosão, elevando cada vez mais o nível, transformando-se num eixo de uma técnica perfeita (tão rápida que é possível perder sua beleza caso não se saiba exatamente no que prestar atenção), um terrível momento em que um olhar cheio de ódio contempla a assustadora barra preta e branca — uma obstrução frágil, tímida, cujo toque inspira repugnância — e, então, vem a queda livre (abrindo seu punho com prazer e alívio), de volta às preocupações terrenas. Sim, havia algo aí, Cassidy pensava, especialmente num dia quente de primavera quando tinha de dar quinze ou vinte voltas numa pista de quatrocentos metros, que o calor deixava pegajosa e oscilante.

De qualquer modo, as companhias que Cassidy tinha à mesa tornavam as refeições agradáveis. Mizner e ele, ainda úmidos da ducha, acabaram de encher suas bandejas e se sentaram em frente a Mobley, que dava a impressão de comer com as duas mãos.

— Ouvi falar que vocês estavam correndo como gatos escaldados hoje de manhã — disse Mobley, sem interromper a garfada.

— Por que os detalhes de nosso treino desta manhã poderiam interessar a um integrante do esquadrão de gorilas é algo que está além da minha compreensão — disse Mizner, sabendo que Mobley não reagia a comentários rudes.

O gigante de dois metros de altura e cento e vinte quilos mal parou de mastigar. Ergueu os olhos com uma expressão que não chegava a ser de contrariedade.

— Por favor, capitão, mantenha esses idiotas na linha — disse a Cassidy, carregando numa garfada metade de uma panqueca. Engoliu e continuou. — Temos chance de levar alguns troféus bacanas este ano, e seus patinhos vão ter de marcar seus pontos.

— Patinhos, é? — disse Mizner, batendo com a colher como uma criança impaciente. — Patinhos? Estou disposto a malhar durante alguns meses e virar esse seu rabo pelo avesso.

A imagem evocada por essa ideia provocou um considerável e bem-humorado alvoroço na sala.

O ano de Cassidy, ano de um corredor, dividia-se em três partes. O outono era dedicado ao cross-country, uma temporada de corridas de seis milhas, quase dez quilômetros, que se estendia do calor do verão ameno da Flórida à neve enlameada de novembro no norte e no oeste. O inverno era a temporada indoor, a época das corridas emocionantes em pequenas pistas de madeira ligeiramente inclinadas nas grandes cidades da região nordeste. A primavera e o início do verão eram reservados para o que Denton chamava de “pistas de verdade”. Durante o período triste do outono e do inverno, entretanto, as “pistas de verdade” eram uma realidade distante demais para que alguém sequer cogitasse.

Cassidy não gostava de cross-country; a distância era grande demais para um corredor de milha, e ele não gostava de não “sentir” a linha de chegada ao final da corrida. Os quase dez quilômetros pareciam intermináveis para um corredor habituado à feliz e inflexível simetria dos quatro trechos de quatrocentos metros em aproximadamente sessenta segundos cada segmento (ele nunca sentia a primeira volta, a segunda e a terceira eram um suplício, mas passavam rápido, e a última fluía na estonteante emoção do *sprint*, quando o corredor dava tudo de si, e no andar desengonçado de um zumbi, consequência da completa falta de oxigênio).

— Qual é o problema com o cross-country? — perguntou Denton. O momento em que desaceleravam era um luxo vagaroso, um quilômetro descontraído de satisfação profunda e dolorosa.

— Tem uns caras estranhos que gostam, sei disso. Sei muito bem — falou Cassidy.

Denton e Mizner trocaram um olhar mudo. Já tinham ouvido aquilo antes.

— Dez quilômetros... dez mil metros — disse Cassidy com repugnância — subindo colinas e descendo vales no meio do nada. O cuspe congelando no queixo. Quinhentos caras completamente malucos na lama, correndo ladeira acima, machucando os calcanhares. Ah!, tudo bem, adoro isso. E também gosto de ser esfolado vivo com uma navalha enferrujada.

— Ora, Quenton, você foi *campeão municipal* no ensino médio. Vi no seu álbum. Tinha um recorte do jornal da manhã e outro do jornal da tarde. Não se lembra? — Denton perguntou com ar sério. Mizner mordeu o lábio.

— Enfiar minha língua na tomada, isso é muito divertido também — disse Cassidy, de mau humor.

— Mas você ganhou *mesmo* o...

— Ganhei, e para sua informação foi minha *mãe* quem juntou esses recortes, dá para ver pelo jeito arrumadinho como estão colados. Eu não tenho essa habilidade.

— Quenton Cassidy, *campeão de cross-country*...

— Rapaz, era uma prova de duas milhas e meia,* e a competição era feroz. Vários concorrentes locais podiam ter me dado trabalho se a corrida fosse uns três quilômetros e meio mais curta. Eles eram o tipo de sujeito que grita e fala alto nos primeiros cem metros, como se estivessem se divertindo...

— Mas eles não conseguiam manter o ritmo, não é?

— Não aguento esse negócio de os caras gritarem e falarem alto assim, ou de ficarem batendo papo uns com os outros, só para mostrar que estão tirando aquilo de letra. — Cassidy

parecia realmente perplexo.

— Mas mesmo assim são caras durões? — Denton não ia deixá-lo fugir do assunto.

— Todos eles — Cassidy sorriu para Mizner. — Meti o peito na fita de chegada quase oitocentos metros na frente do segundo colocado. Talvez tivessem mandado a equipe de luta livre por engano. De qualquer jeito, Palm Beach não é conhecida por sua força no cross-country.

— Oitocentos metros é a diferença que Mize geralmente abre na sua frente, não é?

Cassidy fingiu estar magoado.

— Não precisa esfregar isso na minha cara. Já *falei* que não gosto desse negócio. Vocês, animais de longa distância, que façam bom proveito. Corredores de milha são refinados demais para essa baboseira bucólica.

— Da mesma forma que os corredores de rua, os da marcha atlética, os malucos da corrida de orientação** e muitos outros caras que ficam fugindo dos confrontos de verdade — disse Denton.

— É isso aí — disse Mizner. — Gostaria de ver Cassidy se dando mal, para variar.

— Confronto de verdade são quatro voltas e uma nuvem de... poeira de Tartan*** — disse Cassidy.

— Muito engraçadinho.

— Poeira de Tartan? — perguntou Mizner.

— Ah!, sim. Muito engraçadinho mesmo — disse Denton, balançando a cabeça.

— Por mim vocês podem ir à...

— Fica frio, meu irmão — disse Denton com deboche, numa voz grave, o tom do Zorro acalmando o velho Silver após um dia difícil de perseguição a alguns fora da lei. Cassidy riu e deu uma cotovelada de leve em Denton, que se esquivou e revirou os olhos.

O treinador Benjamin Cornwall entrava no carro quando viu os três se empurrando na porta do ginásio. Cheio de preocupações com o próprio trabalho, nunca conseguiu entender o que havia num dia de trinta e dois quilômetros que deixava algumas pessoas tão bem-humoradas.

— Mais três? — perguntou Cassidy.

— No mínimo.

Ele e Mizner estavam fazendo séries de cem metros de passadas largas na grama, para tentar aumentar a resistência ao ácido láctico e manter os sistemas em atividade. Queriam estar completamente imersos no que algumas pessoas chamam de “o segundo fôlego” antes do início da corrida. Os corredores costumam se referir a esse fenômeno usando o termo fisiológico: homeostasia. Seja lá como se chame, está ligado a um aquecimento bom, puxado. Já tinham corrido quase cinco quilômetros num ritmo leve.

As provas entre duas equipes não significavam de modo algum um esforço frenético, e Cassidy realmente não se importava com aquela miniversão de cross-country. Em geral, uma única equipe não reunia talento suficiente para representar um desafio sério, mesmo para Cassidy. Nem ele nem Mizner consideravam aquele sábado em particular uma ocasião importante o bastante para afrouxar seu treinamento o mínimo que fosse. Ambos tinham corrido vinte e seis quilômetros no dia anterior, uma estratégia conhecida como “atropelar” uma prova.

Quando se é vencido por um atleta que adotou essa tática, isso significa que você jamais terá a menor chance contra ele. A superioridade terá sido estabelecida da maneira mais definitiva, só podendo ser alterada por alguma conduta criminosa, envolvendo possivelmente o uso de minas terrestres.

Bruce Denton apareceu correndo por trás e juntou-se aos dois nas passadas largas. Mesmo naquele ritmo acelerado, suas pernas se moviam com uma facilidade assombrosa. Corredores da outra equipe olhavam para ele com o rabo do olho. Cassidy pensou: “Os filhos da mãe estão com medo.”

— Curtindo a manhã? — perguntou Mizner.

— É isso aí. Pensei em dar uma passada e ver se vocês estavam se divertindo.

— Odeio correr desse jeito de manhã — falou Cassidy.

— No fim das contas não tem muita coisa nesse negócio de que você *goste*, tem? — Denton sorriu para ele.

— É, acho que não muita — Cassidy admitiu, melancólico. — Parece que minhas tripas viram pelo avesso.

— Esses caras têm algum cavalo? — Denton perguntou.

— O de cabelo vermelho — disse Mizner, apontando. — Aquele que está fazendo questão de não olhar para a gente. É Eammon O’Rork, importado diretamente da Irlanda. Acho que não conseguiram um africano. — Mizner, inconscientemente, estava imitando o tom de Cassidy.

— Ele lhe deu um susto na fase indoor do ano passado, não foi, meu irmão? — Denton virou-se para Cassidy.

— Susto não é bem a palavra. Foi nos Jogos de Mason-Dixon, em Louisville. O placar foi: quatro zero três ponto dois para o Garoto; quatro zero três ponto dois para o Irlandês Metido a Besta. Mas foi mais acirrado do que parece.

Denton riu enquanto começavam outra série. O rosto sardento de O’Rork, rígido, demonstrava concentração enquanto ele se dedicava ao próprio aquecimento. Checava o relógio o tempo todo, a cada minuto. Tinham cerca de oito minutos antes de se reunirem para ouvir as instruções para a largada.

O’Rork era mais velho que o restante de sua equipe; mais velho e bem mais maduro. Seu talento e sua coragem o haviam libertado da vida dura na Irlanda do Norte, e ele se entregou à corrida com o ardor descomplicado dos verdadeiramente famintos. Quando o irlandês passou, Denton avaliou sua performance durante o aquecimento e pensou: “Há sempre alguma coisa por trás, não é, meu irmão? Para nós e os boxeadores que lutam movidos pelos prêmios em dinheiro; os feridos e os velozes...”

O’Rork estava pensando na apertada vitória de Cassidy na temporada anterior. Aquilo ainda o incomodava. Para ele, não havia nada de errado com o americano — era só um pouco alegre demais para o seu gosto. Algumas semanas depois da prova de Louisville, O’Rork teve uma gastroenterite que o deixou de fora da maior parte da temporada de provas ao ar livre. Aquele foi um péssimo mês de dezembro: um telegrama (entregue dentro de um envelope plástico com aparência de coisa séria na porta de seu quarto) trouxera más notícias de casa. Ele ficou sentado

em silêncio durante cinco minutos olhando para aquela pequena e triste mensagem amarela, depois calçou seus tênis e saiu para correr, chorando como uma criança, pelas colinas que rodeavam seu campus, no Tennessee. Então ficou na cama durante duas semanas e não teria dado a mínima se morresse. “Dezembros frios”, pensou, olhando o americano despreocupado. “Já conheci muitos deles.”

Estavam a menos de oitocentos metros da chegada; Cassidy corria pouco atrás de O’Rork, junto ao ombro esquerdo dele, com os olhos fixos no pescoço sardento. Estava correndo no vácuo de O’Rork, sem malícia nem rancor. Se O’Rork se importava em ser usado daquela forma, não deu o menor sinal disso.

Em algum lugar lá na frente, Jerry Mizner passeava num ritmo relaxado ao entrar no funil que conduzia à linha de chegada, exibindo no rosto o muito mais aceitável cansaço da vitória. Tinha recorrido à tática simples de fugir de todo mundo. Igualmente afastados dos outros competidores, os dois corredores lutavam entre si no esforço sem grande tensão dos que disputam o segundo lugar.

Cassidy estava no limite de suas forças. Eles tinham feito o primeiro quilômetro em 2min52 e Cassidy pensou alarmado: “Minha nossa, isso dói.” Os treinos puxados das últimas semanas tinham minado suas forças; quando foi mais fundo em busca de energia extra apenas para manter o ritmo, só encontrou uma sensação-limite de queimação com a qual estava intimamente acostumado: a linha vermelha que assinalava seu limite. Não estava gostando daquele fim de semana.

Ficou colado em O’Rork durante os últimos três quilômetros só tinha sido possível graças a uma terrível combinação de força de vontade e pensamento positivo. “Voe, filho da mãe”, disse Cassidy a si mesmo. Então esfriou a cabeça, fixou-se no ombro sardento e se concentrou em mentalizar: deslizar, flutuar, avançar. Sem nenhuma vergonha, recusava-se a aceitar o extremo desconforto a que estava submetido naquele momento. Chegou até a pensar em desistir, um sentimento que não era incomum, mas sabia que isso não aconteceria. Também repetia para si mesmo que nem todas as corridas seriam tão ruins como aquela, ou ele certamente não poderia suportar. Não se considerava especialmente corajoso.

Um longo caminho subia pela colina através de Beta Woods até a trilha que levava à chegada. A colina era íngreme; deixava as pernas entorpecidas e acabava com qualquer intenção de acelerar no final. O’Rork, deliberadamente, forçou Cassidy ao máximo naquela colina, retirando cirurgicamente o ferrão da estocada de que se lembrava muito bem. Pisando firme, ele avançava. Com grande angústia, Cassidy se exauria atrás dele. “Não é tão ruim assim”, pensou, “estou morrendo, só isso. Mas aguente firme, seu idiota, e talvez você possa ser o herói no fim.” Os xingamentos que dirigia contra si mesmo eram verdadeiros, e sempre que pensava nisso depois ficava perplexo.

Cada passada larga agora provocava nele o mais profundo arrependimento. Cuspindo porções compactas de saliva grossa, logo seu pensamento só brotava aos trancos, descontinuamente: duzentos metros... fique perto dele... fique perto dele...

Quando avistou a linha de chegada, pôde distinguir vagamente a figura de Mizner dando um

pulo idiota e gritando alguma coisa à medida que começou a fixar seu olhar. Andrea devia estar em algum lugar por ali, mas ele não a via. Uma neblina branca — um fenômeno normal — deixou tudo turvo, como se olhasse através de uma janela suja de uma casa há muito tempo abandonada. “Engraçado como nossa mente funciona assim no final”, pensou. Toda a excitação estava do lado de fora, enquanto, de dentro de sua cabeça raivosa, ele assistia a tudo com tranquilidade.

Faltando cem metros para acabar, ele pensou: “Ah, meu Deus”, e então pôs para fora tudo o que tinha sobrado em si; *aquilo* realmente foi difícil.

O’Rork deu uma explosão para longe dele rapidamente e garantiu o segundo lugar por dez metros de diferença.

Cassidy estava curvado para a frente, as mãos apoiadas nos joelhos, balançando em pequenos círculos, num movimento que em outras circunstâncias até poderia passar por divertido. Os outros corredores estavam começando a chegar, ruidosamente. Mizner mantinha o braço em torno da cintura de Cassidy, ajudando-o a manter o equilíbrio.

— Calma, calma — disse num tom tranquilo, acolhedor.

Cassidy não conseguia falar; seus olhos pareciam querer saltar das órbitas; o ar era inspirado sofregamente e seu rosto estava marcado por manchas avermelhadas.

— Ahhhhhh! — disse, tentando se apurar. Era cedo demais; a tontura o obrigou a apoiar as mãos nos joelhos de novo, uma contração mortal, a posição fetal de repouso do corredor absolutamente esgotado. A neblina branca, tornada mais espessa, se transformara em um forte nevoeiro. Sentiu-se zozno, mas sabia que seu condicionamento o protegeria de qualquer coisa, com exceção do calor extremo. Esses poucos segundos eram os piores, e ele sabia melhor que ninguém que, como os carros rabo de peixe, o casaco Nehru e a própria República, eles também passariam. A alegria esgotada, privilégio e recompensa especiais daqueles que foram até o extremo e voltaram, viria depois. Por enquanto, ele tinha um pouco mais a sofrer.

Andrea, que nunca havia presenciado nada como aquilo, ficou por perto, quase com medo de tocá-lo, esfregando as mãos uma na outra e depois na camiseta molhada dele. O corredor, bufando, avermelhado, pingando suor, examinava a terra úmida entre os bicos dos seus tênis, parecendo ignorar a presença dela. Será que estava bem?

— Pode apostar que está — disse Mizner, surpreso com a pergunta dela. — Ele deu *tudo* numa corrida, só isso.

Ao ver que Cassidy tinha recuperado o equilíbrio, Mizner afastou-se jovialmente para verificar a pontuação da equipe. Finalmente, apurando-se o suficiente para dar alguns poucos passos, o corredor olhou para ela e disse novamente:

— Ahhhhhh.

Mas dessa vez seu rosto quente exibia algo que poderia passar por um sorriso. Aos olhos dela, ele parecia estar à beira da morte — não um abatimento misterioso que logo passaria, mas sim um fim que culminaria em acessos de febre e alucinação, algo temível e profundamente doloroso. O sorriso animou-a consideravelmente.

— Ahhhh? — Ela sorriu de volta.

— Nossa, isso não foi *nada* agradável — ele disse, sério, quando conseguiu andar sozinho novamente. Estava desacostumado às travas grandes do tênis, uma delas prendeu e ele tropeçou ao segurar a mão dela. — O que você achou?

— Por um segundo pensei que você fosse morrer. Fiquei com medo.

— Bem — disse ele, de modo jovial —, no cross-country é assim.

Denton estava a uns vinte metros, conversando com os treinadores. Mas seus olhos seguiam Cassidy atentamente.

Meia hora depois ele se juntou a Mizner e a Cassidy e eles trotaram por um trajeto de treze quilômetros, rindo, só para não terminar o dia sem mais alguns quilômetros.

* Duas milhas e meia equivalem a aproximadamente 4 quilômetros. (*N. do T.*)

** Modalidade de corrida em que os participantes contam com a ajuda de uma bússola e de um mapa topográfico, no qual estão marcados os lugares por onde eles devem passar. (*N. do T.*)

*** Marca do material sintético usado no piso das pistas de atletismo atualmente. (*N. do T.*)

Jerry Mizner era um obsessivo-compulsivo assumido, o que provavelmente era um dos requisitos de um verdadeiro corredor de longa distância. Sua mente era bem-adaptada ao esforço diário que sua opção exigia. Cassidy era, por natureza, bem mais impulsivo e precisava ensinar a si mesmo — dolorosamente — a ter a mentalidade de um corredor dedicado: ritualista, que mantém seus recordes e que nunca perde um quilômetro. Mizner e Denton, assim como Jim Ryun e Gerry Lindgren, eram corredores natos que nunca tinham levado outros esportes a sério. Cassidy tinha uma boa velocidade e, como Peter Snell, tinha se saído bem em outras modalidades antes de se concentrar nas médias distâncias. Às vezes, se sentia um intruso em relação aos outros dois. De vez em quando, chegava a ficar com inveja da facilidade com que eles lidavam com a carga de trabalho. Aos poucos, por uma questão de sobrevivência, aprendeu o estilo de vida da personalidade compulsiva. Mas, quando ocasionalmente fraquejava, Mizner sentia pena dele e tentava ajudá-lo a superar os acessos de melancolia e o comportamento estranho. Cassidy diria:

— O Garoto está terrivelmente triste.

— Passou, passou.

— Pegou chuva e ficou na lama, com um monte de adesivos verdes colados no traseiro.

— Vai ficar tudo bem...

— Apostei minha grana no pangaré...

O atrito provocado pela imposição dessas características psicológicas estranhas à sua própria personalidade às vezes acabava sendo extravasado em manifestações interessantes de Cassidy: providenciava uma dose quádrupla da famosa brincadeira conhecida como bundalêlê — quatro bundas de fora coladas no vidro traseiro de um automóvel devidamente licenciado pelas autoridades estaduais; entregava solenemente uma série de prêmios não autorizados no banquete dos participantes de cross-country, em meio a uma plateia variada (“...e agora uma premiação muito especial, a Placa Memorial Zazu Pitts para o corredor que incorreu no menor número de flatulências durante a corrida matinal...”); como Nubbins expressou certa noite, um tanto perplexo, Cassidy só sabia mesmo “era correr e falar merda”.

Fosse qual fosse a forma que assumissem suas inquietações íntimas, sua energia exuberante dominava e seduzia Doobey Hall. Naquela pequena sociedade na qual o extremo era o comum, o mito formado em torno de Cassidy acabava afetando todos. Ele costumava ser procurado pelos que precisavam de conselhos, e sua relutância em dá-los só aumentava essa aura. Sua opinião era solicitada em assuntos de ordem acadêmica, financeira, sentimental e mecânica, ainda que ele negasse ser um expert em qualquer dessas áreas.

Tinha o dom dos atletas de determinar o *timing* correto, um senso de previsão, de fantasia e uma intuição na arte de saber o Momento Perfeito no qual a velocidade de fuga da loucura frívola triunfa sobre a sobriedade egoísta da vida diária.

Certa vez, por exemplo, estava chegando a pasmaceira típica do verão, no fim de seu primeiro ano ali, quando Cassidy, entediado pelo calor daquele almoço de domingo, lançou a pergunta à plateia sonolenta reunida no refeitório:

— Estava pensando se o Spider conseguiria pular por cima de um Volkswagen.

Spider Gordon ergueu o olhar sonolento da sua sopa de legumes.

— Claro que ele consegue pular por cima de um Volkswagen — disse o gigante Mobley, com a boca cheia como sempre. — Você devia saber disso.

— Sim. Sim, é claro que ele consegue. Spider consegue saltar por cima de um Volkswagen fácil, fácil — disse Cassidy.

Resmungando, todos voltaram à monotonia daquele almoço, claramente decepcionados. O que tinha dado em Cassidy?

— A verdadeira questão — prosseguiu ele depois de uma pausa apropriada —, a verdadeira questão *aqui* é saber se Spider consegue pular por cima de *dois* Volkswagen!

Os desdobramentos filosóficos dessa questão logo ficaram evidentes, e o refeitório se esvaziou como um bar durante um tiroteio. A vizinhança foi vasculhada em busca de algum veículo de marca estrangeira, e a história ficou conhecida no folclore de Doobey Hall como “O dia em que Spider Gordon arrebentou o rabo em cima do quarto Volkswagen”.

Novos integrantes do grupo, calouros ou alunos transferidos, não recebiam nenhum tipo de aviso a respeito de Cassidy. Descobriam, como todos os outros, da melhor maneira que pudessem.

— Cavalheiros — diria Cassidy, erguendo-se durante o jantar e batendo com um talher no copo para pedir silêncio —, precisamos de um plano. Precisamos de um plano mesmo que ele dê *errado*. — A seguir ouviam-se alguns aplausos esparsos e educados.

Cadeiras eram arrastadas à medida que todos se viravam para a mesa dele. Alguns veteranos murmuravam algo em aprovação a esses pontos de vista peculiares, enquanto os novatos se entreolhavam, confusos. Depois de esperar o burburinho acabar, Cassidy continuava.

— Compreendo que a Equipe Mundial de Boliche seja um conceito relativamente novo. Mas, cavalheiros — já então alguns risinhos podiam ser ouvidos —, como mostram as estatísticas sobre o nosso público, é um conceito... *que chegou para ficar!* — Aplausos dos veteranos, terror por parte dos novatos.

“Bem, cometemos alguns erros. Ninguém está negando isso. — Alguns resmungos de desaprovação; certamente ninguém iria negar aquilo. — Quando nosso superastro italiano aqui, Jerry Miserelli, rasgou as calças ao vivo em rede nacional, tentando derrubar os pinos restantes no sexto *frame* do jogo contra Akron, bem, cavalheiros, foi um momento sombrio não apenas para a nossa ainda jovem organização, mas também para o esporte em geral. É claro que ninguém está culpando Jerry por isso, mas posso dizer que todos nós, tanto jogadores como dirigentes, estávamos com os dedos cruzados. Todos, exceto Jerry, que estava andando feito um caranguejo paralítico com uma sacola de boliche dupla apertada contra o saco...”

Esse era só o maluco do Cassidy, e talvez a lua estivesse cheia, ou algo assim. Mas ele tinha lhes dado as boas-vindas (e sempre saía de sua corrida exausto para perguntar como o pessoal do salto com vara estava indo) e, para resumir, podia escapar impune de quase qualquer coisa relacionada com eles.

Às vezes, ele voltava o brilho impiedoso dos refletores para aqueles que não estavam prontos para essas maluquices; foi assim que Mizner foi “descoberto”. Como um corredor novato, Mizner tinha ficado sentado, com uma expressão melancólica, durante seu primeiro Banquete do Boliche organizado por Cassidy, e de modo geral vinha sendo ignorado como uma velha solteirona, até

que, certa noite, Cassidy o agraciou com uma de suas míticas homenagens. Timidamente, Mizner ficou de pé enquanto Cassidy lhe entregava uma latinha de refrigerante transformada num troféu ridículo com a ajuda de um pedaço de papel-alumínio. O novo corredor encarou com olhos arregalados os rostos perplexos, cheios de expectativa, ao redor da sala. Ele pigarreou. Alguns poucos veteranos se entreolharam. Aquilo ia ser divertido.

— Eu... hã... gostaria de agradecer ao Sr. Cassadamius esse prêmio e de dizer mais algumas palavras enquanto estou aqui, de pé. Como vocês sabem, eu realmente não era ninguém quando o Sr. Cassadamius me encontrou naquela pista de três raias em Pittsburgh. Claro, eu era uma estrela local e tudo mais, fazendo 210, 215 pontos, e ia levando. Mas o que estou tentando dizer é que eu não era um competidor de verdade. Não tinha emplacado, nem nada parecido. E então, num belo dia, o Sr. Cassadamius aparece e me vê durante alguns *frames*, não mais que isso, só alguns *frames*, e então ele aparece cheio de pose e diz: “Rapaz, se você se livrar desse seu pulso mole e aprender a jogar essa bola direito, talvez consiga derrubar mais um daqueles malditos pinos.” Considero esse o momento da grande virada em minha carreira, e que me trouxe até onde estou hoje. — Ele começou a sentar, mudou de ideia, ficou de pé de novo e pigarreou. — Isso, hã, e ter mudado para uma bola de onze quilos. Obrigado.

Eles ficaram sentados por alguns segundos, espantados, até explodirem num aplauso desordenado, que logo se transformou numa ovação consagradora. Mizner olhou ao redor da sala com um sorriso tímido no rosto moreno, agradecendo ligeiramente com a cabeça.

Cassidy, sentado na frente dele, com o olhar sonhador, adorou o cara na mesma hora.

Quenton Cassidy teria achado graça se alguém o chamasse de grande corredor. Não era nem mesmo o melhor da vizinhança. Até Jerry Mizner, que podia ser considerado o melhor dos Estados Unidos nas seis milhas, nem ao menos chegava perto: o melhor corredor de Kernsville era Bruce Denton, um candidato a doutorado em botânica, metódico e dono de um humor ácido. Ainda que os dois jovens corredores fossem reconhecidos nos círculos universitários como grandes talentos, o status de Denton era elevado e inatingível. Os outros nutriam por ele um respeito secreto, e repetiam suas palavras aos colegas com a solenidade de quem lia os manuscritos do mar Morto: “Bem, Denton diz que você deveria fazer um aquecimento como blá-blá-blá...” Essas opiniões tinham o poder de encerrar as discussões mais acaloradas.

Como aluno de um pequeno colégio em Ohio, Denton apresentara um bom desempenho, mas não espetacular, correndo uma milha em 4min08. Mas, como muitos outros corredores, começou a melhorar com a idade. Mudou-se para a Flórida e entrou na Southeastern, onde passou novamente a treinar com determinação e precisão científicas. No altar da Perseverança, ele oferecia pelo menos duas porções de sua vida por dia, sete dias por semana, cinquenta e duas semanas por ano. Na sua organizadíssima agenda não havia espaço para mentiras, e o simbolismo de treinar religiosamente assumiu para ele um caráter ritualístico: ganhou uma importância em sua vida que ele não gostava de admitir nem para si mesmo.

Num dia chuvoso de novembro, estava com uma gripe tão forte, que sua mulher, Jeannie, sentiu-se obrigada a faltar ao trabalho para cuidar dele. Ele vomitava regularmente e teve uma diarreia tão intensa, que os músculos de seu abdômen começaram a ficar com câibras. Apesar disso, ele se levantou e correu três sinistros quilômetros num ritmo cambaleante, pálido e trêmulo durante todo o percurso. Jeannie ficou horrorizada. À tarde, ele repetiu o processo, dessa vez quase desmaiando ao voltar aos tropeções para casa. O Dr. Stavius — que ficou famoso simplesmente por ter furado uma bolha no pé de Roger Bannister certa vez — entrou furioso no quarto do doente para acusar Denton de ser louco.

— Louco? — perguntou Denton, tentando sorrir com os lábios ressecados. — Ainda estou vinte e seis quilômetros atrasada no cronograma da semana.

Ao longo de vários anos na Southeastern, à medida que a reputação de Denton crescia, vários corredores da graduação decidiam tentar treinar com ele, na esperança de descobrir o Segredo. Um novato poderia aparecer no primeiro dia esperando passar por todo tipo de esforço torturante, e ficaria espantado e atordoado ao descobrir como tinha sido fácil resistir a um treino da programação de Denton. Ao se apresentar no segundo dia, às seis e meia da manhã, estaria de bom humor, talvez tentando imaginar como lidar com a pressão que surgiria com sua inevitável fama. Tudo também correria bem, mas ele começaria a perceber algo estranho. Não havia nenhuma parada. O ritmo era sempre moderado, mas constante. Se um dos novatos decidisse aumentar o ritmo, teria de mantê-lo, terminasse ou não com o grupo. Quem quisesse se mostrar teria de fazer isso por sua conta e risco.

No terceiro dia (supondo que o calouro chegasse a ele) sua perspectiva começaria a ficar mais sombria. Por alguma razão, ele estava ficando muito, muito cansado. Não tinha sido um dia em particular que o esgotara, e sim o acúmulo contínuo de todos aqueles quilômetros corridos

que começava a pesar. Nunca chegava a se recuperar plenamente entre um treino e outro, e logo se via num estado mais ou menos constante de fadiga e depressão, uma fase que Denton chamava de “colapso”. O novo corredor acabaria achando aquilo mais tedioso do que poderia suportar. A terrível verdade começaria a despontar na sua consciência: não havia Segredo! Se quisesse realmente se aproximar dos louros da vitória, seus dias teriam de ser passados exatamente daquela maneira, um ou dois quilômetros a mais ou a menos, por mais tempo do que ele gostaria. Seria simplesmente o processo mais difícil e angustiante pelo qual passaria ao longo de toda a vida.

A essa altura, a maioria deles já teria desistido. No percurso de uma trilha poeirenta de dezesseis quilômetros, ou na pior parte de um treino em uma pista de atletismo de 440 metros, dessas de nos virar pelo avesso, procurariam algo dentro de si mesmos e descobririam que faltava ali uma peça-chave. Um pouco envergonhados, começariam a faltar aos treinos e, então, simplesmente sumiriam. Convenceriam a si mesmos: deve haver algum outro jeito, *tem* de haver. O índice de desistência era de quase cem por cento.

Só Cassidy e Mizner tinham conseguido passar por essa triagem e aceitado finalmente o Sacrifício dos Quilômetros. Quando Denton viu que eles eram diferentes, tornou-se mais acessível, e eles finalmente descobriram que a máquina de correr que durante todos aqueles meses funcionara silenciosamente a seu lado tinha uma personalidade. Acostumados ao exibicionismo de seus colegas de equipe, acharam divertida a tendência de Denton de subestimar o próprio desempenho. Certa vez, ao voltar de uma grande corrida internacional em Springbank, no Canadá, eles se reuniram em torno do seu armário à espera de detalhes. Bem, eles queriam saber como tinha sido a corrida.

— Não muito mal, acho — disse Denton, vestindo-se de seu jeito rápido e metódico. — Corri uma milha pela manhã, só para constar, e mais alguns quilômetros depois da corrida, então acho que o total da semana não vai ser muito prejudicado. Também dei uma corridinha em volta do aeroporto de Atlanta. — Acrescentou esse último dado enquanto coçava o queixo, pensativo.

— Sem brincadeira, Bruce, geralmente todos os europeus estão lá, os australianos também, até alguns africanos. Quem venceu aquela porra? — Cassidy estava impaciente.

— Ah, eu venci — disse Denton, de modo casual, aparentemente ainda pensando no ótimo negócio que tinha sido correr aqueles quilômetros extras no aeroporto.

— Cara, você venceu! Ron Hill, Dave Bedford, Frank Shorter, todos eles normalmente...

— É... — disse Denton, parando de amarrar o cadarço por um momento, como se estivesse se lembrando de alguma coisa boa da infância. — São os caras mais legais que alguém poderia encontrar.

Quando, em seu primeiro ano de pós-graduação, Denton deixou a relativa obscuridade ao fazer seis milhas em 27min10 no Drake Relays, entusiastas de corrida bem-informados ficaram ligeiramente surpresos com o fato de alguém tão pouco conhecido ter corrido uma prova de nível internacional como aquela, aparecendo do nada. Por mais improvável que pareça agora, na época a expressão “fogo de palha” era usada a torto e a direito. Parece que em todas as áreas existem zombeteiros. Tempos depois, naquela primavera, quando Denton entrou na equipe

olímpica americana, quase todo mundo ficou surpreso. Todo mundo menos o Dr. Stavius e um jovem e promissor corredor de milha chamado Quenton Cassidy, que assistiu pela tevê às provas americanas de seleção. Como era de esperar, Denton cruzou a linha de chegada dos cinco mil metros e simplesmente passou direto pelas câmeras — para seu moletom e para fora do estádio. Todos o tinham ignorado por tanto tempo, que o gesto pareceu maravilhoso aos olhos de Cassidy.

Agora, dois anos depois daquela Olimpíada, ainda que tivessem sobrevivido ao Sacrifício dos Quilômetros e tivessem descoberto seu “Segredo”, e apesar de serem corredores do campeonato entre universidades, Cassidy e Mizner sabiam melhor que ninguém que Denton fazia parte daquele jogo num nível completamente diferente. Não precisava se preocupar com assuntos como a situação da equipe, competições entre dois times, campeonatos da temporada; como estudante de pós-graduação, corria apenas por si mesmo (formalmente ele corria pelo “Track Club” da Southeastern, do qual era o único integrante). Sua passagem e estada nos grandes eventos por todo o país eram pagas pelos patrocinadores, que queriam o nome dele em seus cartazes. Durante a temporada indoor, ele poderia ser encontrado em praticamente qualquer grande cidade do país todo fim de semana, correndo uma prova de duas milhas (que ele chamava de “duque”) ou de três milhas.

Conhecia ou tinha competido com os principais corredores do mundo; enfrentara Ron Clarke na grama na Austrália (e vencera por uma boa diferença); tinha sofrido em uma prova de duas milhas, disputada em grande altitude, contra o sorridente e feroz Kip Keino (e perdido por uma grande diferença). Tinha passado várias semanas em Eugene, com *The Pre*,* ouvindo atenciosamente os teoremas de Bowerman/Dellinger (reforçando sua admiração com a confissão do meio-fundista Roscoe Divine de que ele dava um jeito de correr treinos adicionais quando os programados eram fáceis demais). Tinha ouvido Gerry Lindgren maldizer uma tórrida prova de vinte milhas nos arredores de Spokane umas três mil vezes. Tinha travado uma longa e agradável discussão com Kenny Moore comparando a utilidade real da Ética da Quilometragem em relação à teoria difícil/fácil, que terminou quando ele disse ao grande maratonista:

— Você pode não *acreditar* na Quilometragem, mas pode ter certeza de que você *corre* segundo a Quilometragem.

Não era de espantar que Bruce Denton exibisse uma segurança mais reservada que Cassidy e Mizner na pequena e rígida hierarquia dos corredores, baseada nos números simples e diretos, e não surpreendia que eles o admirassem com uma reverência profunda. Em seu apartamento havia um segundo quarto, entulhado, que servia de quarto de hóspedes, escritório e sala de troféus. Num canto ficava um antigo arquivo com fechadura. Na gaveta de baixo, a única ainda trancada, havia uma caixa de couro de formato alongado.

Nessa caixa havia uma medalha olímpica de ouro.

* Refere-se ao lendário corredor norte-americano Steve Prefontaine. (*N. do R.T.*)

— Estou apaixonado por ela, estou falando pra você — disse Cassidy.

— Você nem a conhece.

— Não me importo. Se eu a conhecesse, talvez isso estragasse tudo. Viu a testinha dela, como estava toda enrugada e suada?

— Pare com isso...

— Pelo amor de Deus, ela estava concentrada no *ritmo* dela...

— Oohh...

Foi assim que tudo começou, há muito tempo, bem no início do ano escolar. O pedaço de fita vermelha com o qual ela prendia o cabelo displicentemente talvez tivesse relação com aquilo. Ou talvez fosse a expressão *muito* sincera que exibia quando passaram correndo por ela no aquecimento daquele dia. Até Mizner comentou como era bonita.

A típica aluna atraente da Southeastern era a filha adorável de um farmacêutico, tinha um corpinho rijo, a aparência de uma fazendeira e a alma de um magnata impiedoso. Cassidy não fazia a menor ideia do que tornava Andrea tão diferente, mas podia perceber que de algum modo ela sobrevivera vinte anos como uma mulher encantadora sem ter sofrido da mãe nenhuma lavagem cerebral — nem da Junior League ou da revista *Cosmopolitan*.

Alguns dias depois, durante o aquecimento de cinco quilômetros, eles a viram novamente.

— Tente pegar um pouco mais leve — Cassidy sugeriu a ela enquanto passavam. Ele fez uma demonstração com uma versão exagerada das clássicas passadas largas (uma passada que ele mesmo não usava quando era para valer).

Ela ergueu os olhos, a testa úmida franzida devido à concentração, e encarou Cassidy como se ele fosse algum parasita aquático que tivesse grudado em seu tornozelo enquanto ela cruzava um riacho. Ele quase entrou em êxtase.

— Você é maluco — disse Mizner.

— Ela gostou do conselho — concluiu Cassidy.

— Ela também acha que você é maluco.

— Como você sabe?

— O que você faria se um cara aparecesse do nada e comesse sem mais nem menos a criticar sua passada?

— Eu o desafiaria para uma corrida.

— Se estivesse escrito IGREJA PENTECOSTAL DE PITTSBURGH na camiseta dele e ele comesse a se exibir assim... você também pensaria que ele era maluco. E teria toda razão.

— Ei, Mize, a garota ficou claramente agradecida. Ela gostou do conselho — repetiu Cassidy, perturbado.

— A garota — Mizner estava irritado — manca de uma perna. Vi isso ontem quando ela estava alongando na pista. Provavelmente ela não só odiou seu conselho, como também deve ter achado que você é um cretino.

— Ah.

Mas desistir rapidamente não fazia parte da natureza de Quenton Cassidy. Uma semana depois, ele a viu no Gay Nineties, um bar notavelmente heterossexual com um nome infeliz. Os cabelos louros estavam soltos, mas era impossível não reconhecê-la. A blusa branca de algodão fazia seus braços finos parecerem mais bronzeados, e por algum motivo essa visão lhe deu um aperto no peito. Ele ficou esperando, até que suas duas amigas se levantaram para jogar totó, então fez sua entrada de mansinho. Ela o viu se aproximar.

— Ora, ora. O treinador — disse. Apenas levemente sarcástica. “Até sorriu de leve”, pensou ele.

— Ah, sim, eu... — Ele derramou um pouco de cerveja ao fazer um gesto mais expansivo. Totalmente idiota, começou a lambear a espuma do pulso.

— Não faça isso — ela disse.

— Tá. Hã, olhe, desculpe se eu...

— Está tudo bem. Fiquei um pouco irritada, mas então imaginei que você pudesse ter tido alguma aula e talvez até soubesse do que estava falando.

— Não exatamente — disse ele feliz, passando para o banco à frente dela. — Mas conheço uns caras que são realmente muito bons.

— Você faz parte da equipe de atletismo ou coisa assim?

— Faço, sim — respondeu, sentindo-se meio louco ao ver o brilho verde dos olhos dela à luz fraca do bar.

— Nossa. O que você faz?

— Decatlo — disse.

— Sério? — ela perguntou. — A quantos metros você consegue jogar aquelas coisas?

Estavam boiando. Salpicados pelas densas sombras dos ciprestes ao sol escaldante de setembro, eles boiavam. Num desses agradáveis e frescos redemoinhos que o outono ou a primavera proporciona aos jovens, eles flutuavam, ignorando completamente o rugir das águas não tão longe assim...

— Não pedi para ver o filme — ela disse. — Achei o livro pretensioso. Barroco e pretensioso. O filme foi ideia sua.

— Foi culpa minha. Mas suas amigas tinham pedido...

— Minhas amigas acham que *Love Story* é a maior obra literária que já apareceu desde... *O profeta*. Você realmente não devia ter dado bola para elas. Algum dia estarão cuidando de bebês, e não arrumando problemas para os outros.

— O que eu queria dizer é que essa breiguice, de certa maneira, influencia a vida real. Quer dizer, é divertido esbanjar charme ao falar, correr por aí e brincar na neve com a namorada, mas não sei se algum dia vou conseguir jogar um bumerangue para meu cachorro sem pensar que eu deveria estar me movendo em câmera lenta.

— Dutos lacrimais estuprados. “Odeio quando meus dutos lacrimais são estuprados”, acho que foi isso o que você disse.

— Ahhh.

— E depois veio a história sobre o órgão sexual pequenininho dos roteiristas, um bando de

drogados malucos ou algo do tipo...

— Bem...

— Mary Ellen Conastee quase teve um enfarte. Ela é inofensiva, Quenton. Você deve pegar mais leve com algumas pessoas.

Ele olhou para ela com o que gostava de chamar de sorriso sacana.

— E não venha pra cima de mim com esse sorriso sacana — disse ela.

Estavam boiando. Cassidy afundava desajeitadamente em seu enorme pneu, o traseiro branco agora totalmente arrepiado por causa da água gelada do rio Ichetucknee. Andrea, de algum modo, estava numa posição semelhante, mas sem perder a dignidade, como ele: nela aquilo era sensual. Quando ela se virou para tomar sol, ele olhou cuidadosamente para as pernas bronzeadas apoiadas na borda da sua boia, mas mal podia detectar a diferença que para sempre iria causar um pequeno descompasso no seu andar.

É claro que deveria haver algo assim: ele não se sentia atraído pela perfeição. Quenton Cassidy, que não se deixava comover por gatinhos, sonetos e crepúsculos, tinha, no entanto, uma queda por defeitos trágicos.

Para poderem tirar o dia para ficar boiando, um passatempo local bastante tradicional, ele e Mizner — que flutuava mais à frente com a namorada — tinham levantado às 7h30 e corrido quase trinta quilômetros. Era o único jeito de poderem relaxar na agradável indolência da Fazenda Boone, bebendo sidra, e ainda assim aplacar a ira do Deus Planilha, que acabaria voltando algum dia para atormentar o corredor — que seria perseguido pelo sentimento de culpa — se fosse maculado por quadradinhos vazios ou incompletos. De vez em quando eles faziam esses esforços tortuosos só para provar a si mesmos que a vida que levavam não precisava ser assim tão anormal, mas o processo, na maior parte das vezes, acabava por enfatizar exatamente o contrário. Havia várias maneiras de fazer isso. Se fossem à praia, podiam adiar o treino e correr quando chegassem lá. Mas, ao contrário da crença popular, correr na praia só é divertido nos primeiros oito quilômetros mais ou menos. Depois disso, aquelas ondas, muito bonitinhas, tornam-se repetitivas, os olhos acabam ofuscados pelo reflexo do sol na areia branca, grãos de areia começam a escorregar irritantemente para o calcanhar ou bater na batata da perna. Correr vinte e quatro escaldantes quilômetros numa praia longa e plana só parece um esporte agradável para quem nunca o experimentou na prática. Além disso, o oceano é infinito demais; o caminho dá a impressão de que nunca vai acabar.

Eles sempre poderiam adiar o treino até a volta, no fim do dia, mas isso só tornava as coisas piores. Nada de cerveja! Nada daquele vinho vagabundo! Maliciosamente, seus amigos se esforçariam para tentá-los, para ver se realmente levavam a sério essa história de treinamento. Era pedir demais. Melhor terminar com aquilo tudo e ser capaz de aproveitar a vida como qualquer outro cidadão.

Ainda que, mais que qualquer outra coisa, odiasse correr de manhã, Cassidy ficava em estado de graça quando cumpria toda a programação de treinos do dia. Os gigantescos pneus flutuavam pelo rio de águas claras como gim, serpenteando lentamente sob os sombrios ciprestes e depois passando alegremente pelas manchas de sol. Ainda que fosse a Flórida, era o *norte* da

Flórida, e, à medida que o inverno se aproximava, a ideia de flutuar naqueles pneus logo seria esquecida até a primavera.

Cassidy desajeitadamente remou com as mãos até a boia de Andrea e a convidou a passar para a dele. À beira de um desastre durante alguns segundos, ela enfim conseguiu realizar a manobra.

— Da próxima vez faça a troca no mar, por favor — disse ela.

O calor que ela emanava era intenso; cheirava a verão, juventude, mar e esquis, e à umidade ligeiramente doce do sexo. Claramente comível. A cabeça dele dava voltas devido à sidra e ao sol, e os músculos ao longo do alto das coxas estavam trêmulos por causa do esforço daquela manhã. Em mais ou menos um mês, Cassidy sabia que eles o carregariam gritando pela pista. Ele tinha esse poder.

— Nossa! — ela disse. — Qual é a importância disso tudo, afinal?

O principal treinador da equipe de futebol americano recolocou o boné de beisebol suado sobre os cabelos cortados à escovinha, reclinou-se na cadeira de executivo de cinco mil dólares, estatelou seus sapatos de técnico, de solado ondulado, na enorme mesa que cintilava e ficou se perguntando que diabos o futuro reservava para ele.

Com um misto de pesar e orgulho, examinou a vasta extensão do opulento forro castanho-avermelhado e os carpetes cinzentos à sua volta, tendo bem no centro o escudo, de aparência um tanto selvagem, do time dos Swamp Dawg; o escritório era tão grande, que se podia pensar em qual esporte indoor poderia ser praticado ali.

Os rotarianos não tinham sido nada gentis. Enquanto há vários anos ele teria sido tratado com o respeito e a admiração ilimitados dignos de um senador americano ou mesmo de um pastor milionário dono de redes de tevê, o almoço daquele dia havia sido marcado por uma maldisfarçada desconsideração, e aquilo agora deixava a testa de Dick Doobey cheia de pregas como um pegador de painéis de dez dólares.

L. T. Doaches, proprietário da churrascaria Fat Boy's Pit, na estrada interestadual, número 75, havia proposto a questão: como os primeiros três anos de Doobey tinham sido supostamente dedicados à "reconstrução" para os Swamp Dawg, e considerando certas antigas e temerárias previsões, como o técnico via o resultado de 4 x 6 da temporada passada? Como disse L. T.: "Vamos começar a reconstruir sem ver o que nós mesmos conseguimos construir da última vez?"

Era uma pergunta um tanto longa, obviamente L. T. deve ter treinado antes, mas ele a articulou sem nem um erro sequer e, diante dos resmungos e das gargalhadas de aprovação do grupo, realojou o traseiro em forma de pera na cadeira dobrável do Holiday Inn, enquanto nesse meio-tempo Dick Doobey já havia entendido o estado de espírito dos rotarianos.

Ligeiramente surpreso pela atmosfera de crescente hostilidade, ele balbuciou algo sobre alguns ótimos novos jogadores que estavam sendo transferidos para lá, que seriam "de grande utilidade para nós no ano que vem", e mais algumas velhas e surradas máximas de Doobey. Os cínicos de Kernsville suspeitavam de que a NCAA (Associação Atlética Universitária Nacional, na sigla em inglês) promovesse seminários anuais com o objetivo de permitir que técnicos de futebol trocassem entre si essas pérolas de sabedoria. A favorita de Doobey era: "Para vencer é preciso, primeiro, evitar a derrota." Coisas desse tipo.

Os mesmos comentários que antes teriam arrancado pelo menos acenos de cabeça em aprovação agora suscitavam apenas algumas tosses abafadas. Ele estava morrendo ali, diante de um microfone e de um copo de chá gelado. Tentou contar algumas piadas, em geral com traços racistas, fragmentos de frases espirituosas ditas por um ou outro jogador, cujo bordão inicial era sempre: "Bem, puxa, treinador..."

Como último recurso, lançou algumas pérolas de seu repertório "Meu pai costumava dizer", que sempre arrancavam alguns risinhos, mesmo que fossem de saudade do velho, e não de admiração pelo seu desajeitado rebento. Nada funcionou. Finalmente, um repórter esportivo, um judeu baixinho por quem Doobey tinha profunda antipatia, perguntou-lhe qual era sua opinião sobre os adesivos FORA DICK DOOBEY que andavam se espalhando pelos carros em

Kernsville e em outros lugares.

Doobey pigarreou.

— Bem, sempre houve elementos dissidentes no nosso sistema americano, e, embora essas pessoas possam pensar que estão fazendo a coisa certa, e apesar de terem direito à própria opinião, essa deslealdade com nosso programa só pode...

Essa guinada também lhe rendeu pouco em termos de uma resposta positiva por parte dos rotarianos. Estava se tornando dolorosamente óbvio para ele que muitas daquelas pessoas faziam parte dos “elementos dissidentes”, ou eram simpatizantes deles.

Dick Doobey estava descobrindo que um técnico de futebol americano numa cidade pequena do sul só sobrevive se estiver “reconstruindo” ou garimpando os melhores jogadores da Universidade do Mississippi. Não existe nenhum meio-termo chamado “Aguentando as pontas”. É possível vender a desculpa da “reconstrução” por algum tempo, até ver a própria carreira se retrair como um mapa dobrável comprado há mais de dez anos. Insurreições são fomentadas; rotarianos entregam-se a cautelosos atos de violência, e — ah, que infâmia! — até os para-choques dos carros clamam por seu fim.

Dick Doobey tirou os pés de cima da mesa e apertou o botão do interfone.

— Mary Lou, quer vir aqui um minuto, benzinho?

Sua mente estava às voltas com mil planos ousados, ainda que só esboçados. Mary Lou, na esperança de uns amassos, apareceu na mesma hora, de minissaia e pronta para a ação; ela exibia um penteado aterrador, com os cabelos amontoados como uma colmeia.

— É para pegar a chave da hidromassagem? — perguntou timidamente.

— Ah, agora não, querida. Preciso que tome nota de uma coisa para mim.

Franzindo de leve as sobrancelhas, ela saiu para pegar seu caderninho.

— Preciso que você faça um memorando a todos os treinadores assinado por Dick Doobey na condição de diretor atlético, não como técnico do time de futebol. Hã... Benzinho, não precisa escrever tudo isso que acabei de falar, assim, palavra por palavra. Quando eu digo “não como técnico do time de futebol”, não precisa escrever “não como técnico...”. Bem, você sabe o que colocar aí.

Os ombros dela arquearam de forma impaciente. “Que mente fantástica”, ela pensou. Passavam por aquilo quase todas as vezes.

Doobey parou conscientemente por alguns instantes, como se esperasse que as palavras caíssem do céu para que pudesse começar.

— Aham... Novos Regulamentos Referentes a Cortes de Cabelo e Vestuário, hã, Procedimentos para os Atletas da Southeastern...

Os corredores trotavam em círculos em torno do extenso gramado, os corpos sem camisa brilhavam de suor. Ao passarem por Ben Cornwall todos ergueram os olhos para ele quase simultaneamente. As tosses e o som de sua respiração tornaram-se mais altos à medida que se aproximavam.

— Um e trinta e oito. Só faltam dois, pessoal — o treinador lhes disse.

Imediatamente baixaram a cabeça e continuaram a trotar. Estavam no intervalo, para aliviar o ácido láctico.

Cornwall voltou pelo campo para marcar os próximos seiscentos metros no seu cronômetro. Trotar trezentos metros não era suficiente para a recuperação, e ele podia ver pela tensão em seus rostos que eles estavam dando tudo de si. Os dois últimos talvez fossem mais rápidos, mas Cassidy e Mizner tinham se assegurado de que as primeiras seis voltas fossem num ritmo constante e puxado. Cornwall examinou seus dois melhores corredores enquanto atravessava o campo até o lado oposto. Pareciam menos perturbados que os outros, mas não muito. Cassidy estava dizendo algo a Mizner, que respondia com um sorriso desanimado. Cornwall, é claro, não conseguia ouvi-los, e não teria compreendido se os tivesse escutado. A conversa ofegante era mais ou menos a seguinte:

— Deve haver algum engano — disse Cassidy. — Ainda não tive aquela sensação de euforia de que os corredores tanto falam.

— Você deve estar falando, é claro, do lendário “terceiro fôlego”.

— Não sei. Não tenho lido a *Runner's World* ultimamente, então não sei como estão chamando isso este mês.

Quando atingiram a marca, Cornwall apertou o botão de seu cronômetro caro e analisou com admiração a potência demonstrada pelos corredores em suas largas passadas. Estranhamente, o principal treinador de pista não sabia muito sobre corridas de média e longa distâncias (Cassidy e Mizner constantemente corrigiam — ainda que com muito tato — sua série de exercícios), pois na universidade tinha sido lançador de dardos.

Mas ele tinha consciência que os corredores de oitocentos metros, os de uma milha e os de longa distância constituíam o núcleo de uma equipe de atletismo. Eram capazes de correr qualquer coisa, do revezamento de uma milha em diante. Era fundamental que ficasse atento ao treino deles.

Mas também aprendera, desde muito cedo, que os corredores de milha e os de longa distância eram como sementes: os bons, mesmo recebendo atenção mínima, cresciam por conta própria. A avaliação que fazia do treino deles era a de alguém que corria ocasionalmente — sabia por experiência própria em condicionamento físico que o que faziam diante de seus olhos estava muito além de sua compreensão —, e sabia que o esforço diário tinha um preço. O índice de desistência era espantoso. Mesmo os corredores mais promissores, desencorajados pelas contusões ou performances fracas, às vezes abriam mão das bolsas de estudo diante de sua mesa no escritório. Nunca tentava convencê-los do contrário; sabia que uma vez que os tivesse perdido, seria definitivo.

Agora, enquanto observava através do grande campo, os corredores entravam na curva de

fora com Cassidy e Mizner ainda na liderança. De perto era possível ouvir o barulho que faziam ao respirar, mas vistos de longe pareciam deslizar pela pista sem nenhum esforço. Do meio do grupo, um corredor mais baixo avançou na direção dos ombros dos dois. Sem precisar se esforçar para ver, Cornwall reconheceu Nubbins. “Se eles não o arreventassem”, ele pensou, “aquele tal de Nubbins poderia se tornar alguém.”

Ao entrarem na reta de fora, Cassidy e Mizner aumentaram ligeiramente o ritmo, e só Nubbins os acompanhava. Pareciam sentir a presença dele, mas não demonstravam nenhum sinal disso. Num treino intervalado não havia objeção a um final pesado, desde que o início tivesse sido regular e puxado. Fazer corpo mole na fase inicial para depois brilhar no final era considerado comportamento antissocial. Cassidy reservava para essas ocasiões sua arrancada mais potente.

Mas Nubbins tinha se mostrado consciencioso e agora apostava na elevação de seu status. Sabia muito bem que Cornwall o observava atentamente. Cassidy relaxou um pouco e Nubbins passou por ele, alcançando Mizner ao saírem da curva. Quando o novato forçou na última reta e tentou ultrapassá-lo, Mizner lutou com ele, passada a passada. Cornwall sorriu ao apertar o cronômetro. Olhou para o relógio e pensou: “Meu Deus.” Tinham feito 1min28. Nubbins parecia completamente esgotado, um rosto sem esperança nem ânimo, mas continuava a correr. Cassidy alcançou Mizner e os dois iam agora lado a lado, sem falar. Cornwall ainda não tinha entendido aquela dupla; os dois eram tão diferentes... Cassidy era alegre, quase despreocupado para um corredor; Mizner era metódico e sereno. Mas eram idênticos num aspecto: a expressão assombrada nos olhos ao entrar na última volta de uma prova era exatamente a mesma. O treinador cruzou de volta o campo, ainda examinando Cassidy e Mizner, que corriam de leve no intervalo de recuperação. “Esses dois”, pensou. “Nunca mais vou encontrar uma dupla como essa. Basta marcar o tempo para eles, checar se estão alimentados, comprar suas passagens de avião e seus tênis” — o que não saía nada barato — “que eles vencem tudo o que encontram pela frente.”

Agora eles vinham bufando na direção dele, olhando-o de seu trote melancólico com a mesma expressão de expectativa. Sempre o divertia o fato de se mostrarem tão interessados nos números, não importava quão exaustos estivessem; era a primeira coisa que queriam saber após uma corrida, mesmo das profundezas de sua aflição.

— Líderes 1min28, Cass 1min29s5, todo o resto cerca de 1min33. Essa vai ser a última, pessoal.

Corriam, agora, num ritmo particularmente lento; era como sempre faziam. Todos queriam descansar o máximo possível para terminar com uma marca melhor.

Na realidade, costumavam ainda estar sem fôlego quando começavam a última, e Cornwall mais uma vez pensava em como era surpreendente que depois de vários intervalos eles apresentassem o pior aspecto possível. O descanso parecia não extrair mais nada deles, ainda que ele soubesse que cada treino tinha de ser mais puxado que o anterior. Mas, então, eles partiam para a última como se fosse a melhor coisa que pudessem fazer para terminar o dia. Os corredores formavam um grupo estranho, pensou Cornwall. Eram estranhos no tempo em que ele era atleta, e continuavam estranhos agora.

Finalmente chegaram à largada com seus passinhos miúdos e com um profundo arquejo se inclinaram para a última, quando Cornwall disparou o cronômetro. Eles voaram na direção da

primeira curva e Cornwall sorriu de novo. Cassidy já tinha dez metros de vantagem. Quando passaram pela curva e entraram na reta, ele estava vinte e cinco metros à frente, e se distanciando ainda mais. Sem esforço, Mizner liderava o restante do grupo. Durante a volta final e ao entrarem na reta, Cassidy acelerou, com passadas firmes, cheias de determinação. Houve um aumento no seu ritmo e, por sua expressão, Cornwall podia dizer que ele não estava brincadeiras. Quarenta metros à frente, Cassidy passou batido pela marca e Cornwall agitou o cronômetro na sua direção com aquele estranho gesto afetado típico dos verdadeiros marcadores de tempo em todo o mundo. O treinador deixou escapar um grunhido ao olhar rapidamente para o relógio antes de marcar o tempo dos demais com a outra mão, que balançava. Cassidy não continuou trotando como da outra vez, e sim curvou-se para a frente, numa parábola que expressava a expectativa.

— Por que não continua a mexer esse seu rabo, Cassidy? — o treinador perguntou.

Cassidy ainda recuperava o fôlego, e não estava achando graça.

— Vamos lá, treinador. Quanto... foi?

— Pensa que eu não sei quando vocês estão de corpo mole?

Cassidy fez uma careta ao ouvir isso, mas continuou ofegando, com as mãos nos quadris. Deixe que ele se divirta.

— Você fez 1min24s6. — O técnico sorriu. — Todos os outros fizeram em torno de 1min29.

Cassidy assentiu, satisfeito, e começou a trotar na direção de Bruce Denton, que estava todo molhado, observando do lado de fora do campo.

— É isso mesmo — respondeu Cassidy. — Ano passado teria sido algo em torno de 1min26 por essa época.

Cornwall sabia como seus registros das marcas nos treinos eram precisos e que Cassidy não estava chutando.

— Você vai até se sair bem em corridas cross-country em breve, mantenha o nível — o treinador gritou para ele. Sabia que era seu calcanhar de aquiles. Mizner tinha alcançado a outra dupla quando se preparavam para começar a correr o quilômetro de desaquhecimento.

— Claro — retrucou Cassidy —, e posso correr cem metros em nove segundos e como atacante nos Dolphins.

Cassidy jogou-se no banco, orgulhosamente enrolado numa toalha, de certa forma saboreando a profunda sensação de dor do último tiro de seiscentos metros e aparentemente examinando com grande interesse os dedos do pé. Logo cairia outra unha sua. “Os pés mais feios do mundo”, pensou, depois dos de Denton. Deixou a mão correr para cima e para baixo do seu tendão de aquiles. Muito delicado; era melhor ficar atento e pegar mais leve caso piorasse. Talvez colocar gelo. O velho Fandango da Fuga da Contusão. Algum dia isso acabaria?

O treino da tarde lhe custara três quilos. Mal via a hora de o clima ficar mais fresco. No chuveiro, Denton brincou:

— O lobo mais magro é o que lidera a matilha.

— Se eu for capturado na Indochina — Cassidy lhe disse —, não vou passar a noite naquela jaula de bambu.

— É só passar entre as barras — sugeriu Denton.

O corredor mais velho tinha ficado impressionado com o treino de seiscentos metros, mas discordava um pouco da ideia de fazerem intervalos puxados tão no início do ano. Ele mesmo tinha estabelecido para si um treino de trinta e dois quilômetros.

— Para você é fácil falar — disse Cassidy, ainda prostrado no banco enquanto Denton se vestia rapidamente. — Você não vai ter de completar uma milha dando onze voltas numa pista aqui da algumas semanas. Para isso vou precisar ganhar uma velocidade de *arranque*.

— Quando é que você virou um velocista negro? — perguntou Mizner. — Que negócio é esse de “velocidade de arranque”?

— Ele é um corredor de milha, sabe — disse Denton —, e está explicando como aquilo lá é um pega pra capar. Certo, meu irmão?

Na atmosfera abafada e quieta pós-treino, irrompeu Daniel Hayes Ingram, um auxiliar do treinador cujo rosto redondo, com manchas brancas e rosadas, consistia num triste mapa topográfico da adolescência. No ensino médio ele havia conquistado um lugar na equipe de atletismo e fixado a meta de sua vida: fazer uma milha em cinco minutos. Como não conseguiu — por 3,4s —, aprendeu a enfaixar tornozelos e aplicar bolsas de gelo, evitando assim o eterno exílio desse neutro mundo íntimo, no qual os sons eram os da água corrente, das risadas rudes, das travas de metal dos tênis batendo no chão de ladrilhos. Contudo, o prêmio de consolação não supriu completamente seus anseios mais profundos, e Danny Ingram ficou conhecido como uma pessoa facilmente irritável. Ele agora fazia tamanho barulho e cuspiu tanto ao falar que logo uma pequena multidão juntou-se ao redor. Se as novidades não fossem interessantes, eles pelo menos se distrairiam com a visão de um auxiliar enlouquecido.

— Eles conseguiram o Walton! — Ingram vociferou pela terceira vez. Os integrantes da equipe de atletismo se entreolharam.

— *John Walton, seus idiotas! Eles conseguiram John Walton!*

Ingram tinha ficado irritado com os olhares vazios. Eles sabiam de *quem* ele estava falando, mas não tinham conseguido captar o contexto. Trataram de acalmá-lo com alguns insultos e o forçaram a recomeçar lentamente. Agora ele tinha conquistado o interesse de todos, e iam ouvir a história até o final.

— Estava no escritório de Cornwall... — fez uma longa pausa para tomar fôlego — quando chegou um telegrama do comitê de viagens da Nova Zelândia. Walton aceitou participar do torneio da Southeastern na primavera! Ele está em turnê e tinha um fim de semana livre. Meu Deus do Céu! John Walton correndo aqui! Isso não vai ser incrível? Dá para imaginar o que ele vai fazer com todos esses caipiras daqui quando...

Tinha sido uma tremenda falta de tato dizer isso, pois assim que a notícia foi finalmente entendida todos se viraram quase ao mesmo tempo para ver a reação que viria do canto dos corredores, onde Cassidy e Denton estavam sentados olhando para eles com grande interesse.

— Bem, é claro que não estava me referindo a você, Cass, hã...

Mas Daniel havia obviamente se metido num atoleiro, e quanto mais se debatia, mais aprofundava. O silêncio reinava. As grandes pás do ventilador de teto golpeavam o ar quente.

— Quem você disse que vem para cá, Danny? — Cassidy perguntou.

— Hã... Walton, John Walton, o corredor de milha de Nova...

— John Walton? E ele é mesmo tão bom assim? — Cassidy mantinha uma expressão de curiosidade inocente.

Denton olhou para o outro lado e tossiu.

— É, bem, ele marcou *só* 3min49 e tudo mais... — Alguns deles davam risadinhas abafadas, mas o desconfiômetro de Danny não era lá essas coisas. — Diz aí, Cass — sua curiosidade agora chegava ao máximo —, como você acha que, hã, vai lidar com a... situação?

Cassidy parou para refletir. Olhou para o teto e fez um bico. Então seu rosto se iluminou: inspiração!

— Acho que o que eu faria seria grudar nele, entende...

— Sim, bem...

— Acompanhá-lo *realmente* bem de perto, por algumas voltas. Fazer com que *ele* tomasse a iniciativa, entende, que *ele* corresse a *minha* corrida...

Denton estava apoiado no seu armário, mordendo a toalha.

— Mas o *John Walton*, quer dizer, quando ele...

— Então, quando estiver entrando na última volta, vou estar bem na cola dele, entende, todo o caminho até a última volta...

— Mas dizem que ele tem uma arrancada...

— Aí vou pegar um atalho por dentro, disparar pela pista de salto com vara e meter o peito na faixa de chegada. Isso sempre funciona.

O grupo se dispersou em um clima de bom humor, mas havia algo de lúgubre no ar. Alguns nomes eram murmurados com reverência naquele santuário forrado de ladrilhos, e o de John Walton era um deles. Certamente, o mesmo respeito era concedido a Bruce Denton em outros vestiários ao redor do mundo, mas sempre havia algo mais misterioso e exótico a respeito desses heróis distantes, raramente vistos em carne e osso, cujas façanhas estavam fixadas para sempre no irrefutável preto no branco dos números. A aura de Walton, primeiro ser humano a correr uma milha em menos de 3min50, era a de quase total invencibilidade. Para o público em geral, ele podia ser apenas mais um numa longa linhagem de campeões, mas para aqueles cujas marcas lhes davam credenciais para fazer uma avaliação, seu nome vinha junto com um calafrio desagradável. Um corredor de milha de 3min55 entenderia melhor do que um de 4min05. Walton era o melhor que existia, mas para a maioria deles era apenas um mito. E, agora que seria visto em pessoa — em carne e osso —, ninguém sabia ao certo o que pensar.

Bruce Denton era um atleta olímpico. Estava acostumado a climas instáveis, quando nomes como o de Walton eram citados casualmente, junto com os de tantos outros conhecidos inofensivos, mas estava claro que esse não era o caso daqueles estudantes de graduação, apesar do esforço que faziam para demonstrar naturalidade.

— Ei, ele veste um short do mesmo jeito que a gente — disse um dos calouros. Mas isso nem de longe afugentou o fantasma de Walton.

— Isso mesmo — riu Denton. — Só que ele põe o *dele* em pernas que podem correr uma milha em 3min49.

Alguns riam enquanto terminavam de se vestir, mas a discussão não foi adiante. Cassidy ainda estava sentado no banco, com a toalha enrolada na cintura, pensativo demais para se vestir. Ergueu os olhos para Denton e sorriu. Seu treino de seiscentos metros já não parecia tão

impressionante como antes.

Uma criatura espantosa — até há pouco tempo mais um mito que um mortal — iria assumir forma humana e atravessar os oceanos para apresentar seu número de mágica exatamente na mesma pista que tinha o suor deles. Ao fazer isso, iria necessariamente arrasar os que desejavam pôr sua força à prova. O fato de que essa força iria inevitavelmente recair sobre alguém que todos conheciam, alguém que tinham aprendido a respeitar pelas suas próprias proezas, fazia com que se sentissem ao mesmo tempo constrangidos e estranhamente animados. Raramente tinham visto Quenton Cassidy perder uma corrida de uma milha; e não *queriam* vê-lo perder, mas ainda assim a inevitabilidade dessa perspectiva tinha algo de emocionante, como se fosse uma realização.

O leão deles seria devorado por um leão ainda maior.

— São demônios, entende? — disse Cassidy, sério.

Estava no chão, e se alongava. Andrea estava na cama dele, apoiada num cotovelo, e ergueu os olhos de seu livro de química orgânica, segurando a vontade de rir, algo que costumava fazer com certa frequência. Afastou uma mecha de cabelo da frente dos óculos e assumiu um ar inteiramente professoral.

— Eles sussurram obrigações morais no seu ouvido?

— Que ótimo! Tento explicar as forças sombrias em ação dentro de mim e você acha graça.

— Ah, me desculpe! Continue, por favor. E continue. E continue.

Ele agarrou-a pelo tornozelo, o bom, e puxou-a direto para o chão a seu lado. Sua nuca parecia a barriga de um periquito: tinha uma penugem delicada e macia.

— Hummm — ele disse, perdido nos cabelos dela, sedosos e cor de milho.

Ela embaralhava o fio de seu pensamento, o modo como se encadeava; ele não conseguia estudar quando ela estava por perto. As cores empalideciam e ele a buscava sem malícia nem culpa. Ele a adorava, e dizia isso a ela.

Ela, por outro lado, não sabia como lidar com Quenton Cassidy. De vez em quando ele dizia coisas que a deixavam sem ação. Ela só balançava a cabeça e o chamava de maluco. Ele não agia nem um pouco como os outros tantos rapazes que tentavam chamar sua atenção. Cassidy exibia nos olhos um grande cansaço, ainda que, ironicamente, tivesse uma incrível fonte de energia borbulhando pouco abaixo da superfície. Ele às vezes divagava, se expressando por meio de torrentes de uma prosa lúcida, e então caía em silêncios profundos, dos quais não podia ser retirado sem um grande esforço. Ele se divertia. Brincava com a mente dela.

Ela já o vira competir quatro vezes. Ele havia tentado passar a impressão de que essas competições eram sem importância, mas nessas ocasiões ele ficava fora do alcance dela. Andrea especulava para onde ele ia, que a deixava excluída, solitária e — seria capaz de admitir isso? — com ciúme.

Imaginava que regiões internas seriam essas às quais não tinha acesso e repetidamente lhe perguntava sobre o que ele estava falando. Uma coisa ela sabia: havia vezes em que tudo o que conseguia extrair eram respostas educadas; aos olhos dos outros, ela poderia muito bem parecer uma prima distante que tinha vindo visitá-lo.

— O que esses demônios o obrigam a fazer? — perguntou ela baixinho, segurando a cabeça dele e fazendo cachinhos distraidamente nos seus desgrehados cabelos louros.

Ele suspirou.

— Quase trinta quilômetros por dia.

— Hum. — Ela começou a empurrá-lo para longe, chateada por não ter sido levada a sério.

— Mas às vezes, quando tudo está dando certo, assim, quando o calor começa a chegar no início de maio, e o ar tem cheiro de grama cortada, e a gente aguentou bem o inverno, sem ficar doente e tal, dá para respirar fundo e sentir o próprio coração aos pulos... *é isso mesmo, não me olhe assim...* dá para sentir o coração lá dentro, querendo saltar para fora como um maldito lince ou coisa do tipo; é aí que a gente tem de ir para algum lugar e pôr os demônios para fora.

A cabeça dela se levantou ao ouvir isso e ela olhou fixamente para ele.

— Não tente fazer com que eu me sinta um ser estranho — disse ele. — Foi você que perguntou. Além disso, você nunca precisou ficar em forma para fazer uma milha em quatro minutos, não que muitas pessoas tenham passado por isso; então, se você acha que tudo isso é moleza...

— Não — disse ela rapidamente. — Continue. Eu quero saber.

— Eles fazem com que você queira atravessar a floresta correndo, querida — disse ele, com alegria —, passar pelo campo num instante, deslizar pela noite como uma nuvem veloz.

O olhar dele estava focado em algum ponto distante, mas sua voz vibrava, imitando a solenidade de um pregador protestante sulista. Percebendo um real interesse, ele aproveitou o embalo.

— Eles fazem você acordar no meio da noite com uma descarga involuntária de sua própria adrenalina, pronto para correr mais de cento e cinquenta quilômetros; estamos falando de quando se chega lá, de verdade, pronto para correr em quatro minutos ou menos. Eles deixam a gente nervoso com o cheiro da floresta, pronto para saltar por cima de árvores caídas, correr atrás da caça, deixar sangue nos arbustos...

Os olhos dela se arregalaram.

— E quando você consegue domar todos eles — ele a olhou com certa fúria —, eles o fazem voltar para perto dos outros, dando três voltas embalado por uma antiga melodia... então fazem com que você saia gemendo na última volta e entre com tudo na maldita reta final, como o *expresso da meia-noite rumo ao inferno!*

Ainda que tivesse dito tudo isso na bem-humorada imitação de pregador religioso, ela podia ver em seus olhos — nos quais, contudo, quase não conseguia penetrar — a atmosfera límpida dos distantes Campos Eliseos, onde os cidadãos sobrenaturais eram, sem exceção, instrumentos de um espírito quase puro: campeões pesos-pesados, alpinistas das altitudes onde o ar é rarefeito, santos prestes a viver seu martírio e outros silenciosos e tristemente sarcásticos servidores da Difícil Missão.

— Você está totalmente doido — disse ela, de maneira suave.

— Vamos lá — disse ele, quebrando o encanto. — Marcamos com o Mize no Nineties.

— Estamos falando do esforço humano e dos sistemas decepcionantes — disse Cassidy, pontuando as palavras com o estalar ritmado das casquinhas de pistache que ia quebrando. A segunda jarra estava quase acabando. O ruído do totó e do fliperama característico das noites de quinta-feira quase impedia qualquer conversa.

“Todo mundo gosta de pensar que tem o próprio cantinho; pode ser qualquer coisa: crochê, bocha, o que for. Deve existir alguém capaz de se sentir realizado por ser o melhor gerente de hortifrutigranjeiros que um supermercado já teve. O que é ótimo. Isso dá às pessoas a sensação de que valem alguma coisa num mundo lotado, no qual todos se sentem apenas parte do cenário. Mas a maioria das pessoas é poupada de qualquer vislumbre angustiante da própria mediocridade. Tirando a Pillsbury Bake-Off, nunca vamos realmente saber quem faz o melhor suflê de alcachofra do mundo, vamos?”

— Saquei. Não desconverse, conte-me dos demônios — disse ela.

— Tudo bem. A questão é que, na pista, estamos dolorosa e constantemente conscientes de quanto valem os, não apenas em relação aos nossos contemporâneos, mas também comparados aos nossos correspondentes históricos. Nesse aspecto, é diferente até dos outros esportes. Um jogador de basquete pode ter um dia excelente e dizer a si mesmo que tem o melhor rebote que já existiu; nunca vai ser de fato atormentado pela realidade, vai? Talvez ele esteja apenas numa liga mais fraca. Talvez trinta anos antes Jumping Joe Faulks o tivesse derrotado com facilidade. Mas ele nunca vai saber. Deverá apenas deixar essa avaliação para os pobres jornalistas esportivos, muitos dos quais podem ser comprados com um prato de comida.

Mizner concordou vigorosamente de trás de um saco de pipocas.

— Na pista de atletismo é tudo preto no branco. Muita gente não aguenta esse tipo de pressão; os egos murcham diante dos fatos. Todos carregamos conosco nossas credenciais; é por isso que os números são tão importantes para nós, por isso sempre falamos deles. Eu, por exemplo, sou simplesmente quatro ponto três. Os números podiam muito bem estar gravados na minha testa. Este cavalheiro aqui, talvez você queira conhecê-lo, é o vinte e sete ponto quarenta e dois, também chamado de treze ponto vinte e um, acho.

Mizner fez uma reverência, levantando-se um pouco. Parecia estar adorando aquilo.

— Um observador que entenda do assunto poderia perguntar se são jardas ou metros, e o mais certo seriam jardas — disse Mizner. — Não vou ficar metido por causa disso.

— O quê?

— Deixe pra lá — interrompeu Cassidy. — A questão é sabermos não apenas se somos bons, ruins ou medíocres, mas também se num determinado momento somos o primeiro, o terceiro ou o centésimo nonagésimo sétimo. O *Track & Field News* nos conta isso, se nos interessarmos em saber ou não.

— Supondo que tenhamos conseguido entrar na lista — Mizner completou.

— Pois é. Às vezes acontece de, apesar dos maiores esforços e dos malditos cento e sessenta quilômetros semanais, a gente nem *sequer chegar a existir*.

— Isso o incomoda?

— Isso, minha querida, me deixa arrasado.

— Mas você pode derrotar quase todo mundo. Sabemos disso, não? Isso não é bom? Não é isso o que você quer?

— Bem, claro. Mas tenho consciência de que sou o que um jornalista esportivo chamaria de “performance regular”. E na verdade não importa nem um pouco quantas corridas venci. Eu ainda não consegui superar a marca dos quatro minutos. Roger Bannister conseguiu isso há muito tempo, em 1954. Passei sete anos de minha vida dando duro nisso e até agora sou... mediano. Acontece com outras pessoas, talvez com pianistas de concerto, atores e tal. Mas eles não estão submetidos como nós aos frios e cruéis números.

“Vamos colocar dessa maneira: há um cara nesse exato momento lá em New Haven, um no Kansas, outro em Boston, um em algum lugar em Minnesota e dois — Mize está agora dizendo que são três — no Oregon que podem, muito sensatamente, exigir que eu lave as cuecas deles. E isso só nos Estados Unidos. Acontece que existe um jovem lá na Nova Zelândia, chamado John Walton, que respira o mesmo ar que nós, come a mesma comida, e o filho da mãe correu uma

milha mais rápido que qualquer outro ser humano na história do mundo, 3min49s1, para ser mais exato. Acho que o velho John *não deixaria sequer* eu lavar as cuecas dele, não acha, Mize?”

O outro corredor balançou a cabeça solenemente.

— E existe algum tipo de ponto final para tudo isso? — perguntou Andrea.

— Depende do que você considera um ponto. Trata-se de uma escolha simples: podemos ser bons rapazes, andar com nossos casacos da faculdade por aí, pegar nossos diplomazinhos e arrumar uma boa garota para sossegar, você sabe... assumir o que um amigo nosso chama de “o fantástico desafio de cuidar da nossa grama...”

Mizner estava dando uma risadinha, mas Andrea mantinha uma expressão séria. Cassidy olhou para a sua cerveja.

— Ou o quê? Qual é a alternativa?

Ela se inclinou sobre a mesa, tentando fazê-lo retomar o fio da meada. Ele olhou para ela, surpreso; seus olhos se iluminaram como antes, e sua voz foi de novo tomada pelo entusiasmo.

— Ou podemos arder como uma chama! Virar lendas de nossa época, despertar o medo no coração dos talentos mediocres por toda parte! Arrebentar, estabelecer recordes inalcançáveis! Deixar o público nas arquibancadas boquiaberto ao dispararmos numa arrancada inacreditável nos últimos trezentos metros! Podemos nos tornar os próprios mensageiros de Deus na entrega dos terríveis pergaminhos! Podemos apostar corrida com o sombrio Satanás até deixá-lo sem fôlego, cuspiendo pedaços de brasa pela reta final! — A essa altura ele estava completamente empolgado.

“Vão sussurrar nossos nomes dizendo: ‘Esses caras são animais!’ Podemos arriscar tudo ou nada, dar o máximo de nós, fazer todo mundo comer poeira. Disparar na curva com a brisa da primavera e sentir o inverno largando nossos pés!”

Andrea se recostou no banco, arregalou os olhos e engoliu em seco.

— Podemos, por Deus, botar para fora nossos demônios *e uivar!*

Ele jogou a cabeça para trás e deu um grito grave e sinistro. As mesas de totó, de bilhar e os fliperamas de repente silenciaram. Mizner, ignorando o súbito silêncio, bateu com a mão na mesa concordando animado.

— É isso aí! *Uuuuivaaaaar!*

Quando parou de gritar, ele olhou em volta, para os rostos pálidos e mudos dos perplexos atletas de diferentes fraternidades, e se retraiu.

— Meu Deus do Céu! — disse ela, os olhos brilhando.

Mas ao dizer isso sorria, um sorriso perturbado que significava que talvez houvesse mesmo algo nessa história, e, ainda que reconhecesse isso contra a própria vontade, tinha de admitir a possibilidade de existir ali algo um pouco... fora do comum. Mais tarde, em outra fase de sua vida, ela sempre consideraria aquele o momento em que se apaixonou por Quenton Cassidy, um maluco inquieto e enfeitiçado por divagações etéreas que ela não compreendia. Continuou apaixonada mesmo quando ele se sentou, exausto pela performance, e ficou distraidamente desenhando “oitos” na cerveja derramada na mesa.

Todos eles estavam meio bêbados.

— Foi legal — disse Cassidy.

Três dias depois eles estavam caminhando de volta para Doobey Hall, no escuro, de mãos dadas. Mesmo sendo novembro, o clima ainda estava agradavelmente quente.

— Não sei. Foi um pouco estranho no começo. Mas foi legal ficar olhando as estrelas — disse Andrea.

— As pessoas costumavam sempre se amar ao ar livre, olhando as estrelas, até que Alexander Graham Bell inventou o motel — disse ele. — Mas eu falei que ninguém ia nos incomodar. Quase ninguém sabe que existe aquela área de treino de salto. A principal é que é muito usada. Fico imaginando o que as pessoas faziam nos velhos tempos, quando os saltadores aterrissavam em cima da serragem.

— Fazer amor nos colchões do salto com vara. — Ela suspirou. — Se minha mãe soubesse... Ela era capaz de vir com alguma história sobre “brincadeira com vara” ou algo do tipo.

— Mães gostam dessas expressões. Como se houvesse alguma sabedoria em trocadilhos e caipirices.

— É, acho que sim.

Caminhavam o mais lentamente possível sem que parecesse idiota, ambos com o instinto de preservar os bons momentos. Ao se aproximarem de Doobey Hall, ele ouviu uma agitação nos fundos da casa.

— Vamos — agarrou a mão dela. — Se for o que estou pensando, vai ser divertido.

Atrás da casa, havia uma ampla garagem que tinha sido transformada em área de recreação e depósito. Havia uma mesa de pingue-pongue já bastante usada, uma jukebox muito velha que não funcionava e alguns móveis da época de Sidecar Doobey. Cassidy conduziu Andrea pela porta e eles pararam atrás da pequena multidão. Abriu-se um espaço no chão de concreto para dar lugar a uma pequena arena de salto em altura. Andrea estava confusa.

— O que eles estão... — Mas Cassidy pediu que ela fizesse silêncio.

Ron “Spider” Gordon estava de pé no limite da área livre, à esquerda deles, com os olhos fixos no ridículo aparato para saltos improvisado à sua frente. Tinham pegado dois grandes cabideiros e os posicionado para sustentar a barra horizontal, que era uma velha vara de pescar. Uma pilha de colchões servia como uma confortável área de aterrissagem. Cassidy se lembrou da outra área de salto com vara, olhou para Andrea soltando um suspiro forte e se calou na mesma hora. Gordon ia fazer seu número agora, assim como todos os saltadores, abrindo e fechando as mãos, murmurando algo para si mesmo, curvando-se para a frente, sacudindo as mãos como se fossem luvas sem dedos, fazendo a Dança da Alta Ansiedade de todo atleta. Só que agora era uma performance evidentemente teatral, pois ele estava também fazendo a própria narração, no estilo de um comentarista de golfe:

— ...E assim, senhoras e senhores, a pressão agora é enorme sobre o famoso saltador italiano, Ron Don *Giordante*, aqui nas finais olímpicas nesse lindo novo estádio em Roma, Itália, diante de milhares de compatriotas cheios de esperança...

Andrea não entendia o que estava acontecendo. A barra improvisada estava muito acima da cabeça do saltador de um metro e oitenta e cinco, e ela sabia que não havia espaço ali para que ele desse mais que dois ou três passos. Ela ficou na ponta dos pés e sussurrou para Cassidy, que assistia a tudo exibindo um largo sorriso.

— Quenton, o que ele vai...

Cassidy lhe fez sinal de novo para que ficasse quieta e acenou com a cabeça na direção do saltador.

— Apenas olhe — ele disse.

Era algo espantoso de testemunhar, embora a maior parte deles já tivesse visto aquilo muitas vezes. Gordon terminou seus comentários, encerrando com: “Parece que ele está pronto... sim, lá vai ele agora...” O saltador avançou com três passadas casuais e se ergueu no ar como se tivesse asas ocultas, fluando e passando com facilidade por cima da barra, parecendo ficar suspenso no ar por vários segundos antes de a gravidade atingi-lo. Tinha ultrapassado a barra quase quinze centímetros. Gordon era um dos poucos que ainda saltavam no estilo *western roll*,* que Cassidy considerava muito mais agradável esteticamente que o *flop*,** e era algo lindo de ver. Cassidy calculava que a barra estivesse a um metro e noventa e cinco, bem acima da cabeça de Gordon, e ainda que isso fosse quase trinta centímetros abaixo de sua verdadeira capacidade, visto assim muito de perto e em circunstâncias sobremodo informais era algo um pouco chocante. A multidão ainda estava aplaudindo, bem-humorada, enquanto Gordon chafurdava nos colchões, paralisado de tanto rir.

“Totalmente chapado”, pensou Cassidy.

Jim Beale, outro saltador, assumiu sua posição e começou a palhaçada. Mal conseguindo se conter, Gordon teve a consideração de rastejar para fora dos “colchões” e começou a fazer os comentários para o colega. Todos pareciam estar se divertindo muito. Cassidy e Andrea escapuliram para longe do grupo.

— Não é incrível? — disse ele, sacudindo a cabeça.

— É estranho, como tudo por aqui. Não tenho certeza se entendo.

— Durante algum tempo eu também não entendi. Via os caras da corrida de obstáculos, os lançadores de dardos e de discos fazendo coisas assim. Nunca fazia muito sentido. Então eu entendi. O que eles estão fazendo é *brincar* de atletismo.

— Brincar?

— Isso. Sabe, quando a gente está fazendo de verdade, é tão competitivo e sério, não acho que alguém se divirta de verdade fazendo aquilo. Raramente nos treinos e *nunca* nos eventos. Bem, eles gostam da *ideia* da coisa toda, de ir às competições, de fazer parte de uma equipe e de todo o alvoroço em torno da vida de atleta. Mas na hora H, quando você está fazendo aquilo pra valer, não tem muita graça. Não consigo me lembrar de nenhuma corrida de milha em que eu tenha esboçado o mais leve sorriso.

— Então, qual era a importância daquilo tudo lá atrás?

— Bem, às vezes Spider ou algum dos outros está sentado e de repente se dá conta de que *gosta* de fazer o que faz. Ele pode ter transformado tudo numa compulsão ou num trabalho, mas houve um tempo em que fazia isso como uma criança, só pela sensação agradável que lhe dava. Então Spider fuma alguns baseados e de repente compreende que *adora* voar sem ter de entregar um cartão de embarque a alguém. Já vi o Mobley encher a cara e sair para jogar seu maldito dardo num parquinho à luz da lua a noite toda. Coisas *estranhas* assim...

— Mas eles fazem isso toda tarde. Não vejo por que ele iria querer se meter numa garagem...

— É muito simples. Embora pareça impressionante para a gente, para ele, pular um metro e noventa e cinco é como dar uma corridinha em volta do quarteirão. Ele poderia fazer isso dormindo. Então, para transformar isso numa brincadeira, tudo o que ele precisa fazer é impor a si mesmo uma meta vários pontos abaixo de sua verdadeira capacidade. Veste um short esfarrapado, arranja uma vara de pescar qualquer para servir de barra e faz... *o que ele faz*. É como se eu sáisse para correr uma milha em 4min20. Não sei explicar de outro modo. Eles sempre fazem isso. Todo mundo gosta de assistir, principalmente quando os saltadores de grandes alturas vêm. Eles inventam essas situações fantásticas, dão a si mesmos nomes estrangeiros glamorosos, fingem que é alguma grande revanche nos jogos olímpicos ou coisa assim...

— Mas Ron Don *Giordante*?

— Um dos corredores de oitocentos metros, Benny Vaughn, foi quem começou com isso. Todos na equipe têm alguma versão estrangeira do próprio nome. É uma espécie de fantasia que todos adoram.

— Você tem um?

— Claro. Sou Quintus Cassadamius, o famoso corredor de milha grego. Também sou famoso numa imaginária turnê de boliche, mas essa é outra história.

— E Jerry, ele também tem um nome engraçado?

— Com certeza. Mizerelli, outro famoso atleta italiano. Acho que fui eu que inventei esse.

— E Bruce Denton?

— Isso, querida, mostra como você está por fora. Bruce Denton é Bruce Denton, o famoso destruidor de cronômetros norte-americano.

* O *western roll* é uma técnica do salto em altura na qual o saltador, reproduzindo um movimento de tesoura, projeta inicialmente uma das pernas, que lidera o movimento, ficando a perna de apoio para o final, a última parte do corpo a vencer a barra, depois do tronco. (*N. do R.T.*)

** A técnica *flop* ou o estilo *fosbury flop* é mais moderna que o *western roll*. Ao empregá-la o saltador ultrapassa a barra de costas, projetando primeiramente os ombros, com o rosto voltado para o céu. Na sequência, o restante do corpo transpõe a barra, com as duas pernas ao mesmo tempo. (*N. do R.T.*)

Os tremores acordaram Andrea.

Ela piscou, assustada com o ambiente estranho à sua volta. Os tremores continuaram, num ritmo regular, distante, mas ao mesmo tempo profundo e forte, sacudindo a cama toda. Ela examinou ao redor, na fraca luz amarelada do amanhecer, sobressaltada mas ainda entorpecida, tentando entender onde estava e se corria perigo. Sua mão caiu sobre algo quente. Era Quenton Cassidy; ela estava no quarto dele.

Mas o que estava acontecendo? Havia terremotos ali, no norte da Flórida? Ficou completamente imóvel, assustada, tentando fazer a mente sonolenta funcionar.

Então ela compreendeu e ficou realmente assustada.

— Quenton! — Ela o sacudiu suavemente, mas com urgência. Ele não se mexeu. — Quenton!

— Humm?

— Tem alguma coisa errada. Acorde, querido, por favor. Quenton, as batidas de seu coração estão sacudindo a cama...

Um olho verde-azulado abriu-se lentamente e a observou com atenção. Aquele era o dia em que podia acordar tarde. A equipe iria até Jacksonville para pegar um avião; a corrida matinal seria apenas simbólica.

— Shhh — murmurou ele suavemente. — Dorme de novo, vai.

Ela dormiu. Os pequenos tremores continuaram, de forma ritmada; exatamente trinta e duas batidas constantes por minuto.

Elas de fato sacudiam a cama.

Agora que tinha entrado em contato com alguns dos questionáveis efeitos colaterais daquele estilo de vida, Andrea não estava gostando nem um pouco. Por um motivo muito simples: estava longe de achar maravilhosa a ideia de passar a noite de sábado em casa, com ou sem o seriado *Mary Tyler Moore*.

A equipe tinha partido ao meio-dia e ficaria fora durante alguns dias. O evento da United States Track Field Federation — USTFF — era na segunda-feira, na Penn State University, e o campeonato da Amateur Athletic Union — AAU — seria no sábado seguinte, em Chicago. Ela ficou se correndo em seu quarto, andando nervosa de um lado para o outro.

Algumas de suas amigas da faculdade que não tinham namorado apareceram por lá, cheias de boa vontade, nem um pouco tristes com sua condição, e tentaram convencê-la a ir comer uma pizza e dar uma volta. Andrea resistia da maneira menos antipática possível.

Na verdade ela estava muito infeliz, mas o que realmente a incomodava era não saber exatamente o motivo. Pegou uma tesoura e começou a retalhar alguns jeans velhos, mas se cansou depois de cortar uma das pernas — fez uma pilha com tudo e jogou num canto. Aquilo não combinava com ela, de jeito nenhum. Se ia ser daquela forma, ela não queria participar.

Examinou seu quarto, olhando contrariada para os objetos bonitinhos em tons pastel que

sempre tinha adorado. Agora, parando para pensar, o Snoopy gigante de pelúcia parecia bastante idiota. Teve vontade de dar um chute bem no seu focinho sorridente. Por que não tinha saído com as garotas? Sabia o motivo. Teria sido ainda pior.

Finalmente, ela desceu para o saguão, até a máquina de refrigerantes, voltou com uma lata, sentou-se à escrivaninha branca e organizada e pegou um bloco de papel novo. Nunca tinha gostado daqueles produtos de papelaria feitos para meninas; talvez porque escrevesse cartas filosóficas, cheias de divagações, em vez das cartas brilhantes, rápidas e informais, e era constrangedor ter de enfiar vinte ou trinta folhas dentro de um pequeno envelope.

Na sua caligrafia floreada, quase ilegível, escreveu:

Querida Alicia:

Como vão as coisas aí na velha e animada Randolph-Macon University? Se receber esta carta no meio da semana e não quiser ser lembrada de que os rapazes mais próximos estão a cinquenta e cinco quilômetros de distância, sinto muito.

Mas não se sinta tão mal porque por aqui, sábado à noite, a pequena Andrea está sentada em seu quarto na universidade eleita pela Playboy do ano passado a número 1 do país em matéria de festas, bebendo um refrigerante, ouvindo ao longe uma porção de bandas tocando ao vivo e se sentindo (desculpe a expressão) uma merda.

E você gostaria de saber onde está o herói do atletismo? Tudo bem, vou dizer assim mesmo, porque você provavelmente já entendeu que com esta carta vai começar a hora do desabafo. Bem, a essa hora ele deve estar na cantina da Penn State, provavelmente tentando seduzir alguma garota do norte com sua ridícula imitação de sotaque sulista. Quem conhece alguém com uma fala arrastada de West Palm Beach? A dele é assim, mas só demonstra de vez em quando. Diz que pegou o sotaque durante as férias de verão que costumava passar na casa dos avós na Carolina do Norte. Ah, ele me disse que não tem muita galinragem nessas viagens, e por que eu teria motivos para duvidar de qualquer coisa dita assim com tamanha sinceridade?

Também me contou que odiava cross-country, que é o inferno na Terra, mas NUNCA VI um viajante tão feliz ao fazer as malas para uma temporada fora. Cantando, assobiando, tentando decidir quais daqueles tênis engraçados cheios de travas ia levar (tem uns cinquenta pares, e todos eles têm suas histórias). Ah, sim, ele estava mesmo muito triste por partir.

Leece, o que há de errado comigo? Nunca agi assim antes, não é? Queria que você estivesse aqui agora. Por que tivemos essa ideia de ir para universidades diferentes?

Quando ele está comigo, não tenho a impressão de estar particularmente feliz. Parece apenas normal. Mas quando ele tem de viajar para algum lugar, é como se eu parasse de fazer qualquer outra coisa, exceto existir, até ele voltar. E nós nem nos vemos tanto assim durante a semana. Ambos estamos fazendo uma porção de matérias neste semestre e concordamos há pouco tempo que seria ridículo se fôssemos reprovados em alguma delas. Então, geralmente estudamos cada um no próprio canto. Mas tem algo que me conforta em saber que ele não está longe.

Ele diz que vai ficar pior quando chegar a temporada indoor. Se estiver correndo bem, pode ser que viaje todos os fins de semana. E no momento ele está.

Não entendo. Não que ele seja lindo. Às vezes, parece tão magro que dá a impressão de

estar doente ou algo assim. E se digo alguma coisa, ele vem com aqueles comentários metidos, como: “É o lobo magro que lidera a matilha, meu amor.” Francamente, às vezes ele é tão condescendente que dá vontade de bater nele. Mas aí olho nos olhos dele, e, Leece, ele está sempre tão cansado, com uma aparência tão frágil, que me dá pena. Às vezes, ele me pega olhando para ele e diz: “Que foi?” E respondo: “Nada, estava só pensando.”

Ele diz que é “louco” por mim, e acho que é sincero. Mas se algum dia o caminho se bifurcar com uma placa que indique “correr” e outra que aponte “Andrea”, adivinhe o que vai ficar em segundo plano? Você se lembra de eu já ter aguentado alguém assim?

Gostaria de poder arrastá-lo para casa no Dia de Ação de Graças para você conhecê-lo, mas, como sempre, ele estará viajando. Dá para imaginá-lo com o papai? E se os dois declararem guerra ou coisa assim? Mas acho que eles poderiam conversar sobre pesca — Quenton sabe tudo sobre o assunto, dos tempos em que mergulhava em West Palm.

Leece, estou parecendo uma garotinha apaixonada idiota? Logo eu, a Donzela Gélida da Coral Gables High? Cara...

Uma coisa que vou dizer sobre ele: nem piscou quando eu disse que ia fazer medicina. A maioria dos caras para quem já disse isso abriu aquele sorrisinho de leve. Estavam à beira de falar algo como: ah!, você é bonita demais para blá-blá-blá, e nessas horas, se tivesse uma arma, eu atiraria para matar.

Tenho de admitir que Quenton aceitou isso com naturalidade. Mas acho que delírios de grandeza não costumam espantar alguém cuja verdadeira meta na vida é bater um recorde mundial (ele me disse para JAMAIS, JAMAIS contar isso a ninguém, mas contar para a irmã gêmea não é realmente contar a outra pessoa, certo?).

Não sei, talvez eu esteja maluca também. Apenas não sei direito o que fazer a respeito. Imagine o que você faria se seu namorado ficasse rodando pela pista de dança de uma discoteca com uma nota de cinco dólares na mão, dizendo que queria dar uma gorjeta para a banda, mas não conseguia encontrá-la?

Leece, fiquei paralisada. Eu era a única, mas não conseguia falar, de tanto que eu ria. E ele não está nem aí para o jeito como os outros olham, nem um pouquinho. O que esse cara tem?

Estou apaixonada, Leece? Para valer dessa vez, de verdade?

Beijos, Andy

Não havia nada para fazer naquela tarde de quinta-feira. Com a data de um evento esportivo universitário cada vez mais próxima, os calouros e o pessoal do segundo ano se viam obrigados a correr, sem grande esforço, oito quilômetros. Cassidy e Mizner optaram pelo percurso de dezesseis quilômetros, com poucas outras pessoas. O ritmo seria puxado, aproximadamente cinquenta e oito minutos, de modo que o bate-papo estava restrito aos primeiros cinco ou seis quilômetros. O grupo enveredou por um circuito que chamavam de Estrada do Tabaco, porque o caminho não asfaltado passava por uma região da cidade com muito mato, repleta de barracões, vira-latas e crianças descalças; dizia-se que o trajeto tinha sido batizado por Marty Liquori quando ele participou dos jogos da Southeastern. Era como correr quarenta anos de volta no tempo. Mas os corredores acenavam para a população local, e esta acenava para eles de volta. Havia uma atmosfera de amizade nascida da familiaridade, e, ainda que nesse momento os dois mundos inteiramente diferentes ofuscassem um ao outro, por algum processo de osmose emocional cada um tinha terminado por respeitar os esforços do outro. Havia ali o aroma agradável da comida caseira sendo preparada — verduras, frituras e coisas assim.

Alguém queria saber o que deveriam fazer a respeito de Nubbins.

— O que tem ele? — perguntou Cassidy. — Pensei que tivesse se tornado um dos pilares da comunidade.

Falavam em rápidos arquezos, ao expirarem.

— Vinho velho, garrafa nova — disse Hosford, um tipo pálido, metido a literato.

— Sabe da última? — perguntou Mizner. — Ah, essa é muito boa! Terça passada à noite, depois de ganhar aquela competição de calouros contra o Auburn, ele estava completamente convencido e saiu com aquela pinta de Clint Eastwood no filme *O Estranho sem Nome*. Enfeitou-se todo com a porcaria daquela camisa de Roy Rogers e aquelas botas de chutar bosta de vaca...

— Até aí não vejo nada de errado...

— Espere, ainda não acabei. — Mizner começava a rir ansiosamente, só de lembrar. — E estava com o cobertor que roubou do avião quando foi a Atlanta. Não estou brincando, é a pura verdade. Fez um buraco no tal cobertor da Eastern Airlines, transformando-o num poncho, sabe, e então foi ao teatro com aquela namorada dele com cérebro de passarinho, aquela Betty Sue...

— Ah, para... — Cassidy não era avesso a certos tipos de loucura intempestiva.

— Bem, resumindo — Hosford interrompeu —, ele estava bancando o idiota mais que de costume. Havia uma multidão no saguão do teatro esperando a plateia da primeira apresentação sair. Nubbins ficou exibindo sua pinta de Clint Eastwood por ali, o que é muito ridículo, considerando que o merdinha só tem um metro e setenta. Enfim, alguém ficou nervoso e deu uma risadinha de puro constrangimento. Então Nubbins começou a falar ainda mais alto e espalhafatosamente, pensando que estivesse *divertindo* o pessoal. Quer dizer, eu estava *lá*. Tive vontade de me *esconder*, cara...

— Acho que entendi — disse Cassidy. — Vamos apertar um pouco o passo.

As duchas do vestiário eram um lugar ótimo para pensamentos profundos e conspiratórios. Cassidy deixou-se cair na exaustão, perdido no jato de água quente, o seu manto preferido. Mizner, mais jovial, cantava uma ária gorgolejante no chuveiro ao lado.

— Você continua metido naquele negócio do Tribunal de Honra da universidade? — perguntou Cassidy, debaixo do chuveiro. Seu joelho esquerdo o atormentava.

— Continuo. Copista do Tribunal. Isso quer dizer que tenho de operar o gravador e desempenhar outras tarefas árduas. De qualquer modo, fica bem no currículo.

— Mas você tem acesso, fisicamente falando, à sala do Tribunal, certo? Quer dizer, você pode entrar quando quiser, pegar um papel timbrado, essas coisas?

— Claro, o trabalho é esse. Qual é o lance?

— Ah!, só uma piada clássica — disse —, só um clássico de todos os tempos...

O Tribunal de Honra da Southeastern seguiu a boa e velha tradição norte-americana de superar a derrota, em primeiro lugar, decretando um desastre absoluto uma vitória triunfal, e, em segundo lugar, exibindo um sorriso satisfeito diante da mais incontestável prova em contrário.

Cassidy imaginava que essa excêntrica obstinação ajudava a explicar muitos dos equívocos nacionais, como o colégio eleitoral, a Oitava Emenda e a trapalhada em curso na Indochina. Sua teoria era que tudo decorria da impiedosa e autodestrutiva recusa das classes dominantes em admitir que alguém importante tivesse feito uma enorme cagada. Mas fiquem tranquilos, Cassidy diria, pois, se as coisas realmente desandarem — o colapso *era* uma possibilidade, afinal de contas a ogiva *podia* ser armada acidentalmente —, algum burocrata/copista em qualquer lugar irá com certeza pagar o pato.

Se um conceito como esse era capaz de sustentar uma guerra idiota na Indochina ou uma política de energia nuclear excêntrica, certamente poderia sustentar um código de conduta estudantil numa universidade no interior do sul. O código de honra da Southeastern University, resumidamente, inspirava mais gargalhadas que respeito no corpo discente.

O programa baseava-se na suposição de que as Pessoas Honestas eram as melhores sentinelas para nos proteger do Mal e, de modo geral, preservar o Sistema, cuja moralidade era amplamente definida pela nossa Ética Cristã, pelo nosso senso Americano de Justiça e pela nossa sincera convicção de que Os Trapaceiros Estão Apenas Prejudicando a Si Mesmos. Afinal, quem sabe quando, daqui a uns cinco anos ou mais, em algum coquetel importante, seu chefe da J. Williston Beckman Widget Company poderá cismar de querer saber as dimensões do Partenon? E como você ficaria?

O modo como funcionava era o seguinte: quando alguém fosse visto colando, o correto seria denunciar essa pessoa ou pedir a ela que se entregasse. A isso se seguiria uma espécie de julgamento de mentirinha no Tribunal de Honra Estudantil, no qual os estudantes de direito aperfeiçoavam suas habilidades incipientes.

Tudo era motivo de diversão, é claro. Diversão para todos, com exceção dos infelizes “réus”, que na verdade se arrastavam diante daquele tribunal fajuto, com os ombros curvados e aparentando estar sob um terrível castigo. De modo geral, o reitor, exercitando sua sensata discrição, condenaria o malfeitor a algo como “quinze créditos inventados”, engrossando assim a

lista de disciplinas como GEO 101 (Geologia para Louras), MUS 101 (Mozart no Espeto) e outras bobagens. O réu poderia então se formar no prazo previsto e começar a trabalhar no departamento de vendas do Wal-Mart da região, com a sensação de não só ter quitado sua dívida para com a sociedade, mas também de ser capaz de identificar imediatamente um fragmento de feldspato ou de cantarolar algumas notas de *Le Pathétique*.

Mas, assim como um avião incapaz de voar é, por definição, um fracasso (não importa quão confortáveis sejam os assentos ou quão aerodinâmico seja o design da cauda), o Código de Honra da Southeastern era um fiasco pelo simples motivo de que inspirava um número maior de crimes do que era capaz de prevenir.

A distância ampla e difusa que separava ideal e realidade nunca ficou tão evidente quanto no dia em que Cassidy viu um aluno revoltado, com as mãos na cintura, ao lado de uma “Barraquinha de Frutas de Honra”, uma tentativa frustrada de fanáticos da administração estudantil de vender maçãs, bananas e laranjas em caixas adequadas, espalhadas pelo campus, que continham, presos a elas, recipientes para os alunos que desejassem depositar suas moedas.

O rapaz que Cassidy viu naquele dia estava deprimido, contemplando a caixa de frutas vazia (o programa logo havia sido abandonado por falta de... ah... fluxo de caixa); ele deu meia-volta e praguejou para ninguém em especial: “Droga! Acabaram as frutas de graça!”

Cassidy ficou perplexo diante daquele sistema de honra e geralmente se ressentia do tipo de educação que estava recebendo, especialmente nos dois primeiros anos na Southeastern, uma universidade tão grande que insistia em dar notas às provas de ciências humanas por computador.

Em sua opinião, um teste mecânico por si só não seria tão ruim, mas às exigências da lógica binária se somava uma faculdade totalmente desprovida de imaginação, o que fazia com que as questões nas provas beirassem o ridículo. Ele nunca conseguiu esquecer uma dessas questões. O segundo trimestre de humanas tratava dos primeiros filósofos gregos, das bases da religião, de arquitetura e arte (ninguém poderia acusar o departamento de falta de ambição). Um dos mais antigos responsáveis pela elaboração das questões, um professor adjunto que criava um ferret* e que tocava acordeão bem, numa malpensada tentativa de misturar silogisticamente seus vários interesses propôs esta charada: *Platão estava para Jesus Cristo como o Partenon estava para: (a) a Via Ápia; (b) a Basílica de São Pedro; (c) os Aqüedutos; (d) nenhuma das respostas anteriores.*

Cassidy não estava nem aí para acertar esses desafios: abandonava provas pela metade, furioso, e planejava vinganças terríveis. Não se cansava de questionar instrutores sobre a insanidade que esse sistema representava, e eles geralmente se mostravam tímidos ao tentarem defender tão insípida cretinice acadêmica.

Certa vez ele frequentou um curso dado por nada mais, nada menos que o chefe do departamento. Depois da prova do meio do ano, irritado, Cassidy mostrou a página de *Madame Bovary* que provava que sua resposta a uma questão bastante obscura estava tão correta quanto a defendida pelo departamento (e, mais importante ainda, pelo computador). O chefe do departamento, um homem já idoso, malsucedido, grisalho e um tanto confuso, ergueu os olhos de suas caóticas anotações e, sem sequer ter a cortesia de demonstrar qualquer humor, disse, mal abrindo os finos lábios brancos:

— Ninguém prometeu que haveria justiça para todos.

Cassidy pensou: “Esse velho idiota talvez tenha perdido a habilidade ou a vontade de ensinar,

mas ele ainda é capaz de transmitir algum conhecimento útil. Indiretamente, sempre *indiretamente*.”

Já era tarde da noite e um inconfundível clima de conspiração pairava no ar do quarto de Cassidy enquanto ele explicava o plano para Mizner e Hosford. Suas tarefas seriam, por ora, relativamente simples: outros conspiradores deveriam ser recrutados e alguns boatos, disseminados casualmente no refeitório.

Mas, depois que as linhas gerais foram apresentadas por completo, apesar dos esforços desesperados de Cassidy para manter alguma discrição, pelo barulho em seu quarto parecia que um monte de chihuahuas tinha caído de paraquedas num chiqueiro.

Em nenhuma outra parte do campus o código de honra era defendido com mais empenho que em Farley Hall, o principal dormitório dos atletas. Lá, sobretudo os jogadores de futebol americano professavam por ele nada menos que um Amor Eterno, espiritual e duradouro. Usando o vocabulário das corridas de cavalo, discutiam detalhadamente as oportunidades que lhes eram apresentadas por tamanha caixa de surpresas de princípios éticos de conveniência. Estavam trapaceando descaradamente, é claro, e faziam isso com a satisfação típica de qualquer grupo brincalhão e animado de imprestáveis que, para sua grande alegria, descobre que alguém saiu para dar uma volta e deixou a bebida sem ninguém para vigiar.

O termo usado por eles era “montar”, ou seja, quando alguém fosse colar da prova de outra pessoa, estaria “montando-a” durante a prova. A técnica não era difícil de dominar nas salas lotadas nas quais as provas eram aplicadas. Bastava o sujeito, bocejando loucamente devido à tensão provocada pelo *esforço mental*, virar seu corpo para um lado ou para outro (só para dar uma espreguiçada, claro) e voltar a olhar para a sua própria folha de respostas com uma sequência impregnada do mais puro conhecimento: 3, 2, 2, 2, 1, 4, 2, 4, 1. Ou seria 2, 4, 2?

O fato de as respostas estarem certas ou erradas dependia exclusivamente da habilidade do montador em selecionar a sua “montaria”. Às vezes, a escolha já estava predeterminada. Mas geralmente o processo de seleção era feito às pressas. Nervoso, um jogador do time de futebol americano examinaria cuidadosamente os outros alunos enquanto eles caminhavam para a sala de provas.

— Uma garota feia e gorda é o cavalo ideal para mim — insistia Harold Sloate, um maníaco com olhos de porco que acabou por integrar o esquadrão suicida do time Atlanta Falcon. — Tem gente que prefere uns caras magrinhos que enfiam réguas nos cintos, mas me deem uma garota feia e eu posso vencer o Kentucky Derby. Se tiver espinhas, melhor ainda...

O processo todo havia se tornado, de certa forma, uma instituição culturalmente enraizada, que era contemplada pelo departamento de atletismo com uma espécie de admiração perplexa (como os rapazes podiam ter chegado, sozinhos, a inventar essa maneira fantástica de dispensar tutores caros?). Chegou a um ponto de total comicidade quando alguns dos participantes mais criativos apareceram no refeitório de Farley nas noites de prova calçando botas de caubói e esporas prateadas, esperando pela comida na fila enquanto gritavam: “*Iiiiiipiii! Okaaaayyy! Vamu montá esta noite!*”

O velho Sloate, com seus olhos de porco, superou todos eles certa noite, ao levar uma sela de vinte quilos, estilo Velho Oeste, toda feita à mão com detalhes em prata importada, completa, com os acessórios e rédeas. Arrastando-a encaixada num cabideiro, ele arrancou da cabeça o chapéu Stetson e exclamou para a multidão em silenciosa expectativa entre uma garfada e outra:

— Abram alas, seus vermes! Vai haver uma final EN 201 esta noite, e o Expresso do Pônei vai arrasar!

Ele recebeu uma bela salva de palmas, mas no dia seguinte Dick Doobey chamou o monitor-chefe do alojamento e lhe disse claramente que, apesar de achar aquela história de... ah... cavalgada de certa maneira um tanto cômica, estava na hora de acabar com aquela palhaçada de caubóis. Os rumores estavam se espalhando, e alguns dos alunos da faculdade com, digamos, menos inclinação para atividades esportivas começavam a mencionar medidas que, se ganhassem apoio, poderiam acabar matando a proverbial galinha dos ovos de ouro. Resumindo: estava na hora de parar de cuspir no prato em que comiam.

Foi assim que a frenética e inexplicável predileção por roupas de caubói em Kernsville morreu tão rápido quanto havia surgido, deixando os lojistas entulhados de estoque, mais uma vez desorientados pelas imprevisíveis reviravoltas da moda universitária. No entanto, a enraizada tradição dos atletas da universidade de “montarem” escola afora permaneceu parte importante da subcultura local.

Que Jack Nubbins não estivesse passando nas provas por seus próprios méritos, era algo que não estava em questão. Na realidade ele revelava suas indiscrições numa voz trovejante à mesa do refeitório, fazendo imitações dos jogadores de futebol americano, os quais admirava enormemente.

— Meeeerda. Pensei que o cara fosse o maior crânio, mas quando chegaram as notas... fiquei foi com um C muito do vagabundo! O otário devia ser só um pangaré velho, mas juro que o cara tinha uns desses óculos de aro fininho e até carregava a própria pasta!

A técnica de montar, apesar de toda a fanfarrice, apresentava um índice de sucesso insignificante. Os atletas, lançando mão de sua capacidade de dedução limitada, concluíam que os melhores alunos eram os que *pareciam* ser bons alunos. Jamais lhes ocorreu que um sujeito atlético e musculoso pudesse tirar um A. Nem se davam conta de que uma jovem feiosa pudesse acertar apenas uma ou duas questões, mesmo que dispusesse de todo o tempo livre para se dedicar aos estudos. E assim os montadores ficavam quase sempre espantados pelo fato de suas práticas infames lhes renderem apenas muitos Cs, um ou outro B, uns poucos e desavisados As e — ah!, que choque terrível — até mesmo alguns Ds e Es (imaginem a triste ironia de descobrir que ao próprio fracasso haviam sobreposto o de outra pessoa!). Incurrer num fiasco dessa proporção significava não apenas que se havia deixado escapar uma oportunidade de melhorar — com a ajuda de alguns chutes — a própria pontuação, mas também que se era incapaz até mesmo de — segurem seus chapéus, rapazes! — *colar direito*, pelo amor de Deus!

E, como se isso não bastasse, imagine a possibilidade de que alguém pudesse ser tão azarado a ponto de se sentar na frente de algum mal-humorado, que ficaria ofendido com os olhos arregalados do vizinho e acabaria levantando o traseiro macio para falar com o fiscal de prova, e

isso resultaria em só Deus sabe que espécie de cagada. Corria o rumor de que o chamado Tribunal de Honra tinha poder até de suspender os alunos que ficavam xeretando.

Foi com nervosismo considerável que Jack Nubbins abriu o envelope cujo endereço de remetente não deixava dúvidas de que vinha diretamente do Escritório da Promotoria do Tribunal de Honra da Southeastern University. O cabeçalho ostentava não apenas a tradicional figura feminina que representa a Justiça, com os olhos vendados e segurando sua delicada balança, como também, e de modo um tanto incongruente, a caricatura sorridente do cachorro que era o mascote da faculdade e que parecia estar cheirando a balança da Justiça, como se farejasse sua ração preferida.

O impacto cômico do cabeçalho pode ter passado despercebido a Nubbins, mas seu conteúdo não:

Sr. Jack Nubbins

Quarto 207, Hiram Doobey Memorial Hall

Kernsville, Flórida, 32.601

Caro Sr. Nubbins:

Esse escritório fez uma investigação com base em informações recebidas e que envolvem o senhor e outro aluno durante um recente exame preliminar de Progresso de Ciência Física, realizada no Salão Humbolt, no dia 2 de setembro.

A comparação entre sua prova e a do aluno em questão (que agora acreditamos ser inocente) resultou num Índice de Correlação de Respostas Erradas (ICRE) de 98%. Como o senhor talvez saiba, cabe a esse escritório a decisão de aceitar ou não um caso, de acordo com o número de respostas erradas em comum entre dois suspeitos. Em termos gerais, um ICRE de 60% é considerado suficiente para o indiciamento.

A denúncia contra o senhor, portanto, está marcada para a noite de 12 de outubro, às 19h30, na sala do Tribunal de Honra, na Associação Estudantil Steven C. Prigman. O senhor pode ser representado por um advogado de sua escolha, ou nomearemos um estudante de direito para o senhor. Por favor, seja pontual.

Devo informá-lo, Sr. Nubbins, de que um ICRE de 98% é, pelo menos segundo meu conhecimento, um recorde na Southeastern University.

*Atenciosamente,
A. William Duva,
Procurador-geral,
Tribunal de Honra*

Este último parágrafo — sem propósito — foi tema de extenso debate, e ainda que Cassidy tivesse, ele mesmo, suas restrições, decidiu incluí-lo, pois concluiu que, ao terminar de ler a carta, Nubbins estaria mais ou menos reduzido a uma massa disforme e trêmula de paranoia

caipira e, portanto, seria quase impossível que ele captasse uma pista tão sutil.

E foi isso o que aconteceu. Nubbins recebeu a carta numa sexta-feira pela manhã. Cassidy, que estava correndo numa competição universitária em Knoxville, voltou domingo à noite e encontrou nada menos que três bilhetes pregados na porta de seu quarto, todos de Nubbins. Deliciado, pôs suas sacolas no chão e os leu no corredor mesmo, na ordem em que acreditava tivessem sido colocados:

Caro Capitão Cassidy:

Precisamos ter uma reunião assim que você voltar do Tennessee. Venha por favor ao meu quarto, que é o número 207.

— *Jack N.*

Cap.

Visto que é ecencial [sic] que eu fale logo com você, pensei que seria bom dizer que você pode aparecer mesmo que seja tarde (quando você voltar).

— *Jack*

Senhor:

Aqui é você sabe quem. Decidi sair um pouco de circulação durante algum tempo, então, se ligar para 392-1458 e perguntar por Betty Sue Applewhite, ela vai saber onde estou, porque ainda é ecencial [sic] que eu fale com você logo. Disse a ela como é a sua voz para que não dê nenhuma zebra.

— *Você Sabe Quem*

No último bilhete havia um pós-escrito: *P.S.: Espero que você seja tão bom de conversa quanto dizem por aí.*

— Quem é?

— Cassidy.

— Quem?

— Cassidy.

Silêncio. Cassidy soltou um suspiro e revirou os olhos.

— *“We all live in a yellow submarine”* — cantarolou a música dos Beatles pela porta entreaberta.

A porta abriu mais um pouquinho e ele foi inspecionado por um par de pequenos olhos assustados.

— Ande logo, Betty Sue — disse Cassidy, passando depressa por ela.

Nubbins estava sentado na cama dela com uma expressão preocupada e resignada. Cassidy pensou: “Essa foi ótima, Jack. Ninguém jamais teria a ideia de procurá-lo no quarto de sua namorada.”

— Parece que dessa vez pisei mesmo na bola, Capitão — disse Nubbins, pesaroso.

Cassidy se sentou na cama ao lado de Nubbins e deu-lhe um tapinha no joelho do tipo “Agora me conte que história é essa”. Betty desligou *The Dating Game* na tevê e se acomodou na ponta da cama, sentando-se sobre os próprios pés.

O equipamento de Nubbins para os acampamentos do programa de treinamento para oficial da reserva estava amontoado num canto. Cassidy sabia que em algum lugar no meio daquela tralha estava a querida pistola calibre .45 furtada por Nubbins, que ele mantinha carregada. Cassidy não fazia a menor ideia de por que ele deixava as coisas todas umas por cima das outras ali. Talvez Nubbins se inspirasse em Ethan Allen e seus Green Mountain Boys, o grupo de patriotas da Independência americana. Cassidy imaginou-o em algum lugar no Parque Nacional de Ocala, ao lado de uma latrina de campo, valas para água da chuva e placas de marcação do território. À noite ele sairia pela floresta em busca de alimento, surrupiando os cachorros-quentes esquecidos pelos habitantes de Ohio em férias.

— Jack — disse Cassidy —, você precisa pôr essa cabeça no lugar, meu filho.

Ele abaixou a carta depois de simular rapidamente uma releitura. Na verdade, não precisava lê-la, já que ele mesmo a havia datilografado apenas três dias antes. Mas o nervosismo de Nubbins impedia Cassidy de realizar uma boa performance.

— O que você acha, Capitão? Os caras vão me enrabar, não vão?

Procurando desesperadamente se animar, Nubbins havia adotado agora uma expressão de fatalismo. Parecia obter algum consolo ao acatar, segundo o estilo militar, a patente nada militar de Cassidy. Aquele quarto do alojamento era seu último bastião de resistência antes que os filhos da mãe tomassem de assalto as muralhas; era sua versão pessoal da batalha do Forte Álamo. Talvez considerasse a possibilidade de compor uma canção a respeito de si mesmo.

— Bem, Jack, vou abrir o jogo com você. A situação *parece* mesmo estar preta.

Nubbins abaixou a cabeça e assentiu.

— Mas vou lhe dizer mais uma coisa — continuou Cassidy, com a voz trêmula de emoção. — Já tirei alguns filhos da mãe de encrencas muito piores que essa!

Ele gesticulou em direção à carta com o desdém de um homem que via aquelas ameaças de papel como o que de fato eram; um homem que lidava com o seu próprio tipo cristalino de realidade, lançando mão de insights obtidos nos únicos lugares onde é possível ter acesso a esse conhecimento: à custa de muitas horas à espera de ação, de dias na linha de fogo, de semanas em posições desfavoráveis. E mais: obviamente, não era de abandonar os amigos quando, como o próprio procurador-geral costumava dizer (antes de *seu* indiciamento), o bicho pegava.

— Você, é claro, já deve ter ouvido falar de meu trabalho como advogado de defesa no Tribunal de Honra — questionou Cassidy, com uma ponta de orgulho.

Nubbins de repente ficou mais animado.

— Bem, dizem que você...

Cassidy ergueu a mão; ele não era um homem que precisasse de adulações vazias.

— Mas você vai pegar meu caso? — perguntou Nubbins, os olhos arregalados.

— *Pode apostar que vou!* — Cassidy projetou o queixo para a frente.

Nubbins contemplou seu defensor com alívio e gratidão, registrou de modo viril seus olhos faiscantes e tentou pigarrear antes de falar.

— E você acha que podemos ganhar? — perguntou com a voz esganiçada.
— E você tem alguma dúvida disso?

* O pequeno mamífero ferret (*Mustela putoris furo*) é uma espécie estrangeira importada com a finalidade de servir como animal de estimação, com um "primo" similar na fauna brasileira, o furão (*Galactis vittatus brasiliensis*). (N. do E.)

Animado pela confiança de seu advogado, Nubbins cautelosamente voltou a Doobey Hall. Afinal, não tinha ouvido histórias sobre a notável competência de Cassidy no tribunal? Mesmo assim, durante as longas horas entre uma e outra de suas numerosas reuniões, a coragem de Nubbins fraquejava. Na maior parte do tempo, ele era vítima de uma aflição verdadeira e considerável.

Sua linha de pensamento era mais ou menos esta: se a situação desandasse e ele fosse suspenso da universidade, isso lhe custaria mais um ano de treino, sem poder competir, em algum outro lugar — isso se alguma universidade aceitasse um escroque acadêmico condenado. Mas sabia que, ainda que conseguisse uma transferência, perderia muito se não se formasse pela Southeastern (o treinador Cornwall arriscara o pescoço só para que ele fosse admitido em experiência).

E havia a vergonha adicional de ter de encarar os muitos integrantes da família Nubbins, todos tão orgulhosos quanto surpresos pelo fato de uma universidade tão importante não só ter admitido um integrante de seu imprestável clã, como também ter lhe dado dinheiro para que praticasse uma atividade que muitos deles tinham involuntariamente cultivado, ao se esquivarem de vários vigias florestais, guardas da Marinha e delegados; ou seja, fugindo a pé. Que esse brilhante descendente fosse despachado de volta devido a alguma indiscrição acadêmica seria, é claro, aceito com certo grau de compreensão e fatalismo (afinal de contas, tinha sido *bom demais* para ser verdade), mas, por outro lado, permaneceria a suspeita de que de algum modo aquele cabeça-oca teria desperdiçado sua grande chance de tornar-se presidente.

A consternação do jovem corredor era tão grande, que Cassidy chegou a pensar em suspender o plano. Uma coisa era ser autor de um clássico de todos os tempos no gênero, mas assistir todas as manhãs àquele vagabundo magrelo calado e com os olhos esbugalhados em frente a seus ovos mexidos era um pouco demais; Cassidy não precisava daquilo para que as pessoas o achassem divertido. O garoto mordera a isca, e vivia sozinho aquela terrível fantasia, enquanto os outros assistiam com preocupação crescente. Todos eles só queriam conduzir o roteiro à sua conclusão dramática, dar umas boas risadas e então deixar o coitado cair em si (rezando para que estivesse desarmado na Hora da Verdade). Mas, como eles mesmos tinham marcado o dia do julgamento, estavam presos àquela data. Aparentando autoconfiança, Cassidy disse a Nubbins que tinha preenchido um requerimento para apressar o desenlace do caso e que na noite marcada eles iriam “pôr uma pedra naquele assunto, de uma vez por todas”.

Durante mais dois dias Nubbins transpirou de medo por seu futuro. Quanto mais fora de si ele ficava, mais inseguros os conspiradores se tornavam. Mizner considerou a desagradável hipótese de Jack ficar tão deprimido a ponto de decidir sentir na boca o gosto de sua pistola calibre .45. Quem iria querer viver com um remorso daqueles?

Cassidy não tinha a menor dúvida de quem seria culpado se isso ocorresse. Mas ele conhecia bem Nubbins. Imaginava que qualquer pessoa capaz de ficar de cócoras com o rabo dentro da água congelante por três horas antes do amanhecer só pela oportunidade de estourar as penas de um pato indefeso pudesse muito bem aguentar um encontro com a Sra. Justiça sem bater pino. Cassidy fez o possível para manter todos calmos.

Mas, finalmente, até mesmo Hosford, o mais vingativo dos manipuladores, começou a entrar em pânico.

— Putz, você não acha que talvez a gente devesse contar para ele? Ele está a ponto de surtar.

— Acho que ele vai ficar bem — disse Cassidy, tentando decorar suas falas. — Só precisa aguentar até amanhã à noite.

— É, mas me deixe contar uma coisa. Ele veio me procurar hoje de manhã e começou a falar de um jeito realmente esquisito. Daquela maneira dele, todo arrogante, você sabe como ele é, ficou falando como você é um advogado maravilhoso e como ele o tinha visto em ação pessoalmente, salvando gente que estava em encrencas muito piores que a dele... — E olhou para Cassidy. — Você nunca pegou nenhum caso de verdade, pegou?

— Nunca estive em um tribunal — disse Cassidy despreocupadamente, enquanto estudava o roteiro.

— De qualquer jeito, ele me contou que você tinha influência junto ao presidente do tribunal, e que você e esse tal de Duva, o promotor, sempre bebem juntos...

— O que é uma invenção, é claro.

— Uma invenção?

— De minha imaginação exaltada.

— É, bem, ele está fazendo tudo, mas se angustiando. Você acha mesmo que ele vai ficar bem?

— Acho que ele dará um excelente réu. Porém, tenho sérias dúvidas...

— Dúvidas?

— Sobre se o advogado vai dar conta do recado.

Estavam todos lá. Mizner vestindo seu blazer oficial, com o brasão do tribunal gravado no bolso; Cassidy usando um paletó de lapelas largas, típico dos advogados; o presidente do tribunal com sua toga preta e os óculos de aros de metal, de aparência severa; o promotor, num paletó esporte vistosamente detestável, e Betty Sue não sei de quê que Nubbins tinha timidamente solicitado que fosse admitida no julgamento. E então havia o próprio Nubbins. Cassidy tinha pedido que ele se vestisse de modo discreto, usando o bom-senso. O sujeito vestiu uma camisa branca básica, uma gravata preta de tricô e um paletó de camurça com franjas penduradas nas mangas, de seu guarda-roupa de caubói. O resultado era um estilo country/formal: Daniel Boone discursando numa sessão do Congresso. Os vários participantes tinham sido cuidadosamente selecionados por Cassidy e Mizner. Havia na sala também algumas pessoas que simplesmente tinham ouvido falar da farsa — apesar do juramento solene de segredo — e imploraram para assistir. De modo geral, o tribunal, que nunca era usado para julgamentos reais à noite, estava ocupado pela metade.

O presidente do tribunal era uma contradição em termos: um estudante de direito com senso de humor. Ele generosamente ofereceu sua digníssima presença em troca de uma foto de 20cm x 25cm, que Cassidy providenciaria, mostrando o réu com os vários funcionários do tribunal. Para tanto, um amigo de Mizner foi apresentado a Nubbins como o “fotógrafo do tribunal”, que registraria “momentos importantes do julgamento”. Nubbins assentiu, com um movimento dócil

de submissão de um completo fracassado ao deixar que tirassem suas impressões digitais.

Havia sido difícil escolher o promotor. Surpreendentemente, vários indivíduos com inclinações sádicas se ofereceram para o posto. Desse fato resultou uma série hilariante de testes, durante os quais Cassidy se descobriu desempenhando o papel de um diretor arrogante:

— Olhe, querido, quero ver você transmitindo alguma *hostilidade*, pelo amor de Deus. Esse cara é um trapaceiro ordinário, e você é um babaca todo certinho, então vamos pôr um pouco de emoção nisso, querido; e-mo-ção. Muito bem, vamos continuar a partir daquele ponto... se essa infâmia passar incólume, as próprias bases de nossa autodeterminação etc. etc. etc...

A certa altura todo mundo acabou participando. Os reprovados para o papel de promotor acabaram desempenhando as funções de oficial de justiça e de estenógrafo. Com um estranho profissionalismo, todos se vestiram adequadamente para seus papéis. Parecia aquele programa de tevê sobre divórcio, só que sem os comerciais.

Cassidy achou que a sala compunha um cenário perfeito. Como todas as salas de tribunais realmente eficientes (assim como as câmaras legislativas e os edifícios religiosos), tinha sido projetada para impressionar o humilde requerente com a ideia de que havia ali um *poder*, uma força feroz, rápida e terrível em sua punição, uma superioridade que — se ele simplesmente ousasse peidar sem pedir permissão — seria capaz de esmagá-lo como a um verme, verme que, no fundo, ele sabia que era.

Cassidy não entendia como o mogno polido era capaz de exercer um efeito tão debilitante sobre o espírito individual, mas não havia a menor dúvida de que produzia esse efeito, pois ali ao seu lado estava agora sentado aquele trêmulo palhaço enfeitado com franjinhas de couro, suando feito um desgraçado e parecendo estar pronto para pular e se agarrar no lustre se alguém dissesse apenas “bu”. Na realidade, quando o martelo do presidente do tribunal desceu na mesa com um *bangue*, Nubbins pulou como uma torrada que tivesse passado do ponto. Cassidy tratou de tranquilizá-lo com um gesto impregnado de sua experiência como advogado.

— Muito bem, próximo assunto. Qual é o caso? — disse o presidente do tribunal.

— Caso número 72-3689, Excelência. Corpo discente contra Jack Nubbins. Três testemunhas. ICRE de noventa e oito por cento.

O juiz ergueu os olhos dos papéis que examinava e emitiu um assobio grave, claramente impressionado.

— Noventa e oito por cento, mas isso seria um...

— Certo, Sua Excelência. Um...

— ... um recorde, não?

— Um recorde, sim, Excelência. Nós verificamos.

Aqueles atores voluntários disseram aquilo com uma sinceridade tão pura que Cassidy encheu-se de orgulho. Ele mesmo escrevera todas as falas para aquela produção completamente Off-Broadway, e o seu pessoal o estava deixando envaidecido. Todos (exceto Cassidy) tinham seus roteiros diante de si, dentro das pastas de processo, mas ninguém parecia precisar deles.

Nesse ponto o roteiro determinava que o juiz pedisse ao promotor que se aproximasse de sua mesa. Isso deu a Cassidy a oportunidade de se debruçar na direção de Nubbins e informá-lo de que aquele não era o juiz com quem costumava lidar. Houve menção a uma doença. Teriam de ir sentindo o terreno que pisavam à medida que as coisas evoluíssem, mas ele não precisava se

preocupar porque...

— Senhor Cassidy — interrompeu o presidente do tribunal. — Acho que seria justo informá-lo de que não permitirei que leve adiante as palhaçadas que acredito sejam a sua marca registrada.

— Senhor juiz, sou apenas um simples bacharel do interior e tenho certeza de que o tribunal sabe que eu jamais...

— O senhor sabe exatamente do que estou falando. Tome cuidado!

— Sim, senhor! — Cassidy inclinou-se e sussurrou para Nubbins: — Temia que algo assim acontecesse.

À medida que a audiência prosseguia, Cassidy não olhava para nenhum de seus colegas conspiradores espalhados pela sala. Se seus olhares se cruzassem por mais que uma fração de segundo, grandes e incontroláveis convulsões teriam início em seu diafragma, e se não fossem controladas, muito rapidamente toda aquela louca fachada, com seu delicado equilíbrio, se desintegraria num ataque de riso. Para disfarçar, em alguns momentos ele cobriu a boca, simulando acessos de tosse. Na verdade, não precisaria ter se dado esse trabalho, uma vez que Nubbins, intuindo que as coisas não estavam correndo bem para o time da casa, olhava para a frente, perdido num transe melancólico. Ele agora sabia que seu advogado, por mais brilhante que fosse, não gozava da simpatia daquele juiz em particular. Mesmo ao manifestar suas objeções, Cassidy estava tendo seus pedidos negados. E Nubbins não se lembrava de já ter esbarrado num ser humano — um completo estranho, por sinal — que o execrasse de maneira tão aberta e hostil como aquele distinto promotor. Era difícil imaginar que o sujeito não tivesse algum problema mental sério, tamanho seu rancor. A sensação era a de que a qualquer momento ele pularia por cima da bancada e, com um punhal escondido, atacaria Nubbins. Mas, aparentemente, aquele antagonista cruel e inteligente não precisava daquele tipo de arma: suas objeções eram sempre levadas em consideração por todos e acatadas pelo juiz sorridente. A cada ponto que marcava, o promotor, brilhante em sua totalidade, olhava para Nubbins e para seu superestimado advogado com um sentimento de declarado desprezo. Nubbins afundava cada vez mais numa espécie de estado de choque. Nunca tinha estado em uma situação na qual as cartas tivessem sido tão óbvias, inevitável e uniformemente marcadas contra ele. Seu advogado, ele agora se dava conta, enfrentava um conjunto de circunstâncias implacáveis e adversas. Estava sendo dominado pelas mesmas estrelas cuja disposição imutável havia em primeiro lugar levado Nubbins àquele tribunal.

Nubbins compreendia que todo mundo, em algum momento da vida, estava sujeito a ser alvo de uma total e absoluta cagada, e aquela era, sem dúvida, sua vez.

O advogado Cassidy, lutando bravamente por aquela causa perdida, esboçava alguns gestos aos quais o entorpecido Nubbins não poderia ter prestado atenção, senão teria detectado no ar o inconfundível cheiro de peixe podre.

— Excelência, gostaria de apresentar aqui uma moção *et pluribus unum*...

— Protesto! Ele não pode apresentar uma moção *et pluribus unum* neste processo. Nem sequer há um júri convocado!

— Deferido.

— Bem, então, senhor juiz, gostaria de requerer um *quid pro quo* para...

— Protesto! É obviamente inadequado antes que o réu deponha.

— Deferido. Senhor Cassidy, devo avisá-lo, senhor! Sente-se, por favor!

Isso se prolongou por tempo suficiente para que Nubbins entendesse perfeitamente para que lado o vento soprava. Então Cassidy pediu um recesso para discutir um assunto importante com seu cliente. Mesmo esse pedido só foi concedido a contragosto. Todos os funcionários do tribunal, os espectadores e até a tímida namorada de Nubbins (de algum modo intuindo que era a coisa certa a fazer), como se compusessem um grupo, saíram da sala, deixando advogado e cliente sozinhos no amplo aposento. Cassidy, com os óculos emprestados levantados até a testa, esfregou seus cansados olhos de advogado.

— Bem, Jack. Acho que você pode ver que as coisas não estão indo nada bem.

— É, aquele juiz não gosta *nem um pouquinho* de você. E o promotor! O que aquele cara tem contra mim, afinal? Nunca o vi mais gordo.

— Ele só está fazendo o trabalho dele, Jack. Mas o juiz... acho que podemos ter uma chance com ele. Ele está parecendo perturbado com a ideia de se encaminhar para um julgamento. Outro advogado me contou certa vez que ele gosta de que as pessoas venham e se exponham mesmo. Então, se você for a julgamento e ele o considerar culpado, realmente vai vir com tudo para cima de você.

— O que você acha que nós devemos fazer?

— Acho que devemos ir em frente, declará-lo culpado e apostar na piedade do tribunal.

“Aguente firme”, pensou. “Dar uma gargalhada agora vai estragar tudo.”

— Bem, você é quem manda, sabe disso. Se chegamos a esse ponto...

— Escute, Jack. Quero que saiba que...

— Ei, eu sei. Acho que você estava fazendo um ótimo trabalho. Algumas daquelas moções, cara...

— É. Eu deveria ter emplacado uma ou duas, no mínimo. De qualquer jeito, agora temos de ir em frente. E, Jack...

— Sim?

— Não importa o que aconteça, lembre-se de que eu estava aqui quando você precisou de mim.

Apertaram as mãos solenemente. Nubbins ainda estava convencido de que tinha um excelente advogado. Cassidy comunicou-se com o oficial e todos foram chamados de volta ao recinto. A defesa notificou ao tribunal que seu cliente gostaria de mudar sua alegação para culpado das acusações e de pedir a clemência do tribunal. Mal podia pronunciar as palavras. Não ousava olhar para ninguém ao falar; todos estavam se segurando graças à pura força de vontade.

O juiz pareceu aliviado por esse anúncio e agradeceu a Cassidy o fato de poupar à Corte “um longo e árduo julgamento”. Agradeceu então ao corpo do tribunal todo o trabalho que tiveram. Pediu que Nubbins e seu advogado ficassem de pé enquanto ele anunciava a sentença. Como Cassidy tinha trabalhado várias horas nesse discurso, foi gratificante vê-lo enunciado com a devoção de um ótimo intérprete.

— Senhor Nubbins — começou o juiz, tirando os óculos —, devo admitir que sempre me perguntei por que tão raramente via atletas por aqui, com todas as especulações a respeito da ética dos que residem em Farley Hall. Sei que não devo me deixar levar por meus sentimentos

personais, mas sempre achei que vocês, esportistas, pensam que mandam nessa instituição. Eu mesmo não sou um atleta universitário, Sr. Nubbins. Bem, no ensino médio joguei um pouquinho de basquete e fui campeão de natação nos duzentos metros, estilo borboleta, mas acho que quando eles têm de decidir para quem vão as bolsas... Ah!, bem, não é a hora nem o lugar para isso. O que tenho a lhe falar esta noite, Sr. Nubbins, é que agora sou um aluno sério aqui na Southeastern, e existem muitos de nós, alunos sérios, aqui, Sr. Nubbins; alunos que não têm suas mensalidades pagas por algum tio rico em Farley Hall, está me entendendo? É uma pena que o senhor tenha de arcar com o ônus de outros alunos que fizeram o mesmo que o senhor e ainda assim escaparam impunes, mas não conheço nenhuma outra maneira de fazer chegar ao seu destino o recado de que *vocês, atletas, não mandam neste campus!*

Fez uma pausa, como se recuperasse um pouco da compostura, e acrescentou, como uma reflexão *a posteriori* quase subentendida: “Nós, políticos, é que mandamos.”

— Esta é sua sentença, Sr. Nubbins: o senhor está, a partir deste momento, suspenso desta universidade por tempo indeterminado.

Fez-se absoluto silêncio na sala do tribunal.

Tamanha foi a sinceridade dessa última diatribe que muitos dos espectadores, mesmo sabendo que se tratava de uma farsa, ficaram um pouco consternados pelo rancor demonstrado pelo juiz. Muitos agora engoliam em seco, como se ninguém soubesse exatamente como terminar aquela agonia. Nubbins apenas ficou ali, trêmulo, a boca entreaberta como uma caverna pequena e escura. Ele encarou, incrédulo, o juiz ainda furioso.

De repente o “fotógrafo do tribunal” correu da área reservada ao público, onde se encontrava, tirou uma foto de Cassidy e de Nubbins e recolheu-se novamente. Cassidy não conseguia mais se controlar. Sem forças, dobrou-se para a frente, segurando a barriga com as duas mãos, e começou a emitir profundos e ressonantes ganidos não muito diferentes daqueles lançados pelo faisão macho que se prepara para o acasalamento. Nubbins olhou para ele; o próprio advogado achava a pena tão severa que não conseguia reprimir o riso!

Isso, é claro, fez com que a represa rompesse e o tribunal inteiro foi tomado por um gigantesco espasmo de gargalhadas roucas. Em meio a uma louca algazarra, os atores com os olhos lacrimejantes e os espectadores semiparalisados avançaram aos tropeções para apertar a mão do réu e dar, alegremente, alguns tapinhas nas costas dele.

Os olhos esbugalhados do pequeno corredor não piscavam enquanto sua cabeça girava para a frente e para trás, como um farol descontrolado. Ele pensou: “Como todos podem ser tão cruéis a ponto de mostrar prazer ao me verem escorraçado da faculdade? E meu próprio advogado ainda está rindo; ele também acha tudo isso divertido?”

Até o juiz, a toga preta balançando, desceu de sua tribuna e jogou os braços ao redor dos ombros de Nubbins, estourando de rir.

Betty Sue estava sentada em meio à considerável confusão, com um leve sorriso no rosto, imaginando que diabos estava acontecendo. Só sabia de uma coisa: o velho Jack tinha feito algo maravilhoso, e ela estava muito orgulhosa.

O inverno chegou a Panhandle com sua costumeira incoerência: um período de dias claros e frios, chuvas geladas e paisagens desbotadas. A luz ofuscante dos dias sem nuvens silenciava os gramados, os carvalhos cobertos pelo musgo e, às vezes, as aspirações mais elevadas do espírito.

— É mais fácil treinar pra valer no norte — afirmou Denton. — Neve é neve. Ou você corre nela ou não corre. Ela dá algo contra o que batalhar, algo irritante. Mas que serve de estímulo, se é que vocês me entendem. Aqui para baixo tem essa chuva enregelante descendo por seu pescoço num dia e, no dia seguinte, parece até que a primavera chegou em janeiro.

— O que há de errado nisso? — perguntou Cassidy.

— Um inverno assim está sempre dando esperanças para a gente.

O inverno significava a temporada de provas indoor, e para Cassidy era a época de esperanças renovadas. Já havia levado sua cota de surras no cross-country; agora, não via a hora de dar uma última volta sentindo o gosto da vitória.

— Acabei de pensar uma coisa engraçada — disse Cassidy, olhando pela janela oval do avião, curtindo o vazio inebriante característico dessas viagens.

— Vai, fala. — Denton ergueu os olhos de sua revista de botânica.

— Aqui estamos nós, voando vários quilômetros acima da Costa Leste (olha, aquilo deve ser Savannah), cruzando o litoral a alguns milhares de quilômetros de altura, a um custo de centenas de dólares, para que possamos tirar nossas roupas comuns, calçar nossas sapatilhas de pele de canguru que pesam cerca de noventa gramas cada uma e correr por uma pequena pista por exatamente uma milha — duas, no seu caso. E existem todas aquelas pessoas, milhares delas, que moram em arranha-céus de cimento e vidro, que irão pagar para nos ver. Isso é o ápice da tecnologia humana, enviando-nos a novecentos quilômetros por hora...

— Talvez isso queira dizer apenas que a civilização progrediu a ponto de poder se dar o luxo de manter as especializações mais esotéricas, mesmo nos esportes. Somos o equivalente atlético ao frasco de picles mais sofisticado da seção gourmet do supermercado.

— Ah! — Essa última observação pegou Cassidy de surpresa.

Denton retribuiu seu olhar com um sorriso, dando a entender mais uma vez que existem algumas pessoas que não devem ser subestimadas, nem por um segundo.

A temporada cross-country tinha terminado de modo inesperado. No campeonato nacional da AAU, a liga atlética amadora dos Estados Unidos, no Washington Park em Chicago, Cassidy, para sua grata surpresa, havia mantido os líderes em seu campo de visão durante quase toda a corrida, terminando, com lama e neve quase na metade da panturrilha, em décimo quinto lugar, quatro posições à frente de Mizner. Ele nunca tinha derrotado o corredor mais jovem em qualquer distância superior a três quilômetros. Denton venceu a prova com tal facilidade que os demais corredores da elite do cross-country acabaram chegando, todos, um atrás do outro, balançando as cabeças, desconsolados, enquanto curvavam os joelhos ainda bufando devido ao esforço. Denton parecia mais feliz com o resultado obtido por Cassidy que com o fato de ter conquistado mais um título nacional. Até arriscou uns passos de dança quando Cassidy, numa arrancada final para ultrapassar um corredor do Oregon, em meio à lama, cruzou a reta final com uma careta. Poucos segundos depois, apesar de ainda sem ar, estavam todos juntos, rindo e

chutando neve uns nos outros. Até Mizner, desapontado como estava, parecia estar se divertindo, embora Cassidy tenha percebido sua preocupação.

Para enorme alívio de Cassidy, a temporada de cross-country mais uma vez havia terminado.

“Na raia 6, com o número 278, vindo do sul da Califórnia, o campeão do PAC...”

O locutor começava a apresentação da prova de duas milhas, o mais longo evento de corrida dos Millrose Games, no Madison Square Garden. Cassidy correu para a pista para pegar o casaco de Denton. Os outros corredores davam vazão ao nervosismo contido: alguns trotavam para trás e para a frente em suas raia, outros saltitavam. Era um momento de estresse cruel. Uma corrida representava meses de treinamento; cada passo era o resultado de muitos quilômetros de preparação. Devem ter pensado naquela disputa inúmeras vezes, alguns deles nos seus mínimos detalhes, durante os treinos intervalados ou longos. Talvez tenham se imaginado na cola de Denton, grudados nos ombros dele, a uma volta do fim; esse tipo de fantasia era capaz de motivá-los durante longas horas nos treinos à noite. Mas agora, a apenas alguns segundos do tiro de largada, suas cabeças estavam a mil, tomadas pela expectativa e pela angústia. Queriam já estar na corrida. Queriam ter terminado. A disputa em si era suportável, pois era para isso que tinham treinado. A espera, no entanto, era uma experiência infernal. Denton entregou a Cassidy o casaco azul-marinho com a inscrição USA em letras vermelhas debruadas de branco, símbolo de status que indicava um integrante da equipe de atletismo nacional. Dois outros corredores na pista usavam o mesmo tipo de agasalho; aquilo não seria um passeio.

— Agente firme — disse Cassidy, calmamente.

— Certo.

Denton olhava para o nada, totalmente concentrado, mesmo sendo uma prova que ele certamente não considerava muito importante. Ele não era um corredor de provas indoor clássico; tanto ele como Cassidy eram altos demais para manobrar nas curvas inclinadas com a mesma facilidade dos corredores mais baixos. E Denton nunca, jamais, cantava vitória antes da hora. Ainda que falasse pouco, Cassidy sabia que ele gostava de receber pequenos incentivos.

“Na raia 3, o duas vezes campeão nas seis milhas da AAU, campeão nas três milhas, duas vezes integrante de nossa equipe olímpica...”

Estavam anunciando os feras agora. Cassidy apanhou o agasalho, deu uma palmada no traseiro de Denton e correu para a área no interior da pista, para assistir à prova.

“E na raia número 1...”

A multidão já começava a se manifestar.

“... representando o Southeastern University Track Club e os Estados Unidos...” Agora já era difícil escutar. *“... Senhoras e senhores, o vencedor do ouro olímpico nos cinco mil metros...”* Bruce Denton trotou na direção de sua raia, acenando suavemente, mesmo sem ouvir seu nome. Ninguém ouvira. Era o que aquela prova corrida com perfeição e os milhares de milhas de treinamento que ela exigiu tinham lhe valido: o direito de ouvir seu nome sumir em meio ao frenesi da multidão. Denton pensava: “Só ganhei por três metros.”

Essa adulação havia se manifestado muitas vezes desde que ele a ouvira pela primeira vez,

na reta de chegada do estádio olímpico. Com certeza, ainda a ouviria outras tantas vezes na vida. Mas ao ver Denton trotando e aceitando melancolicamente mais aquela homenagem, Quenton Cassidy achou que seu sorriso parecia bastante triste.

“...e entrando na última volta agora, senhoras e senhores...” O tiro do sinalizador fez-se ouvir com um forte estalido: era a penúltima volta completada pelo líder da prova. “...o medalhista de ouro Bruce Denton é seguido por...” Nada daquilo fazia sentido. O conjunto dos demais participantes estava a uma distância de meia-volta, disputando o segundo e o terceiro lugares. Denton exultava. Ele correu abrindo bastante na curva inclinada e entrou descendo velozmente na reta, brincando de montanha-russa. Cassidy balançou a cabeça. Ali estava ele, disputando com alguns dos melhores corredores do país, e estava brincando.

Quando Denton cruzou a linha de chegada, Cassidy trotou, emparelhando com ele e lhe entregando o agasalho. Denton, apesar da facilidade com que havia vencido, não estava em condições de falar; pegou o casaco, sorriu para Cassidy e continuou correndo. Às vezes acenava quando um setor da arquibancada se levantava para saudá-lo enquanto passava. Cassidy balançou de novo a cabeça, correu devagar na direção da entrada para completar seu aquecimento; sua corrida começaria em trinta e cinco minutos, de acordo com uma programação quase sempre não confiável.

Cassidy havia arrancado do folheto da programação o horário das corridas e tinha o cuidado de consultar o relógio com frequência. Ao ouvir o locutor, seria capaz de calcular o atraso na programação e, assim, realizar seu aquecimento no momento adequado. O pátio de entrada, amplo e frio, não completava um circuito completo, mas era espaçoso; agasalhos de cores vivas passavam por ele em velocidades variadas. Quando Denton apareceu para encontrá-lo, Cassidy já havia corrido três vezes o meio círculo elíptico. Seu rosto continuava vermelho, e sua voz, rouca, devido ao ar desagradável, enfumaçado.

— Quer companhia?

Era uma pergunta retórica. Ali naquele ambiente pouco acolhedor e com o qual não estava familiarizado, em que havia tantos atletas talentosos por toda parte, era fácil se descontrolar. Cassidy não conhecia ninguém ali, exceto Bruce. Estava começando a se fazer a eterna pergunta que minava sua autoconfiança: “O que estou fazendo aqui?” Mas agora ele não era apenas um zé-ninguém com um agasalho da Southeastern University trotando de um lado para o outro, e sim “o cara com Bruce Denton”. Sua passada adquiriu mais confiança.

— Você conhece algum desses caras? — perguntou a Denton.

O corredor mais velho pegou a lista e analisou-a enquanto corriam.

— Bem, o Marcel Philippe você conhece. É um cara de Fordham, ainda não deve estar em boa forma. Do O’Rork tenho certeza de que você se lembra; Kerry Ellison é de El Paso, no Texas: um tipo durão. Esses ficam logo em forma, como a gente. Eu diria que ele é o cara em que devemos ficar de olho.

— Não achava que ele...

— Ele não corre na equipe de cross-country, é por isso que você não o viu nas competições nacionais. Eles têm um bando de bons corredores de seis milhas, então ele não precisa ir. Mas ele

vai estar em forma. Senão não estaria aqui.

— É, mas o que me diz sobre o velho...

— Liquori está bichado.

— Bichado? Meu Deus...

— Está morrendo de pena, não é? Falei com ele há alguns minutos. Está em ótima forma, só que torceu o tornozelo dias atrás. Odeio dizer isso, mas acho que existe uma chance de você ganhar essa parada.

— Bruce, eu... — Sua testa franziu-se de preocupação. — Bruce, a Wanamaker Mile...*

— Olhe, o negócio é o seguinte: você precisa pressionar bastante, como vem fazendo. Fique pelas beiradas, esperando sua chance. Quando ela surgir, vá fundo, com vontade. Se você se der bem, vai ficar alucinado. Quando voltar, vai dar mais duro ainda. — Parou por um momento, refletiu, depois riu. — Droga, sei lá. Quem é que sabe?

— A milha dos Millrose...

— Tudo o que sei é que você pode ganhar esse negócio. Suas melhores provas são aquelas em que você relaxa e deixa rolar. Você tem muita velocidade, Cass. Cara, eu queria ser assim. Tudo o que tem de fazer é não desperdiçá-la cedo demais. Isso não ajuda, de jeito nenhum, principalmente em competições indoor. Evite disputas; quando fizer um movimento, contorne os problemas e fique longe deles. Pode correr atrás numa boa, contanto que não se acomode em uma posição ruim no final da corrida. Se estiver num lugar bom, não entre em pânico, mesmo que esteja um pouco tumultuado. Aguarde firme ali, cantarole uma musiquinha, converse consigo mesmo, olhe para as garotas, *qualquer coisa*... Apenas mantenha o contato e trate de ficar numa boa posição quando estiver a duas voltas do final. Não espere até ser tarde demais para conseguir seu lugar. Não dá para cobrir grandes diferenças em provas indoor, especialmente numa pista como essa.

— Sei, é um pouco devagar, não é?

— É muito ruim para os velocistas, mas é boa para a gente. Um pouco esponjosa, só isso. Não acho que isso vá afetá-lo muito, mas, como você força muito a panturrilha, podia tentar flutuar um pouco mais ao pegar impulso, em vez de tentar conseguir força a partir do chão. O piso não tem como lhe dar impulso.

— Entendi. Quer dar uma corridinha comigo?

— Corridinha? Diabos, acabei de fazer duas milhas em 8min32 e você quer que eu dê uma corridinha só para lhe fazer companhia?

Ele atravessou a entrada de concreto em disparada, espalhando os outros corredores em todas as direções. Cassidy sorriu; era sempre uma sensação maravilhosa já ter passado por aquilo.

“... Quatro voltas para acabar e lá vêm O’Rork, de East Tennessee; Philippe, de Fordham; Ellison, Cassidy, Wheeler e Hector Ortiz, de Western Kentucky...”

Cassidy tentava fazer a mente trabalhar. Onze voltas para uma milha, duas voltas e três quartos equivaliam a uma volta normal. Desacostumado a estimar numa pista indoor a relação entre o cansaço e a distância que faltava percorrer, tinha de fazer conversões à medida que

avançava. Um corredor é um avarento, que gasta os centavos de sua energia com grande mesquinhez, sempre querendo saber quanto gastou e quanto ainda terá de pagar. Quer ir à falência exatamente no momento em que não vai mais precisar de suas moedas.

Calculou: se fosse uma prova ao ar livre, seria a terceira volta. Por enquanto estava satisfeito em se manter no meio do grupo e em esperar até que algo acontecesse. O ritmo não estava tão puxado assim; Cassidy se sentia confortável nele. Tinham feito a metade do percurso em 2min02, todos embolados. Cada vez que ele fazia a volta pelo lado de fora, Bruce Denton, seu maior fã, era uma voz — entre quinze mil — que gritava só para ele. As palavras de Denton não eram nem um pouco irritantes, diferentemente da maioria das que se ouvem durante uma corrida (como “Acelera, acelera” ou “Mais rápido, mais rápido, não deixe que eles ultrapassem”), coisas que fazem o corredor pensar: “Se acha que estou indo tão devagar assim, por que diabos não desce daí e vem ‘acelerar’ você mesmo?”

Em vez disso, Denton dizia: “Bom ritmo, Cass, continue assim!” Ou: “Boa posição, fique alerta...” Para o corredor que viaja a vertiginosos 24km/h em torno de uma pequena pista oval, extasiado devido à concentração no ritmo, a ideia de permanecer alerta parecia absolutamente brilhante.

De modo inesperado e com apenas duas voltas pela frente, Kerry Ellison avançou vigorosamente. Suas pernas morenas reluziram enquanto ele liberava uma explosão de velocidade brutal. Cassidy reagiu imediatamente, acelerando, mas precisava esperar pela reta para ultrapassar os dois corredores que estavam à sua frente. Droga! Então, com pesar, ele se deu conta do que Denton tinha lhe gritado em cada uma das duas últimas voltas: “Aumente agora. Aumente agora.”

Mas ele não tinha dado atenção. Agora estava exatamente onde não queria estar: em uma posição ruim no final da corrida.

O tiro que marcava a última volta foi disparado quando faziam a penúltima curva. A essa altura Cassidy diminuiu a diferença para cerca de dez metros do texano voador. Com uma confiança crescente, ele se aproximava do ombro de Ellison, usando a reta inteira para isso, mas sentindo — embora cansado pelo ritmo — que ainda lhe restava algum gás. Tinha se livrado do bando de corredores amontoados ao reagir imediatamente ao desafio de Ellison e parecia ter ainda alguma força para investir nisso. Estava entusiasmado e tão curioso quanto os espectadores para descobrir o que iria acontecer. Para a multidão, de pé desde o tiro que marcava a volta final, não parecia importar quem venceria. Só queriam a disputa.

A comoção diante da aproximação da linha de chegada, como sempre, provocou um leve arrepio em sua nuca. Cassidy começou a ultrapassagem na última curva, mas exatamente quando ganhava embalo e começava a se esforçar ouviu Denton gritar em meio ao vozerio: “NÃO!” Foi tudo que disse. Dessa vez Cassidy o escutou.

Ele se manteve colado ao ombro de Ellison durante toda a pequena curva e, com um suspiro, lançou-se na reta final. Ellison também não estava acabado: ele avançava em passadas fortes e harmoniosas em sua arrancada final. Mas Quenton Cassidy era, de longe, o mais rápido. Abriu, com facilidade, sete metros de vantagem sobre Ellison na reta final. Da multidão levantou-se um clamor que indicava a reviravolta. Denton pulou para dentro da pista e correu até Cassidy, que estava dobrado para a frente, na posição costumeira de quem precisa recuperar o fôlego.

— Não agarre esses joelhos, rapaz — ele gritou por cima da algararra. — Aqui está seu

agasalho, vista-o. Mas não agarre esses joelhos, porque você ainda tem de correr um pouco. Você acaba de se tornar o campeão da Wanamaker Mile, e todo mundo tem de *saber* disso...

O rosto de Cassidy estava da cor de um carro de bombeiro, e sua respiração ainda era desesperada.

— Saber? O quê? — Tentou correr devagar, mas teve a impressão de que sua coluna era feita de bambu. Nada funcionava direito, o ácido láctico o mantinha preso num bloco sólido. Não conseguia balançar os braços.

— Que isso é o MÁÁÁÁXIMOOOOO! — Naquele momento Denton parecia mais feliz que seu jovem amigo.

No avião, Cassidy era de novo um zumbi, sorrindo vagamente, mas parecendo incapaz de assimilar o que se passava à sua volta. Tinham saído para comer e só foram dormir às duas da madrugada. Denton insistiu para que dessem uma corrida pela manhã, só para não passar em branco; então saíram em grupo, os corpos rígidos, em meio ao amanhecer cinzento de Manhattan. Denton lhe garantiu que a maior parte dos assaltantes não trabalhava tão cedo.

Cassidy mal conseguiu chegar até sua poltrona. A aeromoça o acordou para perguntar se queria café da manhã — ele aceitou — e o acordou novamente minutos depois, quando trouxe a bandeja. Ao chegar à Filadélfia, Denton o acordou de novo.

— Ei, campeão. Fim da linha. Todos os corredores devem saltar.

Cassidy murmurou algo e então tirou uma soneca enquanto os outros passageiros saíam lentamente do avião. Cochilou levemente no momento em que Denton chamava um táxi, e depois dormiu profundamente durante todo o trajeto até o hotel, e nesse meio-tempo o amigo, sentado no banco da frente, batia papo com o motorista.

— O que há de errado com seu colega? — perguntou o motorista.

— É a Síndrome de Wanamaker — disse Denton. — Em fase inicial, ainda. Pena. O cara era um grande atleta.

— É uma pena mesmo — retrucou o motorista.

— Ei! Ô, falecido! Hora da boia. Vamos levantar.

Era Denton de novo.

Cassidy pensou: “Ele está se divertindo, não há a menor dúvida.”

— Acho que não vou sobreviver — disse a Denton.

— Tem uma sopa de mariscos fantástica a apenas dois quarteirões daqui — disse Denton, enquanto se vestia. — E também um *rib eye steak* **que eu, por exemplo, não perderia por nada deste mundo.

— Que diabo é aquilo? — Cassidy apontou para a janela.

— Aquilo, meu filho, é neve. Um troço branco que cai do céu. Na verdade, não vai machucar você, contanto que não a engula ou a carregue no bolso. Há quem diga que tem poderes mágicos. Experimente ficar em pé sobre longas pranchas de madeira e escorregar nela.

Particularmente, acho que essa moda não vai pegar. *Vamos nessa!* Levante esse rabo daí, estou morrendo de fome.

Ao saírem para o ar frio, rumo ao restaurante, Cassidy começou a se sentir melhor. Depois de beber um pouco de chá, ele se esforçou para voltar ao normal.

— Não sei como posso ficar com jet lag voando em meu próprio fuso. Como você consegue fazer isso durante o inverno inteiro?

— Isso? — Denton jogou algumas torradas dentro da sopa. — Isso, meu filho, é ótimo. Isso é a sua recompensa por ficar em forma logo, porque esses espertalhões do norte não vão mandar buscá-lo de avião no litoral ou na Flórida para correr nos espetáculos deles se não tiverem certeza de que você vai render. Ora essa! Se precisassem, eles poderiam arranjar corredores bastante respeitáveis de uma ou de duas milhas entre Boston e Nova York. Nós fornecemos uma pitada de exotismo. Melhor se acostumar à ideia se continuar vencendo. Um tempo de 4min01s3 não é ruim para uma prova indoor. Especialmente naquela pista, que é um bolo esponjoso, no Madison Square Garden. Isso pode valer a pena, ah...

— Qual é, Bruce...

— Isso pode valer um três...

— Pare com isso, Bruce!

— Um 3min58, mais ou menos, Cass. — Ele ergueu os olhos da sopa, sério.

Cassidy bebericava seu chá lentamente. Aquelas coisas não eram para ser discutidas assim, na brincadeira. Dava azar colocar na boca velocidades que os pés não podiam alcançar. Denton levantou-se para falar com alguém no caixa.

— Quem era? — perguntou Cassidy.

— Alguém que vai tornar sua noite mais interessante.

— Qual é...

— Só não tente fazer aquela besteira na reta final, como ontem à noite, ou vai ouvir alguém rindo atrás de você.

— Bruce, quem...

— Sammy Bair.

— Merda.

Os jogos da Filadélfia eram notoriamente um evento de segunda categoria. Denton venceu com 8min44, sem concorrentes dignos de nota, e Cassidy correu 4min05s2, ficando com o segundo lugar. Sam Bair não riu dele, mas bem que poderia.

Ao se sentarem nas poltronas do avião na manhã seguinte, Cassidy estava de volta ao estado de coma ambulante.

— Vai querer café da manhã? — disparou Denton enquanto colocavam os cintos. — Se não quiser que ela o acorde...

— Bruce, pode ficar com a droga do meu café. Por que não tenta me animar um pouco?

Caiu num sono profundo, do qual só emergiu ao chegarem a Atlanta, onde trocaram de avião.

Ele não sonhou.

* Wanamaker Mile é uma tradicional corrida de uma milha realizada anualmente no Madison Square Garden, em Nova York, durante os Millrose Games. (*N. do T.*)

** Corte de carne bovina ao estilo americano com osso, localizado perto da primeira costela. (*N. do E.*)

A enfermeira mal-encarada e atarracada como um hidrante virou a página de sua revista *Cosmopolitan* com alguma expectativa, viu que a coisa estava ficando boa e decidiu fazer um pit stop antes de continuar. O título do artigo era: “Seu Q[uociente] S[exual]: Fazendo a própria avaliação no *boudoir*.”

Assim que ela caiu fora, o sempre vigilante Quenton Cassidy deixou de lado sua *National Geographic* (“Eu vivi com os macacos das montanhas Bagharack”, por Dra. Jane Tully-Wells — provavelmente uma dessas neofreudianas, ele pensou) —, agarrou uma caixa chata de papelão da qual se desprendia um cheiro de pizza e correu para o vão da escada. O horário de visita já tinha terminado. Aquilo era ilegal. E ia ser muito divertido.

Ele entrou, insinuante, no quarto de Mizner, segurando a embalagem com os dedos virados para baixo, cantando numa voz sensual e abafada:

— *Cara mia...*

— Shhhhhhhh! — pediu Mizner.

Cassidy entoou:

— Há uma cidade chamada Sorrentooooo...

— Que droga você está armando...

— Na lata.

— Ah!

Mizner se sentou na cama, pálido, vestindo um moletom surrado, com a cor roxa já desbotada, o tradicional pezinho alado e a inscrição quase ilegível: POMPANO BEACH TRACK. Cassidy se apressou em arrumar as coisas. Enfiou uma toalha na fresta entre a porta e o chão. Puxou uma cadeira e fez surgir, com um gesto floreado, duas latas de cerveja, uma de cada bolso. Mizner aplaudiu silenciosamente. Se Cassidy tivesse parado por um momento e olhado para o amigo, lágrimas de verdade poderiam ter corrido por seu rosto esquelético. Mizner era o que eles chamavam de um “Manteiga Derretida”. Mas ele disse a Cassidy numa voz sonhadora, meio grogue:

— Só você para me trazer alegria.

Atacaram a pizza, que — apesar de conter em sua maior parte polpa de tomate e pepperoni — não tinha mais nada que lembrasse a Itália. Mesmo depois de Mizner pôr de lado seu guardanapo, Cassidy continuou a comer, basicamente porque queria ter algo para fazer. Ele ainda se sentia um tanto constrangido ali.

— Então, me conte tudo sobre os Millrose Games. Cada detalhe. Não resuma nada. Não deixe de fora um buraco de uma trava ou uma cotovelada distraída — disse Mizner, com impaciência.

— O *Kernsville Sun* pegou muito bem o espírito da coisa, seguindo sua tradição de publicar apenas material das agências, apesar de dois heróis locais terem se saído bem — disse Cassidy. — Vejamos, Liquori se contundiu, que Deus o abençoe. Por algum motivo, não tinha nenhum estrangeiro... talvez o pessoal da imigração tenha dado uma batida por aí ou algo assim... Só eu e o Ellison na última volta. Eu praticamente cometi um erro depois da partida e, quando chegamos à última reta, puxei o gatilho. Por um segundo pensei que não fosse acontecer nada. Então

engrenei e o atrolei. Na verdade, terminei abrindo uma vantagem de sete metros sobre ele, mas provavelmente ele afrouxou quando viu que não iria me alcançar. Bruce estava impossível. Acho que meteu na cabeça que ele me *descobriu* ou algo assim. Parece que esqueceu que eu já tinha feito 4min00s3 no ano passado, antes de ele sequer me dar um bom-dia.

— Como foi a corrida dele?

— Ah, ele simplesmente atropelou todos na pista. Art Dulong, Drayton e aquele cara de Minnesota. Eles nem estiveram ali. Correu em 8min32 como se estivesse num treino.

Mizner balançou a cabeça.

— Teria sido fantástico assistir. A vocês dois.

Mas Cassidy sabia do que ele estava falando.

— Então, o que estão dizendo por aqui? Está confirmado?

— É uma merda. Sim. Aham que talvez tenha de ficar três ou quatro meses sem treinar. E isso é apenas uma estimativa, porque há a possibilidade de recaídas. Mas pelo menos vou sair logo daqui.

— Bem... ei, pelo menos você não ficou definitivamente de fora. A não ser no cross-country.

Essa última frase foi dita com muita calma.

— Escute, já tenho uma lista das mil maneiras de dourar essa pilula. Mas é a porcaria da pilula que está acabando comigo.

— É.

Cassidy olhou para os pés dele. Pensou que não havia nenhuma palavra reconfortante para aquilo. Um corredor que não pode correr é um peixe fora d'água. Não conseguiria sequer pensar em si mesmo como um atleta; de forma um tanto ridícula, ele sentiria uma espécie de culpa; essa era a pior parte. Começaria a se sentir desconfortável diante dos colegas, e o sentimento seria recíproco, como um soldado recém-ferido entre os companheiros constrangidos, que não gostariam de ser lembrados sobre determinados aspectos incertos da vida. Cassidy não se surpreendeu quando Mizner disse que iria se mudar de Doobey Hall no trimestre seguinte. Aquilo os deixava deprimidos. Mizner percebeu e mudou de assunto.

— Que confusão é essa a respeito das regras para cortes de cabelo?

— Hummm. Gostaria de saber. Parece que estão mesmo falando sério. Ouvi dizer que andam castigando em Farley Hall, obrigando os caras a trocarem de camisa antes de comer, coisas assim. Sabe como é, são as ideias brilhantes das mentes lá do caras do futebol americano. Até os jogadores estão loucos da vida. Ainda não aconteceu nada em Doobey, mas todo mundo sabe que eles só estão nos cercando.

— Cacete. E eu preso aqui nessa enfermaria.

— Considere-se um sortudo. Aquele filho da mãe do Hosford ofereceu meu quarto para alguma espécie de conspiração revolucionária esta noite. — Olhou para o relógio com irritação. — Acho melhor ir andando. Podem pôr fogo no meu pôster do Kip Keino ou algo assim. — Jogou a lata de cerveja na lixeira e estremeceu ao ouvir o barulho. Tinha esquecido. — Tem alguma coisa que eu...

— Nada. Tenho tudo aqui; o pessoal trouxe meus livros e todas as minhas coisas. Melhor você ir. Obrigado pela pizza; eu poderia lhe dar um beijo, mas...

Cassidy riu.

— Aí eu ia pegar esse troço e acabaríamos sendo colegas de quarto aqui. Escute, se cuide, está ouvindo? Sei que... Sei que isso não é nada fácil...

— Bem, essa turnê já estava me deixando de saco cheio, sabe? Quer dizer, Akron numa noite, Utica na seguinte. Agora, ao menos tenho tempo para aprimorar meus passos e me aperfeiçoar.

— E para ir ao baile; não se esqueça de aparecer no baile.

Mizner riu.

— Sem dúvida. Ei, Cass, parabéns por Millrose. Achei fantástico. Devia ter me ouvido quando li o jornal, sábado de manhã. Pensaram que eu tivesse escorregado da cama e arrebatado o traseiro enquanto ia ao banheiro.

Cassidy assentiu, sorriu para ele e se virou para a porta no instante exato em que ela foi aberta de repente. O hidrante de meias brancas estava olhando para ele.

— Você! — ela gritou.

Cassidy inclinou-se para a frente e beijou-a solenemente na testa, então disparou porta afora esquivando-se de uma palmada relativamente séria com o exemplar enrolado da *Cosmopolitan*.

No caminho de volta para Doobey, com as mãos enfiadas nos bolsos, protegendo-as da noite fria, ele experimentou uma sensação de perda e um sentimento de nostalgia barata em relação a acontecimentos que deveriam se tornar parte de seu passado, mas que agora não seriam mais. Nos peculiares processos mentais, uma corrida de dezesseis quilômetros demora mais que os sessenta minutos marcados pelo relógio do vovô. Na verdade, esse tempo mal existe no mundo real; está todo numa trilha em algum lugar, e só se volta a ele quando se está do lado de fora.

Ele e Mize tinham passado dois anos inteiros se submetendo juntos a essas viagens nas quais o tempo é distorcido. Havia algo diferente nisso, que ia além da amizade; tinham um jeito de compartilhar a dor, de transferi-la de um para o outro sem a banalidade das palavras.

Mas agora, nas regiões mais obscuras de sua mente, Cassidy detectou ruídos profundos e sinistros; nuvens carregadas resfriavam o ar, mas ainda não eram visíveis no horizonte.

E havia também o fato de não lidar bem com hospitais e enfermarias; repositórios de cheiros de laboratório, instrumentos de metal prateado com aparência letal; pontos de partida para frágeis esperanças...

Quenton Cassidy tinha voltado de sua visita vespertina diária a Mizner e estava sentado em seu quarto, na penumbra crescente, sentindo um desespero menor que o vazio que o deixava com os nervos à flor da pele. O cenário à sua volta o oprimia. “Sangue com pH baixo”, pensou. “O segredo é não ficar nervoso quando estamos embotados com os outros, como diz Bruce. Pense em como mil anchovas precisam nadar num metro quadrado, tendo um gêmeo idêntico de cada lado e uma minúscula brecha se movimentando à frente.”

Exemplares do *Kernsville Sun* se acumulavam em uma pilha aos pés da cama. Tinha parado de tentar ler quando o sol baixou e se deu conta de que estava cansado demais para levantar e acender a luz. Então apenas se sentou, olhando pela janela. De qualquer modo, naquela folha anêmica, a colheita era escassa: histórias requentadas de agências de notícias, um editorial exaltado sobre a rede de esgoto, uma carta indignada de uma senhora que se queixava do cachorro de um vizinho que fazia cocô em suas azulejas e a coluna do editor de esportes Jack Hairlepp, na qual ele pedia apoio total ao técnico Dick Doobey na próxima temporada. Citava uma declaração do treinador sobre “um reforço de peso entre os calouros, que será de grande ajuda para nós no ano que vem”. A essa altura Cassidy atirou longe o jornal, conjecturando se Hairlepp recebia seu salário do jornal ou se pegava seu cheque na sexta-feira no escritório da assessoria de imprensa do departamento de atletismo.

Talvez estivesse sendo rigoroso demais com o diário local. Afinal, havia notícias de verdade, de interesse humano, na página 2A, embaixo do logotipo da seção “O sorriso do dia”. Parece que em algum lugar na imensa noite americana uma perversa mão de ébano havia habilmente enfiado um pedaço de metal pela janela de um carro, permitindo que um *connoisseur* de remoção de veículos se tornasse o guardador temporário (ainda que ilegal) de um Ford Fairlane com problemas de transmissão; fazia parte do pacote um saco de lixo verde-escuro que estava no banco de trás, cujo conteúdo consistia precisamente no cadáver da sogra de alguém.

Cassidy pensou: “Ah, esses cidadãos locais gostam de se divertir.”

— Ei, como é que pode estar tão escuro aí dentro? — Hosford entrou no quarto, esbarrando o joelho na quina da cômoda.

— Tenho medo de, se acender a luz e me olhar no espelho, descobrir que pareço tão mal quanto me sinto — disse Cassidy, mas não sem certo humor.

— Tá bem. Posso me sentar um pouco? Ei, é o *Sun*. Alguma novidade aí?

— Como de hábito, a única notícia importante está na tirinha do *Doonesbury*.

— Por coincidência eu mesmo trago notícias. Espero que não sejam más. Um cara da Western Union entregou isso há alguns minutos. Pensei que você estivesse dormindo, então assinei o recibo.

— Telegrama? Obrigado, Hos...

— Acho que vou dar uma volta por aí. Ei, escute...

— Ué, está aberto...

- ...parabéns, Cass, todo mundo acha isso maravilhoso.
- ...Todo mun... Hosford! Volte aqui, seu fofoqueiro filho da mãe!

- Bruce? Desculpe-me ligar durante o jantar, mas você nem imagina...
- Você foi convidado para os Sunkist Games, no fim de semana que vem — Denton disse. Cassidy murchou.
- Como você sabe?
- Falei com o diretor dos jogos quando estávamos no Millrose.
- O que ele disse?
- Queria saber se eu achava que você podia correr em menos de quatro minutos na pista dele em San Diego.
- E?
- Perguntei a ele se um peixe consegue prender a respiração embaixo d'água. Cassidy deu um grito e então se acalmou.
- Maravilha, Bruce. Nem consegui esse tempo ao ar livre ainda...
- A vida é curta, a vida é difícil.
- Você vai correr as três milhas lá?
- Vou.
- E os concorrentes são bons?
- Não sei o que você considera bom. Só o Shorter e mais um monte de...
- Shorter!
- Hummm. Você não achou que aquele maratonistazinho filho da mãe iria ficar só nos grandes espaços ao ar livre, achou? Infelizmente, ele parece *gostar* das pistas de tábuas. E, caso não se lembre, ele certa vez bateu o recorde americano para as duas milhas indoor. Exatamente nessa mesma pista.
- Como, ah, você acha que vai dar conta dele, Bruce?
- Será que teria percebido alguma preocupação em sua voz? Denton, do outro lado da linha, ficou em silêncio por alguns segundos. Cassidy não sabia o que ele estava fazendo.
- Ora, Cassidy, *vou acabar com ele*...

Contudo, quando os caras realmente bons se enfrentam, há pouquíssima presepada e todo mundo fica animado. Os dois medalhistas de ouro não demoraram a trocar o campo pela pista, onde logo estavam dando voltas num ritmo alucinante, que ultrapassava muito o dos outros corredores. Ainda que as credenciais de Denton fossem em corrida de percurso ligeiramente mais extenso que as três milhas, e as de Shorter, em maratonas, o treinamento dos dois era notavelmente semelhante. A multidão estava de pé durante os últimos oitocentos metros; a liderança mudou três vezes enquanto eles mediam forças. As passadas longas e poderosas de Denton encontravam um adversário à altura nos movimentos rápidos e harmoniosos de Shorter. O maratonista corria tão suavemente que dava a impressão de estar deslizando sobre rodas. O esforço exigido pelo

ritmo se mostrava nas extremidades dos rostos que, não fosse por isso, pareceriam desprovidos de emoção. Cassidy olhava maravilhado enquanto eles ensaiavam investidas um contra o outro. “Meeeeeerda”, pensou Cassidy, “isso é terrível. A gente precisa de algum alívio.”

Seus gritos se perderam em meio ao alvoroço geral, quando os dois corredores entraram na volta final: Denton ligeiramente à frente e Shorter colado no ombro esquerdo dele, pelo lado externo. Cassidy calculou que era altamente improvável que um maratonista ultrapassasse, numa arrancada final, um campeão dos cinco mil metros, mas seu grito alegre de vitória escapou um pouco cedo demais. Assistir a uma demonstração tão clara de mortalidade na última volta daquela corrida era uma revelação duplamente dolorosa. Frank Shorter teve de quebrar um recorde americano indoor para as três milhas, e sua margem de vitória era de um décimo de segundo, exatamente. Mas não houve dúvida de que, quando Bruce Denton alcançou a linha de chegada, experimentou a singular sensação de ter a fita já cortada para ele. Cassidy ficou atordado.

Apesar do incrível esforço despendido na disputa, os dois corredores logo recobram forças para ser entrevistados pelo particularmente irrelevante Howard Cosell. Cassidy esperou longe do brilho dos refletores quentes da equipe de tevê — no pálido nevoeiro da própria perplexidade. Nunca tinha visto Denton perder uma corrida e ainda não sabia muito bem como se sentia. Quando a entrevista terminou, Denton e Shorter deixaram o campo juntos, correndo através de uma verdadeira onda de fãs que sacudiam os programas das provas e canetas na direção deles. Denton se virou e, ao ver Cassidy, fez sinal para que se juntasse a eles. Quando o corredor de milha alcançou os dois corredores de distância no saguão, eles já estavam perdidos nos detalhes numéricos de uma conversa sobre treinos. Shorter era um tipo reservado, tímido, mas de uma doçura que parecia absolutamente contrária à agressividade com que enfrentava os concorrentes. Seus olhos refletiam essa ironia. Cassidy queria lhe fazer umas cem perguntas, mas se conteve. Na realidade, estava um pouco abismado. Primeiro, tinha visto Denton ser ultrapassado por um maratonista, e agora via os dois correr juntos de modo descontraído, conversando sobre seus treinos, como se voltassem de um passeio. Denton jamais mencionara conhecer Shorter. Cassidy ouviu um tanto distraído os murmúrios sobre quilômetros:

— ...em altitude, é claro, e então 198, 212, 220 e 233 quilômetros, mas com apenas duas sessões de intervalado por semana...

— ...e um longo no domingo, mais ou menos 32 quilômetros. Louise faz os primeiros 16 com a gente...

— ...começamos por baixo, com 4min12 por milha e 2min30 por quilômetro...

— ...então 35 vezes 200, todos bastante rápidos para mim, 28 a 30 segundos mais ou menos...

E assim por diante. Houve um silêncio de alguns segundos antes que Cassidy percebesse que tinham falado com ele.

— O quê? — indagou Cassidy.

— Eu disse Millrose. Você ganhou Millrose há duas semanas, não foi?

Shorter estava sendo educado, tentando incluí-lo na conversa.

— Ah, sim. Os concorrentes não eram assim tão fortes, sabe...

— Bem, qualquer um que consegue fazer perto de quatro minutos naquela pista merece meu respeito. Aquilo parece bolo amassado pintado de verde.

— Pelo menos ninguém vai ter uma “canelite”* correndo ali.

— Odeio ter de interromper uma discussão médica — disse Denton, mostrando o relógio na parede —, mas acho que é hora de os corredores de milha que existem entre nós começarem o aquecimento. Esse é o tipo de prova que costuma ser pontual. O senhor Shorter, aqui, terminou as três milhas tão rápido, que adiantou o horário de várias provas.

Cassidy estendeu a mão para Shorter.

— Ei, foi um prazer. Tem algumas palavras que possam servir de inspiração para um jovem corredor iniciante?

Shorter pareceu confuso, divertido. Olhou para Denton, então sorriu para Cassidy.

— Bem, na verdade, não. A não ser desejar que você se divirta.

Denton riu e fez um gesto para que Cassidy se afastasse.

— Esse aí — disse Denton, inclinando a cabeça na direção do corredor que se afastava. — Fique de olho nesse aí...

Shorter assentiu.

Naquela noite, Quenton Cassidy fez a melhor corrida de uma milha de sua vida, portanto mudou sua posição no minúsculo universo dos corredores, de modo quase imperceptível. Correu em 4min00s1 e, é claro, nunca mais seria o mesmo. Mas sua corrida também significou outra revelação.

Durante o voo de volta, embora Denton tentasse, por diversas vezes, fazer com que ele se acostumassem a ver as coisas sob essa nova ótica, Cassidy sabia que estava nos limites de um novo território, assustador e nebuloso.

Terminou em quinto, e teve sorte de conseguir isso.

* Tibialgia ou síndrome do estresse tibial medial. (*N. do R. T.*)

Cassidy já havia passado por aquilo antes, tinha acontecido com cada um deles vez ou outra, mas nunca fora tão ruim. Denton chamava de “entrar em pane”, mas Cassidy preferia a nomenclatura de certos grupos caribenhos quase religiosos: morto-vivo era uma descrição mais precisa de seu estado. Na verdade, mais que a simples exaustão de um único treino mais difícil, entrar em pane resultava do esgotamento físico acumulado ao longo de várias semanas, e que tornava muito difícil para o corredor se recuperar entre um treino e o seguinte.

O objetivo, segundo Denton, era “passar por” aquele período, assim como dizia que era preciso tentar “passar por” todas as cascas de banana que a vida joga na sua raia — tudo, de morte na família a câncer no cólon.

Entrar em pane não era uma barreira intransponível no caminho da boa forma dos competidores. Na verdade, muitos treinadores alertavam sobre isso. Mas Denton enxergava como uma oportunidade de queimar etapas, saltando por cima de meses de treinamento menos extenuante e mais seguro para obter músculos mais resistentes. A alternativa, descanso absoluto, era o extremo oposto, a saída mais fácil. Não serviria.

O custo para o corredor — e para os que estavam à sua volta — era alto, tanto em termos psicológicos como físicos. Ele ficava enfraquecido e deprimido; precisava de doze a catorze horas de sono por noite. Estava literalmente desesperado por descanso, passava suas horas acordado com as pernas para cima, irritado. Ficava assexuado, um ser inútil para encontros amorosos. Virava uma pessoa bastante desagradável.

Mas sua vida, por outro lado, estava mais que focada na Missão. Ele não havia decidido certa vez que faria tudo o que fosse necessário para se tornar... seja lá em que iria se transformar? Talvez. Mas nesse ponto muitos corredores começam a reexaminar premissas previamente aceitas. A questão que atormenta o corredor que está passando por uma pane de treinamento é a seguinte: por que estou vivendo desse jeito? A pergunta acaba por se transformar em: isso é vida?

No caldeirão em que se dá tamanha agitação em seu íntimo são temperados os vários metais, maleáveis ou quebradiços, defeituosos ou imaculados, preciosos ou comuns, que determinam a formação dos bons corredores, dos grandes corredores e, talvez, dos ex-corredores. Os que não conseguem lidar com as (ou preferem fugir das) consequências do seu único objetivo optam simplesmente por se distanciar de tudo isso e se empenhar em ocupações menos árduas. No entanto, provavelmente nunca existiu alguém que tenha feito isso sem ter deixado parte de si mesmo ali, no calmo conforto ladrilhado do vestiário no início de tarde, amarrando seus cadarços fedorentos antes de mais uma — Jesus Cristo! — corrida de dezesseis quilômetros com os rapazes. Era uma vez um corredor...

Cassidy sempre achou que aqueles que compartilhavam os difíceis prazeres da vida de um corredor de elite apenas quando estavam confortáveis, cheios de energia, descansados, entusiasmados ou não perturbados por esforços anteriores, não entendiam o espírito da coisa. Eram os que apareciam no começo da temporada, permanecendo talvez por poucos períodos mais duros, disputando uma ou duas corridas. Mas Cassidy percebeu que eles se entregavam pelo olhar: a tristeza, pode-se dizer, era demais para eles. Cedo ou tarde acabariam sendo engolidos. Começariam a se fazer as Perguntas mais vezes que o normal. Logo faltariam a um treino.

Depois a vários, um após o outro. Desistiriam bem no meio de uma — difícil, estúpida, interminável — corrida ruim. E não se consegue esconder facilmente essas coisas de si mesmo, muito menos dos colegas de equipe. Logo, quando as perguntas fossem feitas, não haveria respostas. O corredor começaria a se sentir pouco à vontade entre os outros, sabendo que não era mais um deles; acabaria se afastando, e não seria mais um corredor...

O método de Quenton Cassidy para lidar com dúvidas fundamentais era simples: não pensava nelas. Essas questões foram consideradas há muito tempo; as decisões, tomadas; as respostas, registradas; e o livro, fechado. Se esse livro tivesse de ser reaberto a cada adversidade, ele passaria mais tempo pensando que treinando; sua planilha de treinos terminaria por revelar informações constrangedoras, talvez quadrados em branco. Mesmo um obsessivo-compulsivo assumido não poderia suportar isso. Não estava interessado em assumir o ponto de vista dos corredores que ficavam à margem, os corredores filósofos, os ratos de treino; aqueles que se sentavam lendo artigos herméticos e sem sentido na *Runner's World*, inventando ainda mais expressões para descrever o indescritível, tornando-se cada vez mais místicos a respeito dos vários estados de euforia supostamente reservados aos poucos abençoados.

Na pista, os Cassidy deste mundo engoliam espécimes daquele tipo.

Cassidy não buscava períodos de euforia. Estes apareciam, quando existiam, de modo bastante natural, e ele se contentava em desfrutá-los intimamente. Não corria por motivos criptorreligiosos, mas para vencer corridas, percorrer distâncias com rapidez. Não apenas para ser melhor que seus pares, mas melhor que ele mesmo. Ser mais veloz por um décimo de segundo, por centímetros, por meio metro ou dois metros em relação ao desempenho da semana ou do ano anterior. Esforçava-se para vencer as limitações físicas que lhe eram impostas por um mundo tridimensional (e, se o Tempo for a quarta dimensão, isso também é de sua alçada). Se pudesse dominar a fraqueza, a covardia dentro dele mesmo, não se preocuparia com mais nada: o restante acabaria vindo. O treinamento é um rito de purificação, do qual vêm a velocidade e a força. A corrida é um rito de morte, que origina o conhecimento. Esses ritos exigem, para ter algum tipo de significado, que se passe certo tempo exatamente na Linha Vermelha que marca o limite máximo, onde podemos nos debruçar sobre a extremidade do gramado de um verde imaculado à beira do precipício e ver o vazio absoluto.

Tudo o mais que sobrevinha desse processo era subproduto. Certos elogios e observações o deixavam pouco à vontade; explicava que era apenas um corredor; um atleta, na verdade, com uma missão absurdamente difícil. Não era um maníaco por saúde, não estava obcecado pela ideia de se transformar num corpo impecavelmente esguio. Não vivia à base de nozes e frutas vermelhas; se a fornalha estivesse aquecida o suficiente, qualquer coisa seria queimada, até mesmo Big Macs. Ouvia atentamente o que seu corpo dizia e atendia a exigências exóticas. Como uma grávida, às vezes procurava corações de alcachofra, beterrabas em conserva, ostras defumadas. Seu trabalho diário era árduo, de modo geral satisfatório, mas não era por natureza a alegria esfuziante, além dos limites, descrita nas revistas. Outros corredores, corredores *de verdade*, compreendiam isso muito bem.

Quenton Cassidy sabia do que os corredores místicos, os *joggers*, os corredores poetas, zen e outros da mesma espécie estavam falando. Mas também sabia que seus egos eufóricos geralmente não eram vistos nas manhãs sombrias e chuvosas. Basicamente, queriam falar

daquilo, não fazer. Muito cedo Cassidy compreendeu que um verdadeiro corredor corre mesmo quando não tem vontade e disputa provas quando tem de disputar, sem inventar desculpas e sem reservas. Corria para vencer: se necessário, seria capaz de morrer no processo, e não se deixava impressionar pelos que criticavam uma motivação assim tão fundamental. “Não se pode renunciar ao que não se possui”, ele pensava.

O verdadeiro corredor de competição, impregnado dos próprios sumos existenciais, suportava sua melancolia da única maneira que sabia: calmamente, com os outros — poucos — que também a suportavam; enfim, ainda muito sozinho. Corria porque assim se fixava no que era mais importante. Havia nisso tanto vida como morte; não se deixava corromper por estar em evidência na mídia, por preocupações sem importância, por intromissões políticas. Suspeitava de que isso o mantinha a salvo do tipo de esquizofrenia bastante real que a classe dos letrados fazia brotar como cogumelos num toco de árvore.

Correr, para ele, era algo real; o modo como o fazia era a coisa mais real que conhecia. Era pura alegria e tristeza, duro como diamante; aquilo o deixava esgotado além da compreensão. Mas também o tornava livre.

Sentado em silêncio com seus sanduíches, Cassidy mastigava mecanicamente. Não parecia feliz. Da cozinha vinha um ruído metálico e o som de gargalhadas. “Cozinheiros formam uma turma bem alegre depois que todo mundo já foi alimentado”, pensou.

Aquela manhã tinha sido como as das duas últimas semanas. Cassidy conjecturou seriamente se poderia (caso alguém pusesse um revólver enorme contra sua cabeça) ir para a pista e correr uma milha em 4min30. A manhã de número 7 se arrastava penosamente, e Mize não estava ali para se solidarizar com ele. Enquanto se vestia para a primeira aula, Cassidy se olhou de relance no espelho, deu de ombros e voltou para a cama. Dormiu profundamente durante cinco horas, acordou mal-humorado e desceu cambaleando a escada para um almoço tardio. Nas três semanas desde a prova de Sunkist, Denton tinha manifestado um interesse particular por seu treinamento. Eles agora corriam juntos à tarde, um compromisso aprovado por Cornwall, pois o fortalecimento progressivo de Cassidy começara a desencorajar os demais nos treinos intervalados.

Denton tinha insistido em aumentar as distâncias. Cansado após o fim de semana em Sunkist, segunda-feira foi o dia de correr trinta e sete quilômetros. O total da semana somava duzentos e quatro quilômetros e, ao que parecia, não iam abrir mão de nenhum deles. Entre um treino e outro, ele vivia pendurado, como um canguru enlouquecido, em um galho em meio à inundaçào. A vida estava se tornando, admitiu para si mesmo, mais que um pouco mórbida.

Hosford deu uma espiada em sua bandeja.

— Sanduíches de novo — disse, sentando-se pesadamente em frente a Cassidy.

— É só lenha para alimentar o forno. Não faz muita diferença — retrucou Cassidy.

Talvez para provar o argumento, mastigou como se fizesse um esforço quase insuportável.

— Vai correr a Boston Garden nesse fim de semana? Cornwall disse que se você quiser dobrar ele pode fazer o revezamento de duas milhas.

— Nem tenho certeza se consigo correr uma milha. Do jeito que venho me arrastando por aqui nessas duas últimas semanas, pode ser que tenha de partir para o salto triplo ou algo assim.

— Bem, foi só uma ideia. Acho que você já sabe sobre o Pospicil, não é?

— Hosford, estou de molho há duas semanas. O que tem o Pospicil?

— Aquele idiota do Slattery pegou no pé dele ontem. Foi até a mesa dele no refeitório em Farley e começou a puxar o cabelo dele, bancando o idiota, dizendo coisas como: “Não sabe que esta aqui é a mesa do treinamento, queridinho? Onde os atletas comem. Homens, benzinho, não garotas...” Esse tipo de coisa. Pior, impossível.

— Ah!, meu Deus. Para começar, Poss provavelmente não entende as regras idiotas deles. Ele não fala nem inglês direito, muito menos esse inglês estropiado.

— Acho que ele não sabia de nada a respeito. Que tal você ser o terceiro melhor jogador de seu país, receber um belo convite, aparecer nos maravilhosos Estados Unidos com sua raquete de tênis e um grande sorriso e, então, dar de cara com um babaca feito esse Slattery, com suas regras sobre cortes de cabelo? Aposto que Poss nunca sequer viu um caipira desses antes. Nossa!, coitado do cara.

— Quando a gente pensa nas merdas que Slattery aprontou quando estudava aqui... —

Cassidy balançou a cabeça.

— Ah, olha, o que eu realmente queria lhe dizer é que alguns dos caras do tênis ficaram revoltados com tudo isso. E eles fizeram a cabeça de alguns caras do atletismo também. Ou seja: todos eles respeitam sua opinião e tudo o mais, especialmente essa história de que viver bem é a melhor vingança, mas acho que talvez agora eles tenham ido longe demais.

— E?

— Resumindo: tem outra reunião no seu quarto hoje à noite.

— No meu quarto?

— Acho que a culpa foi minha. Disse a eles que provavelmente você não se importaria. Além disso, todo mundo sabe dos seus planos de fazer direito. Eles vão ouvir você, Cass.

Cassidy não falou nada, esfregou os olhos penosamente.

— Cass, alguém tem de fazer alguma coisa. Essa história com o Pospicil não foi a primeira. As pessoas estão começando a ficar realmente irritadas, até mesmo uns caras da equipe de futebol americano. Quer dizer, como você é um capitão de equipe, é um pouco obrigação sua...

— Tá bem, tá bem, *Hosford!* Meu Deus, duzentos e doze quilômetros na semana passada; Mize preso numa cama; Andrea, uma fera comigo; os treinos intervalados de Denton me deixando feito um zumbi e agora, de repente, o time de futebol inteiro está prestes a declarar guerra.

Esfregou os olhos de novo e Hosford, por um momento terrível, pensou que ele fosse começar a chorar.

— Olhe, Hos. Estarei lá, e vou ouvir — disse Cassidy. — Talvez haja alguma atitude razoável a ser tomada. Mas estou com um pressentimento...

— De que não vai adiantar muito, não é?

— Hosford, você está falando da mentalidade do futebol americano sulista. Gente que cobre cinco mil metros quadrados da maravilhosa grama verde do estádio com um tapete letal de plástico verde capaz de arrancar a pele se nos sentarmos nele de mau jeito. Gente que pensa que Joe Paterno* é um intelectual perigoso, que o Vietnã é uma... uma *oportunidade*. Como você vai...

Aqui só o estava deixando mais cansado. Hosford na verdade ainda não compreendia com o que estavam lidando. Cassidy jogou seu sanduiche na bandeja como um jogador de vinte e um que, desinteressadamente, estourasse a banca.

Hosford gostaria de rir na parte sobre o tapete letal, mas sabia que não seria boa ideia. Cassidy pegou sua bandeja, depositou-a no carrinho com um estrondo e caminhou para fora do refeitório, sentindo-se uma criança abandonada, como as que se veem em cartazes de campanhas de solidariedade. Pelo menos estava bem-alimentado.

Sabia, no entanto, que, caso um único germe desse uma olhada no local, poderia se instalar imediatamente, sem precisar deixar sequer um depósito de garantia. “Definitivamente, estava numa maré ruim”, pensou. Parou no pé da escadaria, olhando cansado através da sala de estar para o quintal, onde dois cachorros brigavam, sem entusiasmo, por um pequeno trecho de sombra. Em momentos como aquele, ele se sentia abatido e estagnado, e buscava consolo pensando no oceano. Imaginou anêmonas cor-de-rosa translúcidas, flutuando como mulheres com saias muito longas. E então: um peixe, uma cavala, em qualquer lugar no pálido azul-

turquesa dos recifes nas Bahamas, nadando apaticamente em meio a um grupo de ecologistas australianos; um guia impele silenciosamente o barco na parte rasa da praia, vira as bochechas enrugadas para o sol escaldante e sorri diante da visão de bandos de professoras canadenses de férias.

Cassidy não estava ansioso para participar daquela reunião de cidadãos indignados em seu quarto, mas na noite seguinte ele levaria Andrea ao Winjammer, e isso, juntamente com seus pensamentos sobre o mar, faria com que aguentasse mais um dia. Contudo, no final foi um pouco difícil subir os três lances de escada que o levavam de volta ao útero acolhedor de sua cama.

* Treinador de futebol americano, apelidado "JoePa", é recordista de vitórias nessa modalidade de esporte universitário. É treinador oficial do Penn State Nittany Lions desde 1966. (*N. do E.*)

O Winjammer, na época, teria sido considerado “cafona”, com suas luzes multicoloridas e frutas de plástico estranhamente penduradas por toda parte. Um trio pequeno, agradável, não muito diferente das Pozo-Seco Singers, se apresentava ali, mas para Cassidy o verdadeiro atrativo do lugar consistia nas ostras cruas Apalachicola, oferecidas a cinco dólares a dúzia, e, é claro, o chope, que era muito gelado.

Supunha-se que haveria algum tipo de “conversa” entre os dois, ele e Andrea, mas Cassidy não era muito bom em “conversas” e não conseguia se lembrar de nenhuma que não tivesse terminado em polêmica desagradável; um diálogo abstrato de um roteiro de Woody Allen sem o distanciamento necessário para que se tornasse engraçado.

Em vez disso, ele optou por se dedicar às ostras, misturando raiz-forte em seu molho e acrescentando uma gota de tabasco. E contou a ela os rumores sinistros que corriam em Doobey Hall.

— Parece que virei o redator oficial. Foi culpa minha, é claro. Disse que o abaixo-assinado deles estava prolixo demais. Isso os deixou tão impressionados, que de repente me vi sentado na frente da máquina de escrever com todo mundo falando ao mesmo tempo.

— O que vai acontecer agora?

— Bem, talvez nada. Planejamos algo às pressas, mas conversamos e todos concordaram em dar um tempo para ver se o negócio acaba se resolvendo sozinho. Que droga, somos atletas! Não precisamos desse tipo de dor de cabeça. Mas se as coisas continuarem assim, eles vão rodar com esse abaixo-assinado por aí e ver quantas assinaturas conseguem. Se conseguirmos apoio suficiente das outras equipes, vão levar o documento até a direção do departamento de atletismo, aí a bola estará com eles.

— Você acha que isso vai adiantar?

— Ah, sim. Encaminhar esse abaixo-assinado a Dick Doobey e ao departamento de atletismo será como ir ao zoológico e discutir formalmente com um mico-leão-dourado. Vamos levar a melhor, tenho certeza disso.

— Quenton.

— Quer dançar?

— Se você quiser.

Cassidy tinha uma afinidade gratuita com lugares como o Winjammer. Numa sala lateral, dois operários da construção civil, ambos de cabelos compridos, andavam em torno de uma mesa de bilhar, com suas botas pesadas, visivelmente chapados desde o dia anterior, rindo da falta de habilidade um do outro.

— Cacete, Harlan — disse um deles quando a bola pulou para fora da mesa e foi bater contra a parede —, coloque mais força. Acho bom ter tirado uma lasca daquela parede, senão vai ficar sem nem um pentelho no rabo pra contar história.

Os dois se curvaram, impotentes diante de tanta sagacidade.

Cassidy pensou: “Ah, ser um operário nos Estados Unidos dos anos 1970! Vida de verdade, assim como ela é, está sendo praticada aqui.”

— Andrea, sabe que essa é a primeira vez que toco em você com algum tipo de pensamento

libidinoso nos últimos quatro dias?

— Sei.

É claro que sabia, pensou Cassidy; esse tipo de controle é a especialidade das mulheres.

— Fico imaginando qual seria o motivo disso.

— Bem, teve a prova de química orgânica na segunda, depois aquele terrível programa de computador que não rodava e ainda o fato de que você está se tornando uma pessoa muito difícil de lidar...

— Ah...

— Quenton, estou me esforçando de verdade para compreender, sério, mas qual seria a justificativa para o que está fazendo a você mesmo? Você começou a matar aula, não consegue jantar porque não está em condições depois do treino, dorme em cima dos livros depois de quinze minutos de estudo...

— Andrea, isso não é uma condição permanente. Bruce diz que...

— Bruce diz, Bruce diz.

— Isso não está ficando um pouco óbvio, agora?

— Ah, Quenton, às vezes eu fico pensando se você realmente sabe o que sinto por você. Como eu gostaria que isso desse certo. Se pelo menos houvesse algum tipo de concessão, algum...

— Bem, agora você tocou num ponto, Andrea, porque o negócio é o seguinte: a coisa em si é a ausência de qualquer concessão. Não há nenhum... acordo possível. Gostaria que houvesse algum jeito de explicar isso. Essa coisa... não pode ser diluída.

Ele deu de ombros e a apertou contra si. Só tentar explicar já era cansativo. Podemos fazer ou não fazer, pensou, mas não adianta nada ficar falando sobre isso.

— Não vamos mais falar sobre isso — ela disse. — Quanto mais falamos, menos nos entendemos.

A música parou, mas eles continuaram, num abraço forte. Era verdade: ele não tinha o poder de lhe dar aquilo de que mais precisava, e ela não tinha como compreender essa estranha dimensão que nem mesmo ele entendia direito. Esses desequilíbrios fundamentais faziam com que girassem em círculos concêntricos de tamanho cada vez menor; a concha de um náutilo que continha a infelicidade dos dois.

O incrível ataque da meia-noite aconteceu nesse mesmo dia. Começou como um murmúrio surdo no primeiro andar, como se um grupo de arruaceiros tivesse acabado de voltar de sua ronda. Mas, em vez de ir diminuindo gradualmente, o rumor transformou-se num alvoroço. Cassidy acordou como se estivesse num sonho em meio àquela algazarra. Parecia que estavam ocorrendo discussões em voz alta, muito tumulto, objetos voando de encontro às paredes, berros pela noite. Quando enfim acordou totalmente, sentou-se e ouviu com atenção. Não havia gargalhadas nem sinal algum de diversão, e sim claras evidências de pânico e raiva. O tutor residente tinha viajado no início do fim de semana, deixando os três capitães das equipes tecnicamente no comando, então Cassidy pulou da cama e se vestiu.

O que estava acontecendo lá embaixo era que Harold Slattery e dois treinadores assistentes do time de futebol americano estavam simplesmente tomando o alojamento de assalto. Tinham

consciência de que membros do sexo oposto às vezes passavam a noite em Doobey e queriam desmascarar os transgressores e talvez, de quebra, se divertir um pouco. Iam de quarto em quarto, batendo na porta com estardalhaço e em seguida vasculhando-o com suas lanternas, invocando para isso sua incontestável autoridade.

— Somos treinadores! Estamos entrando!

Então invadiam o quarto. Os atletas que por acaso estavam dormindo sozinhos ouviam algo como:

— Esse está limpo! Risca da lista.

Então saíam pisando forte até o quarto seguinte, torcendo para que houvesse alguma ação. Logo havia um *entourage* de atletas irados atrás deles, resmungando, gritando e talvez prestes a apelar para o linchamento, tratando-se ou não de uma autoridade.

Cassidy já estava quase do lado de fora quando ouviu o tumulto silenciar repentinamente lá embaixo. Os técnicos tinham chegado ao quarto 207 e, em meio às suas bravatas e hipocrisias, tinham decidido abrir mão da batida na porta, por ser um excesso de educação, e simplesmente entrar sem pedir licença. Ao entrarem, deram de cara com o pequeno, sombrio e bastante autêntico buraco do cano da pistola calibre .45 de Jack Nubbins. Sob a luz tênue, ouviu-se um barulho ensurdecedor e a maçaneta, a alguns poucos centímetros da mão de Harold Slattery, desapareceu com um forte ruído metálico.

Nubbins acendeu a luz, sonolento, a arma ainda apontada para Slattery, que estava com os olhos arregalados. Betty Sue encolheu-se debaixo do cobertor, seus pequeninos e apavorados olhos verdes de fora.

— Não tenho a mira tão boa assim — disse Nubbins, bocejando. — Poderia ter acertado seu estômago.

Slattery permanecia parado como numa fotografia, o lábio superior branco, indicando aquele tipo mais absoluto de medo, o que faz a vida inteira passar diante de seus olhos. Provavelmente foi o bocejo que fez os pequenos cabelos em sua nuca gorda se arrepiarem.

— Em geral, não erro um tiro desses, veja bem, mas no momento estou com os olhos um pouco fechados devido ao sono. Um monte de bons atiradores podem ser acordados no meio da noite e não conseguir acertar nada...

— Nós, ah...

— É, eu sei quem vocês são — disse Nubbins calmamente. — Mas por pouco não pensei que você fosse um assaltante. Você não achou isso, Betty Sue? — Olhou para a garota assustada, que nem piscava. — Também achei, querida. Aliás, para todos os efeitos, ele ainda podia ser um assaltante. Não dá para ver direito nessa escuridão.

— Agora olhe aqui, Nubbins...

Slattery estava tentando se recompor e não gostava da ideia de aquela história se espalhar por aí. Chegou o momento de tentar recobrar um pouco da dignidade e ele deu um passo quase imperceptível para a frente enquanto falava. O revólver disparou de novo e a moldura do lado oposto do vão da porta se partiu em pedaços.

— Lá vou eu de novo — disse Nubbins. — Na verdade estava mirando oito centímetros acima desse ponto.

No momento em que o gesso e as lascas de madeira caíram no chão, Slattery e sua gangue

já tinham formalmente abandonado sua caçada.

Quando Cassidy chegou ao segundo andar, tudo já havia terminado. Todos falavam ao mesmo tempo, e nada que diziam fazia muito sentido. Assim que conseguiu reconstituir a história, se deu conta de que algumas forças verdadeiramente do mal, que ignoravam a própria loucura, tinham entrado em ação.

E o destino, é claro, vai e volta em minúsculas articulações. Se um cabo é malcolocado, um rei é assassinado; uma tubulação engasga e um navio é perdido com toda a sua tripulação; um general não consegue transar e milhares são bombardeados...

Cassidy corria embalado por um ritmo noturno, pocotó, pocotó, a batida constante do agradável esforço solitário que o destacava sob muitos postes de luz, tornando-o anônimo naquelas vizinhanças sombrias, fazendo com que subisse e descesse suavemente as delicadas colinas de Kernsville enquanto cachorros uivavam e mamãe e papai comiam o purê de batatas do jantar.

Quem passasse poderia pensar que ele estava em transe, mas Cassidy não perdia nada naquele cenário sombrio: o aroma das flores que desabrochavam no inverno, o frescor dos carvalhos, a umidade do musgo das árvores. Ouíam-se os sons das tolices que passavam na tevê no início da noite, do jantar, das brigas entre as crianças. Ele era um meteoro sombrio sondando um universo cintilante. A noite tornava ainda mais agudos os sentidos do corredor, mais tocante sua solidão, fazia o ritmo rápido parecer ainda mais rápido, criava urgência, um suave entusiasmo no ato de se deslocar sozinho.

A atmosfera imaculada de seu devaneio de vez em quando era estragada por algum idiota num Chevrolet que gritava: “Corre, corre!” Cassidy costumava exibir automaticamente um dedo em riste ou então manifestar sua irritação com algum palavrão. Durante anos havia tentado ignorá-los, em vão. Sua política agora era reagir. Ficavam surpresos quando o corredor (uma criatura pacata, certo?) exibía tamanha agressividade. O que existia na natureza humana que gerava esse irresistível impulso de atormentar um corredor, ele não sabia. Mas a essa altura já sabia que era algo profundo, enorme e quase universal. Um escritor inglês de outra época registrou os insultos dos moleques de rua: “Ei, olhe o corredor, ele está nu!” Às vezes jogavam coisas. Para Cassidy, alguns costumavam gritar “Um, dois, três, quatro...” e depois rir de sua fantástica presença de espírito, incapazes de dissociar o ato de correr da experiência militar.

Certa vez, disparando por quase duzentos metros, ele emparelhou com um carro cheio de arruaceiros particularmente irritantes que, de repente tomados de pânico, tiveram de parar em um sinal vermelho pouco cooperativo. Acreditando-se em segurança depois de fecharem as janelas e travarem as portas, viram, horrorizados, Cassidy passar por cima da carroceria e do teto do carro sem sequer parar.

Durante o treino ele era destemido, capaz de se tornar violento com muita facilidade. Pensava com frequência no que faria se alguém parasse e o desafiasse. Imaginou que, primeiro, deveria fazer com que provassem um pouco daquilo de que sua vida era feita; provocá-los para que fossem atrás dele. Permaneceria quase ao alcance, só para depois continuar provocando-os. Talvez aguentassem por aproximadamente um quilômetro, dependendo da habilidade que mostrasse para atraí-los; talvez a vaidade deles acabasse por vir à tona, subproduto de um completo equívoco a respeito do que realmente estaria acontecendo. Certa vez Shorter, apesar de cansado depois de uma corrida de vinte e quatro quilômetros, fez uma gangue inteira de baderneiros correr pelas colinas do Novo México até ficar sem fôlego. Era preciso estar atento aos sintomas, pensou Cassidy, aqueles que conhecia tão bem: a dor, o atordoamento, a perplexidade que beirava o desespero. Transformaria aquilo num desafio, de modo que eles esquecessem seu objetivo original e continuassem tentando, só para mostrar àquele filho da mãe, àquele... àquele... (aí compreenderiam) *corredor*.

Então ele simplesmente se viraria para encará-los. Desse jeito, imaginava, poderia enfrentar

qualquer um. Poderia enfrentar Muhammad Ali, contanto que conseguisse ditar os movimentos preliminares.

Cassidy sabia muito bem que poderia levar homens, mesmo fortes e corajosos, a lugares onde nunca tinham estado antes. Lugares onde a vida e a morte se sobrepõem em vales surreais de abatimento muscular e desespero no coração, em que começamos a nos dar conta de que nada realmente importa e que tudo se resume a parar (a morte?); onde todos os homens se despem da fina camada de civilização e veem dentro deles aquele tênue brilho rosa que diz — tanto no *cunnilingus* quanto nos ferimentos a bala — *que não existem segredos*.

Em resumo, uma amostra, para um visitante, do dia a dia de um corredor. Ele brigaria com eles, se ainda quisessem, depois de saberem disso. Mas tinha certeza de que não iriam querer. Desistiriam sem conseguir nada além de uma compreensão adquirida a duras penas.

Essa noite ninguém parou. Ninguém fez nenhuma ameaça verbal. Ninguém fez nada além de acrescentar seus barulhos simplórios ao sombrio cenário do ritual do corredor.

Cassidy voou em meio à noite.

— Bruce — disse ele ao telefone. — Preciso falar com você. Estou em Doobey agora e não posso falar daqui do saguão. Pode me encontrar no Nineties ou em outro lugar?

— Claro. Por onde andou? Pensei que a gente fosse treinar junto esta tarde. Você correu?

— Claro que corri. Fiz dezesseis, bem puxados. Escute, tive de falar com Dick Doobey no escritório dele hoje à tarde. Alguma coisa está acontecendo. Dá para a gente se encontrar lá daqui a quinze minutos?

— Tudo bem. Mas não vou ficar lá bebendo cerveja a noite toda, como vocês. Vou beber duas e...

— Tá, tá. Sem problema. Vou só tomar uma ducha. Vejo você lá.

O Nineties não ficava lotado durante a semana; Fat Fred, o dono, ficou tão contente em ter Bruce Denton em seu bar, que lhe ofereceu uma jarra de chope por conta da casa. Era o tipo de entusiasmo que considerava a seu alcance, uma vez que havia relativamente poucos medalhistas de ouro em Kernsville. Os dois corredores se recolheram a um dos reservados num canto.

— Então, que crise é essa? — Denton servia-se de bebida enquanto a jukebox tocava: “...and time... washes clean... lu-huv’s wounds unseen...”

— Viu o que saiu nos jornais hoje?

— Quem não viu?

— Bem, eles decidiram que, como fui eu que datilografei o abaixo-assinado e também deixei as assinaturas no departamento de atletismo, tudo foi concebido e... ah... “perpetrado”, como eles dizem, por mim e mais um ou dois conspiradores não identificados.

— Como concluíram isso? Todos os caras do atletismo dessa faculdade estão tão de saco cheio...

— Estou convencido de que eles realmente são tão idiotas quanto parecem. Quando não

conseguiram encontrar um agitador declarado...

— Poxa, para mim tudo aquilo não pareceu nada de mais.

— É o que você diria. Mas Doobey se sentou lá e me disse que de fato não me culpava por toda essa confusão. Ele acha que a culpa na verdade deveria ser atribuída a todos esses professores comunistas e esquerdistas do outro lado do campus, que estiveram agindo sobre meu pobre cérebro todos esses anos.

— Meu Deus! Você acha que ele está falando sério?

— Ah, cem por cento sério. Não é um cara que tenha senso de humor. Ficou o tempo todo recorrendo àquelas analogias militares. “No Exército, a gente fazia o que mandavam, senão quebravam nossa placa de premiação... na nossa cabeça.” Esse tipo de coisa. E então começou com essa história sobre os professores. Meu Deus! Estou tendo aulas aqui há três anos com lunáticos de extrema direita e nazistas enrustidos, e o idiota acha que sou lavagem cerebral de alguma conspiração acadêmica esquerdista. O maldito do meu professor de economia acha que o Milton Friedman é um liberal! Se esse campus tivesse algum professor decente, teriam posto o filho da puta encadernando livros, escondido atrás de uma estante qualquer...

— Tudo bem, fique calmo. O que aconteceu exatamente?

Cassidy terminou seu segundo copo fazendo uma careta. Ainda estava desidratado por causa da corrida.

— Adotaram uma política linha-dura. Aparentemente, o que deixou todo mundo alterado foi o fato de um punhado de jogadores de futebol americano ter assinado aquela droga. Parece que Doobey foi repreendido pelo próprio Prigman em pessoa. Acho que, se os jogadores de futebol não estivessem envolvidos, eles podiam passar por cima disso tudo, dizendo que os comunistas fizeram nossa cabeça. Você sabe, todos nós participamos de eventos individuais, não somos parte do... esforço de uma equipe...

— É, isso faz sentido...

— Acho que começo a farejar uma armaçãozinha tramada nos bastidores: bem no fundo do armário de alguém.

— Uma analogia muito espirituosa. — A jukebox tocava: “...has anybody here seen sweet thang...”

— Doobey disse algo sobre ter percebido que tudo isso estava acontecendo durante a temporada de futebol, do contrário, com o talento que tinham, nunca teriam se dado mal. Pegou a linha de raciocínio?

— O quê? — Denton não podia acreditar. — Eles realmente vão tentar pôr a culpa por aquele fiasco na temporada de futebol...

Cassidy expirou o ar dos pulmões. Fisicamente estava ótimo, com uma força imensa a essa altura da vida; podia correr cento e sessenta quilômetros. Porém, começava a sentir um peso sobre ele que o sufocava, uma mortalha clara da qual não conseguia fugir.

“Estou me sentindo velho”, pensou. “Já estive morto uma vez, acho que não dá para ficar mais velho que isso. Mas isso foi há muito tempo, no mar salgado, salgado.”

Para Denton, que ainda estava sentado, olhando estarecido para o teto, ele disse:

— Bruce, falta tão pouco para chegar lá... Parece ridículo acontecer algo assim...

— É. Eu sei, mas aguente firme, não fique nervoso quando ficar embolado com os outros...

Três dias depois, constrangido, Cornwall chamou Cassidy ao seu escritório e lhe disse que, devido a circunstâncias sobre as quais ele, na condição de treinador, não tinha controle, Quenton Cassidy estava a partir daquele momento suspenso das atividades atléticas da universidade.

O reitor da Southeastern, Steven C. Prigman, já havia feito parte da Suprema Corte da Flórida, e durante os sete anos em que se manteve no cargo participou de várias decisões notáveis que se tornaram marcos na história da comédia jurídica.

O mais famoso desses casos envolvia um jovem negro que teve a audácia de pleitear a admissão na faculdade de direito da Southeastern. Ele não foi exatamente rejeitado, mas seu pedido de inscrição foi perdido. Na terceira vez que o perderam, ele moveu uma ação e foi rapidamente enxotado do circuito de tribunais do estado. Dali encaminhou seu recurso ao magnífico tribunal no qual servia Sua Excelência o Juiz Prigman e seis de seus bajuladores. Mal se dando o trabalho de deliberar após a argumentação oral, apresentaram uma decisão que dizia, trocando em miúdos, que, se o Senhor Todo-poderoso realmente quisesse que todas as raças ingressassem nas faculdades de direito dos brancos, os negros já nasceriam com boas notas no vestibular e pastinhas de couro. Alguns meses depois, a Suprema Corte dos Estados Unidos, ignorando inteiramente a curiosa lógica empregada por aquela instância inferior para chegar a tal conclusão, modificou a decisão e, ao mesmo tempo, emitiu a famosa sentença *Brown versus Conselho de Educação*, mandando-a de volta ao juiz Prigman e companhia sem se dignar a acrescentar algo como “valeu a tentativa”.

Nesse momento, os juízes demonstraram realmente alguma imaginação. Argumentando que a Suprema Corte dos Estados Unidos tinha feito sua deliberação apenas com “base na Constituição”, decidiram que, se houvesse outras considerações que pudessem manter aquele negro do lado de fora, então a sentença não se aplicaria. Portanto, escolheram um juiz local como “mestre especial” para realizar um estudo da situação e descobrir o que aconteceria se um negro entrasse na faculdade de direito. O “mestre especial” rapidamente concluiu que o mundo, é claro, desabaria, fenômeno que assumiria a forma de uma saída em massa dos alunos da faculdade, com o consequente colapso financeiro. Haveria um pandemônio completo na própria faculdade: quebra-quebras, vandalismo e até guerras de comida. O “mestre especial” foi capaz de intuir essas terríveis consequências pelo método comprovado das entrevistas (“Você vai promover quebra-quebras?” “É claro!” “Ok”).

E foi assim que a digníssima Suprema Corte da Flórida foi capaz de, em sã consciência, desobedecer a uma determinação direta da Suprema Corte dos Estados Unidos, afirmando que sua nova decisão negava acesso ao estudante não com base em princípios constitucionais, mas no dever inerente a qualquer governo de evitar a violência. O fato de que a referida violência seria causada por brancos (talvez imaginários) que estariam violando a lei não lhes dizia nenhum respeito. Ao ver seu dinheiro e sua paciência esgotados, enojado, o jovem negro jogou a toalha e foi obter seu diploma no norte.

Steven C. Prigman sempre tinha sido um sócio de carteirinha do clã que reunia os velhos rapazes da região da Flórida conhecida como Panhandle. Bebericando uísque quinze anos, seu belo rosto corado brilhava de bom humor, e com seu charme ele era capaz de desarmar uma cascavel. Apesar de Sidecar Doobey se referir a ele como “Aquele idiota de nariz em pé”, os dois se entendiam muito bem. Doobey usou sua influência para ajudar Prigman a se transferir para o universo acadêmico quando o jurista decidiu abandonar seu posto na Suprema Corte.

E quando finalmente fez isso, foi embora da cidade de Tallahassee, orgulhoso pelo fato de ele e os colegas terem conseguido, mesmo que por um breve período, interromper o fluxo do século XX. Seu momento de glória, registrado no volume 93 da segunda série do *Southern Reporter*, ainda hoje proporciona muitas horas de divertimento a estudantes de direito por todo o país.

Dick Doobey tinha se sentido um pouco mal no seu compromisso no escritório de Prigman na véspera. Seus sapatos de treinador, de sola esponjosa e ondulada, guinchavam de modo constrangedor enquanto ele subia os degraus de mármore para entrar na sala do reitor.

— Oi, Roberta.

Ele piscou na direção da morena de meia-idade, que não deixava de ser atraente, imaginando se o velho estava se dando bem. Ela ergueu os olhos com simpatia, cumprimentou-o e então o encaminhou para o escritório silencioso. Era uma mulher charmosa, mas Doobey sabia que ela não gostava dele. Seu sorriso era igual ao de um maître.

— Muito bem, treinador! — disse o velho, com animação, se levantando para apertarem as mãos. — Sente-se aí, rapaz. Fique à vontade.

Na batalha dos escritórios gigantes, Prigman tinha atropelado Dick Doobey, ainda que seu tapete não tivesse estampada a figura do mascote do time de futebol americano, Daryl the Swamp Dog. A decoração atendia ao gosto de um ex-integrante da Suprema Corte estadual: as paredes cheias de títulos honoríficos, suvenires de caça e fotos de Prigman com personalidades conhecidas. Dick Doobey invejava a dignidade irradiada pelos vários tons de marrom e castanho, que pareciam inspirar muito mais respeito do que sua colorida confusão formada por caricaturas e troféus. A aura em torno do escritório era — em uma palavra — impressionante, e Dick Doobey jamais se sentava naquela cadeira sem sentir um misto de medo e inveja.

— Bem, como vai ser nossa temporada de primavera de futebol este ano? — perguntou Prigman.

Doobey não esperava esse tipo de pergunta, de tão preocupado que estava pelos recentes problemas que vinha enfrentando. Tinha começado a repetir sua velha história sobre as transferências e os reforços que “seriam de grande ajuda para nós no próximo ano”, mas não pôde ir muito longe antes que Prigman o interrompesse.

— Ótimo, ótimo. Eu sei o que alguns dos nossos caluniadores estão dizendo sobre os resultados do ano passado, mas tenho certeza de que você vai recuperar o controle da situação assim que tomar pé das coisas aqui.

— Bem, sim, senhor, sinto que agora estou chegando ao ponto em que posso...

— Ótimo, ótimo. Treinador, o que eu queria perguntar — ele alcançou na ponta da sua longa mesa polida a cópia de um documento — era sobre isso. Sabe alguma coisa a respeito?

Dick Doobey apanhou a folha, afastou-a do rosto como se se tratasse de uma pequena serpente e estudou-a cuidadosamente. Tentou agir como se nunca tivesse visto nada parecido. Prigman não se deixou enganar. No alto da página havia um parágrafo que dizia: “Nós, atletas da Southeastern University, vimos por meio desta apresentar algumas queixas...” A folha que Doobey segurava continha trinta e oito assinaturas. Havia também outras folhas e Doobey sabia

que, no total, cerca de 125 atletas da universidade, incluindo muitos jogadores do time de futebol, tinham participado do abaixo-assinado.

— Bem, senhor, sei alguma coisa sobre esse assunto, sim.

— Talvez queira me deixar a par. — Percebia-se na voz do velho um leve tom de ameaça.

— Bem, senhor, esta manhã um rapaz da equipe de atletismo deixou uma pilha desses, ah, abaixo-assinados. Parece que um número bem pequeno de atletas assinou e...

— Quantos?

— Bem, senhor, não sei exatamente, mas diria que algo em torno de, ah, cerca de cem, senhor, e...

— Cem! — Ele praticamente gritou. Dick Doobey encolheu-se na cadeira macia.

— Bem, sim, senhor, mais ou menos, senhor...

— Algum jogador de futebol americano entre eles?

— Ah, não sei, senhor, não examinei a lista com muita atenção ou...

— Eu *perguntei*... se havia alguém do time de futebol... *nas listas*. — As últimas palavras foram pronunciadas num tom de voz bem baixo.

— Sim, senhor! Tinha, ah, mais ou menos quarenta, eu diria, por alto, senhor.

— Quarenta! — Prigman apoiou o queixo na mão, virando a cadeira de lado, perdido em seus pensamentos ou aborrecido demais para falar. Doobey rezou para que fosse a primeira opção.

O velho rodopiou a cadeira de volta e inclinou-se para a frente, espremendo Doobey contra o assento com um olhar fulminante. Era o tipo de gesto que Prigman havia aperfeiçoado a ponto de se transformar numa arte e percebeu com satisfação o pomo de adão de Doobey subir e descer.

— Bem, *treinador* Doobey, talvez possa me explicar que diabo de história é essa.

Doobey começou a falar alguma coisa, mas o velho continuou:

— Quer dizer, só para dar um exemplo, que negócio é esse de “batidas injustificadas de uma neo-Gestapo nos quartos dos atletas...” e “regulamentos de espírito militar sobre cortes de cabelo e roupas...”? Talvez você possa explicar o que diabos está acontecendo no meu campus, *treinador* Doobey!

Estava de pé diante de sua cadeira, mas lentamente obrigou-se a se sentar, dando a impressão de uma enorme fúria contida à custa de grande esforço. Doobey tinha passado a manhã inteira pensando no que diria exatamente agora, e ainda que achasse que tinha chegado a uma solução, naquele momento tudo havia evaporado de sua cabeça. Ficou olhando para o abaixo-assinado como se ele fosse lhe dar alguma pista.

— Bem, senhor reitor, parece que alguns atletas estão um pouco chateados com nosso novo código de conduta sobre cortes de cabelo e roupas, senhor, e depois houve o incidente no alojamento da equipe de atletismo na outra noite, o que não foi autorizado por mim e que talvez tenha sido um pouco, ah, injustificado, ou seja, tentando ser subjetivo sobre tudo isso...

— Que besteira é essa de que você está falando? Que código de cabelo e roupas? Que incidente?

— Bem, senhor, o código foi uma pequena ideia minha para tentar levantar um pouco o moral, senhor...

Doobey tentou informar o velho da melhor maneira que pôde. Quando ele terminou, Prigman sentou-se de lado novamente, perdido em profundos pensamentos. Depois de algum tempo, Doobey pensou que tinha sido esquecido, tamanha a demora da meditação do velho. Finalmente, Prigman se virou para encarar Doobey, mas falou numa voz tão baixa que o obrigou a se aproximar para ouvir.

— Recebi uma ligação de Walter Davis hoje de manhã. Você conhece Walt?

— Bem, senhor, eu...

— Ele é o homem da UPI, a agência de notícias internacional, em Miami, treinador Doobey. Mas não pude falar com ele na hora, porque estava com Norman Johnson na outra linha. Sabe quem é o Norm, não? — ainda num tom calmo.

— Sim, senhor, eu...

— Ele é o cara da Associated Press em Miami. Bem, parece que esses representantes das agências de notícias em nosso país estavam muito interessados na mesma coisa...

Segurou o abaixo-assassinado com uma das mãos, dando um tapinha de leve na folha com o dorso da outra.

— A mesma coisa em que também estava interessado um sujeito da *Sports Illustrated* (nunca tive o prazer de falar com esse pessoal antes), além dos editores de esportes de uma dúzia dos maiores jornais da região sudeste. Roberta foi maravilhosa ao me ajudar nisso. Qualquer publicação com uma circulação abaixo de cinquenta mil seria desviada para um sub-reitor ou um decano. Mas, é claro, não sei quantas ligações *eles* receberam...

— Eu mesmo falei com alguns e...

— Não estou *interessado* nisso!

— Sim, *senhor!*

— Na verdade, estou interessado — de modo mais calmo agora — exatamente em como, em nome de tudo o que é mais sagrado, vamos fazer para sair desse rolo em que você com tanto prazer nos meteu, *treinador* Doobey?

— Bem, senhor, eu...

— Quer dizer, você se dá conta das implicações de uma revolta dos atletas? Você consegue ter consciência de que acabamos de passar por muitos anos de lutas e violência em nossos campi por causa da batalha altruísta que nosso país vem travando contra o comunismo no Vietnã? E que, durante esse período de crise, nossos atletas têm sido nosso principal apoio e sustentáculo? Não importa que merda estivesse acontecendo por toda parte, nossos rapazes estavam lá a cada sábado, dando duro, jogando limpo, indo em frente como se não houvesse amanhã, dando tudo de si. Ora, esses garotos mantêm, nas horas mais difíceis, nossas *tradições mais americanas!*

Doobey se empertigou na cadeira.

— Sei, senhor, é exatamente por isso...

— Não *acabei*. E agora, *treinador* Doobey, bem agora, quando nossos atletas se tornavam símbolo de tudo o que havia de melhor, mais leal e patriótico em nosso país, agora eles estão por aí e... e... *aderindo a abaixo-assinados!*

— Estou tão surpreso quanto o senhor!

— Surpreso *uma ova!* — Ele apanhou outra folha de papel. — “Costeletas que não podem ir além da linha que se estende perpendicularmente da ponta do lóbulo da orelha...” Onde foi

arrumar essas... essas *concepções*?

Ele mal conseguia disfarçar seu desprezo.

— Bem, senhor, tirei algumas delas do meu treinamento militar...

— Hummmmm.

— ...outras foram sugeridas pelo treinador assistente Slattery, o assistente técnico, ah, é dele a que fala das camisas sem colarinho...

— Colarinhos — disse Prigman, tristemente.

— ...e outras eu mesmo inventei, senhor.

— É o que eu deveria ter imaginado — disse Prigman, baixinho, olhando para o teto.

A reunião entre os dois avançou pela tarde. Prigman, com sua fúria um pouco amainada, agora se concentrava no aspecto logístico do problema que tinha em mãos. Sabia muito bem o que Doobey lhe diria, mas não estava disposto a deixar que escapasse ileso de sua cota de sofrimento. Cuidaria daquele filhote idiota do Sidecar depois; por ora, contentava-se em observar o estremecimento involuntário que percorria aquele corpo robusto cada vez que enfatizava a palavra “treinador”. Mas aquele era um momento que exigia ação; a diretriz precisava ser formulada, era necessário lidar com a mídia. A situação pedia uma tomada de decisão rápida, clara e inteligente. Exigia, em resumo, o tipo de firmeza que, refletia Prigman com orgulho, era o motivo de ele estar onde estava. Intimamente, ele se deliciava com o que iria enfrentar.

— Quem trouxe o abaixo-assinado ao seu escritório?

— Um integrante da equipe de atletismo. Um tal de Quenton Cassidy, senhor. Ele apenas deixou as folhas lá.

— E ele falou alguma coisa?

— Sim, senhor. Disse a Mary Lou, minha secretária, que teria prazer em conversar comigo para resolver aquele assunto para o bem de todos nós.

— Para o seu...

— Para o bem de todos nós, foi o que ele disse, senhor.

— Meu Deus do Céu.

Acima da banheira de hidromassagem, na ampla sala de treinos, um cartaz escrito à mão anunciava:

VOCÊ NUNCA CHEGARÁ EM PRIMEIRO
FICANDO NA BANHEIRA O DIA INTEIRO

Brady Grapehouse era quem mandava no lugar, e como sabia que os poderes curativos das águas, muitas vezes, eram procurados mais como refúgio contra um mundo ameaçador do que devido a lesões físicas verdadeiras, o cartaz fora ideia sua — como tudo mais em seus domínios.

Havia trabalhado como treinador-chefe da Southeastern por dez anos, antes de Dick Doobey chegar como técnico de futebol americano. Muitas gerações de jogadores nutriam por Brady um sentimento único: amor, puro e declarado. Se um interrogatório fosse montado para encurralar o filho da mãe mais duro e cruel da linha de ataque da antiga equipe de Brady e perguntassem a ele, à queima-roupa, se gostava do ex-treinador, ele diria: “Pode apostar que eu adoro Brady Grapehouse. *Todo mundo* ama Brady Grapehouse.” Todo mundo, exceto Dick Doobey, que o odiava.

Provavelmente foi o amor que ele inspirava nos atletas que selou seu destino. Todo mundo sabia que Dick Doobey tinha lhe dito que seu contrato não seria renovado para tornar possível a chegada de Zip Simmons, um bajulador idiota que Doobey tinha conhecido no Exército, e que gostava de manter por perto por ser um dos poucos adultos com quem havia convivido que não o fazia se sentir no mínimo um pouco retardado.

Como muitos homens que consideravam a competência um fenômeno intrigante, Doobey não gostava de ter muito dela à sua volta.

Brady era quase uma caricatura de si mesmo. Pequeno e rechonchudo, estava sempre com uma guimba apagada de charuto na boca (suspeitava-se de que ele já os comprasse assim de algum fornecedor suspeito). Tinha cabelos pretos curtos e ondulados, salpicados de manchas grisalhas; transmitia não tanto uma sensação de idade, mas de experiência. Movia-se com elegância pela sala de treinos, apoiando-se nos calcanhares, como o boxeador que tinha sido. Se estivesse servindo, seria o sargento mais durão, e todos admitiriam — quando bêbados — que o filho da mãe era gente boa.

Brady tinha visto de tudo. Craques entre os quarterbacks do time de futebol, agressivos atacantes gigantes, aberrações de mais de dois metros do time de basquete, vaidosas estrelas do tênis, futuros jogadores profissionais de golfe — alguns deles ganhariam milhões com pernas, mãos e olhos incríveis. Todos eles misturados com uma infinidade de atletas medianos que estavam (embora longe de compreender isso) no auge de sua vida, destinados a viver o ápice tão cedo que o restante de sua existência não passaria de lembranças saudosas dos tempos em que as façanhas poéticas eram a ordem do dia.

Brady atendia a todos com a mesma eficiência ríspida. Costumavam aparecer em épocas em que estavam fisicamente muito bem, batendo com os dedos na divisória de vidro de seu escritório na sala de treinos, geralmente pela manhã, quando não havia muito movimento e o lugar era um refúgio refrescante e coberto.

— Ei, Brade — costumavam dizer, um pouco envergonhados —, tem um segundo?

— Se tenho um segundo? Um segundo? E o que eu teria de melhor para fazer que ficar sentado aqui jogando conversa fora com um de vocês, seus pernas de pau, a manhã toda?

Então fecharia a porta e cuidaria do caso. Ele era tio, padre, conselheiro médico, psiquiatra. Procuravam-no com questões que não poderiam discutir com os melhores amigos. Os casados, excluídos da intimidade grosseira da comunidade atlética dos solteiros, apareciam para falar dos problemas de casa: crianças, sexo, fidelidade, dinheiro. Ele acolhia todos, ouvia-os com a guimba do charuto indo de um canto a outro da boca, rude e impaciente, mas com um olhar que demonstrava claramente a profunda compreensão, o perdão e a intenção de não julgá-los, um olhar de alguém incapaz de ficar chocado, alguém com suas próprias angústias, das quais não se envergonhava. Quando já tinha ouvido o suficiente, ele os interrompia e dizia o que tivesse a oferecer. Às vezes, pegava o telefone e em poucas palavras orientava algum médico especialista. Muitas vezes seu conselho se resumia a algo não mais complicado que: “Ei, você precisa parar de choramingar e tomar uma atitude diante dela. Não acha que é isso o que ela espera de você? Por que então ela estaria fazendo tanta questão disso?” Ou poderia simplesmente ouvir e consolar, oferecendo o apoio de alguém que enxergava a vida de todos os pontos de vista — o dos pombos que faziam suas sujeiras, mas também o da estátua — e era capaz de fazer os outros enxergarem também. Quase sempre saíam dali se sentindo melhor, na maioria das vezes até rindo, felizes por terem encontrado alívio em alguém tão sábio, tão experiente, um homem que também descobria humor nos resíduos de uma vida desenfreada e selvagem.

Cassidy estava na sala principal de treinos no dia em que Jolie Benson, um atleta brilhante do sul da Flórida, que jogava bem em qualquer posição num campo de futebol americano, entrou lá. Quando estava no primeiro ano do ensino médio, Jolie entrou no escritório do pai e o encontrou em sua cadeira de couro com um revólver calibre .38 na mão e o colo cheio de miolos. Jamais conseguiu esquecer a cena, que reduzira sua voz a um gaguejar choroso, um problema grave a ponto de, às vezes, impedi-lo de se comunicar.

Brady estava enfaixando outro tornozelo desconhecido, murmurando algo para si mesmo, como sempre, quando o jogador irrompeu na sala e começou como de costume.

— Bray... Bray... Bray... Bray... Bra-dy, eu... eu... eu...

Brady esperou alguns segundos, puxando um pedaço de esparadrapo, os olhos grandes e tristes observando atentamente Jolie. Por fim disparou:

— Jolie! Desembucha! Que diabos você quer?

E Jolie apenas deu um pulo para trás, com o susto, e então começou a falar quase normalmente, dizendo a Brady o que o levava ali. É claro que aquilo não era nenhuma cura milagrosa de filme, e Brady nem por um momento acreditou que fosse capaz de fazer milagres. Sabia que a alma podia guardar ferimentos muito mais profundos do que ele conseguia alcançar com seus aparelhos de ultrassom, pomadas para os músculos, sacos de gelo e sua humanidade rude. Mas Brady conseguia fazer um homem falar cara a cara com ele, mesmo alguém cujos olhos adolescentes tinham contemplado sofrimentos infinitos; era desse jeito que se falava com ele. Não podíamos nos esconder atrás de nossas próprias ilusões, porque Brady não se escondia atrás das dele. Não era de surpreender que gerações de atletas deixassem a Southeastern tomados por uma afeição tão sincera e franca por Brady Grapehouse.

Certo dia, quando Danny Ingram foi pegar bandagem para o pessoal do atletismo na sala de

treino, viu Brady caminhar muito rapidamente para o bebedouro. Jolie Benson estava sentado no escritório, atrás do vidro, olhando para uma parede distante, lágrimas escorrendo despercebidas pelas mãos enormes. Danny parou para perguntar a Brady qual era o problema, e só então reparou (era capaz de jurar) nas grandes lágrimas que também corriam pelo rosto do treinador-chefe.

— O que é que você quer? — rosnou Brady.

— Nada, Brade — murmurou Danny, agarrando o rolo de bandagem e apressando-se em sair da sala.

Brady não era transparente, mas a maioria das pessoas, cedo ou tarde, acabava compreendendo quem ele era.

Parecia a coisa natural a fazer depois de vagar sem rumo pelo campus durante a tarde, mas quando ele chegou à sala de treino já eram três horas e o time de basquete estava começando a aparecer para pôr as ataduras. Cassidy ainda estava em estado de choque. Como podiam ter feito aquilo? Ele era uma estrela. Era o capitão da equipe. Aquilo era um choque que sua mente não conseguia aceitar, como a morte de um amigo.

Brady e dois de seus assistentes, que o adoravam, estavam dando duro, trabalhando rápida e eficientemente, rasgando as tiras brancas com pequenos puxões. Normalmente, o ambiente estaria tumultuado, mas, como mais uma vez discutiam com amargura a iminente saída de Brady, imperava ali apenas uma raiva contida. Jim Quillain, um atacante de um metro e noventa e oito, fala tranquila e que não costumava se exaltar, pediu que alguém elaborasse um plano para lutar contra a injusta demissão de Brady. Todos os outros concordaram. “É isso aí, Brade, por que você não faz alguma coisa?”

Ao perceber que tinha chegado na hora de maior movimento, Cassidy apoiou-se no batente da porta e ficou observando. Alguns dos jogadores acenaram com a cabeça ou com um gesto em sua direção, mas a maioria estava concentrada na discussão.

Finalmente, Brady parou e recuou um passo, afastando-se do tornozelo que estava enfaixando, com as mãos nos quadris e o charuto dançando na boca de um lado para outro.

— Ei — disse com impaciência —, me deixem dizer uma coisa para vocês. Um dia vocês vão embora deste lugar e vão ter de enfrentar sozinhos a selva lá fora. E vão descobrir que existe um grande... *monstro* esperando por vocês. Vão encontrar essas surpresinhas maravilhosas à espera de vocês o tempo todo. Estão enganados se pensam que só terão tapinhas nas costas e “Ei, grande jogo, companheiro” e “Você está tão bonito nesse uniforme que vamos deixar que viaje de graça”. Naaada disso. Não é assim que a banda toca; não mesmo. Mas se querem desperdiçar todo o seu tempo choramingando e tagarelando sobre isso, então vão em frente. Mas não vão conseguir fazer muita coisa. Isso é certo, como dois e dois são quatro. Melhor prestar atenção, pessoal, porque essa é a solução do mistério. O velho Brady aqui vai ficar bem, mas não existe lei alguma que diga que a gente não vai levar um belo pé na bunda, em vez de uma salva de palmas. Então, se vocês quiserem, podem ficar reclamando, mas deveriam dirigir seus esforços para coisas muito mais produtivas, como doar cestas básicas ou coisas assim.

— Mas, Brade, eles prometeram a você... — O rosto jovem e sincero de Quillain exibia a

tensão provocada pelo esforço de lidar com algo tão flagrantemente injusto que ele não podia aceitar. “Ninguém prometeu que haveria justiça para todos”, pensou Cassidy.

— Promessas — disse Brady, em tom debochado, tirando o charuto da boca. — Com uma cesta cheia de promessas até dava para você tocar uma punheta com a sua mão direita, Quillain. Mas você é canhoto, não é?

Todos caíram na gargalhada, até Quillain, ainda que tenha ficado vermelho. Era Brady em seu melhor estilo, mesmo ali, cheio de preocupações, tentando dar a eles algo que funcionasse, algo que — não importava quão difícil de encarar — fosse pelo menos real e útil, ao contrário das banalidades requentadas servidas em outras partes do campus. Ali na sala de treino de Brady não havia enrolação alguma, fosse um súbito anúncio de que você estava fora da temporada, fosse uma simples observação de que a vida, às vezes, é uma merda; e nada, nem mesmo a própria extinção do reinado dele iria mudar isso.

Brady tinha visto Cassidy parado à porta e sabia exatamente por que estava ali. Tinha ouvido dois técnicos assistentes conversarem sobre o assunto no refeitório em Farley. Ele torceu para que o corredor ainda estivesse por ali depois que o time de basquete tivesse ido embora, mas, enquanto o grupo ria daquela última tirada, ele viu Cassidy virar-se sorrindo e ir embora. Então o ouviu rindo pelo corredor. “Talvez ele volte depois”, pensou Brady, “pelo menos espero que ele faça isso. Ele é uma das raposas, e não gostaria de vê-lo sendo pego antes de dar o melhor de si.”

Quando Cassidy chegou ao ginásio, Denton já estava se vestindo. Alguns dos outros já estavam ali havia algum tempo e logo se reuniram em torno do armário de Cassidy — todos falando ao mesmo tempo.

— Tudo bem, tudo bem. — Ergueu as mãos, pedindo que abrissem espaço. — Não tem nada que a gente possa fazer sobre isso agora, então vamos deixar para lá. Tenho de correr. Mas muito obrigado, pessoal, de verdade. Muito obrigado, mesmo.

Relutantemente, eles voltaram a seus afazeres. “Tenho de correr?”, ele pensou.

Cecil, o homem que cuidava dos equipamentos, entrou mancando e começou a murmurar algo sobre como os privilégios relativos aos equipamentos teriam de ser suspensos naquele dia, e os relativos aos armários, até o fim da semana.

— Cecil — Cassidy estava irritado —, de que tipo de equipamento você acha que um corredor precisa? Todos os dias você me dá uma toalha limpa e um short. Pelo amor de Deus, não o perturbo nem para pedir uma cueca. E os tênis são meus, presente de um fabricante generoso. Tenho uma toalha e um short reserva, embora não estejam muito limpos. Eles podem pegar o maldito equipamento deles e...

Respirou fundo enquanto Cecil permanecia ali, de olhos arregalados, fitando-o. Cassidy sabia que não era culpa de Cecil, então fez um gesto de desculpa na direção do velho e sorriu, abatido. O pedido foi suficiente, e Cecil mancou tristemente de volta para a gaiola dos equipamentos, de volta ao seu lugar, entre as luvas penduradas, os tênis com travas, as bolas e os bastões, as varas de salto, as redes para raquetes, os obstáculos de corrida quebrados; de volta ao cheiro másculo de limpeza e de couro manchado de suor de gerações de rapazes que durante muito tempo treinaram ao sol da primavera.

Denton olhou tudo aquilo em silêncio, já vestido, os braços cruzados sobre o peito nu.

— Vamos correr — disse.

Por alguma razão, Denton escolheu um percurso detestável, por dentro da cidade. Um depois do outro, deixaram para trás os rastros de neon amontoados que formavam a “franquia Estados Unidos”: Krispy Kreme, WhataBurger, Pizza Hut, Pizza Inn, Pizza’n Brew, Pic’n’Save, Pic’n Pay, Pic’n Scratch; e, mais perto, a insalubre serpente de aço e ferrugem, que cospe fumaça e se estende por duas faixas barulhentas, que são os Estados Unidos na hora do rush. “Esse país, às vezes, fede nas narinas do corredor”, pensou Cassidy.

Já tinham deixado para trás seu refúgio, sua pequena faixa de serenidade no meio da cidade, um trecho antigo de Kernsville, com o sabor de uma época passada, na qual as coisas eram mais lentas, uma pequena área verde conhecida como Lago dos Patos. Enquanto passavam, o engenheiro-chefe da Prefeitura, Homer Windenberry, num gesto cerimonioso, deu o sinal para seu capataz, que puxou a alavanca e, com mais de três centímetros de asfalto Tipo S-1, pavimentou uma mãe pata e seus fofos sete patinhos.

Que ninguém duvidasse disso: Kernsville não podia parar.

— Estou falando do ar do campo — Denton dizia —, lá onde o corpo não é chacoalhado pela batida insana dos calcanhares contra o concreto. Estou falando em dar ao nosso tecido conjuntivo uma boa dose de...

— Não quero...

— Estou me referindo, basicamente, a uma mudança de ritmo...

— Não quero parecer um bebê chorão, mas, francamente, nunca pensei que aqueles palhaços fossem mesmo ir tão longe, a ponto de...

— Boicotar a si mesmos? Não se iluda, Cass, eles não estão nem aí para o atletismo, contanto que sejam respeitáveis. Futebol é a única coisa que importa por aqui. Sabia que na Europa tem gente que me para na rua? Acha que esse tipo de coisa acontece aqui? Não. Doobey pode estar errado, mas isso aqui é território dele, e ele sabe disso.

— Mas o velho Prigman...

— Era o responsável pelos extintores no dirigível *Hindenburg*.

Cassidy deu uma risadinha.

— Ele e Doobey faziam dupla como sentinelas em Pearl Harbor. Arquitetos das muralhas de Jericó. Vigias noturnos do *Titanic*...

— Para, assim não consigo correr. — Cassidy estava tentando correr ligeiramente curvado, emitindo pequenos sons de suas risadas. Finalmente se acalmou e eles correram em silêncio por alguns instantes.

— Funcionários do controle de roedores na época da peste negra — disse Denton. E eles quase pararam de correr de vez.

Quando voltaram à pista, Cassidy não tinha a menor ideia do que fazer de sua vida miserável. Mas eles tinham rido à beça num percurso de vinte e um quilômetros feitos em 1h15 e, para dizer a verdade, se sentia bem. Muito bem.

A mesma programação que não deixava muito tempo para tagarelar sobre trivialidades também não abria muito espaço para grandes catástrofes. Cassidy se contentava em seguir humildemente a rotina. Era doloroso não ter mais uma namorada, e logo não teria também seus colegas de quarto.

Bruce Denton, que agora se via como um homem imbuído de uma missão, apareceu para correr *muito* cedo. A equipe não tinha chegado ainda, portanto devia ser antes das 6h30.

O sol estava longe de nascer e havia uma espessa neblina sobre as colinas ao redor de Kernsville, transformando-a num vazio úmido e silencioso, habitado apenas por leiteiros e policiais sonolentos, onde o zumbido e o clicar dos sinais de trânsito pareciam anormalmente altos em meio ao ar frio. Logo Denton e Cassidy estavam fora dos limites da cidade, deslizando por acres de pastagens tranquilas, às vezes deixando para trás a neblina ao alcançar o topo de uma colina. Ainda não havia sinal da luz do dia, e se estivessem menos familiarizados com o trajeto, teriam a impressão de já ter percorrido um trecho muito longo, algo que eles suprimiam decidida e automaticamente. Pequenos truques mentais eram importantes para eles. Sabiam que, psicologicamente, era mais fácil correr um percurso já conhecido do que um novo; então, ao contrário do conselho de revistas e manuais de corredores, raramente se aventuravam a explorar mudanças de cenários. Como estavam percorrendo grandes distâncias numa velocidade regular, razoavelmente eficiente, em qualquer treino podiam entrar e sair de tempestades, entrar e sair de cidades ou países, ingressar numa área geograficamente singular e sair em outra, totalmente diferente. Para eles, a sensação não era muito diferente da de viajar em algum tipo de veículo minimalista, que se deslocasse a uma velocidade constante, ainda que não espetacular, e que os levasse — sentiam isso — aonde quisessem ir. Talvez fosse esse o sentimento que inspirava integrantes de certas subespécies de sua linhagem a embarcar em excursões transcontinentais, em trilhas de cento e sessenta quilômetros e outras maluquices.

Apesar do esforço árduo, raramente falavam em termos de dor ao comentarem o desconforto de treinos ou corridas. Sabiam que aquilo que dava à dor a sua dimensão verdadeiramente terrível era certa falta de familiaridade. E essas eram sensações que eles conheciam muito bem.

Naquela manhã, Denton não estava muito falante, então Cassidy se concentrou num ritmo estável, que permitiu que sua mente deslizesse para o agradável estado semiconsciente e neutro que todos os corredores desenvolvem; logo estava perdido no isolamento cinzento e frio da neblina.

Os trovões o arrancaram desse estado. Contraía-se ao choque das primeiras gotas grandes e geladas, quando olhou para cima e viu um bando de cavalos e pôneis que corria em direção a uma cerca num pasto diante deles. Denton não disse nada.

O bando alcançou a cerca, fez uma brusca guinada para a direita e prosseguiu num percurso paralelo ao dos corredores, no mesmo ritmo, olhando para a frente e num galope lento com o que parecia ser um grande prazer. Quando atingiram o limite de sua pastagem, viraram e começaram a galopar numa reta para longe dos corredores, desaparecendo tão rapidamente quanto tinham aparecido. Em poucos segundos, até mesmo o ressoar dos cascos havia sumido.

Cassidy hesitou. Será que tinha visto aquilo?

— Aquilo aconteceu mesmo? — perguntou.

— Gostaria de saber — disse Denton.

— Você acha que foi coincidência?

— Sem chance. Acontece todas as vezes que faço esse percurso cedo. Eles sempre se ajustam exatamente ao meu ritmo. Estavam correndo conosco.

— Cavalos sem cavaleiros perdidos na neblina — disse Cassidy, misteriosamente. — Acha que é algum tipo de presságio?

— Cavaleiros sem montaria na neblina — retrucou Denton, de forma igualmente misteriosa.

— É o que *nós* parecemos para eles. Acha que somos presságios?

Cassidy mordeu o lábio inferior e não disse nada. “Há momentos”, pensou, “nos quais não se pode obter *resposta alguma*.”

Denton dirigiu para fora da State Road 26, na direção de Newberry. Era um dia lindo, cristalino, com um céu azul estonteante; um dia para bancar o herói e dar sorrisos espertos.

— Mal posso esperar para ouvir o plano — disse Cassidy.

— E mal posso esperar para contar. Enquanto isso, vamos evitar procurar cavaleiros e vaquinhas como presságios. Como se diz, vamos manter nossos olhos na bola.

— Tudo bem.

— E tem uma historinha que quero contar. — Deu uma risadinha tipo Tio Remus.* — E que você vai adorar.

Cassidy bateu palmas com força, de maneira infantil.

— Mas, primeiro, gostaria de saber algumas coisas. Alguém no campus se apresentou oferecendo algum tipo de ajuda?

— Ah, claro, acho que sim. Hosford disse que tem recebido várias ligações de um monte de chefões de instituições estudantis; do padre Gannon, do Centro de Estudantes Católicos; do Feldman, o cara da União Americana das Liberdades Cívicas. E, é claro, de todo mundo que quer promover passeatas, boicotes, manifestações etc. etc. Pelo que sei, estão organizando outro abaixo-assinado.

— Bem, pelo menos eles estão do seu lado.

— Droga, *todo mundo* parece estar do meu lado. Até o velho Doobey disse que estava fazendo isso pelo meu próprio bem. Se passar mais alguém para o meu lado, ele vai afundar.

Denton não disse nada.

— E o pior ainda nem aconteceu. Tem essa declaração que Prigman e Doobey vão dar esta tarde para a imprensa. Estão acusando alguns integrantes do atletismo, entre os quais sou apontado como, entre aspas, o cabeça, de fomentar uma verdadeira rebelião entre os vários atletas e de contaminar o time de futebol com pensamentos radicais. Estão dizendo que, sem eles saberem, o processo começou debaixo de seus narizes, no início da temporada de futebol, e eles citam, de passagem, aqueles jogos com Tennessee e Auburn lá no fim do campeonato. Meu Deus!

Denton abriu as janelas, deixando o ar entrar, o que o forçou a falar por cima do barulho.

— Bem, deixe-me contar minha historinha, antes que você fique ansioso demais. Na minha faculdade em Ohio, tinha um corredor de oitocentos metros negro, um garoto supertalento, que chegou a correr 1min47s5 quando era calouro. E a impressão que dava era a de que ele estava só se aquecendo. Um belo corredor. Esse garoto também era escritor; levava isso a sério e realmente não era nada mau. Li algumas coisas dele na revista da faculdade. Não me olhe desse jeito; sei o que você acha de minha capacidade para julgar literatura. Esse cara escreveu um conto para a revista que tinha a palavra “foder”. Não era um conto especialmente pesado. Na realidade, falava de alguns atletas e a palavra era usada em um diálogo que ocorria num vestiário. Não era o melhor conto dele. Mas, de qualquer modo, a administração foi tomada por uma taquicardia coletiva. Confiscaram todos os exemplares já na saída da gráfica e demitiram todo mundo que não tinha as costas quentes. Como você pode imaginar, nossa faculdade não era exatamente um bastião do pensamento libertário.

“Nosso garoto virou uma celebridade — Denton continuou. — Ele entrou com uma ação e um juiz federal informou à administração que, pelo que ele sabia, a Primeira Emenda continuava em vigor. Foi um grande dia para as forças do bem.”

Caminharam em silêncio por um momento. Cassidy se virou para Denton.

— E aí?

— E aí o garoto correu 1min56 no ano seguinte e ninguém nunca mais ouviu falar dele.

O pequeno chalé em forma de “A” ficava em meio a uma mata composta de pinheiros longilíneos e carvalhos com troncos da largura aproximada de uma pessoa, e parecia pertencer àquele lugar. Havia pilhas de tábuas e outras peças de madeira espalhadas por toda parte, com outros indícios de que uma construção estava sendo erguida. O lugar todo recendia ao cheiro limpo e doce de chiclete exalado pela madeira recém-cortada. Cassidy chutou e bisbilhotou as coisas ao redor, tentando parecer familiarizado com canteiros de obra.

— É fantástico — disse Cassidy, aceitando a caneca de café oferecida por Denton. — De quem é?

— É meu.

— Seu?

— Isso mesmo. Venha aqui e sente-se onde não está tão empoeirado. Acho que hoje vai ser um dia de revelações, e estou avisando agora: tudo isso fica só entre nós. Também não quero que se apresse em tirar conclusões ou em me dar lições de moral até me deixar acabar de falar.

— Tudo bem — disse Cassidy. “O que virá por aí?”, ele pensou.

— Este lugar é meu, além de quinze acres, a porteira, o rebanho e a fossa. Pus meu cunhado para trabalhar aqui durante quase um ano, mas agora ele voltou a estudar em Boston. Fizemos tudo sozinhos. Ainda tem umas coisas mal-acabadas, mas quando terminar meu doutorado, planejo me mudar para cá com Jeannie e cultivar algumas das plantas mais exóticas que você já viu. Agora mesmo há duas estufas em fase inicial de construção lá atrás...

— Sim, mas...

— Deixe eu falar primeiro e depois você pode dizer o que quiser. Em parte, isso tem a ver com dinheiro, como você provavelmente já desconfiou. Não sei quanto você entende do assunto,

mas lá vai: me pagaram vinte e cinco mil dólares à vista para que eu usasse um tênis de corrida sem marca na final dos cinco mil metros da Olimpíada. Não fiquei sabendo de nada pessoalmente, mas suspeito de que todo mundo naquela corrida tivesse algum tipo de acordo. Eu tinha um contrato assinado com testemunhas, que provavelmente poderia ser examinado num tribunal, mas, se chegasse a esse ponto, eu nunca mais correria como amador.

— Eles deram vinte e cinco mil dólares para você...

— Em cheque ao portador. Pagável num banco de Luxemburgo.

— Mas e se...

— *Eles* descobrissem? *Eles* não querem saber. Acho que, se fossem incomodados com isso, fariam tempestade em copo d'água por aí e começariam a suspender as pessoas. Mas, caso ainda não tenha se dado conta, os caras que administram os esportes são pesos-leves; velhos atletas que não emplacaram ou que não conseguiram largar o osso. Não querem nenhuma encrenca, só aqueles brasões em seus blazers e as viagens de graça. E, veja bem, todos esses contratos incluem uma cláusula que garante defesa legal contra qualquer ataque ao status de atleta amador por causa do pagamento. Mas, como eu disse, as federações não querem saber disso. Os países do bloco comunista têm dado total apoio a seus atletas; os europeus vêm sendo ostensivamente pagos há anos; mesmo os corredores americanos têm acumulado vários pagamentos quando vão lá. Só nesses últimos anos os nossos corredores de longa distância têm recebido, hum, alguma ajuda.

— Vinte e cinco paus...

— Ah, isso não é tudo, claro. Havia também cláusulas sobre bônus previstos para várias possibilidades altamente improváveis, como a chance de eu vencer a corrida ou de estabelecer um novo recorde. A quantia refletia minhas chances, mínimas, de conseguir isso, é claro, e os homens de negócio se divertem com aqueles números enormes, são apenas um monte de zeros no papel.

Denton olhou para Cassidy, que parecia um pouco chocado.

— Então, não quero chateá-lo com os detalhes, mas, para encurtar a história, digamos que me encontro numa situação bem, *ah, confortável*. Lembre-se de que estou lhe contando isso em caráter estritamente confidencial.

Cassidy assentiu, solenemente.

— E, outra coisa, Quenton: isso também não é para ser encarado como a paisagem vista do alto da montanha. Não estou tentando animá-lo para aquele grande período de tranquilidade que o espera atrás da porta número 3...

— Como é para ser encarado, Bruce?

— Em primeiro lugar, não gosto desse tom. Mas acho que era previsível, pelo menos até que você se acostume à ideia. Mas vamos chamar isso apenas de uma proposta modesta. Quero que entenda um pouco do que existe lá fora, acho, antes que tome qualquer decisão importante sobre seu futuro. Em certo sentido, o que aconteceu com você é parte do mundo que o espera lá fora.

Denton esticou as pernas, apoiando-as numa pilha de tábuas e recostando-se em uma parede, e fez um gesto para que Cassidy também ficasse à vontade.

— Eu era muito parecido com você na época, e vou me esforçar para ser o menos melodramático possível; dei o melhor de mim durante seis anos, pela chance de subir no pódio

para que um daqueles velhos babacas de blazer e chapéu de palhinha pendurasse a medalha no meu pescoço. Era realmente tudo o que eu queria, Quenton. Queria ficar ali e deixar uma pequena lágrima escorrer por meu rosto enquanto eles tocavam o hino do Tom & Jerry em *The Two Mouseketers* e o velho bem-vestido subia no pódio. Queria olhar para a câmera quando o velho Howard me entrevistasse e dizer: “Ei, mãe! Olhe seu filho aqui! Sou o rei do pedaço!”

— E?

— E foi o que consegui. Foi fantástico, Quenton, a melhor experiência de minha vida, sem sombra de dúvida. Mas então descobri que na terra das coisas grátis nem tudo é exatamente de graça, e sim negociável. O que na verdade não significa muito, a não ser que você deixe.

— Não sei se estou entendendo.

— Ah, aquilo lá fora é um hospício vinte e quatro horas, Quenton, você sabe disso. Estão atolados até o pescoço em galinha frita e em cremes de leite em pó sintético e ficam por aí vendendo esses seguros de vida uns aos outros e trocando as mulheres nessas festas da Tupperware. Os filhos deles são abobados que sonham em dirigir caminhonetes esportivas com som estereofônico e todos esperam que suas estrelas, em qualquer área em que atuem, sejam sempre modestas e bem-pagas.

— Não acho que eu seja ingênuo como...

— E antes que se dessem conta de que eu *era* uma estrela, eu não podia nem mesmo pagar uma passagem de ônibus para os jogos de Kansas, muito menos ganhar uma fortuna competindo numa corrida. Quer saber como consegui participar dos Drake Relays naquele primeiro ano, quando corri 27min22?

— Não convidaram você?

— Pode apostar que não, eles não me convidaram. Cornwall ligou e disse que tinha um aluno da pós-graduação que fazia vinte e oito minutos nos treinos, e eles riram e lhe perguntaram se tinha medido o tempo com um despertador. Então eu mesmo liguei para os caras de novo e perguntei se me incluíam se eu fosse por conta própria. Eles disseram que claro que sim. O velho negócio à americana, certo? Nunca dispense algo que seja grátis. Então, fui à luta e fiz um empréstimo em uma pequena financeira para uma passagem de avião só de ida. É assim que o sistema da livre iniciativa desenvolve os campeões olímpicos de amanhã.

— Só de ida?

— E Frank Shorter me arrumou um trecho não usado de uma passagem São Francisco-Atlanta; troquei o bilhete, e foi assim que consegui voltar.

— Shorter fez isso? Para que você pudesse correr contra ele?

— Não por isso. Ele só queria que eu tivesse uma chance. Tinha passado exatamente pela mesma situação. Assim que saiu de Yale e estava por aí, treinando e tentando competir, ele morava no andar de meu quarto no alojamento. Isso foi antes de eu me casar com Jeannie. Frank e eu treinávamos, dormíamos, cozinávamos num fogareiro e sonhávamos em nos tornar estrelas. Estou lhe dizendo: me daria bem naquela corrida, nem que precisasse cruzar a linha de chegada engatinhando. É isso aí. Antes disso, aquelas pessoas quase riam de mim. Mas, depois da corrida, era Bruce para cá e Bruce para lá. Disse a Shorter que não acreditava naquilo. Ele apenas riu; ele sabia. Ele tinha passado por tudo aquilo.

— Eu me lembrei de uma música que falava sobre comer na frente da televisão e como

todos amam um campeão...

Denton sorriu.

— Você está pegando o espírito da coisa.

Ele se levantou, esticou-se, imponente, e se sentou de novo.

— Mas, falando mais objetivamente — disse Denton —, o que estou tentando fazer é aconselhar você a exercitar certa discrição. Sugiro que ande com outras pessoas, respire o ar do campo, faça algumas trilhas mais leves...

— Lá fora? — Cassidy olhou ao redor. — E a faculdade, o departamento de atletismo? E as garotas, aquele papo de clamar pelo...

— O sorriso vertical? Bem, as perspectivas são limitadas. O mesmo vale para jogar conversa fora com outros alunos, encher a cara de cerveja, montar farsas, brincadeiras e piadas, digamos, de natureza jurídica. Tudo isso vai ficar bastante limitado.

— Entendo o que quer dizer.

— Por muito tempo não acreditei que você pudesse conseguir, Quenton. Na verdade, ainda não sei. Você parecia ter coisas demais a seu favor. É algo muito intangível. Um boxeador campeão do gueto expressa sua raiva e frustração com um cruzado de esquerda fulminante. Tirando isso, ele não é nada articulado. Você sempre demonstrou habilidade com as palavras, Quenton. E, francamente, você nunca me pareceu suficientemente ávido.

Denton levantou-se, voltou à cozinha para encher novamente sua caneca de café.

— Para ser brutalmente honesto com você, Quenton — disse ele —, sempre pensei que, quando conseguisse correr aqueles quatro minutos, isso seria o máximo que você conseguiria.

Disse isso com muita calma, quase tristemente.

Imperava um silêncio mortal no chalé. Cassidy engoliu em seco. Denton apenas olhou para ele, esperando algum tipo de resposta. Mas tudo o que Cassidy conseguiu pensar foi: “Meu Deus, ele está certo! Ele está certo! Como não percebi antes?”

Finalmente, Cassidy disse, em uma voz bastante baixa:

— Parece que resolvi esse problema. Agora não tenho mais exatamente tudo a meu favor. Eles tiraram...

Denton bateu com sua caneca na mesa.

— *Eles* não tiraram *nada* de você! *ELES* são irrelevantes! É o que quero que você entenda!

— Devo ser um pouco devagar, acho...

— Quero que se mude para cá, Quenton, e que treine. Treine até cair duro. Largue a faculdade, esqueça tudo por um tempo, aquilo só significa encrenca. São um bando de homenzinhos de mente doente e metas minúsculas, que se propõem atingir; eles só podem lhe causar sofrimento. Tem trilhas fantásticas por aqui e um campo coberto de relva para os intervalados. Pode correr descalço, se quiser, do jeito que quiser. Seria o ideal, o paraíso de um corredor.

— Largar a faculdade?

— Você é um rapaz brilhante, pode resolver essa história de diploma a qualquer hora. Mas venho observando você desde o ano passado, Quenton, com bastante atenção. Desde que correu aqueles quatro zero zero...

— Quatro zero zero ponto três.

— Tudo bem, quatro zero zero ponto três. Tenho acompanhado você, seus treinos, o jeito como lidou com os períodos de pane, tudo. Tenho observado, Quenton, e posso lhe dizer que, fisicamente, você está chegando perto. Muito perto. Está entendendo o que quero dizer?

Ele não esperou pela resposta, mas avançou alguns passos na direção da grande janela que tomava a maior parte da fachada da casa.

— As pessoas observam o condicionamento físico de maneiras diferentes — disse. — Algumas acham que é como uma escada que vai direto para cima. Outras o veem como platôs, obstáculos, tetos. Eu o vejo como uma espiral que sobe sempre mais, com cada volta de um círculo erguendo-se um patamar acima. Algumas das voltas podem até levá-lo para *baixo*, só para ganhar impulso para a subida seguinte. Algumas vezes, a gente dá um duro danado e percebe um avanço muito pequeno; outras, nos espantamos com o progresso, sem saber exatamente por que ele aconteceu. Treinamento é treinamento: depois de um tempo, as coisas parecem se somar. O que está acontecendo lá dentro é um grande mistério. Mas minha teoria sobre a espiral serve para dar uma ideia, não acha?

— Sim, mas não vejo...

— Você está nessa fase de acúmulo para ganhar impulso, Cass, é isso que estou lhe dizendo. Já está nisso há algum tempo e acho que, de novo fisicamente, está no momento certo. Aqueles quatro minutos em San Diego foram apenas a ponta do iceberg...

— Quatro zero zero ponto um.

— Tudo bem, quatro zero zero ponto um. Mas suas metas têm sido muito modestas, Cass. Você sempre quis atingir a marca da milha em menos de quatro minutos para ser um meio-fundista universitário respeitado. Você queria que os outros o olhassem e dissessem: ei, lá vai o Cassidy, o cara da Southeastern que corre em quatro minutos.

— Não tenho tanta certeza de que é tão...

— Cara, esqueça tudo isso. *Mande ver*, Quenton, é o que estou lhe dizendo. Corra atrás de um tempo melhor, agora, neste exato momento da sua vida, tome essa decisão. *Tente*.

— Mas largar a faculdade, Bruce. Eu me sentiria um fracassado, como se estivesse fugindo...

Pela segunda vez naquela manhã Cassidy pensou que Denton parecia realmente irritado, impaciente com ele.

— Deixe eu lhe falar uma coisa sobre vencedores, perdedores, fracassados e outros seres da fauna mítica dessas redondezas — disse Denton. — Aquele circuito oval de quatrocentos metros talvez seja um dos poucos lugares do mundo em que aqueles filhos da mãe não podem ferrar você, Quenton. Isso porque não têm onde se esconder ali. Não há como fingir ou conquistar espaço sendo charmoso, não há acordos a fazer. Você sabe tudo a respeito disso. Já falou sobre isso. Foi por esse motivo que você se *tornou* um corredor de milha. A questão agora é saber se você está pronto para viver de acordo com esse ideal ou se era apenas um monte de palavras vazias.

Quenton Cassidy pensou a respeito por alguns instantes e então, muito calmamente, perguntou qual era o interesse pessoal dele naquilo tudo.

— Digamos que eu tenha uma grande queda pelos pobres-diabos...

— Bruce...

— Digamos que eu seja um fã ardoroso dessa modalidade clássica de corrida, a corrida de uma milha, que eu mesmo nunca tive velocidade suficiente para...

— Bruce...

— Digamos que eu esteja pleiteando uma percentagem dos resultados e...

— Pare com isso. — Cassidy descartou mais essa resposta com um gesto.

Denton sentou-se ao lado de Cassidy, tirou os sapatos e as meias e ficou olhando para seus pés ossudos. Então respirou fundo, debruçou-se sobre eles e apertou com o polegar a pele inchada dos calcanhares avermelhados. A superfície permaneceu afundada, como se fosse feita de massa.

— Estão cheios de linfa!

— É. Até que hoje não está tão ruim. O doutor Stavius disse que o tendão de aquiles logo estará tomado e então será uma questão de tempo...

— Bruce, sinto muito mesmo, eu...

— Que se dane. Acho que teria gostado de mais umas duas temporadas antes de pendurar definitivamente as chuteiras, mas que se dane. Tecido conjuntivo, Quenton, é isso que no final acaba pegando a gente. Corra pisando fundo esse asfalto americano durante bastante tempo e vai acabar gastando alguma coisa para sempre. Podemos moldar nossos músculos, entende... — Olhou com tristeza para os joelhos. — Podemos fortalecer a mente, preparar o espírito, transformar o coração numa porcaria de turbina. Mas um pedaço de cartilagem arrebenta e pronto, viramos um pedestre.

— Eles não podem fazer nada?

— Ah!, você sabe como são essas coisas. Se fosse um jogador de futebol, poderiam abrir um buraco no osso e amarrar tudo de volta nos seus lugares; mas basta um corredor se machucar um pouquinho que ele manca durante mil e seiscentos quilômetros...

— Bruce?

— Provavelmente estarei lá, assistindo a algumas competições...

— Bruce?

— ...vestindo meu velho moletom com a inscrição USA, fingindo me aquecer para a corrida de cinco mil. O quê?

— Se vier com aquele papo de “Vença uma corrida por mim, garoto”, eu largo tudo na mesma hora.

* Personagem de histórias afro-americanas adaptadas por Joel Chandler Harris em 1881 e popularizadas no cinema. A mais conhecida é de Walt Disney, *Song of the South*, de 1946. (N. do E.)

O quarto não tinha nada de especial, mas dizem que até mesmo um prisioneiro na Bastilha ficaria sensibilizado ao deixar a cela na qual ficara abandonado tantos anos. Ir embora do terceiro andar de Doobey Hall provocou em Quenton Cassidy, ao mesmo tempo, nostalgia e certos pressentimentos.

Mike Mobley apareceu e ficou observando com tristeza por algum tempo, ocupando o batente da porta quase por completo, enquanto Cassidy andava para um lado e para outro com caixas de papelão e malas. Finalmente, o arremessador de pesos suspirou profundamente e estendeu a mão enorme.

— Bem, capitão Cassidy — disse —, quero que saiba que sempre admirei seu... Quer dizer, sempre foi legal o jeito como você...

Seus enormes ombros se abaixaram, cansados.

— Sim, capitão Mobley. Agradeço. De verdade. Trate de cuidar desse braço forte, está ouvindo?

Mobley se afastou, caminhando pesadamente, balançando a cabeça. Cassidy sorriu. Sentiria falta daqueles rituais inofensivos. Logo outras pessoas também apareceram, até que finalmente isso acabou por dispersá-lo tanto, que ele preferiu fechar a porta e pendurar um aviso do lado de fora: O REI NÃO ESTÁ RECEBENDO. Na verdade, ninguém tinha nada a dizer, mesmo; eles ficavam sentados suspirando e jogando conversa fora.

Quando já havia arrumado quase tudo, Cassidy se sentou num baú e olhou pela janela para as folhas do carvalho que brilhavam sob a luz alaranjada do pôr do sol. Mas nem quando o quarto ficou na penumbra ele se deu ao trabalho de acender a luz. A maior parte dos colegas logo se reuniria lá embaixo para jantar, mas ele não estava com vontade de ir. Tirou da parede os pôsteres que adorava. Um deles mostrava Jim Ryun em cores gritantes, batendo o recorde mundial de milha em Bakersfield, em 1966; outro era uma ampliação em preto e branco que Cassidy tinha mandado fazer, ilustrando o clássico momento, em 1954, em que Roger Bannister, os longos cabelos voando contra um céu cinzento de agosto, ultrapassava John Landy enquanto este olhava pelo lado de dentro da pista esperando ver o inglês lá atrás, perdendo assim a corrida na reta final. “Fico imaginando com que frequência Landy pensa nesse instante”, refletiu Cassidy. “Talvez uma vez por dia?”

O terceiro pôster tinha um girassol de um lado e uma mensagem em letras floreadas do outro: A GUERRA É PREJUDICIAL A CRIANÇAS E OUTRAS CRIATURAS VIVAS. Um asterisco acrescentava um adendo típico de Cassidy: **Sem falar nos jovens do sexo masculino em idade de alistamento militar.*

Outro exibia, de perfil, o corpo esguio de Kip Keino dando uma de suas largas passadas em algum lugar da Quênia, seu país natal, olhando para a câmera e abrindo um enorme sorriso. Cassidy adorava esse pôster.

No chão, diversas caixas de papelão e malas continham fragmentos de vários anos passados numa espécie de redemoinho. Em uma caixa havia algumas perucas assustadoras, uma galinha de borracha chamada Cletus, uma máscara de Ella Fitzgerald e uma varinha mágica; numa sacola de malha, uma máscara de mergulho e um *snorkel*, pesados pés de pato, um arpão

havaiano (a seta de aço inoxidável estava encostada num canto) e várias conchas grandes com as bordas quebradas. Havia um pôster enrolado do tipo PROCURA-SE VIVO OU MORTO com retratos de frente e de perfil do ex-presidente e do procurador-geral dos Estados Unidos; uma foto em papel brilhante de 20cm x 25cm da vidente Jeane Dixon, que discursava pelo campus no segundo ano de faculdade de Cassidy, com a seguinte dedicatória em letras de aparência suspeita: “Quenton, algum dia você encontrará um estranho alto, rico e bem-vestido. Ele vai colocar um jaleco e substituir todo o seu sangue por um líquido de embalsamar. Praticamente garanto isso. Com amor, Jeane.”

Uma caixa de charutos estava cheia de cartões, cartas e lembranças do tempo com Andrea, uma caixa que ele não teve coragem para remexer naquele momento. Havia uma pilha de freesbees e uma coleção de narizes de tamanhos variados. Outra caixa continha sua coleção de discos, que incluía *The Buttoned-Down Mind of Bob Newhart*, alguns de Shelley Berman em início de carreira, Mort Sahl, Vaughn Meader etc. Havia um disco de efeitos especiais com ruídos de explosão de dinamite, engrenagens rangendo, pratos quebrando e uma ampla gama de animais em vários estados de desconforto (uma das partes mais conhecidas era a do peru). Tinha também discos de cantores do movimento contra a guerra e do Kingston Trio, um tanto precários devido aos arranhões acumulados ao longo do tempo. Uma pasta de recortes transbordava de passagens de avião, páginas tiradas de programações de campeonatos, notícias de jornal. As fotos eram, em sua maioria, de Denton ou de algum outro corredor ou saltador da Califórnia; quando Cassidy aparecia, era em geral por meio de alguma citação por escrito. Duas grandes caixas de papelão guardavam troféus, medalhas e relógios de competições que não funcionavam direito, mas a maior parte dos prêmios tinha sido enviada para casa. Havia ainda pilhas de livros de bolso de Vonnegut, Mailer, Roth e do pouco conhecido Richard Stein, e uma coletânea de colunas assinadas por um certo Ron Wiggins, intitulada *The X-Rated Hen Suit*. Uma caixa de sapatos continha toda a produção de Harry Crews em edições baratas.

Uma mala não guardava quase nada além de camisetas: DRAKE RELAYS, RUN FOR FUN, PUMA, RUN KILLS [VELOCIDADE MATA], I'M WITH STUPID e THIN POWER [OS MAGROS TÊM PODER].

Outras duas grandes caixas estavam repletas de todo tipo de tênis de corrida: Adidas Gazelles em diferentes estados de decomposição, Puma para intervalados, vários pares de Cortez, da Tiger, um par de tênis com travas para corridas indoor, um velho par com longas travas ainda escurecidas com vaselina e com petróleo e da lama de Chicago, tênis de sola plana para corridas em asfalto, Tigers de náilon para corridas de obstáculos (ainda novos em folha) e tênis para correr na praia sem sinais de uso. Ele pensou: “Minha vida pode ser medida pela quantidade de borracha gasta.”

Ficou sentado por um longo tempo examinando um par de Adidas 9.9 que tinha calçado ao vencer a prova do encontro de corredores de milha no ano anterior. Denton lhe dera esses tênis certo dia no vestiário. Ele os jogou em sua direção distraidamente, dizendo: “Você deve gostar desses e, como calçamos o mesmo número... Mas quero que saiba que esses tênis nunca chegaram em segundo lugar.” Então piscou para Cassidy.

Três dias depois, na hora da verdade, Cassidy ergueu os dedos fazendo o sinal da vitória e sorriu para Denton, que estava de pé na linha de chegada. Fugindo inteiramente ao seu feitio,

Dentou deu um pulo e gritou. Seus tênis ainda não tinham chegado em segundo lugar.

Cassidy suspirou, atirou os 9.9 na caixa com os outros. Todos tinham muita história para contar, possuíam as próprias personalidades gastas. Suspirou novamente; o Sacrifício dos Quilômetros, Quilômetros de Sacrifício. Às vezes, aquilo lhe parecia triste, e ele realmente não sabia por quê.

Uma tímida batida na porta revelou — ainda bem! — a presença de Mizner, que agora morava no campus. Ele estatelou-se na cama e silenciosamente ajudou a manter o caráter sentimental daquele momento. Aquilo acabou deixando Cassidy nervoso.

— E aí, que tal a vida civil aqui no alojamento? — perguntou Cassidy.

— Três grandes guerras de água nos últimos quatro dias, se é que isso diz alguma coisa. Tento me manter o mais afastado possível disso tudo.

Cassidy assentiu. Estava sentado na sua cadeira de sempre, os pés apoiados no parapeito da janela.

— Você vai mesmo dar uma de eremita? — perguntou Mizner.

— Acho que sim. Lembra o que costumávamos dizer: e se um cara realmente se isolasse de tudo o mais...

— Bem, quando a civilização mais próxima é a cidade de Newberry, não acho que precise se preocupar em se isolar de muita coisa, exceto dos produtores de melancia, e acho que eles não atrapalham tanto assim. A questão é: esse negócio é alguma grande jogada para se preparar para os Pan-americanos ou talvez para a, ah, Olimpíada?

— Quem sabe? Parece um pouco idiota até mesmo falar nisso, não é? Poderia muito bem dizer que estou construindo uma nave espacial para ir a Marte, mas só vai estar pronta daqui a alguns anos.

— E, quando estiver, pode ser que não voe.

— Neste exato momento estou escolhendo o estofamento. Por falar nisso, como está se sentindo? Eles já vão deixar você fazer alguma coisa?

Mizner fez um relatório completo de seu estado de saúde. Conversaram até o quarto ficar quase no escuro e os dois começaram a perceber que a coisa não ia melhorar. Mizner se pôs de pé e estendeu sua bela mão morena. Cassidy apertou-a pouco à vontade.

— As coisas saíram tão diferentes do que tínhamos planejado... — disse Mizner.

Cassidy baixou os olhos.

— É incrível, não é? No verão passado estávamos falando sobre competir em Drake este ano e sobre como nós dois poderíamos aprender a saltar para disputar juntos a corrida com obstáculos, e então, mais tarde, no verão, iríamos correr uma maratona em algum lugar...

Mizner respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Acho que é melhor eu ir andando. Escute, aguentue firme. E é melhor que esteja bem-preparado para a próxima temporada de cross-country, porque acho que temos contas a ajustar.

— Sabia! Sabia que você não tinha engolido aquele negócio de Chicago, mas você não dava o braço a torcer!

— Ora! — disse Mizner, rindo. — Bem, acho que estou remoendo isso há algum tempo. Não sabe quantos pesadelos tive com Quenton Cassidy na minha cola nas últimas voltas da prova.

Ele balançou a cabeça, sorrindo tristemente.

— É, bem...

— Ei, Quenton... nunca o chamei assim, chamei?... De qualquer jeito, Cass, tem uma coisa que queria dizer, acho que não falaria, a não ser numa situação dessas...

— Ei, Mize, não precisa...

— Ah, preciso, sim. Quero dizer que, bem, a gente costuma brincar muito sobre Bruce e o jeito dele e tudo o mais. Mas nós dois sabemos que, no fundo, o cara pode ser bastante intimidador. É só porque nós o *conhecemos* que... — Mizner engoliu em seco. — E, Cass, já somos amigos há muito tempo... — Abaixou a voz, como se estivesse abatido demais para continuar. Cassidy olhava pela janela.

— Escute, Mize — disse.

— Quenton, sabe quando, numa prova realmente ruim, a gente percebe logo como a coisa vai ser, digamos, já na segunda volta, e não há nada que possamos fazer a não ser meter a cara e aguentar firme até o final? E como é difícil para os outros dois que não estão correndo ficar sentados, assistindo, sabendo o que está acontecendo, mas sem poder fazer nada? Nossa, Cass, já vi você passar por isso muitas vezes, e sempre que penso que você finalmente está acabado e que vai afrouxar um pouco a pressão sobre si mesmo, você... vem com tudo, bem na última volta, correndo como um maldito maníaco e eu... — Sua voz vacilou e ele se virou lentamente. Cassidy estava angustiado.

— Jerry, acontece a mesma coisa com você. Você sabe como tem sido. O mesmo ocorre com nós três. Com Bruce também.

— É — disse Mizner —, mas com ele já não sobrou nenhum mistério.

Cassidy refletiu sobre isso.

— Não muito — admitiu.

— E acontece que também já não tem tanto com você, Cass, é isso o que estou tentando dizer. Acho que falei, então já não tenho mais tanto medo por você assim.

Cassidy examinou os pés descalços. Nunca tinha esperado ouvir uma confissão dessas e não conseguia pensar em nada para dizer.

— Ah, quem diabos vai saber? — Mizner riu. — Só quero que saiba que virei uma espécie de fã, só isso. Ei, não vá se acostumar com aquela roça lá. Um dia desses essa confusão vai se resolver e as coisas vão voltar a ser exatamente como sempre foram.

Já tinha quase fechado a porta quando enfiou a cabeça de volta pela fresta e mostrou a Cassidy seu velho sorriso, com os dentes brancos brilhando em meio à imagem escura de seu rosto.

— Quilômetros de Sacrifício — disse.

— É isso aí. — Cassidy sorriu de volta. — Pode apostar.

A porta se fechou, suavemente. Cassidy se sentou no colchão sem lençol em meio à penumbra sinistra, contemplando o quarto vazio que na sua mente tornava-se cada vez mais frio. Finalmente ouviu a buzina do carro de Denton lá embaixo. Exalou um longo suspiro e se levantou. Quenton Cassidy acreditava em todos os tipos de Voltas e Segundas Chances, mas, não importava o que acontecesse, nada seria como antes.

Nunca, nunca mais.

A vida no chalé exerceu um efeito estranho sobre Cassidy. Os corredores sempre tinham amenizado a inevitável solidão de seu esporte com a atmosfera social da equipe, mas agora que o isolamento de Cassidy era tanto geográfico quanto físico, seu comportamento foi se tornando excêntrico. Lia muito. Quando isso não bastou e seu temperamento naturalmente sociável se manifestou, ele começou a conversar com objetos inanimados.

— Por que você faz isso comigo? — perguntava a um cadarço arrebitado.

— Estamos ficando um pouco encardidos, não é? — sugeriu a uma cafeteira certa manhã.

Esses monólogos tinham começado, de modo bastante natural, nos primeiros dias em que havia tentado assistir à televisão (Denton tinha levado um pequeno aparelho portátil, pensando que a distração pudesse ajudar).

— Não vamos porra nenhuma! — gritou para o senhor grisalho com ar de titio que implorava: “Vamos falar só um pouquinho sobre prisão de ventre.” E quando, naquele anúncio idiota dos anos 1970, a balofa afetada da tia Nell entrou na casa nova da jovem noiva, ergueu o nariz e fez alguma observação quase inaudível sobre o frescor do ambiente e seu maravilhoso aromatizador, Cassidy levantou-se da cadeira murmurando baixinho que aquilo, francamente, já era demais. Tirou o fio da tomada, enrolou-o em torno da alça e colocou a televisão no forno (que ele só usava para esquentar a cozinha).

— Vai ficar aí dentro até aprender a ter bons modos — informou ele a tia Nell, e imediatamente a esqueceu.

E não apenas tia Nell. Também se esqueceu das legiões de parceiros de bridge que tinham trombose, dos maridos impotentes, das crianças adoravelmente precoces e dos animais de estimação mimados. Cassidy pensou: “Descendentes de campeões de torneios de soletração* e lenhadores que derrubaram árvores gigantes são advertidos sobre os inconvenientes do desconforto intestinal. Um monge põe fogo nas próprias roupas na rua e um monte de gente briga por marshmallows. Ou eu estou sendo muito exigente?”

Depois disso, quando não estava correndo ou dormindo, apenas lia.

Quando os olhos ficavam cansados, tentava apenas permanecer sentado.

Começou a se sentir um sacerdote budista no topo de uma montanha, que desenvolve tamanha sensibilidade, que é capaz de sentir exatamente a comida se mover pelo corpo, as moléculas de ar penetrarem nos alvéolos pulmonares e de lá se dispersarem para células mais distantes. Via essa habilidade recém-adquirida não com orgulho, mas com desconfiança. As charlatanices sobre religiões orientais faziam sucesso com qualquer adolescente do alojamento, mas Quenton Cassidy desprezava a multidão.

Rapidamente adotou um padrão de comportamento um tanto hipnotizante de treinamento duro, leitura, alimentação simples, sono profundo, como de um urso, e conversas com potes e painéis.

— Estou ficando maluco — disse a si mesmo alegremente, diante do espelho, certa manhã.

Denton aparecia nos fins de semana, e depois de treinarem juntos eles trabalhavam nas estufas,

na parte dos fundos. A partir do momento em que teve a ideia, Cassidy foi capaz de trabalhar continuamente sozinho durante a semana, mas quando começaram as chuvas de fevereiro, ele foi privado até mesmo dessa atividade.

Denton, no entanto, era astuto e entendia muito bem a logística do esforço solitário. Frequentemente levava novas leituras para o eremita, livros que tratavam do interesse comum a ambos. Cassidy devorou todos: *The Loneliness of the Long Distance Runner* [A solidão do corredor de longa distância], de Alan Sillitoe; o elegante *The Four-Minute Mile* [A milha de quatro minutos], de Roger Bannister; *No Bugles, No Drums* [Sem trompas, sem tambores], de Peter Snell; um romance chamado *The Olympian* [O olímpico], de Brian Glanville (nada mau); outro intitulado *The Games* [Os jogos], de Hugh Atkinson (horrível). Logo Cassidy sentiu que tinha lido tudo o que já fora escrito sobre corrida. Debruçou-se sobre *How They Train* [Como eles treinam], de Fred Wilt, uma compilação das planilhas de treinos de elite e de quase elite. Essa pequena biblioteca foi de grande utilidade para ele, pois o mantinha focado em sua missão. Os romances, ainda que geralmente deixassem a desejar do ponto de vista técnico (às vezes, de modo trágico), conseguiam, ocasionalmente, captar, embora de modo grosseiro, certos elementos de seu próprio esforço. Ele os achava confortantes. As biografias eram mais esotéricas, não tinham nenhuma pretensão artística e o deliciavam sem restrições. Com elas aprendeu que não estava realmente sozinho. Gostou especialmente de *A Clean Pair of Heels* [Um par de calcanhares limpos], a história do grande corredor de distâncias neozelandês Murray Halberg.

Muitas vezes, no dia seguinte a uma noite de leitura compulsiva, enveredava por estradas no campo e trilhas na floresta com energia renovada, comparando suas impressões com as de seus equivalentes históricos ou ficcionais. Chegou à conclusão de que ninguém havia conseguido captar a tensa satisfação de superar a metade de uma difícil corrida de vinte e quatro quilômetros; mas então pensou que algumas experiências não se prestam a descrições por meros assassinos de palavras.

Era algo positivo, concluiu, não ter tudo à disposição na forma de uma simples pílula. Poucos tinham mencionado como era maravilhoso, delicioso, revigorante apenas poder *parar*, ao final de uma corrida, com uma sede tão patética (com língua inchada e tudo) que o corredor tem a certeza de que sabe como seria morrer num deserto; quando aquela primeira cerveja deixa de ser um líquido para se tornar um fogo extraordinário, que desce queimando por uma garganta viscosa.

Mas todos os livros, de alguma forma, o ajudaram. Quenton Cassidy não estava se dedicando à tarefa impetuosa de quebrar recordes mundiais ou conquistar algum prêmio cobiçado. Essas ideias teriam lhe parecido risíveis em meio ao esforço ameno de sua rotina diária. Estava apenas tentando se enquadrar num estilo de vida ao qual podia se sujeitar — árduo mas de modo algum insuportável — e com o qual, se os glóbulos, vasos capilares e eletrólitos se alinhassem adequadamente em suas misteriosas configurações, talvez pudesse se tornar ainda melhor em algo que já fazia bastante bem.

Estava tentando passar a marcha; pelo menos era o que ele pensava. E, ainda que às vezes fosse um pouco assustador contemplar isso por muito tempo, ele realmente *estava* usando todos os seus recursos. Depois disso, não teria mais desculpas, nunca mais.

“Esse trem aqui”, pensou, “*vai direto para a glória.*”

Não vai?

**Spelling bee*: competição criada nos EUA, em 1825, onde os concorrentes, geralmente crianças, devem acertar a ortografia das palavras. Há similares em países de língua inglesa, na França, na Polônia, na Índia e no Brasil. (*N. do E.*)

Batedor: gostava do som da palavra, com sua sugestão de trabalho de reconhecimento em meio à floresta. Diversão ilícita pela madrugada para o jovem canalha boa-pinta. “Caramba!”, pensou, “estou fazendo trinta e sete quilômetros muito bem-feitos por dia.” Assim, ele se viu pela primeira vez no único bar de Newberry — que felizmente não se chamava Dew Drop Inn [Taverna Gota de Orvalho] —, sendo ora ignorado, ora malvisto pelos frequentadores locais, que imaginavam que ele estivesse à procura de encrenca.

Mas também perceberam que ele tinha um aspecto bastante *vigoroso*. Mantiveram-se a distância.

A jukebox ressoava num canto, evocando uma musa bucólica. Cassidy pegou um guardanapo e começou a escrever uma composição enfadonha, uma canção country sob medida para ser um sucesso, intitulada “Não envie uma carta padrão à sua namorada depois de ter enviado seu amor pelo correio para a cidade inteira”. Quase na metade, logo depois de escrever um verso que dizia: “É aqui que as lágrimas secam para mim, *cretino...*”, ele se cansou do tema e começou outra, talvez com mais apelo para a comunidade presa a um crédito de curto prazo: “Vá empenhar seu amor no Mastercard, sua linha de crédito comigo acabou.”

Lá no fundo do bar, um antigo frequentador conversava num tom bastante alto com o proprietário, fingindo uma discussão exagerada para mostrar sua intimidade com ele.

— Leroy, juro que se você não se livrar desse uísque...

— Corta essa, James Lee, ou vou te dar um pé na bunda e te colocar para fora desse bar...

“Estou de volta à vida real”, pensou Cassidy, na atmosfera úmida de um bar da roça, em meio a um grupo de motoristas de caminhão. “E essa garçonete tem um traseiro bastante respeitável dentro dessa calça Levi’s.”

— Lindos os seus cabelos, de verdade — disse a ela com o que ainda pensava ser um sorriso malicioso, quando ela lhe trouxe sua terceira cerveja.

— Está apostando suas fichas no número errado, querido — ela respondeu.

As chuvas de fevereiro chegaram, fazendo inchar os pinheirais e aprisionando a totalidade da vida no estrondo cinzento das suas nuvens e na umidade dos seus charcos; a totalidade da vida, com exceção de um eremita nada contente que, com relutância, abandonava seu ninho seco duas vezes ao dia, da mesma maneira: de pé na pequena varanda, saboreando o último vestígio da chuva na beirada do telhado, ele observava as nuvens carregadas, as árvores encharcadas e descoloridas, a lama vermelha filtrada pelas agulhas dos pinheiros como sangue ralo sujo e, com um suspiro, pisava a primeira poça como uma cautelosa ave aquática. Então saía.

Tinha quatro pares de tênis de treino, e cada um deles permanecia molhado o tempo todo. Se conseguisse — apoiando-os no pequeno aquecedor elétrico — fazer com que ficassem pelo menos “úmidos”, os calçaria com enorme prazer. Em alguns grupos, havia certo debate sobre treinar usando tênis com travas. Cassidy raramente o fazia, exceto para competir. Tinham o solado fino e ofereciam pouca proteção para o calcanhar e o arco do pé; ele os considerava arriscados. Durante anos tinha sofrido com o clima úmido calçando sapatos de couro de canguru e ficara grato pela recente mudança para o náilon. Mas seus tênis com o solado mais grosso ainda pareciam absorver grande quantidade de água; depois de um tempo, ele sentia como se estivesse correndo com travesseiros molhados nos pés.

Certas manhãs ele levantava e descobria que as grandes massas de nuvens tinham recuado, revelando um céu azul mais brilhante e recém-lavado. Calçava seus tênis de sola lisa sem um resmungo sequer e saía trotando pela trilha encharcada, com suas passadas exuberantes, imaginando como conseguia estar naquele estado de espírito. “Isso, *isso aqui*”, pensava, “é maravilhoso.” Todas as cores e a vida haviam sido simplesmente encobertas por uma fina película de água. Pássaros cantavam, vaquinhas mugiam, e Quenton Cassidy, um homem com apenas o mais vago dos planos na cabeça, às vezes ria alto no meio de uma corrida.

Na tarde do dia seguinte, no entanto, as nuvens estariam novamente de prontidão e estaria chovendo ou choviscando — ou ao menos ameaçando.

“Um inverno como esse”, pensava Cassidy com amargura, “*está* sempre nos dando esperanças.” Então resolvia passar o próximo dia ensolarado com cara de poucos amigos, só para não ser pego de surpresa. Mas a resolução costumava ser esquecida rapidamente, tamanhas as oscilações do coração de um jovem a quem se acena com alguma esperança.

Se fosse completamente honesto consigo mesmo, talvez admitisse que não se importava tanto, que aquela chuva proporcionava o mesmo tipo de isolamento oferecido pela escuridão da noite. Snell dizia que não se importava em correr na chuva porque sempre achava que seus adversários teriam de ser completamente loucos para sair com um tempo assim, e, enquanto estivessem secos e aconchegados em algum lugar, ele estaria ganhando mais alguns décimos de segundo em relação a eles.

De vez em quando, à noite, Cassidy se debruçava sobre sua planilha de treinos, e o peso daquilo descia sobre ele em toda a sua plenitude enquanto analisava os números. Nesses momentos, ele ousava imaginar se realmente estaria indo longe demais. Pensava no clima de amizade que imperava em Doobey Hall, nas brincadeiras grosseiras, nas tolices imprevisíveis. Seu mundo agora contava com ângulos agudos demais; ele sentia falta dos suaves contornos

femininos. “É claro que esses anseios eram mais que naturais”, pensava ele. Mesmo as fanfarrices de Jack Nubbins lhe pareciam uma distração à qual não tinha dado o devido valor em tempos mais felizes.

No entanto, nas trilhas, ele deslizava no invólucro morno e encharcado do calor do próprio corpo impetuoso e não sentia falta de absolutamente nada. Nesses momentos, deslocando-se silenciosamente na paisagem rural molhada, a mente sem nenhuma outra ocupação que não monitorar o ritmo constante de seis minutos por milha, ele voltava à infância, ao momento de sua morte muito prematura. Ficou refletindo sobre o que aquilo significava, se é que significava algo.

Um evento tão significativo como morrer na infância deve ter, afinal, algum sentido, refletiu, nem que fosse uma simples mensagem de segurança, no estilo da escola: esse é o Passarinho que diz para olhar para os dois lados ao atravessar a autoestrada Santa Mônica. Mas aquela morte parecia não significar nada para ele.

Numa dessas corridas, em uma tarde de chuva torrencial, Cassidy finalmente decidiu que havia um grande componente de vaidade em seu falecimento, e nesse ponto talvez Andrea estivesse certa sobre sua obsessão. Podia ser que *não* estivesse perseguindo a perfeição, e sim outra coisa, inteiramente diferente. Ele interpretaria essa parte depois. Já havia levado um tempo enorme só para chegar na parte da vaidade.

“Costumava me divertir no mar salgado, salgado”, pensou, “e agora meus dedos do pé estão enrugados e brancos nessa lama da roça.”

Quando era bem jovem, tinha aprendido a entrar no mar e a afundar como uma pedra até quinze, dezoito metros, e lá embaixo olhar ao redor despreocupadamente antes de flutuar de volta, calmo e altivo no controle das águas verde-claras. Em dias de sol forte, costumava atravessar a ponte da ilha Singer pedalando sua bicicleta até a enseada e subir rapidamente pelas pedras gigantescas, totalmente à vontade entre os caranguejos irrequietos.

— O que ele está fazendo? — costumavam perguntar os turistas de joelhos brancos, ao verem as ondas baterem contra rochas tão lisas, que ninguém poderia sequer andar sobre elas.

— Cadê os pais desse garoto? Ele vai se afogar!

O menino então cuspiu no vidro de sua máscara, se abaixava para lavá-lo no mar, agarrava o arpão e esperava pela onda certa que quebrava espumosa em meio aos rochedos e mariscos ameaçadores. Então, como um espírito, esgueirava-se com facilidade na onda que recuava e, com um calafrio, desaparecia.

Lá embaixo, naquele súbito silêncio, sentia-se, ao mesmo tempo, tranquilo e sereno, numa área que conhecia melhor que o próprio quarto. As formações rochosas serviam de lar para grandes pargos-vermelhos, ariscos e matreiros, que poderiam nos fazer desperdiçar um tiro de arpão a distância antes de sumir de vez. No cruzamento do cabo costumavam ficar os sargos-dente (alvos fáceis — ele os ignorava) e as caranhas. Na ponta, mais perto do mar aberto, do verdadeiro oceano, era possível encontrar praticamente qualquer coisa; certos dias o mar era, literalmente, vivo. Quenton Cassidy brincava na água como uma jovem foca, chegando às vezes a ressentir-se irracionalmente de sua dependência do oxigênio, uma sujeição que o obrigava a de tempos em tempos subir, pálido, até a superfície, onde suportava o barulho e o neon de um

mundo completamente diferente.

Os pescadores aposentados, cheios de rugas que viviam mastigando pontas de charutos, xingavam-no por “espantar os peixes” enquanto balançavam aleatoriamente suas iscas idiotas no mar. Ele sentia o desdém ancestral que os caçadores nutrem por aqueles que apanham animais com armadilhas. Quase nunca sabiam onde ele estava.

Os outros garotos ficavam fascinados; também conheciam as águas, mas só ele ia a certos lugares, aos quais nunca tentariam chegar, voltando com um punhado de areia, um prego enferrujado, um pequeno pedaço de coral, só para mostrar-lhes, rindo, a prova de sua valentia. Aos 10 anos, Quenton Cassidy já tinha um senhor pulmão.

Os outros queriam conhecer o segredo.

— Vitamina Z — dizia ele, rindo.

Entretanto, certa vez seu melhor amigo o questionou, até que, quando os dois estavam sozinhos na ponta do píer, no fim de uma tarde, Cassidy lhe disse:

— Você tem de ficar calmo, até as últimas veiazinhas das pontas dos dedos, e então, quando estiver o mais calmo possível, você finge que é uma pedra e começa a afundar, e a coisa mais importante é não dar importância. Essa é a parte difícil: não dar importância. E quanto mais fundo for e mais frio ficar, menos importância você tem de dar. Então, quando começar a voltar, voltar à vida real... você começa a se importar de novo. *Muito*.

Seu pai tinha um barco de pesca de quase sete metros, que eles costumavam levar para as ilhas todos os verões. Era tarefa de Quenton soltar a âncora quando ela ficava agarrada, silenciosa e inerte, em alguma fenda ou protuberância lá no fundo do mar.

— Agora, Quentie, está fundo, é melhor usar um tanque de oxigênio dessa vez — o velho costumava dizer. Ele fumava um cachimbo. Trabalhava no setor de fotogravura no jornal.

— Não precisa, pai — dizia, ao pular do barco, usando máscara e *snorkel*. Se seu coração acelerasse, entusiasmado com o desafio, ele teria de desacelerá-lo de novo, como sempre fazia, acalmando-se, transformando-se numa pedra e afundando, primeiro lentamente, e, então, mais rápido, para o interior daquele verde sombrio, para as profundezas gélidas onde se encontravam todos os mistérios. Ao atingir o fundo, ele rapidamente soltava a âncora, apoiava os pés na areia e disparava para cima, soltando bolhas ao longo do caminho, imaginando se daquela vez iria conseguir.

Certa vez ele não conseguiu e morreu ali naquelas frias águas verdes.

Nessa viagem havia um homem de outro barco, um advogado conhecido de seu pai, bom mergulhador, que tinha uma garoupa fígada e entocada a doze metros de profundidade. O sujeito estava cansado demais para mergulhar e tirá-la da toca.

— Ei, sr. C — chamou. — É uma pena perder aqueles filés. Por que não deixa o seu garoto ir lá embaixo fazer uma tentativa?

Todos tinham ouvido muitas histórias sobre aquele moleque, o pequeno Quenton-peixe, e havia um tom de desafio no convite. Seu pai olhou para ele, que descansava na frente do barco, e disse:

— Bem, Quenton, você está muito cansado. Ficou o dia inteiro subindo e descendo nove metros de profundidade, então, se não quiser, não precisa ir.

Mas ele já estava em busca do equipamento; a ideia de deixar um peixe preso sob um coral,

sofrendo durante dias, até morrer, quase o fez chorar. E já tinha feito aquilo várias vezes, não importava quão difícil fosse — quanto mais difícil, mais prazeroso também —, então ele finalmente pulou na água.

No entanto, enquanto flutuava na superfície, olhando para a parte de cima do coral que parecia muito menor lá embaixo, ele distraidamente hiperventilou, pensando em como o coral ainda estava distante, em como estava cansado; quando puxou a última golfada de ar, seu sistema era todo oxigênio.

Ainda examinava debaixo do bloco de coral e avaliava a situação, quando percebeu que algo estava errado. Mas já era tarde demais; mal conseguiu soltar a fivela do cinto de peso e deixar os três quilos de chumbo caírem no fundo enquanto subia rumo à superfície. Estava a seis metros de profundidade quando tudo de repente ficou escuro.

O corpo flácido emergiu lentamente e boiou na superfície, subindo e descendo nas ondas agitadas pelo vento, parecendo ser apenas um mergulhador preguiçoso que brincava com seu *snorkel*, como se estivesse à procura de sua presa. Levou alguns instantes até que o pai percebesse como o pequeno Quenton lembrava um cadáver, antes que notasse a ausência de qualquer tipo de movimento — nenhum bater de pés para avançar, nenhum agitar das mãos para virar ou parar.

Ele estava dizendo “Meu Deus, Meu Deus, Meu Deus” ao cortar a corda da âncora com a faca de peixe (e ao fazer isso cortou o próprio polegar até o osso), então avançou para tirar da água o corpinho cinzento, que escoava água do mar por todos os orifícios. Havia algas em seus dentes.

Aquilo foi demais para o velho, parecia definitivo demais. O fundo do barco estava ficando escorregadio com o sangue que escorria de seu dedo quando ele deslizou para o deque, resmungando. Mas os outros foram mais eficientes. Já tinham visto afogamentos antes e não estavam tão dominados pela dor. Começaram soprando na pequena boca suja e pressionando as costelas com mãos fortes. Depois de meia hora ocorreram alguns vômitos. Ele vomitou, e então eles vomitaram. A cor estava voltando, e o pulso começou a bater de novo, ainda que fraco; finalmente, ele expeliu com força muita coisa.

Tinha ficado flutuando na superfície por cerca de dez minutos, talvez mais, e eles não alimentaram muitas esperanças, mesmo enquanto se esforçavam desesperadamente para reanimá-lo.

Então, quando começou a voltar a si, o grande medo — embora não falassem disso — era que estivessem ressuscitando uma massa amorfa, incapaz de pensar, que a partir daquele momento ficaria sentada em alguma instituição de paredes brancas, contente e balbuciando coisas sem sentido.

Mas não sabiam, não podiam saber, que o sistema cardiovascular que estavam pressionando com seus esforços frenéticos era capaz de suportar choques ainda maiores que o sofrido naquele dia. Os pulmões, as veias e as artérias, o coração pulsante e resistente — ele já tinha tudo isso naquela época.

No dia seguinte, levaram-no num voo cruzando a púrpura corrente do golfo a uma altitude de aproximadamente trinta metros; o sangue ainda estava tão azul que eles tinham medo de voar mais alto. Quando finalmente acordou, no hospital Good Samaritan, em West Palm Beach,

queria saber o que tinha acontecido. O pai contou-lhe novamente a história. Mas cada vez que Quenton adormecia ele a esquecia completamente.

— Não se lembra, filho? Não se lembra de ter mergulhado e...

— Eu me lembro de uma vez. Lembro-me daquele dia em que estava na baía explorando as pedras a uns nove metros de profundidade. E aquele pequeno tubarão cabeça-chata que devia ter um metro se aproximava, vindo do mar aberto; estava bem no meu caminho, mas eu não desviei, continuei a nadar em linha reta. Quando me viu, ele agiu como se não ligasse para mim, e ficou um pouco de lado para eu passar. Eu estava me sentindo tão feroz com meu arpão, pai, não estava com medo. Ri porque ele estava entrando na baía e eu sabia que era melhor caçar ali, na abertura da enseada.

Então ele segurou o pai, agarrou-o, enterrou a cabeça no peito do velho e chorou. Fazia tempo que o pai não o via fazer nada parecido com aquilo.

“E dessa vez”, pensou, “o que aconteceu dessa vez?”

Quase dez anos depois, um Quenton Cassidy decididamente terrestre disparava pelas trilhas molhadas de fevereiro e ficava imaginando a mesma coisa.

À tarde, lá fora chovia.

Cassidy inclinou-se para a frente e apoiou as quatro pernas da cadeira no chão, com cuidado. Soltou um suspiro profundo. Os livros estavam todos empilhados à sua volta, já lidos e com um aspecto lastimável. Estava cansado de ler. Com um grunhido, colocou a caneca sobre a mesa. Estava cansado de tomar chá.

Esforçou-se para se levantar e caminhou rigidamente até a janela panorâmica, um quadrado nebuloso de um cinza frio. Estava cansado de ficar andando de um lado para o outro, com as juntas estalando como as de um velho. Experimentou um súbito desejo de comer brócolis.

Faltava apenas uma hora e meia para o treino da tarde; era hora de começar a pensar nele. Estava cansado de pirar pelos treinos.

Estava cansado de ficar cansado.

Escreveu de trás para a frente no vidro gelado e suado da janela: SOCORRO! ESTOU PRESO EM FEVEREIRO.

Pequenas gotas de umidade acumuladas escorreram das letras como lágrimas, enquanto ele as olhava, esperando o tempo passar.

Ficou olhando para fora por um bom tempo...

Nunca tinha sido tão difícil para Andrea Cleland, como ela ultimamente começava a dizer a si mesma. Tinha terminado alguns relacionamentos complicados antes, mas era uma jovem muito madura e sabia lidar com a situação. Provavelmente, a maturidade era a causa de parte de seu sofrimento. Estava sempre um pouco adiantada demais no desenrolar da relação para levá-la realmente a sério. Apesar de várias vezes ter acreditado estar apaixonada, não demorava muito para avaliar a verdadeira consistência do relacionamento. Antes de Cassidy, ela havia começado a adquirir alguma confiança na sua capacidade de julgar o mais complexo e evasivo elemento das relações humanas: a razão de ser.

Não que ela não tivesse experiência em lidar com homens ambiciosos (ou melhor, rapazes ambiciosos); sabia muito bem quando estava sendo cotada para ocupar a função de bela anfitriã pelo presidente de alguma fraternidade, por algum sujeito bonito e inteligente de quem era fácil gostar e cujo pai era dono de uma fornecedora de material de escritório em Orlando. Ela se irritava um pouco, mas desempenhava o papel. Era sua sensibilidade que a tornava mais madura, que lhe dava vantagem em relação a seus pobres perseguidores e que lhe permitia estabelecer os limites. Quando a relação acabava, ela ficava sabendo primeiro. E, ainda que pudesse vir a sofrer sinceramente, tratava-se de uma emoção agri-doce, pois, mesmo lamentando o ocorrido, mantinha-se sempre segura de si. Tocava corações com a habilidade de um violinista.

E agora tinha de acontecer isso. Finalmente se deu conta de que nunca tinha compreendido Quenton Cassidy muito bem, que havia tentado usar as experiências anteriores para entendê-lo, mas isso não funcionou. “Os circuitos dele são completamente diferentes”, disse à irmã gêmea. Sua ambição era diferente, tanto na medida como na essência. Enquanto com outros, até certo ponto, ela podia fazer valer seus direitos de proprietária (os primeiros indícios de comportamento doméstico), com aquele corredor a possibilidade de reorganizar as prioridades dele nunca tinha sido sequer uma questão. Isso a incomodou desde o começo. Talvez ela tivesse a capacidade de torná-lo infeliz, mas não conseguia desviá-lo um centímetro que fosse do rumo que ele havia traçado. Ele lhe disse isso, e ela rapidamente soube que falava seriamente. Havia algo na ferocidade de sua dedicação que desafiava a fórmula de sua feminilidade. Ela reagia àquele desafio sem sequer se dar conta do que estava fazendo.

Para Quenton Cassidy, que sabia pouco sobre as mulheres em geral e menos ainda sobre Andrea em particular, o tortuoso e relutante rompimento entre os dois parecia algo sem motivo. Não seria abrandado por meio de conversa, nem curado com uma análise de seus sentimentos, nem resolvido por meio de um acordo. Ambos reconheceram a profundidade do que sentiam um pelo outro; então, perguntava várias vezes Cassidy, por que todos esses problemas? Ela achava impossível explicar que as coisas simplesmente não foram como ela imaginara. Não tinha experiência suficiente para saber que raramente o são.

Cassidy achou completamente apropriado que todos os pilares de seu mundo tivessem desabado ao mesmo tempo. Quando foi para a floresta e para a sua primeira solidão quase total, praticamente sentiu um alívio. E no começo foi mesmo.

O grande carvalho em frente à associação de moças da universidade na qual Andrea morava tinha cerca de trezentos anos, mas tivera a espessura de um braço na época em que os índios seminóis haviam acampado ali onde agora se erguia a casa; havia também confortado com sua sombra os vaqueiros espanhóis que mantinham seus rebanhos na pradaria de Payne, a menos de oito quilômetros dali. Isso tinha sido numa época em que um forte infestado de mosquitos e construído no meio da lama, chamado St. Augustine, era uma construção nova em folha.

Agora a velha árvore servia de abrigo para Quenton Cassidy se proteger da chuva constante que caía ali à noite, com o calor subindo de seu corpo como uma névoa, sentindo-se tudo, menos um personagem histórico. Adorava aquela árvore e, enquanto se apoiava em seu tronco incrivelmente retorcido, pensava: “Com o que essa velha camarada se importa, afinal?” A força daquela árvore ancestral, de algum modo, atenuava sua infelicidade.

O calor emitido pelo corpo devido à corrida o manteria aquecido por mais algum tempo — então começaria a sentir calafrios e precisaria se mexer para se esquentar. Seu short de náilon brilhante e a camiseta amarela pendiam de seu corpo como lama colorida. Estava encharcado até a alma. Finalmente ele os viu chegar de carro. Estavam rindo de alguma coisa enquanto dividiam o mesmo guarda-chuva até o pórtico da casa. Quando o cara a beijou, Cassidy sentiu a pontada de uma dor quase física, mas, na penumbra daquela mágoa, disse a si mesmo que era capaz de suportar. Quando ela se virou para entrar, Cassidy a chamou. O sujeito, debaixo do guarda-chuva, parou de caminhar e lançou um olhar na direção de Cassidy, que estava parado à sombra da velha árvore. O homem do guarda-chuva parecia intransigente. Era como se seu trabalho não houvesse terminado; primeiro hesitou, depois finalmente optou por voltar até o pórtico. Cassidy deu um passo à frente, saindo da sombra, e a luz da entrada da casa recaiu sobre ele, que brilhava na chuva. Ele chamou de novo.

— Quenton! — ela teve medo de parecer feliz demais ao vê-lo.

Então ela se lembrou do homem do guarda-chuva, que ainda se aproximava.

— Está tudo bem, George. A gente se vê no sábado.

Ainda parecendo um tanto intransigente, ele caminhou de volta para o carro e foi embora. Tinha visto como ela saiu correndo na chuva em direção àquele maluco esquisito de short de ginástica, que *não deveria* fazer parte daquela cena.

— Cass, o que você está fazendo aqui? — Ela fez um gesto que não se dirigia a nada em especial, mas à chuva, à noite, à tolice implícita naquilo tudo. Ela parecia alegre.

— Pensei em dar uma passada para ver você.

— Mas você está encharcado. Está aí desde...

— Vi que sua luz não estava acesa, então decidi esperar um pouco.

Ela inclinou a cabeça, deleitada, como sempre costumava fazer, e finalmente pôs os braços em volta dele. Ele não sabia o que fazer. Agora ela também estava ficando encharcada, mas parecia não se importar.

Ela pensou: “Ele está mais resistente agora, ainda mais que antes, todo cartilagem, osso e pele.” Ficou imaginando se ele estava se alimentando bem; talvez estivesse arrumando um jeito de ficar doente. Alguma coisa começou a acontecer dentro dela, e teve de fazer um esforço para sufocá-la.

— Eu, ah, acho que estava com saudade de você — disse com o queixo apoiado na testa

molhada dela —, e acho que enchi o saco daquilo tudo e de repente vim parar aqui...

Algo lhe veio à mente e Andrea se afastou dele.

— Você correu até aqui! — Soava como uma acusação.

Ele estava perplexo.

— Sim, eu...

— Você correu até aqui, até a cidade, são vinte quilômetros e está chovendo muito e...

— Eu não tenho carro e...

— Cass, você correu vinte quilômetros na chuva para chegar aqui e vai ter de correr outros vinte para voltar, a não ser que pegue um táxi...

Ele não parecia estar preocupado com isso.

— Bem, de qualquer jeito hoje é mesmo o meu dia de longa distância. Escute, Andrea, queria falar com você porque... você está ouvindo?

Ela estava sacudindo a cabeça.

— Sim — disse, baixinho.

— Da última vez parecíamos dois estranhos. Tenho me sentido tão mal em relação a isso tudo, fico tão frustrado por não conseguirmos fazer nada direito...

— Cass, pensei que já tínhamos conversado sobre tudo isso.

— Não consigo parar de pensar que deve haver algum jeito de explicar, alguma maneira de fazer você entender.

— Eu acho que entendo. — Ela fitou-o nos olhos e pensou que, apesar de ter havido uma época em que eles pareciam compensar a dificuldade dele, agora eles contribuíam para ela. — Acho que sempre entendi — disse. — Só não consigo conviver com isso. Às vezes parece ser demais para você também.

Ele olhou para baixo, tirou a água da chuva que molhava a testa. Ela agora também estava quase encharcada.

— Não quer entrar? — ela perguntou.

— Não. Acho que já vou indo. Estou começando a ficar gelado.

— Cass — disse, puxando-o novamente para junto dela —, aonde você quer chegar com tudo isso? Largou a faculdade, não vai se formar com a sua turma, você...

— Numa noite corri uma milha em 3min58s6.

— O quê?

— Não era uma corrida nem nada. Só Bruce lá fora com um cronômetro, e eu, às dez da noite. Tive até de me desviar de uns caras fazendo jogging. Engraçado, sempre ficava imaginando como seria fazer uma milha em menos de quatro minutos pela primeira vez, assumindo uma posição na linha de partida, o ritmo, como a multidão ficaria entusiasmada quando chegasse à última parte do percurso antes dos três minutos... — Ele olhou para ela com um sorriso triste. — Mas lá estávamos nós, só eu e Bruce, e uma porção de caras fazendo jogging se perguntando o que diabos seria aquilo. Só mais uma droga de treino.

Havia em sua voz uma vaga satisfação.

— Quenton, por que você não volta para a cidade? Onde está escrito que você precisa viver dessa maneira, ficar infeliz assim?

— De qualquer maneira, isso vai acabar logo. Vou disputar com Walton no mês que vem.

— E depois? Você já disse que não pode vencê-lo. Até seu idolatrado Bruce Denton diz isso.

Então, o que você vai fazer? Vai voltar para a sua caverninha e continuar a correr, até que todo mundo esteja falando de você, até se tornar aquele de quem todos têm medo? É isso o que importa para você? Ou será que vai se contentar em enlouquecer tentando? Assim ninguém poderia dizer que você acabou desistindo, não é? E se alguma coisa dentro de você simplesmente se rompesse?

Ele baixou os olhos. Ela soube que ele não iria lutar com ela.

Então ela fez algo que não era muito de seu feitio e que não deu muito certo. Foi um erro, e ela soube no mesmo instante, mas foi um gesto tão tipicamente feminino que talvez tenha sido ditado por algum padrão genético ancestral além de seu controle. Com um movimento brusco da cabeça, ela se soltou dele e correu na direção do pórtico; foi um desses gestos manjados, tipo “É melhor você correr atrás de mim agora”, e assim que chegou já sabia que tinha sido uma performance totalmente equivocada.

Ela se virou para chamá-lo, para talvez tentar consertar as coisas.

Mas o corredor já havia desaparecido na escuridão e na chuva.

Mary Lou Hunsinger estava sentada na banheira de hidromassagem borbulhante, verificando seu delineador de olhos num espelhinho; lá fora ainda chovia torrencialmente. Nesse exato momento, em algum lugar na noite brilhante, um Quenton Cassidy decidido a voltar para casa teve sua atenção desviada por uma pobre cobra negra que lutava para não se afogar, tentando escapar da água, rastejando para a calçada da State Road 26. Cassidy estava a meio caminho de casa.

A marca de expressão entre as sobrancelhas de Mary Lou nos últimos tempos havia se transformado num traço permanente no rosto que, não fosse por isso, seria atraente. Era agora um sinal de sua impaciência com Dick Doobey, que ela considerava um palerma e tanto. Na casa em frente, sua mãe estaria servindo o jantar para os netos — os dois filhos de Mary Lou —, o que significava que, na hora em que ela finalmente chegasse, eles estariam tão zangados quanto dois corvos famintos (Mary Lou sabia muito bem que, por mais que seus filhos fossem ruins, sua mãe era ainda pior; ela nem ao menos queria ser boa).

Considerava esses interlúdios borbulhantes quase um dever profissional. Não que ela não extraísse deles algum prazer carnal, mas exigiam um trabalho intenso de revestimento de seu penteado, cuja conservação não saía nem um pouco em conta. Apesar de toda a sua integridade arquitetural, o cabelo, sempre armado num penteado alto, tendia a murchar sob a ação do vapor da hidromassagem da mesma maneira que suas frouxas esperanças.

Naquele aposento surreal, ele lhe levava todo tipo de preocupações mundanas, desde as relacionadas com a esposa, fria e apegada à Igreja de forma doentia, até as últimas novidades esotéricas da profissão que escolhera. Ela suportava tudo aquilo com boa vontade e uma dose razoável de disposição para confortar e aconselhar. Mas, afinal de contas, o que se esperava que ela soubesse sobre a responsabilidade dos linebackers na cobertura da área do campo desprotegida e na defesa da opção da formação de ataque inicial do quaterback? Quanto à outra, não tinha dificuldade alguma em aconselhar que Doobey abandonasse sumariamente aquela “perua frígida” para se acomodar com Mary Lou em algum tipo de acordo mais respeitável. Era uma perspectiva que tinha passado a considerar a única maneira não criminoso de se livrar dos extorsivos pagamentos mensais a cinco lojas de departamentos, a duas “simpáticas” financeiras e ao Mastercard, todos providenciados por seu ex-companheiro — um vigoroso lanterneiro e pintor de carrocerias, louco por bourbon —, que tinha sido bastante imprudente para deixar essas dívidas como seu único legado duradouro.

— Os lanterneiros e pintores de carros formam uma espécie de irmandade pelo país, bzinho — ele costumava alertá-la, de forma agourenta. — Eu poderia estar em Tucson na quarta, ganhando cento e cinquenta dólares por dia assim, ó! — dizia, esbanjando autoconfiança e estalando os dedos manchados de tinta. — Somos como médicos — dizia. — Sempre há quem precise.

Quando finalmente foi embora de verdade, teve bom-senso para não ir para Tucson.

O empoeirado flamingo rosa no gramado da frente agora parecia um lembrete debochado dos dias mais opulentos, quando não havia nada melhor a fazer do que entrar na caminhonete e sair comprando o que bem entendesse. Nunca olhava para aquele pássaro de gesso, desbotado pelo sol e de aparência desamparada, equilibrando-se sobre a única e enferrujada perna

finíssima, sem pensar em quando exatamente tudo tinha dado tão errado para ela. Nunca mencionavam isso na revista de economia doméstica.

Lutando com as pegajosas complicações matemáticas de um cálculo de dezoito por cento de juros ao ano, com os acréscimos acumulados mensalmente segundo as regras federais em vigor, ela acabou se orientando, primeiramente, para o trabalho como secretária (odiava o de garçone) e, daí, para a banheira de hidromassagem de Dick Doobey.

O treinador-chefe finalmente chegou e abriu a porta com a própria chave. A tensão da reunião com a equipe ainda se refletia em seu rosto. Ele pediu desculpas com a exagerada sinceridade de um homem sem dúvida pronto a se humilhar para conservar uma coisa boa.

— Tudo bem, querido — ela disse. — Não tinha mesmo nada melhor para fazer que ficar aqui sentada para deixar meu botãozinho do amor aceso.

Um lampejo de desejo simplório invadiu as entranhas de Dick Doobey ao ouvi-la rindo do próprio gracejo. Ele reparou que ela tinha levado uma garrafa pequena de uísque Southern Comfort, que agora jazia no chão úmido ao lado de uma lata aberta de cerveja de gengibre. Ele fez uma careta.

Ela observou-o tirar a roupa com uma repugnância disfarçada. Há muito ele tinha perdido a boa forma de seus tempos de atleta; os braços e o pescoço estavam queimados de sol até os limites das mangas curtas, resultando num efeito nada atraente, que lembrava muito um frentista de posto de gasolina.

A barriga pendia frouxa, fruto das longas tardes passadas no alto da torre de observação dos treinadores, aparentando firmeza enquanto bebia Budweiser (escondida em um isopor promocional da Gatorade!), ostensivamente fiscalizando seus subordinados espalhados por cem mil metros quadrados de campo — um general observando seus marechais de campo através de binóculos poderosos —, mas na realidade mantendo sob vigilância Simmons Hall, o alojamento da escola de enfermagem, onde era possível (com um máximo de atenção) captar num lampejo ocasional um jovem seio ou uma coxa promissora, capaz de dar água na boca.

Dick Doobey adorava seu trabalho.

Simplemente não conseguia entender por que alguns críticos desejavam deixá-lo angustiado com a ideia de que ele não fazia um bom trabalho e que deveria abrir mão dele. Suspeitava sinceramente de algum tipo de influência comunista.

Quando terminou de se livrar das roupas úmidas e, diante de Mary Lou, acomodava devagar seu traseiro branco na água escaldante, já conseguira expulsar da mente a aflição da última reunião com sua equipe, na qual descobrira que seu pessoal estava tão por fora dos acontecimentos quanto ele. O futebol americano estava se tornando um jogo muito complicado, e Doobey concluiu que talvez devesse haver também algum tipo de influência estrangeira por trás disso. Algumas pessoas sugeriam que eles recrutassem jogadores de futebol para chutar os *field goals*. Era loucura.

— Como foram as coisas, benzinho? — perguntou ela, afastando-se para dar lugar a seu considerável volume. Ele estava agora quase acomodado, recostado na borda e soltando um profundo suspiro de alívio.

— Ah!, querida, sei lá, uma merda. Queria que aquela porra do Erickson lesse algumas das novas formações de ataque... lembra aquela que lhe falei sobre como eles podem se deslocar da

área vazia para a área com mais jogadores e então correr por fora, abrindo uma opção para... não? Benzinho, falei com você sobre isso na *semana passada*.

— Ah!, para com isso, querido, você sabe que não sou boa em lembrar esse tipo de coisa.

— Bem, deixe pra lá, não tem muita importância, mesmo — disse ele, agora afundando até o pescoço na água borbulhante. — Como sempre, vou ter de fazer isso eu mesmo. — Ele sorriu e começou a cutucá-la com o dedão do pé.

— Querido, não quer beber alguma coisa? — perguntou ela.

— Esse negócio aí, esse mijo de cavalo? — ele continuou a provocá-la.

Ela se esquivou com habilidade, como as mulheres aprendem a fazer desde cedo naquele país. Um pensamento cruzou sua mente.

— Benzinho, acabei de datilografar aquela palestra para amanhã. Está em sua mesa, se quiser levar para casa hoje à noite.

— Meu Deus! Tinha esquecido completamente esse negócio. — A sensação de infelicidade da qual quase se livrara voltou com toda a força, e Mary Lou lamentou ter dito aquilo. — Queria arrumar um jeito de me livrar disso — comentou, pesaroso.

— Por que você tem de fazer isso?

— O velho Prigman, ah, me pediu. Disse que eu nunca seria maestro se não aprendesse a enfrentar as consequências de seus próprios atos. Mas, meu Deus!, ficar em pé naquele pátio com um monte de babacas cabeludos metidos a besta me fazendo um milhão de perguntas imbecis... A maioria deles nem *sequer vai a um jogo de futebol!*

— Pensei que essa confusão já tivesse acabado.

— Quem dera! Eles ainda têm esse negócio de... como se diz?... Alistamento de Atletas ou seja lá como chamem a si mesmos. Prigman disse que não podemos fazer porcaria nenhuma, a não ser ignorar. Será possível? Estamos nos Estados Unidos e não podemos fazer nada enquanto esses caras se juntam para falar mal do nosso futebol!

— Por que não pode se livrar deles?

— Prigman disse que se não cortarmos o mal pela raiz, agora, com esse maldito corredor, vamos ter de conviver com isso. E não podemos começar a expulsar todos eles, pois ia ficar muito mal nos jornais. Mas, cara, se eu estivesse no comando...

Esfregou com as mãos a cabeça eriçada, como se sentisse muita dor.

— Eles ficam soltando essas notas água com açúcar para a imprensa, meu Deus!

— Ah, benzinho — disse ela, pegando o pé esquerdo dele para massageá-lo com cuidado. Lentamente ela avançou pela batata da perna cabeluda.

— Deve haver alguma coisa que a gente possa fazer. Não dá para eu cuidar dessa encrenca e ao mesmo tempo comandar um time de merda que nem aquele. Isso já é muito mais que um emprego em horário integral! Mais que o horário integral!

— Ah, querido — disse ela, carinhosamente, ainda avançando com as mãos —, não precisamos falar disso a noite toda, não é? Vamos conversar sobre outra coisa.

Dick Doobey relaxou soltando um gemido sob as investidas dela. O dedão continuava a explorar freneticamente.

— O que você quer fazer, benzinho? — murmurou ele, carinhosamente.

— O que *você* quer fazer, meu anjo? — retrucou, amorosa, enquanto ele começava a

afundar mais e mais até que a boca ficasse quase submersa na água borbulhante por último.

— Brincar de jacaré. — Ele sorriu maliciosamente, enquanto os olhos brilhantes desapareciam lentamente sob a superfície.

Após bater à porta e não ser atendido, Bruce Denton limpou os pés enlameados no imundo capacho e entrou no chalé. Estava bastante acostumado à bagunça, mas ficou surpreso ao encontrar uma garrafa de uísque irlandês Bushmills aberta sobre o grande carretel de cabos que servia de mesa de cozinha. Ele avançou, tampou a garrafa e pegou o livro que estava aberto ao lado dela; era uma edição de bolso de *In Our Time* [Na nossa época]. Ele sorriu.

— Ei, Nick — chamou. — Você está aí, Nick?

— Muito engraçado — rosnou Quenton Cassidy de trás de uma pilha de tábuas.

Estava deitado bem embaixo da janela da frente, estirado paralelamente a ela, quase todo à sombra dos trastes e madeiras. Denton deu alguns passos e sentou-se numa pilha de lenha. Cassidy sorriu para ele, uma xicara de café subindo e descendo em cima do peito (ela continha cubos de gelo quase derretidos e provavelmente nenhum café, imaginou Denton).

— Então... — Denton deixou que a palavra pairasse no ar.

— Pensei que você fosse vir ontem, seu babaca — disse Cassidy, de modo amistoso.

— Ah, sim. Desculpe-me. Jeannie se sentiu mal e fui com ela à enfermaria. Estamos, ah, esperando notícias da cegonha, ou seja lá como chamem hoje em dia. Quando voltei, já estava tão escuro que decidi vir hoje.

— Ah! O barulho de sapatinhos com travas pela casa... — Cassidy bocejou; não parecia muito interessado.

— Então, o que aconteceu? Ou estou sendo intrometido?

— Aconteceu? E desde quando precisa acontecer alguma coisa para alguém encher a cara? — perguntou Cassidy.

Denton sabia que Cassidy bebia muita cerveja, mas nunca o tinha visto com nada mais pesado. Achava graça por um lado, e por outro estava assustado. Mas demonstrava apenas o divertimento.

— Lendo um pouquinho, não é? O que é isso? — Apanhou uma edição de bolso aberta ao lado de Cassidy e virou-a para olhar a capa.

Exibia um jovem sentado em um banco de vestiário, calçando um tênis Tiger de treino; atrás dele havia um homem mais velho, de pé, com uma toalha enrolada em torno da cintura, como se estivesse pronto para arrancá-la com um grito de “Olhaaa o que eu tenho aqui!”. Cassidy deu uma risadinha na direção de Denton.

— Isso, meu amigo, é um livro que explora uma minoria atlética esquecida e que cresce cada vez mais: os corredores de longa distância homossexuais.

— Ah, é? — Denton folheava o livro. — E qual a principal... Quer dizer, o que eles, ah... fazem?

— Posso ver que o senhor é um homem pouco sofisticado. Esses caras treinam até o limite da perfeição enquanto flertam com seus treinadores ex-marinheiros, alimentam-se de iogurte e nozes, então saem e fazem corridas fantásticas, apesar das enormes pressões sociais que têm de suportar. Ah, sim: correm quatrocentos metros em 57s nos treinos matinais. Mas na maior parte do tempo... — Ele se apoiou nos cotovelos de modo a poder encarar os olhos de Denton. — Na maior parte do tempo ficam à toa nos vestiários, admirando os tendões bronzeados uns dos outros.

— Ele riu de novo.

— Hummm. Isso é algum preconceito que estava reprimido em você e que finalmente começa a sair do armário? Pensei que você fosse um desses caras tipo “pode enfiar em que ou em quem você quiser”.

— Olhe, minha opinião sobre essas questões sexuais é que adultos podem, desde que estejam de acordo, até passar uns por cima uns dos outros com enfardadeiras, se for esse seu desejo mais íntimo. Contanto, é claro, que não o façam na frente das crianças. Ou dos amantes de equipamentos agrícolas.

Denton assentiu, mas parecia absorto num trecho do livro. Franziu a testa por alguns instantes enquanto lia. Finalmente atirou o livro de lado no chão.

— Uau! — disse.

— Viu o que eu quero dizer? Agora, falando sério, o que a forma como você se diverte tem a ver com as coisas? E daí se eu toco uma punheta quinze vezes por dia? Quem se importa?

— Certo, estou vendo que você está um pouco nervoso por causa disso...

— Nervoso o cacete. Estou é bêbado como um gambá. — Ele riu de novo. — Estou tão em ponto de bala, que basta um copo de refrigerante para me deixar ligado.

Denton não pôde deixar de rir.

— E as histórias do setor de emergência de Michigan que eu trouxe? — Ele fez um gesto na direção da mesa.

— É, gostei muito delas. A não ser por aquele ar de superioridade. Mas o sujeito foi lá e fez coisas, sabe? Quer dizer, dava para saber que ele fez mesmo aquelas coisas, *sabia* a respeito delas antes de sair falando por aí. Ele apenas se sentou e tentou contar da maneira mais honesta possível. Isso é mil vezes melhor do que ficar sentado lá em Nova York com uma porção de outros artistas enrolando uns aos outros e escrevendo sobre sua condição de judeu ou sobre a angústia de ser um escritor angustiado. Mas de novo... — Seus cotovelos estavam cansados, então ele se deitou no chão novamente.

— Quem se importa?

— ...isso mesmo, quem se importa? — Cassidy soltou um suspiro.

Denton pensou: “Aqui está um homem que ficou tempo demais sozinho.”

— Meu Deus, Bruce, preciso sair desse buraco. Me leve para comer alguma coisa, num lugar onde tenha pessoas para quem eu possa rosnar, garçonetes com meias-calças; um lugar com esse atestado de civilização, uma salada com pedaços de bacon artificial...

— Era justamente o que eu estava pensando. Isso se você conseguir andar. Aguenta aí — disse Denton.

Cassidy estava se esforçando para se pôr de pé.

— Correu hoje? — perguntou Denton, ajudando-o a se levantar.

— Pedra que rola não cria limo. Claro que corri hoje. Você acha que estou aqui para mofar como um fazendeiro? Vou tomar uma ducha.

Denton viu a planilha de treinos jogada no chão, ao lado de onde Cassidy estava deitado. Ele a pegou e a examinou por um momento, deixando finalmente escapar um assobio baixinho.

— Que diabo você estava fazendo correndo cinquenta e cinco quilômetros ontem? Ficou maluco ou o quê?

Cassidy botou a cabeça para fora do banheiro.

— Corri até a cidade ontem à noite. Veja só, pensei que meu treinador e melhor amigo chegaria para corrermos juntos, e ele não apareceu, sabe? Ah, droga. Fui ver Andrea. Foi um erro...

— Está bem. Mais do que justo. Não vou mais furar com você. Sei que às vezes pode ser muito difícil ficar aqui, mas pensei que essa história com a Andrea tivesse terminado, não terminou?

Mas a porta do banheiro estava fechada. No chuveiro, Cassidy dava uma de *crooner* desafinado: “*an’ all of us here are just more than contented... to be livin’ and dyin’ in three-quarter time...*”

Cassidy ainda estava de bom humor no caminho de carro à cidade. Denton acionou o limpador de para-brisas quando enfrentaram uma pancada de chuva não muito forte. A intensidade das chuvas tinha diminuído ultimamente.

— Agora, se você se acalmar — disse Denton —, vou fazer um resumo das novidades. Vai ser curto, mas não muito agradável.

Denton começou contando a Cassidy sobre a organização que os atletas tinham criado no campus, a Coalizão dos Atletas da Southeastern University.

O objetivo declarado, contou-lhe Denton, era conversar, negociar e, caso contrário, “lidar” com a Associação Atlética. Quando o grupo anunciou sua fundação, todo o assédio da mídia que tanto havia perturbado a vida de Dick Doobey na época do incrível ataque da meia-noite voltou à tona, com energia redobrada. Os repórteres de esporte tinham ficado animadíssimos com a ideia de um “sindicato” de atletas e queriam saber como as condições poderiam ser tão ruins a ponto de exigir uma barganha coletiva por parte de todos os alunos ligados aos esportes. Ninguém, e muito menos Dick Doobey, era capaz de dar uma resposta satisfatória. Os atletas disseram simplesmente que, como os repórteres não viviam submetidos àquele regime, nunca poderiam compreender o espírito daquela época. Mais reuniões foram organizadas, declarações foram divulgadas. Quenton Cassidy (que ao que parecia havia sumido completamente) era ora endeusado como um santo e mártir, ora atacado como um agitador egocêntrico. Denton contou a Cassidy que em algumas páginas de esportes dos jornais haviam sido publicados artigos de opinião “que o deixariam de queixo caído”. Um comentarista progressista do *Pensacola News Journal* sugeriu a pena de morte para alunos-atletas mal-agraçados.

— Resumindo, isso tudo significa que — disse Denton, desligando o limpador de para-brisas — eles o cortaram da lista de competidores do Southeastern Relays.

— *O quê?*

— É isso aí. Agora, não me peça para ver algum sentido nisso. Estou apenas relatando os fatos. Aparentemente, não há nenhum raciocínio lógico nisso, exceto, ah, se vangloriar de você.

— Você está falando sério?

— Totalmente.

— Não vão me deixar correr?

— Nem pensar.

— Não falaram por quê, *pelo amor de Deus?*

— Ei, não desconte em mim. Só estou lhe contando o que Cornwall me falou. Que eu saiba,

ele gosta disso tanto quanto você. No começo, nem entendeu como eles ficaram sabendo que você estava inscrito na corrida. Então concluiu que Hairlepp ou um dos caras do *Sun* tinha procurado Doobey quando eles conseguiram as listas prévias dos competidores. Você sabe quanto a imprensa é objetiva quando se trata de esportes, não é? De qualquer jeito, aparentemente o próprio Doobey autorizou uma política segundo a qual Quenton Cassidy não terá permissão para competir nas raíais da sagrada pista da Southeastern University, chova ou faça sol.

— Meu Deus do céu! — Cassidy, com aparência deprimida, olhava pela janela para os campos molhados. — Eles podem *fazer* isso?

— Quem sabe? Estão fazendo. Perguntei a um amigo meu que é advogado, Jerry Schackow, o que achava disso, mas ele respondeu que não poderia dizer nada antes de fazer uma pesquisa sobre o assunto. Disse que se trata de um caso bastante interessante.

— Ótimo.

— Enquanto isso, não se preocupe. Vamos com força total no treinamento. Vou passar a vir à tarde, com mais frequência, para registrar numa tabela sua performance. Você se concentra em correr e deixa que eu me preocupo em botá-lo na pista para competir.

Mas Cassidy estava desanimado. Sentado, com os braços cruzados, sacudia a cabeça, descrente, enquanto via os campos e a vegetação rasteira passarem. Finalmente chegaram a Art's Steakhouse, nos limites da cidade. Denton deu um tapa no joelho dele, de modo jovial.

— Tudo bem. Vamos jantar e tentar pensar em coisas agradáveis. Talvez eu mesmo tome um gole de uísque irlandês.

— Não recomendo — disse Cassidy, sombriamente. — Parece atrair coisas ruins.

Bruce Denton raramente revelava de uma só vez tudo o que sabia. Com Cassidy, preferia liberar informações importantes em pequenas doses, como se por acaso. Sabia intuitivamente que aquela inteligência, dedicada ao autoconhecimento, num mundo às vezes confuso tendia a se apegar às notícias ruins.

Mas quanto à sua corajosa tentativa de intervir junto às altas instâncias — ninguém menos que o próprio velho Prigman —, ele optou por não contar nada. Não que tivesse vergonha da cômica inutilidade dessa tentativa; mas agora ele compreendia a verdadeira natureza de seu adversário e tinha decidido confiar na própria opinião enquanto ponderava sobre novas táticas. Ele fazia seus cálculos com o prazer contido e o abandono de um arruaceiro que, regenerado, de repente se descobre numa confusão que não tinha começado.

Tinha conseguido ser recebido por Prigman de um modo muito prático: desempenhara o papel de um chato extremamente afável. Ficou sentado na sala de espera lendo exemplares antigos de *Florida Rancher*, sorrindo efusivamente para Roberta, mascarando seu chiclete como um peão de fazenda. A secretária, que gostava de manter o escritório limpo e organizado, não conseguiu suportar aquilo; quando cometeu três erros de datilografia na mesma frase, em uma carta subserviente ao governador, se levantou com calma de sua mesa, marchou até o santuário particular e pediu gentilmente que uma providência fosse tomada. Uma vez na porta, Denton (se não soubesse da verdade) poderia muito bem ter acreditado que Steven C. Prigman estava

sentado havia horas na agradável e ansiosa expectativa de sua chegada.

— Bruce Denton! — Prigman estendeu a mão calorosamente. — Que surpresa!

— Como vai, senhor? — Denton não conseguiu deixar de sorrir. “Por que não conseguem se entender com este homem?”, pensou.

— Espero que tenha recebido meu telegrama depois de sua incrível vitória.

— Ah, sim, senhor, foi um dos primeiros a chegar — mentiu Denton, alegremente. Aquilo ia ser mais fácil do que ele imaginava.

— Ótimo, ótimo. Sabe, tenho pensado em convidar você e Jennifer para jantar numa noite dessas, mas... esse trabalho! — Ele sacudiu as mãos, um homem que só podia esperar que essas pessoas de quem ele gostava com sinceridade compreendessem por que tinha tão pouco tempo para elas. Denton ficou imaginando quem diabos seria Jennifer.

— É claro, senhor, sei como deve estar terrivelmente ocupado. Não pensaria em tomar seu tempo se não...

— Imagine! Não tem o menor problema, meu rapaz. Tenho todo o tempo de que você precisar. — Para deixar isso claro, olhou nervosamente para o relógio. — Então, o que posso fazer por você?

— Bem, senhor, é sobre um jovem chamado Quenton Cassidy...

O rosto de Prigman se fechou de modo tão óbvio que Denton parou, surpreso. Então Prigman estava metido naquilo.

— Ah! — disse o velho calmamente, reclinando-se em sua cadeira.

— Sim, senhor. Pelo que soube, ele teve sua participação vetada nos Southeastern Relays no mês que vem e...

Prigman girou a cadeira, num gesto adolescente, cheio de irritação e que destoava de sua imagem.

— Você me permite perguntar — ele interrompeu Denton — qual o motivo de seu interesse pessoal nesse assunto?

À maneira sutil dos sulistas de sua espécie, tinha se deslocado do campo da diplomacia para o da advocacia, disfarçando a manobra com tamanha sinceridade e deferência que o alvo de sua sedução — fosse uma testemunha hostil, fosse um subordinado cauteloso — não suspeitaria da mudança até ser tarde demais.

— Bem, senhor, o Sr. Cassidy é meu amigo. Já há algum tempo o tenho ajudado nos treinos e sinto que ele pode vir a ser um competidor extraordinário, talvez até em nível olímpico, se tiver as oportunidades certas. Não consigo imaginar que motivo poderia haver, e estou sabendo desses recentes, ah, problemas, para mantê-lo de fora...

— Escute, Bruce... posso chamá-lo de Bruce? Tudo isso que aconteceu foi extremamente desagradável para todos os envolvidos. Extremamente desagradável. Mas tenho certeza de que você, sendo também um atleta, compreende que a insubordinação deve ser tratada com firmeza. Bem, reconheço que alguns erros foram cometidos, de ambos os lados, mas, em última análise, regras são regras. Talvez no seu esporte seja um pouco diferente, pois é uma modalidade individual, mas no campo, na hora do jogo, deve haver um comandante supremo, um líder capaz de tomar decisões de vida ou morte, ali, imediatamente. Um jogo pode ser vencido ou perdido em um segundo de hesitação. Não há outra maneira de agir, meu rapaz. Se tivesse de reunir um time de futebol para votar antes de cada jogada, seria o caos! Anarquia! Logo as líderes de

torcida iriam querer votar também! Esse negócio de democracia não dá certo quando a bola está em jogo, meu rapaz. Agora, tanto no atletismo quanto no campo, não sei...

— Senhor, com todo o respeito, não acho que ninguém tenha sugerido nada parecido. Se alguém tivesse se dado o trabalho de conversar com o Sr. Cassidy, teria visto que ele, assim como todos os que aderiram àquele abaixo-assinado, não está defendendo nada além do fim dos assédios mesquinhos e da invasão da privacidade dos atletas...

— É tudo uma questão de disciplina! Seguir as ordens! Dick Doobey pode não ter acertado o tempo todo, mas ele ainda era Dick Doobey! O general. Ele deu ordens. E, então, o que aconteceu? *Abaixo-assinado!* — Ele disse isso como se pronunciasse o nome de alguma doença contagiosa que tivesse acabado de fulminar um ente querido.

— Acho — disse Denton com toda a calma — que não concordo com o uso dessas metáforas militares no esporte. Não acredito que um campo de futebol ou uma quadra de basquete sejam campos de batalha, exceto para observadores mais simplistas e pouco esclarecidos. Mesmo admitindo a analogia, não acho que um general em plena guerra seria capaz de mandar seu exército comer bosta por causa da disciplina, senhor.

Denton tinha uma vaga impressão de que já não estava sendo ouvido. “Esporte e religião são tratados assim nos grotões do sul”, pensou. Quando sua última observação não obteve nenhum tipo de resposta, soube que seu tempo tinha terminado. Prigman estava ocupado em acender um grande charuto.

— Bem — disse o velho, afinal, virando-se ligeiramente de lado para olhar pela janela a praça varrida pelo vento —, de qualquer forma, essa insubordinação e essa dissidência não podem ser toleradas entre atletas. Você não tem ideia do estrago que todo esse caso provocou, não apenas no ânimo do time, mas também nessa universidade. Falo em termos de nossa imagem entre as pessoas do estado da Flórida. Você não tem ideia.

Denton se pôs de pé diante da gigantesca escrivaninha, olhando para o velho político grisalho e imponente atrás dela. Tinha pensado que a razão poderia, sim, se impor, que em algum lugar um apelo poderia ser ouvido com justiça. Mas Denton não dominava os detalhes da ilustre carreira de Steven C. Prigman como jurista, e portanto não estava preparado para encontrar um intelecto capaz de raciocinar quase totalmente segundo as referências do século passado.

— Senhor, Quenton Cassidy representou essa instituição muito bem e de modo honrado. Foi campeão da corrida de uma milha por dois anos e o capitão de sua equipe. Detém vários recordes da universidade. Agora, ele tem uma chance de superar esses limites, e mantê-lo fora da pista não atende a nenhum propósito razoável a não ser...

— Não concordo — disse Prigman, exalando uma fumaça azul perfumada. — Você está dizendo que o garoto pode se tornar um precioso trunfo, não é?

— Bem, não usamos esse termo em corrida, mas, sim, ele pode muito bem vir a ser...

— *Bem, se conseguir isso, não vai ser usando as instalações desta universidade.* — Esta última frase foi dita em tom definitivo.

— Eu ia dizer: “A não ser que seja impedido por algum tipo de vingança” — disse Denton, com tristeza.

— Hummm! — Prigman examinava papéis em sua mesa, expressando impaciência. Denton avançou em direção à porta. — O presidente da comissão, Dr. Branum... — disse o velho

de repente.

— Sim, senhor?

Prigman não olhava para ele, como se estivesse distraído com outra coisa lá fora, vista pela janela.

— O Dr. Branum está ansioso para que você termine a dissertação no próximo trimestre. Você não ia querer se envolver em outros assuntos e relaxar com os estudos, não é?

Denton pensou em simplesmente sair porta afora. “Muito bem, sujeitinho, então vai ser do seu jeito. Mas agora você vai ouvir”, pensou. Com um sorriso sarcástico, ele se voltou para Prigman.

— Não, senhor! Acho que é melhor voltar para a senzala.

— Ótimo, ótimo. — Prigman saboreava seu charuto; sua mente, era óbvio, já se ocupava com outras maldades.

Denton pensou: “Meu Deus do céu!”

— Um treino intervalado — Cassidy explicou certa vez a um repórter de esportes — é, para o corredor de distância, o equivalente moderno da dama de ferro, um instrumento usado, como você sabe, pelos antigos inquisidores.

Ainda que as grandes distâncias proporcionem as bases da formação de um corredor, os intervalados tornam as competições mais cruéis. Quenton Cassidy gostava deles. Outros preferiam farpas de bambu sob as unhas. Cassidy compreendia que uma afinidade natural pelos treinos intervalados representava a diferença entre os que gostavam de competir e os que gostavam de treinar. E há uma diferença. Competidores expressam pouco apreço pelo treinamento por si só.

Um treino intervalado é simplesmente uma série de corridas rápidas com distância determinada, tempo preestabelecido e intervalo de descanso definido. As variáveis só são limitadas pela imaginação do treinador e pelas condições físicas, que logo se manifestam, dos atletas (uma coisa é escrever “Dar dez tiros de quatrocentos metros em cinquenta e oito segundos intercalando com um trote de duzentos metros”, e outra, muito diferente, é cumprir essas instruções). Enquanto uma corrida de dezesseis quilômetros pode ser geralmente considerada uma distração agradável, poucos dos colegas de equipe de Cassidy pensavam nos intervalados como algo além de uma provação extenuante; na melhor das hipóteses, satisfatória, na pior, horripilante. Era precisamente o tipo de treino, ele sabia, que preparava o corpo para a corrida. Apesar de o corredor de distância estar sempre se esforçando para alcançar a eficiência aeróbica, a competição em si é, antes de tudo, uma experiência anaeróbica. Todos — tanto o vencedor, na sua glória sofrida, quanto o perdedor, muitos segundos atrás dele no seu igualmente sofrido anonimato — experimentam o esgotamento físico de um déficit total de oxigênio. E, como o intervalo dos treinos costuma ser bastante puxado para que o corredor se dê conta do déficit de oxigênio muito rapidamente no exercício, ele aprende a lidar com o cansaço debilitante já a partir da primeira repetição. Outros esportes recorrem a uma forma abreviada de intervalado chamada *wind sprints*, mas, enquanto os jogadores de basquete ou de futebol correm trinta ou quarenta metros e desfrutam vários minutos de descanso entre as séries, o corredor de milha costuma correr duzentos, quatrocentos, oitocentos ou até mil e duzentos metros de cada vez. Cada segundo do seu minuto ou de seus dois minutos de descanso lhe parece mais doce que a própria vida.

Não é de admirar que Bruce Denton demonstrasse mais interesse nos treinos intervalados de Cassidy do que em qualquer outra coisa que fizesse parte dos seus 225 quilômetros semanais. No começo de março, Denton começou a ir ao chalé dia sim, outro não, às vezes dormia lá; depois de correr de manhã cedo com Cassidy, ele se dirigia direto para o trabalho. Se essa programação exerceu algum efeito deletério sobre o casamento dele, isso nunca foi dito a Cassidy.

— Espero que tenha me obedecido e pegado mais leve ontem — disse Denton enquanto corriam rumo ao campo.

— Está bem, me considere maluco. Qual é a programação?

— Vinte tiros de quatrocentos metros em séries de cinco, com trotes de cem metros entre os tiros, trotes de quatrocentos metros entre as séries, tentando fazer cada tiro em sessenta e dois ou sessenta e três segundos, mas sem olhar o relógio, como sempre. É isso. Por enquanto.

Cassidy ficou surpreso. Era um exercício puxado, mas nada que não tivesse feito muitas vezes antes. Há dias Denton falava disso de forma ameaçadora, e agora o corredor se sentia na verdade um pouco decepcionado. Com Denton, nunca sabia o que esperar. Quando, semanas antes, ele o orientou a deixar o cabelo crescer e a não fazer a barba, Cassidy se esforçou para não parecer surpreso. Suspeitava do que se tratava, mas também sabia que Denton não lhe diria mais nada. Se quisesse que Cassidy soubesse, já teria lhe contado. Agora os cachos clareados pelo sol começavam a cobrir suas orelhas, e do seu queixo brotava uma barba ruiva, pela qual Cassidy começava a se afeiçoar. Ele se via como um viking magricela.

Quando chegaram ao campo, Cassidy tirou os tênis e juntou-se a Denton numa marcha acelerada para se soltar um pouco. Fazia um dia gloriosamente bonito, claro e quente, e logo os corredores sem camisa estavam molhados de suor. Apesar de conhecer poucos corredores que fizessem o mesmo, Cassidy adorava treinar descalço. Denton considerava isso uma aberração, mas, desde que parecesse não causar complicações, ele tolerava a prática.

Na realidade, existiram alguns poucos corredores de projeção mundial que competiam descalços e cujo desempenho não parecia pior por causa disso; e havia Abebe Bikila, que incrivelmente tinha corrido descalço os quarenta e dois quilômetros da maratona na Olimpíada de Roma, vencendo a prova com facilidade. Havia argumentos a favor e contra o fato de o hábito ser benéfico nos treinos ou nas competições, mas Cassidy fazia simplesmente porque gostava. Aquilo lhe permitia estar mais perto da grama, do solo, mais perto da aspiração mais profunda do corredor: *voar nu através da floresta primitiva, correr através da selva.*

Começaram. Os dois ou três primeiros sempre pareciam, de algum modo, especialmente ruins. Na verdade, era uma falsa impressão. Eles se sentiam lerdos porque o corpo estava sob o choque de uma súbita exigência de velocidade constante. Depois de subirem a níveis comparáveis aos de um beija-flor, os batimentos cardíacos mantinham-se nesse ritmo por algum tempo. As pernas ficavam prematuramente pesadas, e o sistema nervoso central enviava a mensagem de que esse sacrifício não poderia ser suportado. Mas o sistema nervoso central acaba precisando se submeter, é claro, pois o corredor a essa altura sabe melhor que suas próprias sinapses o que se espera que o corpo possa ou não fazer. O corredor lida quase diariamente com essas limitações físicas absolutas, que o não corredor enfrenta apenas em situações extremas. Ao fugir de um assassino armado ou de um animal feroz, uma pessoa comum logo encontrará os assustadores limites que até o mais completo terror não pode superar. O corredor conhece esses limites tão bem quanto cada detalhe da calçada de sua vizinhança.

Após o choque dos primeiros tiros de quatrocentos metros, Cassidy estabilizou no ritmo agradável, quase confortável, do treino, no qual cada intervalado, ainda que difícil, dava a impressão de ser exatamente como o anterior, e o seguinte. Depois de terminarem a primeira série de cinco, o trote de quatrocentos metros prescrito por Denton parecia suntuosamente longo demais. Durante esse tempo, assim que recuperava um pouco o fôlego, Cassidy fazia algumas observações e geralmente tentava puxar alguma conversa com Denton; o corredor mais velho mostrava-se retraído, correndo num estado de espírito que Cassidy considerava um tanto

carrancudo. Começaram a segunda série.

Uma volta depois da outra, eles correram pelo campo, cada repetição tão parecida com a anterior que precisavam contar em voz alta para não esquecer quantas já tinham feito. Denton, o compulsivo em pessoa, tendia a considerar que tinham dado três, e não quatro, de modo que, por via das dúvidas, davam uma volta a mais. Cassidy, portanto, prestava bastante atenção na contagem. A única diferença entre uma série e a seguinte era o ligeiro aumento de ácido láctico nos músculos necessários para erguer a coxa, que tornavam cada movimento um pouco mais difícil que o anterior e começavam a ficar doloridos ainda na fase inicial do treino. Não fosse por isso, era quase tão fácil treinar num estado mental praticamente neutro quanto nas corridas de longa distância. Denton era o parceiro perfeito; seu ritmo não variava mais que meio segundo entre uma série e a seguinte.

Na terceira série, Cassidy teve a impressão de que Denton estava acelerando o passo, embora isso fosse improvável. Simplesmente agora era preciso um esforço maior para manter a velocidade. Um corredor de milha, cujo ritmo numa corrida fosse um pouco mais rápido que sessenta e três segundos por volta, poderia melhorar bastante com um treino como aquele. A questão não era quão rápido ele podia correr e sim quão rápido podia correr quando cansado.

Cassidy não se permitia pensar no seu ritmo de corrida, pois esses quatrocentos metros em sessenta e três segundos exigiam tanto esforço, que seria desanimador pensar em como teria de correr mais rápido que isso numa prova de verdade. Já havia muitos outros fatores envolvidos: descanso, uma superfície que favorece a velocidade e, mais importante, a incrível condição psicológica que conseguiria construir antes da corrida. Comparações como essa não ajudavam, e eram rapidamente descartadas. Ao treinar, era melhor pensar no treino. Enquanto percorria em círculos os vinte quilômetros daquele pequenino campo em Kernsville numa tarde de sábado, a corrida parecia uma atividade realmente exótica e glamorosa, era a parte do “sacrifício” dos “Quilômetros de Sacrifício”.

A de número catorze foi particularmente penosa. Ao terminá-la, Cassidy rosnou:

— Uau, essa doeu!

— Pouco. Rápido — Denton ofegou. De vez em quando, durante uma repetição, um deles se perdia num devaneio que evocava uma corrida há muito tempo disputada, e enquanto as antigas lembranças o invadiam, o ritmo ia acelerando, à medida que a adrenalina subia involuntariamente no corpo. O outro corredor reagia a isso e logo eles estavam voando ao longo da trilha tantas vezes percorrida, correndo com diferentes fantasmas do passado. O preço por essa digressão era alto. Começariam a nova repetição ainda sem fôlego.

Por pior que se sentisse no fim da terceira série, quando terminaram de trotar seus quatrocentos metros ele estava recuperado. O treino de Denton normalmente exigia períodos de recuperação bastante curtos, e Cassidy ficara espantado com a maneira como ele reagia às pequenas pílulas de descanso. O fator-chave era a recuperação: quanto mais rápida fosse, mais rápido o atleta poderia correr.

“Uma corrida”, Denton costumava dizer, “é cem por cento suar, e nada de bufar. Então, por que treinar descanso?”

A última série, de número vinte, foi muito parecida com a penúltima, e quando finalmente a terminaram, Cassidy soltou um grito. Estavam correndo num ritmo bastante puxado havia uma hora. Ele olhou para Denton esperando perceber a felicidade do alívio depois de um treino difícil,

mas Denton continuou a correr com uma expressão sombria.

— E agora? — Cassidy perguntou alegremente, pensando que talvez fossem terminar com algumas passadas largas ou correr uns dois quilômetros leves para desaquecer.

— Outras vinte.

Apesar do tom sério de Denton, Cassidy teve de sorrir. Depois de mais algumas passadas sem a expressão sombria de Denton se modificar, Cassidy soube que era para valer. “Isso”, pensou, “foi uma jogada suja.”

E começaram tudo de novo. Em sua mente, faziam cada série separadamente, como se tivessem de fazer apenas ela. Cinco pequenos circuitos de quatrocentos metros a ser conquistados, dois mil metros de corrida pesada, intercalados com aqueles quase cruéis pequenos intervalos de descanso, cada trecho de quatrocentos metros se transformando num marco por si mesmo, um temível e implacável obstáculo que precisava ser dominado e deixado de lado para que seu companheiro, cada vez mais próximo, pudesse ser enfrentado. Logo o sol estava no nível das árvores, espalhando pela maior parte do campo as sombras frescas e escuras dos carvalhos dos arredores. Não fosse pela natureza desesperada de seu esforço, seria uma cena bastante agradável; para os corredores, no entanto, poderia muito bem estar chovendo ou nevando, tão intensa era a atenção que dedicavam à sua tarefa.

Ainda que, ao terminarem a segunda série, as pernas de Cassidy estivessem apenas entorpecidas, seus braços e ombros doíam. Quando ele deixou aquele estado de transe e olhou para Denton, não viu absolutamente nenhum sinal de cansaço além do normal. “É assim que ele faz com que eles tremam diante de Deus”, pensou, “ele simplesmente continua e continua, desse jeito.”

Há muito tempo tinham parado de falar, dizendo apenas o número de cada uma das séries à medida que as terminavam, com os dois finalmente bufando:

— Vinte!

As árvores estavam agora mergulhadas naquele maravilhoso tom de laranja rosado do pôr do sol, a cor das mangas maduras enchendo o céu por trás dos carvalhos sombrios. Correram de leve, sem falar nada; a respiração dos dois, um arfar profundo e vigoroso, ecoava pelo campo. Cassidy só se deu conta mesmo quando estavam a meio caminho de uma volta no campo. A essa altura a respiração deles voltava ao normal, mas ainda estavam consideravelmente esgotados.

— Bruce, você não vai... quer dizer, isso é... — Sua voz falhou, enfraquecida pela autopiedade e pela resignação.

— Mais vinte, Cass.

Correram devagar e em silêncio. As lágrimas estavam a ponto de escorrer dos olhos de Cassidy, e ele não sentia vergonha disso.

— Bruce. Sessenta séries de quatrocentos metros. Bruce, você não pode estar falando sério. Ninguém faz mais esse tipo de coisa. Arthur Lydiard...

— Foda-se Arthur Lydiard. Quenton, é aqui que a gente descobre. É a hora e o lugar. Tudo o mais é aparência.

— Não sei se consigo fazer isso.

— Quenton. — Pela primeira vez naquele dia ele sorriu. — Você pode fazer praticamente qualquer coisa. Ainda não compreendeu isso?

— Certo.

— Olhe, corredores lidam com o sofrimento físico. Depois de ultrapassado determinado ponto, é tudo o que resta. Não há lugar para artifícios aqui. Sei que você consegue fazer isso porque eu mesmo já fiz, e quando terminou descobri algumas coisas muito importantes.

— Que você é um maluco?

— Talvez. Talvez nós todos sejamos. Mas espero que descubra do seu jeito. É por isso que vou deixar que você faça as outras vinte sozinho, da maneira como as pessoas fazem tudo o que é importante. Pode desistir se quiser, mas, por Deus, vai ter certeza quando estiver escolhendo isso, não vai?

— Acho que sim — Cassidy disse, taciturno.

— Estou indo para o chalé. Vou voltar mais ou menos na hora em que estiver terminando.

— Maravilha.

Deu início ao melancólico ritual quando a noite caía. Depois das primeiras cinco séries estava correndo à luz suave de uma enorme lua clara. “Bruce pensa em tudo”, ponderou Cassidy.

Então buscou a condição mental neutra que era seu refúgio, o triste invólucro que é o conforto do corredor. Ajustou sua mente ao fino trilho de platina de sua tarefa, uma linha que se estendia à sua frente e desaparecia na escuridão, além do que ele conseguia enxergar de uma vez, mesmo se tivesse vontade — mas não tinha. Quando saía de seu transe e uma palavra ou frase lhe vinha à cabeça, sua consciência atordoada brincava com aquilo como uma foca faria com uma bola, de maneira absurda, perturbadora e louca, como a mente costuma se comportar no período de entorpecimento antes de adormecermos. De um jeito muito controlado, abstrato, sabia quanto estava sofrendo; a menor brecha que se abrisse em sua concentração deixaria a autopiedade se infiltrar instantaneamente.

Estava, por assim dizer, acostumado àquele sofrimento do mesmo modo que um boxeador se “acostuma” a ser golpeado; mas a familiaridade com a experiência de maneira nenhuma atenua a força do golpe ou diminui seus efeitos fisiológicos. Ela apenas proporciona ao competidor um cenário no qual possa definir o trabalho que faz no momento, lhe dá certa serenidade e frieza diante de estímulos que, de outra forma, poderiam se tornar esmagadores e permite uma visão racional em vez de apenas um acesso de pânico. Sob uma saraivada de golpes assassinos, o raciocínio equilibrado do lutador, exposto à brutalidade, conseguirá teorizar calmamente: nós estamos muito machucados. Se não nos protegemos e fizermos algo, corremos o risco de ficar inconscientes.

Não que esse raciocínio equilibrado tema em especial a perda da consciência (na verdade, às vezes ela seria mais do que bem-vinda), mas ele sabe que é impossível vencer quando se está inconsciente. Da mesma forma, nenhum corredor altamente treinado afrouxa a pressão por ter medo da dor, mas porque o raciocínio equilibrado lhe diz que não vai ganhar nada se correr até acabar imobilizado.

Nada disso ajudava Quenton Cassidy. A solidez de sua condição física e suas pernas duras como mogno simplesmente lhe permitiam avançar ainda mais. Tinha a capacidade mental de continuar a correr terra adentro, como o tigre da história infantil do Sambo.* Sabia que Bruce Denton esperava que fizesse exatamente isso, e, assim como cada série fazia com que a seguinte

parecesse mais e mais impossível, ele tinha certeza de que *iria* continuar. Não havia como se refugiar numa lesão; seu corpo não podia se contundir dessa maneira. Não havia refúgio na compaixão, nada para se perdoar e ninguém que pudesse liberá-lo daquilo. E finalmente ele viu: não havia refúgio na covardia, porque ele não estava com medo. Não havia alternativa: simplesmente tinha de ser *feito*.

Terminou a de número sete, de algum modo correndo num ritmo muito puxado, o que o levou a arfar de maneira profunda e dolorosa e a passar alguns segundos agachado, apoiado nos joelhos, antes de começar a trotar para a série número oito (em sua mente, a número três, e depois disso só faltariam mais duas — não ia pensar além desse número). Estava ficando cada vez mais difícil manter a respiração em condições que parecessem normais no trote de descanso de cem metros; começava o intervalo seguinte arfando como se não tivesse parado. No seguinte, ele investiu pela reta, fazendo a curva em torno de um pinheiro partido ao meio por um raio (para ele, a árvore apenas significava a metade do caminho), para a última curva e, então, para os últimos cinquenta metros de reta: pernas, braços, ombros, mandíbula, orelhas, peito, dedos, todos lutando contra a pressão da dor entorpecedora provocada pelo ácido láctico, todos ansiando por aquela normalidade de movimento que — caso o céu e o inferno desabassem um sobre o outro num redemoinho cósmico — preservaria a integridade de suas passadas. Deixe que outros fraquejem; o corredor corre realmente até o fim.

Ele terminou e rosnou: “Oito. Seu. Filho da mãe.”

Mas a vingança da número nove foi terrível, reduzindo-o a um nível tal que precisou passar vários segundos segurando os joelhos e tentando sugar o ar, que, embora delicioso, de maneira enlouquecedora, parecia nunca satisfazê-lo. Quando finalmente começou a trotar, ergueu os olhos às estrelas que brilhavam, e eles ficaram cheios de lágrimas, misturadas ao suor quente do rosto — lágrimas que corriam até se juntar à saliva em torno da boca e do queixo, e ele sentiu que estava literalmente derretendo, transformando-se numa lama humana à medida que corria. Só quando começou a repetição foi que se tornou sólido novamente.

Sua mente agora tinha se apegado a uma melodia, “Für Elise”, e a tocava o tempo todo, aparentemente sem seguir nenhum padrão, a não ser pelo fato de que, assim que começavam novos quatrocentos metros, também se iniciava o fragmento de Beethoven. Enquanto para ele as estrelas eram manchas frias de poeira no espaço iluminado, aquelas notas que o rondavam confortavam-no, fazendo com que acreditasse haver outros seres no universo capazes de entender. Agora, cada nova série de quatrocentos metros começava em meio a uma espécie de dor física e terminava em nada menos que desespero espiritual. De repente ele se lembrou da única maratona que tinha corrido. Quase no quilômetro trinta e sete tinha olhado ao redor e descoberto que nada parecia familiar.

Convencido de que estava perdido, continuou correndo, chorando e gemendo, como uma criança desamparada. Ao terminar a corrida em 2h33 viu que, no final das contas, tinha se mantido no caminho certo. Mas ainda assim não conseguia parar de chorar; só não sabia mais por quê.

Depois da décima quinta série de quatrocentos metros, teria de pensar por um momento para se lembrar do próprio nome. Mas agora ele tinha seus quatrocentos metros inteiros de descanso, que corria com pequenos passos, saboreando cada instante. Sua mente deixou a

condição neutra e se deliciou num estado de espírito de frivolidade. Estava morrendo de sede; a língua tinha colado no céu da boca e não precisava mais cuspir os tufozinhos brancos de saliva congelada, pois não havia nenhum. Não ousava pensar em água nem na primeira cerveja. Ressecado até o âmago, trêmulo, quase louco, recomeçou as pequenas passadas de sua corrida leve e tornou-se (assim ele pensava) poético:

Em algum lugar dançam foxtrote feito loucos
Nas sombras da lua faço ouvidos moucos
Feliz da vida, alcanço os gafanhotos roucos,
E quando a lua sobe, leva meu mau humor aos poucos

Senhor Todo-poderoso, disse a si mesmo, lançando-se na série número dezesseis (em sua mente, número um). “Für Elise” começou de novo, e desejou que a música desaparecesse. Já não sentia mais quase nada. Quase não se importava. Ao deixar para trás a número dezessete, “Für Elise” degenerou numa espécie de órgão a vapor maluco. Notas desafinadas fizeram o que soava misterioso ficar feio; o que tinha sido preciso e lógico agora parecia louco e aterrorizante. Como se para combinar seu ritmo com o da música que desmoronava, sua estrutura acabou cedendo e o cotovelo ficou balançando, frouxo; um joelho acabaria batendo no outro, em vez de simplesmente passar por ele. “Pobre Elise”, pensou. “Pobre todo mundo.”

Na série número dezoito estava trôpego. A dezenove exigiu todo o seu esforço para evitar que seu ritmo acabasse se transformando num tropeção. Tinha piorado terrivelmente durante as últimas séries, mas não havia nada a fazer. Quando terminou a número dezenove, soltou um grito doido, mas que, de modo estranho, não expressava nenhuma alegria. Estava vagamente consciente de que Denton tinha voltado, mas isso logo escapuliu de sua consciência. Sua mente estava desprovida de qualquer outro pensamento que não fosse terminar a última série.

Na última, simplesmente deu uma arrancada com o que havia de vida dentro dele. A fina ranhura em forma de trilho que se esticava até o infinito agora caía num abismo no final do horizonte. Mais uma vez desceu a reta, fazendo a curva ao longe, passou pelo pinheiro patético para entrar na última volta, fraquejando um pouco agora e (tudo em câmera lenta) sentindo cada passo dos últimos cinquenta metros, até que tivesse terminado.

Cambaleou por ali, agarrando os joelhos com força, os olhos fechados muito apertados, dolorosamente, para as lágrimas não saírem, enquanto o suor parecia ser liberado com facilidade. Denton permaneceu a seu lado e amparou-o com firmeza, com a delicadeza de um médico que cuidasse de um homem que acabara de se ferir. E, como um soldado fora de combate, Cassidy parecia não reparar na presença dele.

Denton conduziu-o de volta lentamente, falando baixinho com ele durante todo o caminho. Cassidy, ainda afundado em sua angústia, não disse nada. Denton alimentou-o com o conteúdo do liquidificador, deixou que bebesse todos os líquidos que quisesse e colocou-o delicadamente para dormir.

— Quenton, você...

— Eu sei — disse Cassidy. Seus olhos ainda estavam molhados; ele se virou para o outro lado. — Mas é uma coisa muito difícil ter de saber.

Denton assentiu, sorriu para ele ao lhe dar uma palmada no traseiro (“Os músculos estavam

tremendo”, ele pensou, “*exatamente como aconteceu comigo.*”) e saiu. Cassidy estava mergulhado num sono profundo quando Denton fechou a porta.

Ele acordou apenas uma vez durante a noite, encheu a privada com urina cheia de sangue (algo que Denton lhe disse que poderia acontecer) e voltou para a cama. Dormiu dezessete horas ao todo, e quando finalmente acordou, o corredor, modelo de condição física e mobilidade eficiente, *esse* corredor pelo menos, teve dificuldade para andar por ali. Voltou para a cama.

* *The Little Black Sambo*, história para crianças de Helen Bannerman, publicada na Grã-Bretanha em 1899, sobre um garoto negro do sul da Índia, de uma província da minoria tâmil, que enfrenta quatro tigres. Com variadas edições e versões tem provocado polêmicas sobre racismo desde a década de 1930. (N. do E.)

— Preciso de contato humano — disse a Denton. — E não estou falando do seu barman de sempre do Newberry, que é melhor em misturar metáforas que bebidas.

— De modo geral, sair em busca de contato humano exige mais tempo do que os corredores dispõem.

— Bem, se você não me tirar daqui e não me puser ao lado de gente que fale com uma sintaxe reconhecível, posso vir a fazer algo drástico, como botar fogo no seu refugiozinho campestre e depois pular dentro de um vagão de carga.

E foi assim que Cassidy se viu, de todos os lugares do mundo, num coquetel, começando a admitir para si mesmo certo grau de incapacidade para o convívio social, do tipo que pode culminar com a batinha da sua calça inexplicavelmente suja da torta de limão de alguém. E, contudo, não havia como negar: pessoas o deixavam claramente nervoso.

Denton o havia abandonado no início da noite — propositalmente, agora suspeitava — e ele tinha se esforçado para travar várias conversas com convidados que, embora sinceros e inteligentes, sugeriam uma aura cuidadosamente cultivada de boemia típica de uma cidade universitária. Ainda que fossem se levantar de manhã, escovar os dentes e se encaminhar para seus locais de trabalho, para tapar cáries, redigir testamentos, dar notas em trabalhos, mantendo as engrenagens da república em funcionamento, eles poderiam a qualquer momento (depois de ouvir a orientação apropriada) agarrar um fuzil e uma fatia de charque e subir as colinas para combater o bom combate. Em sua maior parte, isso lhe parecia bizarro, e, enquanto observava, também se preocupava com o fato de, mesmo depois de vários dias de treinos leves, ainda não ter se recuperado plenamente da provação imposta pelo treino intervalado de Denton.

E logo se cansou do papo habitual das festas:

— Você correu trinta e dois *quilômetros*? Sem *parar*? Acho que não conseguiria correr nem trinta e dois metros, há-há-há...

Precisava morder a língua para evitar dizer que tinha sido realmente engraçado nas primeiras mil vezes que ouvira aquilo. Tinha esquecido como era lidar com piadas idiotas. E também havia as perguntas: o que ele comia? Acreditava em isometria? Isotônicos? Gelo e calor? E aeróbica? Estimativa, percepção extrassensorial, condições-padrão de temperatura e pressão? O que tinha a dizer sobre ioga, iogurte, Yogi Berra?* Qual era sua frequência cardíaca, sua pressão sanguínea, seu tempo para um tiro de cem metros? Qual era o segredo, eles queriam saber; de mil maneiras diferentes, eles queriam saber *O Segredo*. E nenhum deles estava preparado, de verdade, para acreditar que não tinha tanto a ver com química ou truquezinhos mentais, e sim com esse mais superficial e às vezes excruciante processo de gastar, molécula por molécula, a borracha dura de que era feita as solas dos seus tênis de treino. O Sacrifício dos Quilômetros; Quilômetros de Sacrifício. Como poderia esperar que entendessem isso?

Quando finalmente ouviu “Eu não conseguiria *dirigir* tão rápido quanto você *corre*...”, ele pensou: “Prefiro a morte.” Fugindo para a cozinha, estava tentando pescar uma lata de cerveja que não fosse diet na tina cheia de gelo, quando percebeu que uma garota de cabelos pretos o seguira. Ela parou com uma das mãos no quadril, observando-o com algum deleite, mas de maneira agradável, com a cabeça inclinada de um jeito curioso, e algo mais: um clarão nos

dentes brancos carnívoros destacando-se no rosto moreno. “Não estou à altura disso”, disse a si mesmo.

Remexia na tina mais que o necessário, e como compreendeu que ela deveria estar esperando que ele tirasse do traseiro do caminho para que ela pudesse passar, mergulhou as duas mãos e finalmente pescou uma cerveja normal. Suas mãos estavam duras e dormentes por causa do gelo.

— Do bom e velho tipo engordativo — ele disse, meio sem graça (“Ei, não era você o conversador em pessoa?”).

Riu de modo afável, imaginando quando tinha se transformado num perfeito débil mental, e já estava pronto para bater em retirada quando ela riu. Foi uma risada notavelmente não afetada, autêntica e vinda do fundo da garganta. Aquilo o fez parar.

— Você não estava se divertindo muito lá — disse ela. Era uma afirmação, não uma pergunta. Então ele percebeu que ela já tinha uma bebida na mão.

— Acho que não. Dá para notar? — Ele abriu a lata, jogou o anel de metal no gelo e tomou um gole de forma viril, enfiando a mão esquerda no bolso para esquentá-la. Jogou o corpo um pouco para trás, apoiado nos calcanhares, enquanto examinava a cozinha, como se estivesse realmente interessado naquilo que ela continha. “Talvez ela nunca tenha visto alguém conversar com panelas”, pensou.

— Quer ir ver as orquídeas no jardim? — ela perguntou.

— Orquídeas? Tem orquídeas no jardim?

— Não — ela riu. — Nem umazinha. Vamos.

Ela o pegou pela mão e o conduziu para fora pela sala, passando pelas portas de vidro. Não havia nenhuma orquídea. Sentaram no lado mais afastado da piscina, num balanço de criança, e ficaram ouvindo o ruído da festa, que agora parecia algo distante, ligeiramente absurda. Cassidy primeiro imaginou por que aquilo lhe soava tão nostálgico, mas então se lembrou: “Muito tempo atrás havia festas com gente grande e eu me sentava num balanço e ficava ouvindo o rumor.”

Ela era professora de psicologia, estava trabalhando em sua tese de doutorado e a última coisa no mundo sobre a qual queria falar era sobre isso. Devia ter uns vinte e quatro ou vinte e cinco anos, não era tão bonita quanto Andrea, mas, com os olhos carregados de ironia e a diversão estampada na testa e nas sobrancelhas, poderia a qualquer momento fazer com que ele ficasse ganindo como uma foca — ele concluiu. “Talvez eu seja fácil demais”, pensou.

Era claramente uma mulher que sabia cuidar de si mesma, e isso, por alguma razão, o animava.

— Você não deve ir a muitas festas. Pelo menos nunca o vi por aqui — ela disse.

Cassidy fazia desenhos com o dedo na superfície gelada da lata de cerveja.

— Não, acho que não. Para falar a verdade, não faço mesmo muita coisa.

— A não ser correr.

— Sim. A não ser isso.

— Não parece muito interessante.

— Ei — ele se endireitou —, não é mesmo. Pode acreditar.

Observou atentamente a reação dela e então, em quase perfeita sincronia, recitou a próxima pergunta, praticamente junto com ela:

— Então, por que você faz isso?

No entanto, ela não perdeu o fio da meada, sorriu e ficou esperando educadamente pela resposta.

— Gostaria que existisse uma resposta inteligente e aceitável para essa pergunta. É como quando as pessoas me perguntam no que eu penso quando estou correndo. Costumo dizer algo como “mecânica quântica”. Às vezes respondo “música”.

— Música?

— É algo tão bom quanto qualquer outra coisa. Às vezes penso *mesmo* sobre música. Na realidade, quando está treinando, você pode pensar no que quiser, ou quase. Mas, numa competição, todo mundo pensa na mesma coisa.

— Em quê?

— Na competição, por estranho que pareça.

— E o que você diz às pessoas que insistem em saber por que você faz isso?

— Digo que isso me mantém normal. Ou que vou participar das Olimpíadas; acho que conseguem entender isso, pois aparece na televisão.

— Você fala como se fosse uma piada.

— Ah, mas não é nenhuma piada. É que é algo tão difícil, a chance é tão pequena... é preciso ter tanta *sorte*, mesmo sendo muito *bom*. As probabilidades estão todas contra você, é isso. É como um garotinho que faz o papel da cenoura na peça da escola sobre a importância dos nutrientes, e como ele interpreta muito bem, a mãe sai por aí dizendo que um dia o filho vai ganhar o Oscar. Quer dizer, ele pode até ganhar, mas...

— Bruce Denton conseguiu — ela sugeriu.

— Bruce Denton ganhou um Oscar?

Ela lhe aplicou um desses socos tipicamente femininos no músculo do ombro, que o fez lacrimejar de verdade.

— Bruce Denton não parece anormal aos seus olhos — ele resmungou, esfregando o ponto dolorido — porque ele está andando por aqui nesta mesma casa, comendo pretzels e contando piadas sem graça. Mas provavelmente ele é o único corredor de distância olímpico num raio de mil quilômetros. Não é uma coisa... normal ter um deles em sua festa, sabe? Não é normal... ah, deixe para lá. Acho que falta um ponto de referência. E, aliás, aquilo doeu.

— Hummm. Então você passa todo o tempo fazendo algo indiscutivelmente chato, para o qual você não tem uma explicação razoável, e então, quando sai para se divertir, fica sentado parecendo que alguém acabou de atirar no seu cachorro. Interessante.

— Acha que não estou regulando muito bem?

— Não tenho dúvida disso. Bem-vindo à Academia do Riso.

Ela fez um gesto vago na direção da festa, e, como se fosse combinado, subitamente se ouviu uma gargalhada e um homem com a camisa para fora da calça saiu engatinhando pela porta de vidro, que se abriu com um nitido estalido. Estava olhando para trás por cima do ombro, como se estivesse fugindo. Cassidy reconheceu-o como um oftalmologista chamado Caldwell alguma coisa, que mais cedo tinha dito a ele que “ficasse por ali”.

— Dr. Hodge — ela disse. Imitação de coitote. Na verdade, não é tão grave. É o que se costuma chamar de doidão classe média.

Cassidy virou-se para trás, olhou para ela por vários segundos e realmente não conseguiu

pensar em nada para dizer. Ocorreu a ele que devia ser um sujeito muito chato. Ela se aproximou e tocou sua barba. A intimidade daquele gesto exerceu sobre ele um efeito incrivelmente calmante.

— Gostei do novo visual. Bastante nórdico. Muito diferente daquele corte de milico que aparece nas fotos do *Sun*. Devem ter sido tiradas quando você era um calouro. Quando essa história começou?

— Nas últimas semanas. O plano maluco de Bruce para me fazer participar da competição em duas semanas. Essa era uma das razões de ele não querer que eu viesse aqui esta noite. Supostamente pediram discrição a todo mundo aqui. Na verdade, acho que tudo isso é uma bobagem.

— Alguém me disse alguma coisa a respeito, mas não prestei muita atenção.

— Fui banido das competições nas sacrossantas pistas da Southeastern University, agora e para todo o sempre, amém. — Ergueu as mãos como se fosse um pregador anunciando uma bênção. Então, educadamente, abafou um pequeno arroto com as costas da mão. Quatro cervejas eram agora o seu limite. Mas estava começando, afinal de contas, a se sentir muito bem com relação àquela noite. — Parece que sou um perigoso agitador das massas — acrescentou. — Massas, massas, massas.

— Deixe eu lhe perguntar uma coisa? — disse ela, baixinho.

— Claro — terminou de beber a lata com um gesto estudado —, qualquer coisa. Absolutamente qualquer coisa.

Ela pôs a mão sobre o joelho dele e correu a unha de leve ao longo da coxa. Ela teve a impressão de que não passava de um feixe de tensos cabos de uma ponte suspensa.

— Você achou que eu estava sendo muito atirada lá dentro, com aquela história das orquídeas e tudo o mais? — Ainda baixinho.

— Ah!

— Bem, achou?

Seu pomo de adão parecia uma bola de tênis encharcada.

— Isso o surpreende? — Ela se inclinou para a frente para captar seu olhar voltado para baixo, forçando-o a encará-la novamente. — Hein?

Ele odiava seu constrangimento idiota, sua dolorosa falta de jeito. Era um monge retirado de seu claustro e atirado em meio a uma porção de moradores de Manhattan, sacudindo as sandálias ensebadas naquele tapete azul como o céu, bebericando nervosamente aqueles estranhos coquetéis, preocupado com suas axilas assustadoras e reagindo à pergunta mais simples com isto: bah, dii, buh, bah, dii.

— Você precisa tentar entender — disse ele, sentindo-se infeliz e ainda contemplando a mão morena e sinuosa dela —, estou sem ação. Você precisa tentar entender como é...

— Ah! — Ela sorriu aquele sorriso carnívoro. — Eu vou tentar.

* Lawrence Peter "Yogi" Berra, jogador de beisebol nascido em 1925, é considerado um dos melhores da história. (*N. do E.*)

— Para mim? Você não devia ter feito isso! — disse Cassidy quando Denton lhe entregou a caixa de papelão. Estavam chegando ao seu objetivo, e Denton tinha anunciado que era hora de tomar grandes decisões.

— Não sabe como isso pode vir a ser desagradável. Nem vou lhe dizer que espécie de porcaria vai ficar no ar — disse Denton. Mas seu sorriso indicava a verdadeira medida de sua preocupação. Quando Cassidy abriu a caixa, Denton pensou: “Ele realmente não sabe o que fez; no seu dia menos puxado, quando torceu o tornozelo, correu quase treze quilômetros.”

— O uniforme de corrida da equipe finlandesa! É lindo!

Cassidy ergueu a camiseta, azul. A bandeira azul e branca da Finlândia era reproduzida em miniatura no canto esquerdo do peito.

— Gostaria que fosse devolvida em ótimo estado, Seppo, já que vou precisar trocá-lo por um uniforme dos Estados Unidos.

— Zeppo? Zeppo?

— Seppo, idiota. Aqui estão seu crachá de competidor e seu número. Está inscrito como Seppo Kaitainen, um corredor de milha finlandês que atualmente compete pela Central Ohio Tech. Ninguém sabe disso, a não ser eu, você e o cara em Ohio, que consegui fazer com que mandasse o formulário de inscrição e a taxa. Você chamou a atenção de Cornwall na mesma hora, Seppo! Parece que este ano você andou fazendo uns tempos incríveis.

— Eu devia saber que isso ia ser bom e bizarro.

— Bizarro o cacete! É genial, isso sim. Não tem ideia de como está diferente daquele anarquista de cabelo à escovinha de antigamente. Arrume uns óculos de aro de metal, fale um inglês mais truncado que o habitual, peça arenque em conserva e juro por Deus que os filhos da mãe vão pensar que você é Paavo Nurmi.*

Cassidy estava segurando a camiseta por cima da roupa e tentando se ver no reflexo da janela.

— Você acha mesmo que isso vai dar certo?

— O peixe nada? O sapo é à prova d'água? O cachorro late para o...

— Tá bom, tá bom. Percebo aqui um certo orgulho pela autoria do plano. Mas e se alguém descobrir? Seu parceiro lá na Central Ohio “não sei do quê” não vai se dar mal?

— Essa ilustre instituição dedicada ao ensino de excelência não existe, pelo menos que eu saiba. E, mesmo que existisse, não haveria mais, como meu amigo advogado explicou, a quem responsabilizar legalmente. Meu colega só estava de passagem por ali quando jogou o envelope com o formulário na caixa de correio. Ele é um alegre residente do estado de Illinois.

— Isso tudo só para participar da maldita corrida.

— Não uma corrida qualquer, meu velho Seppo, nem de longe. Não é todo dia que um finlandês matriculado numa universidade de Ohio quebra o recorde do atual detentor, um neozelandês, bem aqui no norte da Flórida. Devia disfarçar seu ceticismo e dar graças aos céus por eu ter conseguido produzir isso tudo.

Cassidy sorriu.

— Ei, obrigado por tudo, obrigado mesmo. Mas, como aparentemente faço parte do

esquadrão itinerante, vou esperar que a Central Ohio mande minha carta de convocação para a equipe desportiva oficial da universidade.

— Nem mais uma palavra, Seppo. Tratamos muito bem os atletas estrangeiros — disse ao se levantar. — Agora preciso ir para ver se consigo salvar o que restou do meu casamento. Volto cedo para discutirmos estratégias.

— Hummm.

Os pensamentos de Cassidy estavam em algum outro lugar, e Denton torceu para que não estivessem na pista, se acabando nela novamente.

— Ei... Ei! Deixe-a em paz por um momento. Vá dormir um pouco; pode também querer levar um pouco desse calmante leve. Tente pensar nisso o mínimo possível. Sabe tudo sobre esse negócio. — Ele se encaminhou para a porta. — Ah, na caixa de papelão tem um uniforme de corrida sem nada escrito, caso você não tenha um. Seppo não correria com as cores de seu país, é só um uniforme comum...

— Bruce, existe algum jeito... quer dizer, existe alguma maneira imaginável de eu vencer esse negócio? Quer dizer, falando sério.

Denton parou.

— Que diabo, Quenton! Eu sei que você pode fazê-los tremer diante de Deus, mas dê um tempo a si mesmo. Não precisa ir lá e trucidar o melhor cara do mundo só porque fez um excelente treinamento aqui. Deixe que ele o puxe até um tempo excelente. — Ele avançou para a porta novamente, mas parou quando estava com a mão na maçaneta. — Sabe, esses seus demônios de que está sempre falando? Bem, Walton tem verdadeiros exércitos deles. Pode vê-los nos olhos dele, quando ele está se aquecendo, brigando e gemendo.

— Bem — disse Cassidy, levantando e se esticando —, acho que vamos ter que deixar os tais demoniozinhos soltos e se atracando uns com os outros.

Denton abriu a porta, olhou para trás antes de sair.

— Já houve algum outro jeito?

Na noite seguinte, depois do jantar, eles se sentaram na varanda bem na hora em que o sol estava se pondo, tomando café e contemplando os carvalhos sombrios; vaga-lumes piscavam nas profundezas da floresta e um falcão-de-cauda-vermelha descreveu um círculo sobre eles antes de se afastar, planando silenciosamente para algum refúgio distante, abandonando o frio e profundo azul do céu para as primeiras estrelas. Havia uma inegável sensação de que alguma coisa grande tinha passado e de que outra coisa grande estava a caminho: o olho do furacão.

Cassidy segurava sua caneca com ambas as mãos e chegou mais perto da churrasqueira, na qual os pedaços de carvão incandescentes emitiam um brilho laranja-claro, e pensou: “Os adultos costumavam se sentar na varanda desse jeito, enquanto caçávamos vaga-lumes e brincávamos de pique no gramado na frente da casa.” O mais velho de seus primos da Carolina do Norte começaria a ficar irritado e o pequeno Quentie seria aconselhado a não ficar tanto tempo sem se deixar pegar.

Esperava-se, ao que parecia, que só crianças e cachorros corressem, e todos eles compartilhavam as calçadas. Talvez isso contribuísse para a sensação crescente de irrealidade de

Cassidy no chalé. Não podia mais alegar que sua atividade era algo complementar a seus esforços acadêmicos, uma preocupação de aluno. Estava agora além disso, mas onde? Um profissional num campo em que não havia profissão? A natureza terrivelmente física do seu dia a dia de vez em quando o instigava; ultimamente, a matéria-prima de suas divagações intelectuais tinha se limitado a distrações mentais do tipo *Senhor dos anéis*. Começava a se perguntar quanto daquilo tudo era realmente necessário.

“Está se sentindo como um animal?”, Denton tinha perguntado. Exatamente o que Elliott disse a Cerutty** quando decidiu pular fora. (Como se houvesse algum tipo de resposta.) Mas houve um dia, contou Denton, em que Cerutty foi pego por uma correnteza em Portsea e Elliott agarrou o velho pelos cabelos brancos e nadou. Nadou e nadou, sem ir a canto nenhum, parado ali no mesmo lugar pelo que pareceram horas, *até que o maldito do oceano acabou desistindo*. Animal, isso mesmo, Denton tinha dito, mas, “Meu Deus, que animal!”

Então Denton tinha olhado para ele e dito: “Vamos correr.”

E Quenton Cassidy, não tendo nada melhor para fazer neste mundo, tinha dito “Tudo bem”. E assim terminou a grande revolta intelectual de março.

Foi logo depois disso que Cassidy começou a perceber algo muito estranho em seu treinamento: tinha se tornado quase impossível sentir dor. Seus dezesseis quilômetros pela manhã deixavam-no apenas animado e faminto; à tarde ele dava tudo de si nas corridas de longa distância ou no intervalado, e terminava ainda disposto, como se alguma coisa estivesse acontecendo. Então contou a Denton sobre essa estranha sensação de invulnerabilidade e admitiu estar intrigado.

Mas o atleta olímpico apenas se recostou contra o degrau da varanda, tomou um gole de café e sorriu afetuosamente para o corredor.

— Que bom — disse — que você chegou a esse ponto na hora certa.

Agora, em quarenta e oito horas, ele estaria amarrando, bem apertados, os cadarços daqueles tênis de pele de canguru com travas e tentaria superar o *Homo sapiens* de mais eficiência locomotora que já pisara a face da Terra. Isto é, na distância de uma milha. Entre todos os velozes mensageiros da era helenística; entre os guerreiros massai das planícies da África que, rindo, ganham as corridas que disputam com sua caça; entre os profissionais bigodudos da era dos loucos concursos de maratona, que corriam por grandes prêmios; entre todos esses não tinha existido ninguém que sequer se aproximasse desse neozelandês moderno; o primeiro ser humano a correr não em menos de quatro minutos, mas de 3min50, uma barreira talvez sem a poesia simétrica para a humanidade, mas que tinha uma mensagem tão terrível para os outros corredores — aqueles que melhor sabiam interpretar mensagens como essas —, que eles ficavam abalados. Desesperados, alguns desistiram, outros procuraram se refugiar em modalidades diferentes. Liquori, diziam, tinha ido para os cinco mil metros.

Bruce Denton, bebendo calmamente seu café, conhecia muito bem a natureza carnívora dos medos pré-corrida. Tentou amenizar o que sentia ser um silêncio agourento. A única coisa que ele não conhecia sobre o corredor de milha era seu autocontrole. Denton temia que nas próximas horas o corredor, como um carro já muito velho numa estrada de terra, pudesse simplesmente se

desfazer em pedaços.

— Tinha aquele inglês, o Oates — disse —, numa expedição a um dos polos, esqueci qual deles. Sem suprimentos nem combustível, os homens estavam sentados na tenda enquanto uma tempestade de neve desabava. Vários, acho, já haviam morrido congelados. Oates, decidindo pôr um fim àquilo, levantou-se e anunciou: “Vou lá fora. Talvez demore um pouco.”

Cassidy sorriu por cima de sua caneca, o café agora ficando morno em meio ao ar frio do anoitecer, e decidiu que aquele tinha sido o momento em que mais tinha adorado Bruce.

— Tudo bem, Bruce — disse. — De verdade. Está tudo bem.

* Corredor de milha finlandês falecido em 1973, considerado o maior corredor de meia e longa distância do mundo. Conquistou nove medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos. (*N. do E.*)

** Percy Cerutti (1895-1975), famoso técnico australiano, treinou o corredor Herb Elliott, recordista mundial e medalhista de ouro nas Olimpíadas de Roma (1960) nos mil e quinhentos metros. (*N. do T.*)

Dizendo que precisava andar para fazer a digestão do macarrão com queijo, Cassidy escapuliu para a noite. Havia certo constrangimento matrimonial no ar, uma tensão pela qual ele devia ter uma parcela de responsabilidade que não era pequena, mas por enquanto tudo em que podia pensar era fechar o circuito brilhante, o círculo perfeito, receptáculo de seus anseios mais arrebatados.

À tarde tinham ido até a pista de atletismo deserta de um colégio para a última sessão, um ajuste quase descontraído; pela primeira vez em meses se sentia completamente descansado e forte, e quando Denton caminhou até ele e segurou o relógio com uma expressão sombria, ele marcava 24min08. Era o quarto e último trecho de duzentos metros. Denton balançou a cabeça, desgostoso.

— Não consegui me segurar — disse Cassidy.

— Tudo bem — retrucou Denton; ele gostaria de ter sido capaz de demonstrar uma irritação verdadeira diante de demonstração tão imprudente de exuberância, mas sabia como era, então permaneceram em silêncio enquanto trotavam uma milha final em torno da antiga e maltratada pista de asfalto.

Durante o jantar não houve as brincadeiras habituais, e Jeannie, depois de tentar várias vezes aliviar um pouco a tensão, finalmente se calou, deixando que todos ficassem imersos no horrível ruído do *clink-clank*, *chomp-chomp* dos jantares de comensais calados que, sob pressão, não conseguem controlar os talheres e a mastigação. Era algo enervante para Denton e sua mulher, mas Cassidy mal percebeu.

Agora ele caminhava rápida e inevitavelmente rumo ao lugar onde completaria o circuito. Faria o percurso quase casualmente e depois o deixaria tenso e tinindo até que chegasse a hora.

Era um desses inícios de noite perfumados, típicos da primavera em Kernsville, quando ninguém queria ficar dentro de casa. O campus estava animado; as quadras de tênis iluminadas estavam ocupadas, e outros jogadores, sentados por perto, esperavam pacientemente, conversando e rindo. Grupos de três ou quatro iam a pé na direção do grêmio estudantil ou dos bares das redondezas, carros cheios roncavam de um lado para outro; ciclistas zumbiam como borboletas mecânicas, livros e sanduíches italianos amarrados na traseira das bicicletas.

Antes, esse tipo de cena alegraria Cassidy, mas aquele rumor era agora, em seu cérebro, como um longínquo burburinho, que aumentava a cada minuto, e, à medida que caminhava em meio àquilo, só se dava conta de que, como sempre, a paisagem se movia, de modo regular e aparentemente sem nenhum esforço. Andava com o jeito ágil e leve de um atleta, que lembrava ligeiramente o porte de um pombo, e, apesar de caminhar bem rápido, sua respiração não teria feito tremer a chama mais tênue de uma vela. Aspirava o ar fresco de forma profunda e equilibrada, com uma regularidade mecânica, sentindo distraidamente o grande músculo do coração dentro do peito bombeando sua batida fluida e lenta. Suas pernas se enrolavam e desenrolavam com ritmo; como se fossem serpentes. Essa parte dele era tão bem-feita quanto possível para um ser humano. Agora ele podia cuidar do restante. Tinha feito aquela peregrinação muitas vezes e, embora provavelmente ainda venha a fazê-la outras tantas, nunca conseguiu superar a estranha sensação de que cada vez poderia ser a última. Logo estava no lado

mais distante do campus, onde havia poucos alojamentos e, portanto, menos atividades, menos luzes e nada daquele barulho característico dos fins de semana da primavera.

Quando ele atravessou o portão, mariposas voavam ao redor do único poste de luz, e, apesar de estar acostumado tanto ao cheiro de óleo de massagem e de suor quanto ao aroma de madeira de seu antigo quarto em Doobey Hall, seu coração ainda reagiu aos pulos. Os corredores noturnos habituais estavam por ali, e, se, lançavam olhares de superioridade para aquela pessoa que caminhava no terreno deles, Cassidy não dava a menor atenção. Andou no sentido horário até a largada, no início da primeira curva, e parou alguns metros atrás da inclinação parabólica da faixa de largada. Olhou ao redor e tentou imaginar, em lampejos hollywoodianos, as arquibancadas repletas de espectadores, os refletores — agora apagados — com suas luzes ardendo, o cortejo das equipes vestindo uniformes multicoloridos de mil faculdades passando, enquanto os atletas se aqueciam. Ele também seria parte desse panorama sem rosto, até que, no alto-falante, soasse o anúncio que nunca deixava de fazer seu coração se contorcer com uma estocada de medo e adrenalina: “PRIMEIRA CHAMADA PARA A PROVA DE UMA MILHA.” O clamor que a tudo consome, a excitação que toma conta dele começariam então e cresceriam até o momento em que ele estivesse a postos atrás da linha de largada, a um só tempo sob controle e beirando a loucura, sem medo e aterrorizado, desejando o alívio da partida e a infelicidade do final. Qualquer coisa! Contanto que a espera terminasse! Cassidy pôs os pés sobre a linha de largada com roupas normais e conseguiu experimentar parte da sensação: alguns corredores se aqueceriam indo para trás e para a frente nas raiais; outros ficariam sacudindo os dedos; outros, ainda, dariam pulos (tudo isso mais por hábito que por efeitos terapêuticos). O homem que dava a largada, com sua camiseta de mangas laranja, caminharia entre eles com sua pistola, dizendo: “Muito bem, senhores, muito bem.” Falaria gentilmente, tentando de alguma forma tornar as coisas mais fáceis para eles, buscando evitar que queimassem a largada, acalmando-os com o tom macio de sua voz. Não eram tão ruins como os velocistas, sabia disso, mas mesmo assim eram bastante ariscos. Os corredores se concentrariam nervosamente na linha de partida, tendo o cuidado de não olhar nos olhos uns dos outros.

O homem da largada diria: “Haverá dois comandos, senhores — ‘Às suas marcas’ e depois o disparo. Muito bem, senhores, em posição. Em posição, senhores.” Sua voz soaria um pouco como a de um carrasco.

E Cassidy se pôs em posição lá no escuro, enquanto uma brisa fresca sacudia os cachos em sua testa, sabendo que naquele exato e único momento haveria uma espécie de calma em meio a toda aquela tensão, àquele clamor — um momento de serenidade antes de desabar uma terrível tempestade. Haveria um instante único de quase descrença em que aquilo realmente pudesse começar numa fração de segundo; finalmente iria acontecer, depois de meses, dos quilômetros, das manhãs enevoadas; iria finalmente acontecer, depois dos oitavos e nonos intervalados agora já esquecidos lá atrás, em algum lugar que novamente partia seu coração. Ele se inclinaria para a frente, tenso, juntamente com os demais, enquanto as luzes brancas dos refletores queimariam sobre eles, e durante uma terrível fração de segundo ele sentiria que suas pernas não tinham nenhuma força. Mas então seu coração quase explodiria quando a pistola disparasse. Cassidy experimentava naquele instante um pouco dessa sensação. Respirou fundo e começou a caminhar rumo à primeira curva, no sentido anti-horário, o mesmo de todas as corridas.

A primeira volta se perderia num lampejo de adrenalina e na batida surda das pisadas.

Entrariam na primeira curva amontoados; a regra técnica dizia que, com a vantagem de um passo, o corredor podia assumir a dianteira. Como ocorria com tantas regras semelhantes, geralmente só costumava prevalecer na exceção; na vida prática, a regra para a primeira curva era exatamente a seguinte: cada um por si. Ele iria correr com toda a sua potência nessa curva, pensou, como sempre, e iria usar os cotovelos se precisasse de espaço. Cassidy caminhou pela curva, tentando imaginar o súbito arquejo da respiração intensa, os inúmeros cotovelos e tênis com travas por toda parte. Naquele tráfego intenso, era preciso manter a calma, ele sabia, controlar a impaciência e o pânico; esperar por oportunidades. A primeira volta inteira seria assim: rápida, assustadora, sem nenhuma dor nem esforço sério. A adrenalina violenta e a energia crescente cuidariam disso. A primeira volta era um processo de combustão; ninguém jamais tinha vencido uma prova de uma milha nela. Cassidy caminhava na reta mais afastada, sombria. Do lado oposto das arquibancadas principais ficava o trecho mais solitário da pista. Era ali que os sentidos aguçados captavam os gritos isolados de estímulo (geralmente de companheiros de equipe), às vezes as sugestões idiotas gritadas pelos ignorantes (“mais rápido, mais rápido”). Haveria as ocasionais risadinhas de adolescentes estúpidas que não sabiam exatamente do que riam. Mas aqueles eram os brinquedos periféricos de uma mente enlouquecida; a verdadeira tarefa no circuito brilhante era monitorar o som de *pocotó, pocotó*, monótono em sua regularidade, marcando o avanço do corpo humano numa velocidade constante de mais de vinte e quatro quilômetros por hora. Caminhou pela curva mais afastada e entrou na reta até chegar de novo ao início. Haveria alguém cantando os tempos em voz alta, provavelmente em torno de cinquenta e sete ou cinquenta e oito segundos, partindo do princípio de que ninguém enlouqueceria na primeira volta. “Aí seria possível ouvir novamente a multidão”, pensou, “especialmente quando tivermos passado abaixo de sessenta segundos; eles não estarão torcendo por um maldito finlandês, mas vamos ouvi-los de qualquer jeito.”

Fosse ou não algo psicológico, a segunda volta era quando ele sentia o tranco — ao passarem pela marca ou quando faziam a curva. A chocante enormidade do esforço físico de repente caía sobre ele, e, daquele momento em diante, sabia que seria algo terrivelmente cruel. A essa altura, a resistência mental cuidadosamente cultivada, posta à prova em horas de treino intervalado, permitia que ele suportasse o choque sofrido pelo corpo e continuasse a correr. Estaria pronto para isso e saberia que ainda iria ficar muito pior. Ele poderia ser o atleta mais bem-condicionado do mundo, mas, se a mente não estivesse preparada para aceitar a onda entorpecedora no começo da segunda volta, ele nem sequer terminaria a prova, muito menos a venceria.

Cassidy caminhou pela curva, e mais uma vez pela reta solitária depois dela. A essa altura ele se concentraria no ritmo, e não se permitiria ficar assustado ao primeiro sinal de dormência ou de sofrimento. Não seria exatamente “dor”, não ainda, mas também não seria agradável. Era nesse ponto que o ritmo poderia tender a diminuir, algo a que ele teria de ficar atento, e que, em nome de tudo no mundo, trataria de evitar. E ele entraria no fluxo daquelas passadas largas, que engolem o solo, e pensaria consigo mesmo: cobrir território.

Ninguém também nunca tinha vencido uma prova na segunda volta, mas muita gente já havia perdido justamente ali. Aquele seria o momento de cobrir distância com o menor esforço possível. Pela curva de fora e passando mais uma vez pela reta de chegada, tentou captar a

sensação e pensou que tinha conseguido plenamente. Finalmente, de novo na altura da linha de largada, tentou imaginar quão terrível era o início da terceira volta, mas não conseguiu. Tinha visto a expressão contorcida e obcecada de seu rosto em fotografias tiradas em plena corrida, mas mesmo assim não alcançava a sensação; estava ali em algum ponto daquele circuito cintilante, ele sabia, e nunca sairia dali. Denton estava certo: podíamos pensar quanto quiséssemos sobre isso, mas não conseguíamos sentir novamente, até estarmos lá de novo. Ele só sabia que ali, na metade do caminho, estaria mais uma vez em uma situação-limite. Ficaria espantado ao pensar (então faria isso por apenas um instante) que estava somente a meio caminho da prova. Já teria corrido os primeiros oitocentos metros mais rápido do que tinha conseguido no ensino médio (1min59s2) e ainda teria um longo caminho pela frente.

Entrou na curva da terceira volta. Ali começava a parte realmente melancólica, quando o corredor poderia se perguntar que diabo estava fazendo consigo mesmo. Era um momento que exigia a concentração mais intensa, a determinação mais inflexível. Era ali que o líder poderia ceder diante da dor e deixar que o ritmo afrouxasse, ali que as posições mudavam. Aqueles sem condicionamento competitivo cairiam para as últimas posições e permaneceriam ali; os que tivessem arranque avançariam como abutres para as melhores posições, colados nos ombros dos corredores da frente. Era uma volta longa e cruel, com nenhuma característica especial, a não ser o fato de ter de ser corrida. Todo corredor de milha sabe, assim como o marinheiro conhece o oceano aberto, que não é a primeira volta, e sim a terceira, a que está mais longe da linha de chegada. Corridas *são* vencidas ou perdidas ali, recordes são quebrados ou anulados, carreiras são feitas ou destruídas. A terceira volta era um microcosmo, não da vida, mas dos Tempos Difíceis, dos períodos que temos de enfrentar, das “noites de Natal sem brinquedos”, do “ficar sentado na rodoviária na tristeza da meia-noite”, tempos dos quais, ao olharmos para trás, devemos tentar rir ou simplesmente nos esquecer. Na terceira volta era preciso resistir, resistir e resistir.

Cassidy alcançou de novo o ponto de partida, pensando: “Por pior que estejam as coisas, não posso fraquejar aqui, custe o que custar. Se for liderar essa porcaria, não posso afrouxar aqui.” Naquele momento passava pela largada daquela que seria a volta do disparo. Assim que a pistola disparasse, ele sentiria uma pontada na nuca e a adrenalina iria mais uma vez inundar seu corpo. Faltando quatrocentos metros, ele voltaria a ser um atleta competitivo, olhando ao redor para tomar pé da situação, inclinando-se um pouco na passada, e, mesmo com o torpor que começaria a tomar conta de seu corpo, sentiria orgulho de sua força outra vez.

Cassidy caminhou ao longo da curva, movimentando um pouco os braços, pensando nos ruídos nervosos da multidão à medida que o ritmo comesse a se acelerar. Talvez a essa altura restassem apenas poucos corredores; três, talvez quatro. Mas todos teriam ambições: ninguém jamais correria a última reta com os líderes sem pensar que teria alguma chance de vencer. Cassidy seguiu caminhando, descendo a reta solitária, imaginando a velocidade crescente à medida que o ritmo se acelerasse; haveria algumas avaliações de últimos segundos, alguns posicionamentos e reposicionamentos, e então, finalmente, as arrancadas, de um a um ou de todos ao mesmo tempo, disparando rumo à faixa esticada na linha de chegada. Na curva, faltando apenas trezentos metros, *tudo mundo* estaria na disputa, todos os que ainda tivessem chance. Walton era conhecido por iniciar sua arrancada a uma distância de mais de quatrocentos

metros, de modo que ele certamente estaria no páreo. Na saída da curva final, bem no lugar em que Landy se virara para ver o fugidio Bannister, Cassidy iniciou os cem metros da reta final e pensou: “Aqui, como dizem, tudo estará decidido, a não ser pela gritaria; será preciso lutar contra a tendência a se inclinar para trás e para manter a integridade das passadas, não deixar que, sob o efeito da ansiedade, os membros fraquejem ao tentar ganhar mais velocidade; basta correr no seu melhor ritmo, aquele que você treinou mais de dez mil quilômetros para alcançar, e, de qualquer maneira, pelo amor de Deus, aguento firme até ultrapassar a linha de chegada. Tudo seria decidido ali, e não haveria orações, torcidas, elogios ou choros que mudassem isso. Já havia perdido na reta final antes, mas não tantas vezes quanto tinha vencido; nenhuma das duas coisas pesava muito em termos de medo ou surpresa, quando chegava a hora. Questões desse tipo, como dizia Denton, eram definidas muito antes: semanas, meses, anos antes; nos campos de treinamento, nos percursos de dezesseis quilômetros, num treino matinal a que se faltou num dia ou que se fez em outro. Como Denton lhe dissera, além de manter o ritmo e de meter o peito na faixa de chegada, não há muito que se possa fazer. Coração não tem nenhuma relação com isso. Na reta final, *todo mundo* tem coração.”

Cassidy cruzou caminhando a linha de chegada, aquela na qual alguém seguraria a faixa esticada e vislumbriaria os corredores passarem como relâmpagos. Mais de vinte e quatro horas o separavam da prova, mas ali de pé na noite tranquila e obscura, a apenas cinco metros da estaca branca que marcava a linha de chegada e com a qual estava familiarizado, Quenton Cassidy soube, naquele instante, a profundidade de seu desejo exaltado de sentir a suavidade daquela faixa de tecido branco cedendo e se rompendo contra o peso de seu peito.

Os demônios agora estavam sob controle; aquilo não lhe dava mais medo.

O ruído do estádio chegava até ali, mas Cassidy não lhe dava muita atenção. Gostava de cumprir a maior parte do ritual do aquecimento do lado de fora, no percurso cross-country, onde podia pensar. A rotina em si era automática: quatro milhas de corrida leve; então longos e fluentes trechos de passadas largas; outra milha leve; passadas mais rápidas; depois, com as travas, alguns tiros na pista, e então trotar até a hora H. Tinha de lutar contra o clamor em sua cabeça.

Isso precisava ser contido, suprimido, liberado apenas na lenta ascensão do furor calculado que atingiria o ápice quando a pistola disparasse e ele liberasse tudo o que estava guardado em si. Aquele circuito agora flutuava com delicadeza em sua mente, cintilante, tranquilo, duro como um cabo de aço. Sustentaria todo o sofrimento, todo o desespero, todos os infortúnios sofridos por um corpo levado ao seu limite máximo; permitiria que ele fizesse tudo o que precisava ser feito, até que não restasse mais nada.

Sim, ele tinha decidido havia muito tempo que era melhor se preparar ali fora, onde as coisas eram mais tranquilas, mais normais, mais parecidas com sua rotina diária. Tentar se aquecer dentro do estádio, ficar perto da multidão, o deixaria nervoso e faria com que o clamor em sua cabeça aumentasse e viesse a jorrar, levando-o ao ápice cedo demais. Isso poderia perturbar o circuito, e quando o desespero baixasse sobre ele, não teria onde colocá-lo. Ou poderia ficar numa condição tão delirante que faria os primeiros duzentos metros em vinte e cinco segundos, movido por pura histeria. Não, era melhor ali fora, onde havia silêncio e ele poderia se preparar como sempre fizera; aquilo o confortava, era a última dose de tranquilidade.

Correu ao longo da área de alojamentos para alunos casados, olhando as criancinhas que brincavam sob as árvores. Era aquela hora estranha, quase mágica, após o jantar, quando, aos olhos de uma criança, o tempo parece ficar suspenso, quando toda a existência flutua imersa no ar cinzento e frio do dia que morre, e a Ordem é misericordiosamente extraída de um infinito caótico, graças ao chamado de uma mãe para voltar para casa.

— Erica! Jeremy!

Duas pequenas silhuetas afastaram-se depressa em meio às sombras. Estava cada vez mais distante do estádio, mas tinha tempo de sobra. Outros corredores passavam em pares ou trios, mas ninguém falava. Um deles acenou com a cabeça na direção de Cassidy, mas pareceu confuso. O que estariam pensando daquele finlandês barbudo com cabelos louros desgrenhados?

Teriam pensado reconhecê-lo de alguma foto da *Track & Field News*?

Cassidy continuou sua corrida. Fazia o calor do início de maio e as flores subtropicais dominavam o ar de modo inebriante: o tipo de noite tão carregada de promessas que o fazia perguntar a si mesmo se sua vida poderia algum dia ser igual ao que era agora, quando se sentia tão vital, tão rápido, quase imortal; enquanto sua velocidade e sua força eram tamanhas que ele poderia ser superado por apenas alguns homens na Terra. “Certamente não poderiam existir muitos de nós por aí”, pensou.

Sentiu um tipo peculiar de nostalgia agora que estava tão perto; uma nostalgia em relação àquele momento, àquela próxima hora. O presente era tão comovente que ele já começava a se entregar a reminiscências. Pensou no *Davi* de Michelangelo ponderando sobre a pedra; Davi também imaginando se a vida voltaria a ser a mesma algum dia.

Estava prestes a ir até o limite, tinha absolutamente todas as condições necessárias para alcançar o limite. A inevitabilidade de sua viagem até lá nunca saía de sua mente agora; sabia que em pouco tempo estaria enfrentando um sofrimento mortal.

“Ao ganhar a corrida para sua cidade na raça, o carregamos em triunfo até a praça”, pensou. Então um tiro de vinte metros, só para saborear a sensação da velocidade sendo liberada de repente. Sentiu-se ao mesmo tempo cheio de disposição e cansado. Isso era comum. “Nunca se sabe realmente como a gente vai se sentir”, refletiu, “até a segunda volta. Às vezes nem mesmo nela. Às vezes não se sabe até a última volta, *a cidade mais quieta.*”

Quando alcançou o lago Alice, ele diminuiu o ritmo até estar caminhando, e então parou completamente. Alongou-se na grama, esticou a mão até a ponta da perna estendida, sentou-se com as pernas dobradas e as solas dos pés unidas. Alongar era algo que sempre fazia com prazer.

Depois abriu os zíperes verticais ao longo das pernas e apalpou ambos os tendões de aquiles de cima a baixo. Todos os nódulos e calombos tinham desaparecido. “Trilhas suaves”, pensou, “o maldito Denton e suas maravilhosas trilhas suaves.” Havia atravessado o inverno em perfeitas condições, só dois resfriados e nenhuma lesão de verdade. Era um homem sem um álbi.

Dois corredores vestindo moletons da Villanova University passaram, mas ele não reconheceu nenhum dos dois. Ao longe, a multidão gritava enquanto alguém levantava um peso ou rompia a fita de chegada em alguma prova preliminar, e seu corpo reagiu liberando uma descarga de adrenalina. Ele sentiu imediatamente. “Ainda não”, pensou, “não está nem perto da hora.”

Era um momento para devaneios; o clamor em sua cabeça parecia agora distante e crescente, mas iria crescer sozinho. O problema agora era controlá-lo.

Muito tempo atrás tinham realizado uma corrida local, uma prova de cinco milhas no final do verão. Enquanto avançava ao longo da ciclovia do lago Worth, em Palm Beach, ele suava profusamente; a cada passo as gotas se soltavam em todas as direções. É verdade que ele não estava em muito boa forma, mas era cedo demais para se preocupar com isso. Ainda era verão e fazia um calor insuportável.

Um garoto o parou em plena pista. Tinha passado pela curva do Sailfish Club mais ou menos uma milha antes. O menino não devia ter mais que seis ou sete anos, e enquanto caminhava em direção ao corredor, ficou claro que havia algo errado; ele se movia sem fluência, curvando-se em ângulos e sobressaltos. O corredor pensou: “Ele é tão pálido...” Mas a criança era toda entusiasmo. Ao ser atravessado pelo vento quente, o cabelo fino voltou para o lugar, os olhos azuleiros encararam Cassidy sem medo ou inibição. Cassidy parou, resfolegando, gotas de suor pingando no asfalto. Esforçou-se para reagir com a mesma simpatia irradiada pelo menino. Ao ofegar, não pôde deixar de rir diante de uma situação tão idiota.

— Oi — disse Cassidy.

— Oi — disse a criança, feliz. — O que você está fazendo?

— Estou disputando uma corrida. Qual é seu nome?

— Allan. — O garoto riu, levou à boca sua pequena mão, fina a ponto de parecer transparente.

O corredor olhou para as pequenas pernas do menino, à procura de algum aparelho ortopédico, mas não encontrou nenhum. O pé esquerdo, no entanto, parecia mais volumoso na

parte de baixo que o direito.

— Uma corrida? — O menino riu de novo, obviamente desconfiado de alguma brincadeira.

— Mas onde estão seus adversários? — “*Adversários*”, ele tinha dito.

— Ah... — O corredor fez um gesto vago na direção do Sailfish Club. — Logo vão estar aqui.

O garoto inclinou a cabeça de um jeito engraçado, quase feminino, mas ainda estava radiante.

— Você corre como se fosse um gato grande — ele disse.

O corredor engoliu em seco.

— E você — disse Cassidy — é o sujeito mais legal que eu encontrei esta manhã, Allan. Mas acho que seria uma boa ideia eu ir andando, antes que meus *adversários* apareçam por aqui.

— Tchau, gato grande.

— Tchau, Allan.

Enquanto escapulia e ganhava velocidade, olhava para trás a cada poucos metros para ver se o garoto ainda estava olhando; ele finalmente desapareceu atrás de uma curva com um hibisco alto a cerca de quatrocentos metros da ponte. “Imagine o que ele vai pensar quando vir os outros passando, correndo feito loucos”, pensou Cassidy. E, ainda que não estivesse realmente em boa forma, fez 4min45 na última milha, tirou os tênis de sola lisa e trotou calmamente pela ponte de volta para casa antes que os demais chegassem. Se houvesse uma medalha ou algo parecido, teriam de enviar-lhe pelo correio.

Por muito tempo depois desse dia ficou pensando no que teria acontecido ao garoto.

Um grito vindo do estádio o trouxe de volta, freando seu coração loucamente irrequieto.

Cassidy lançou-se em uma marcha de passadas largas e sustentou uma gradação até alcançar o ritmo de corrida; então manteve, manteve, depois afrouxou; diminuiu de novo para a marcha, trotou e finalmente, cem metros adiante, começou a caminhar. Estava na grama baixa do campo que ficava do outro lado da rua do estádio; outros atletas passavam por ele, manchas coloridas em movimento. Permitiu a si mesmo se exaltar um pouco nas passadas largas e instantaneamente sentiu os arrepios na nuca. Nunca tinha experimentado aquela sensação com tamanha intensidade.

O barulho que chegava do estádio do outro lado da rua veio se somar ao clamor em sua cabeça, mas aquilo já não importava; estava tudo bem agora. Deixou que aquilo viesse e alimentasse a energia de suas passadas à medida que começava, que mergulhava naquele movimento, e então aumentou a velocidade, até que suas pernas parecessem ter se destacado dele, e voou sem nenhum esforço consciente. Outros atletas estavam por ali, nervosos, lançando olhares furtivos uns para os outros (sem nunca encarar alguém). “Nessa hora muita gente se convence de que está fora da corrida”, pensou Cassidy. Olhou para o relógio: 19h38. A corrida estava marcada para as 20h20, mas a programação estava atrasada. Mesmo assim, alguns minutos depois ele ouviu a chamada no alto-falante:

— PRIMEIRA CHAMADA PARA A CORRIDA DE UMA MILHA.

Seu coração se contorceu dentro do peito como um animal feroz; houve uma brutal descarga de adrenalina. *Eles iam mesmo correr, afinal! Ele teria de passar por tudo aquilo!*

Então novamente recuperou o controle e se firmou. É claro que ia disputar aquela prova. Calma. Era hora de entrar no estádio e se ambientar, fazer os últimos ajustes, pôr as travas: ritual, ritual, ritual. Então, os últimos tiros, a última conscientização. “Meu Deus”, ele pensou de repente, “por que estou fazendo isso? Devia estar na prova de três milhas. Fiz todo esse treinamento puxado... Não posso estar pronto para a prova de uma milha...”

Então se apurou novamente; pensou nos últimos duzentos metros da noite anterior e disse a si mesmo: calma. Respirou fundo e caminhou para pegar sua bolsa. Não tinha falado nem uma palavra com ninguém durante a hora inteira em que estivera ali. Corredores passavam por ele. Todos pareciam rápidos e na melhor forma do mundo.

Então se acalmou de novo. “Algum desses filhos da mãe corre a milha em 3min58 num maldito teste na calada da noite e vai ser mais que merecido se estragar minha festa.” Mais uma vez falou para si mesmo: “Calma.”

Dentro do estádio, um sujeito que pesava 80 quilos, capaz de fazer um supino com cento e trinta e seis quilos sobre o peito, plantou uma vara de fibra de vidro de quase cinco metros dentro de uma lata, virou-se de cabeça para baixo e foi projetado no ar a uma altura de pouco mais de cinco metros e quarenta. Quando a multidão reagiu a essa façanha com uma gritaria, algo se agitou dentro de Quenton Cassidy: seu coração deu um pulo tão grande que ele teve a impressão de que sua cabeça iria explodir. O tumulto em sua mente era como o estrondo no final de uma queda-d’água. Ele se encaminhou para a entrada dos competidores e por uma fração de segundo também foi acometido por um surto de pânico. Havia esquecido completamente a história do disfarce.

Mas o pequeno rosto redondo ergueu os olhos do painel, e o toco de charuto apagado rodopiou de um lado para o outro da boca.

— Bem, vejamos, 242, deve ser você, Seppo! Vá por ali, meu garoto, e trate de fazer uma boa corrida, certo? Ei, não é verdade essa história que contam sobre os finlandeses beberem leite de rena, não é mesmo? Acho que não.

Enquanto avançava para o interior do estádio, Cassidy escutou Brady Grapehouse tagarelando atrás dele.

Ficou imaginando como Denton arranjava aquilo. Mas agora estava do lado de dentro, e a atmosfera peculiar, as luzes brancas e azuis, a relva verde enfeitada, o carnaval multicolorido em que consiste um grande evento de atletismo faziam com que seus sentidos vacilassem, como sempre. “Meu Deus”, pensou. “Aqui estou eu novamente; tudo está aqui e estou com tudo pronto mais uma vez” Olhou para os lados para se certificar de que a pista estava livre e correu devagar cruzando as raias para deixar sua bolsa no chão. O coração estava aos pulos novamente, ao sentir pela primeira vez em semanas o piso de Tartan sob os pés. Funcionários corriam para cá e para lá, aqueles que colocavam os obstáculos se moviam ao redor, os encarregados de marcar o tempo checavam seus cronômetros. Ninguém percebeu o corredor alto de uniforme azul-claro que começava seu jogging metódico na raia interna de grama. No centro do campo reinava a agitação. Atiradores de dardos caminhavam de um lado para o outro, com seu estranho jeito de andar, um pouco de lado, jogando as lanças imaginárias em adversários há muito tempo extintos; robustos atletas do salto em distância pulavam por toda parte; os do salto em altura tomavam distância e corriam, e corredores de todos os tamanhos davam voltas em torno do

circuito nos vários estágios de seus aquecimentos. Tudo aquilo fazia com que um campo com três pistas circulares parecesse uma enorme colcha de retalhos.

— SEGUNDA CHAMADA PARA A CORRIDA DE UMA MILHA.

Lá se foi outra descarga de adrenalina pelas veias. Ele aspirou profundamente duas golfadas de ar que pareciam arrancadas de seu corpo, como se tivesse sido subitamente atirado num mar gelado. Tratou de se controlar novamente, dessa vez com dificuldade. Duas voltas, era isso o que o ritual exigia. O clamor em sua cabeça abafou completamente a multidão, exceto quando esta se entusiasmava com alguma performance. Mas Quenton Cassidy não se dava conta de nada; ele se movia dentro da própria caixa. Seu olhar começava a mergulhar numa espécie de transe, de modo que, quando passou por Denton, sem vê-lo, o corredor mais velho não ficou nem um pouco surpreso.

— Seppo! — chamou.

Ele demorou um pouco para entender. Mas então, é claro, percebeu que estava tudo bem. Era natural que Denton conhecesse um corredor internacional. Denton estendeu a mão quando Cassidy se aproximou, voltando. Ele a pegou, um pouco nervoso.

— Desculpe-me — disse Cassidy. — Ele já está aqui?

— Não. Mas estará. Melhor botar suas travas. Como está se sentindo?

— Como uma corda de banjo. Mi bemol.

Denton assentiu.

— Bruce, mal consigo engolir.

— Tudo bem. Vai ser igual a todas as outras assim que você começar a se mexer. É mais difícil antes. Eu poderia correr um pouco com você, mas não quero abusar de nossa sorte. Tanto Prigman como Doobey estão aqui. A presença de Walton é uma atração suficiente para trazer para cá até os cartolas do futebol. Alguém falou alguma coisa com você?

— Não. Acho que está funcionando. Vou ficar bem. De qualquer modo, quero fazer isso sozinho.

Denton reparou que ele estava respirando rápido, superficialmente, quase bufando. Sabia que isso não tinha importância, desde que ele não tivesse se dilacerado interiormente — não ainda. Logo estaria tudo bem. Ele agarrou Cassidy pelo cotovelo.

— Cass, eu...

Cassidy olhou Denton nos olhos muito rapidamente e então sorriu. Agarrou o antebraço de Denton e segurou-o com firmeza por um momento. Depois se virou e correu pela raia. “Então”, pensou Denton. Ele tinha visto a expressão estampada nos olhos de Cassidy. “Então é isso aí, afinal.”

Cassidy terminou a volta ritual. Tiraria os tênis de solado liso, calçaria os de travas, tiraria a camiseta úmida, vestiria a camiseta de náilon sem mangas: ritual, ritual, ritual. Tinha feito aquilo exatamente daquele jeito centenas de vezes.

Um clamor ergueu-se da multidão, algo que ele não entendeu. Não estava acontecendo nada no campo das provas, e era o intervalo entre corridas na pista. Então olhou para a entrada dos competidores e entendeu. Um nó havia se formado, uma massa humana em torno do portão que subitamente se abriu e expeliu, num estouro, o mais rápido corredor de milha da história.

A multidão enlouqueceu enquanto ele caminhava calmamente pela pista, exibindo um sorriso melancólico, acenando discretamente para as arquibancadas. Mas Cassidy conseguiu ver,

mesmo de onde estava, o tipo de olhar que ele lançou rapidamente ao redor do estádio quando, com um tremor, deixou cair sua bolsa para abrir o zíper do casaco que subia até o pescoço.

Pequenos tufo de pelo na nuca de Cassidy se eriçaram novamente quando Walton começou suas passadas largas.

Ele era quase cinco centímetros mais baixo que Cassidy, no entanto parecia ser capaz de correr através de uma parede. Já estava calçado com os tênis de travas. Todos os olhos o acompanhavam à medida que iniciava seus sprints na reta oposta. “O uniforme preto da Nova Zelândia”, pensou Cassidy, “a folha de prata — *Baillie, Halberg, Snell*”. Seus ídolos, seus deuses! E agora Walton.

Então sacudiu a cabeça violentamente e praguejou, bufando para si: “Seu maldito!”

O clamor havia desaparecido! Tinha ficado observando Walton de queixo caído como um garoto de escola, e o clamor em sua cabeça havia desaparecido! Deu um pulo, as travas já nos pés, e fez um sprint pela primeira curva, ignorando (na verdade, não estava vendo) a expressão perplexa que surgia no rosto de Denton ao passar por ele. Quando afrouxou o ritmo para uma corrida leve no lado externo da pista, agora mais calmo, o queixo estava rígido, os olhos, fixos como num transe, e seu mundo jazia no interior de uma tempestade mental de uivos. Não se deu conta de que a figura que passara como um raio por ele na curva tinha sido Walton.

Então Cassidy tirou a parte de baixo do agasalho, deu uma corridinha e a deixou junto à sua bolsa; manteve a parte de cima e seguiu numa corrida leve. Era como sempre fazia. Estavam se preparando para disputar a corrida de obstáculos, a última prova antes da competição de uma milha.

— TERCEIRA CHAMADA PARA A CORRIDA DE UMA MILHA. TODOS OS COMPETIDORES DEVEM PROCURAR O RESPONSÁVEL PELA LARGADA.

Ao ouvir o anúncio, o último pulo de seu coração o sacudiu, mas já se acostumara ao choque. Não fez nenhum movimento em direção à linha de partida, nem tampouco os outros corredores. A prova com obstáculos não tinha sido disputada, e haveria ainda vários minutos de confusão depois que terminasse, quando os responsáveis retirariam os obstáculos. Os corredores de milha conheciam todos esses velhos procedimentos, de modo que continuaram dando suas longas passadas de aquecimento e trotando. A pistola disparou para a prova de obstáculos, e eles olharam através da pista para a corrida com o mais indulgente tipo de curiosidade. Depois que os participantes passaram pela linha de chegada em alta velocidade, o apresentador dirigiu-se novamente a eles:

— TODOS OS CORREDORES DE MILHA DEVEM PROCURAR O RESPONSÁVEL PELA LARGADA IMEDIATAMENTE. ÚLTIMA CHAMADA PARA A CORRIDA DE UMA MILHA.

Aquilo só não o sobressaltou mais porque *todo* ele era um sobressalto agora. Mal ouvia o alto-falante, tamanho o alarido dentro da própria cabeça. Quando tirou o casaco, percebeu que não tinha vestido o uniforme da corrida. Ainda usava a camiseta de treino por baixo! “Merda! Como pude ter...”

Então recuperou o controle, correu rapidamente até sua bolsa e trocou a camiseta. Havia tempo de sobra, embora a maior parte dos corredores já estivesse se aquecendo na pista. Os responsáveis pela cronometragem ainda estavam desorganizados, por conta da corrida anterior, e

o encarregado de dar a largada caminhava entre os competidores, como Cassidy sabia que faria.

“Muito bem, senhores”, dizia, “muito bem, atenção às instruções para a largada, senhores”, enquanto os atletas corriam para lá e para cá, saltitando, pulando e agachando, evitando os olhos uns dos outros, resfolegando com sua respiração curta, sacudindo as pernas que não precisavam ser sacudidas e, de modo geral, vivendo seus últimos segundos de sofrimento. Cassidy corria devagar entre eles, sentindo-se absolutamente leve agora que vestia apenas sua roupa de náilon e seus tênis com travas; tinha a sensação de pesar cerca de cinco quilos. Calçava o Adidas 9.9 azul e branco que nunca tinha chegado em segundo lugar.

Cassidy também retomou os saltos e a marcha. O locutor fazia as apresentações, mas ninguém parecia prestar atenção. Walton estava na raia número 1, então, naturalmente, começaram pela raia externa. Todos os olhares estavam fixados numa única pessoa, o imponente neozelandês, com seu uniforme de náilon todo preto e uma pequena samambaia prateada sobre o peito. Houve alguns aplausos educados para o finlandês na raia 3, mas quando o locutor começou a apresentação do último concorrente, mesmo antes de chegar às medalhas de ouro, aos recordes mundiais, aos títulos intermináveis, o estádio já havia se transformado num hospício. Todos já sabiam aquilo tudo. Walton correu alguns passos e acenou. Denton permaneceu junto à primeira curva, vestindo seu agasalho azul-marinho da equipe dos Estados Unidos, observando. “Você precisa aprender a dar aquele sorrisinho e acenar”, ele pensou, “é uma parte sobre a qual não se costuma pensar com antecedência. Aposto que essa é a última coisa que o velho John gostaria de fazer agora. Mesmo antes de uma corrida como essa.”

Cassidy pensou: “Calma calma calma. Tenha cuidado na curva e termine a primeira volta. Então comece a *pensar*. Calma calma calma. Guarde seus trunfos.”

— Muito bem, senhores — o responsável pela largada dizia em seu tom de carrasco, a pistola pendendo do fim da manga de sua camisa laranja fosforescente. — Dois comandos para a largada, senhores: “às suas marcas” e, em seguida, o disparo. Está claro? Muito bem, senhores, a postos, senhores...

De repente a multidão ficou em silêncio.

Lá no alto da arquibancada, sentada quase em frente ao marco que assinalava a linha de largada, Andrea, ao lado de um homem muito exaltado, com um guarda-chuva, pensou: “É ele.”

O responsável pela largada agora se distanciava deles, ainda dizendo:

— A postos, senhores, a postos...

E Quenton Cassidy se posicionou em meio à noite enquanto uma brisa muito suave tocava seu rosto, que ardia. “Finalmente”, pensou, “finalmente está aqui. Está realmente aqui.”

O homem da largada começou a se afastar da pista dando rápidos passinhos para trás, ao mesmo tempo erguendo o braço que segurava a pistola. Por um instante apenas Cassidy levantou os olhos para a raia 1 e viu John Walton olhando diretamente para ele.

— ÀS SUAS MARCAS!

O coração de Cassidy tentou pular para fora, através da pele fina e retesada, para cair nas mãos úmidas. Mas, no plano exterior, tudo estava muito calmo, muito sereno, como sempre, e pareceu durar uma pequena eternidade, bem assim, um flagrante fotográfico de todos eles naquela curva parabólica da linha de largada, oito corações gigantes ligados a oito pares de pulmões prontos para rugir montados sobre oito pares de estacas sobrecarregadas de energia.

Estavam ali, de beira de um redemoinho uivante ao qual tinham chegado depois de correr dez mil milhas. Agora precisavam correr mais uma milha.

CRACK!

Houve a pequenina palpitação, durante a qual ele pensou que as pernas fossem falhar completamente, mas então elas saíram de onde estavam, dobradas em espera, disparando num salto à frente, ainda sem nenhuma suavidade, queimando a primeira descarga de emoção e medo. Mas nesse ponto Cassidy já se viu dois metros à frente e provavelmente dentro de seu frenético plano de atingir duzentos metros em vinte e cinco segundos. No lado de dentro da curva, Denton apareceu num clarão e disse calmamente:

— Vai fundo.

Cassidy foi fundo.

Ele não reconheceu o uniforme verde, mas lhe ocorreu que tinha de ser o corredor na raia 2. Walton, obviamente, estava em algum lugar atrás, despreocupado e sem pressa. Então Cassidy olhou novamente e reconheceu o irlandês. É claro! Quase não tinha prestado atenção em mais ninguém na corrida. Os primeiros duzentos metros foram, como sempre, voando, e quando eles passaram em alta velocidade em frente ao poste branco que marcava o fim da volta alguém lhes mostrou a primeira parcial: 26s2. U-hu! Rápido demais! Não era de admirar que Walton não estivesse lá na frente. Mas não havia como dar uma olhada em volta; Cassidy podia perceber corredores junto a seu ombro na pista externa e por duas vezes sentiu alguém encostando em seu calcanhar. Corria quase lado a lado com o irlandês, de fato dividindo com ele a liderança, mas a verdade é que estava mais cercado que qualquer outra coisa. Ao saírem da segunda volta, ousou dar uma olhada para as raia internas e viu Walton dando suas passadas confortavelmente, de cabeça baixa, olhando para os próprios pés num movimento veloz à sua frente; o superprofissional. “Muito bem”, pensou Cassidy, “fique bem aí. Bem onde você está.”

Era uma atitude insustentável, sabia, mas naquele momento, antes que as coisas ficassem uma loucura e piorassem de vez, era fácil alimentar essas ingênuas ilusões de controle. A multidão gritou quando passaram, todos embolados, pelo marco da largada. Mas ele teria mesmo ouvido aquilo? Provavelmente, não. Pensou ter escutado uma voz solitária gritar: “Vai, Cassidy.”

— ...Cinquenta e SEIS, cinquenta e SETE, cinquenta e OITO... — Eles estavam ao lado do marco.

Denton, que aparecia novamente num clarão, disse rapidamente:

— Cinquenta e sete ponto cinco é rápido demais.

O incrível é que ele tinha falado como se fosse numa conversa, mas Cassidy ouvira perfeitamente. “Tudo bem, Bruce, é rápido demais, cacete, que diabo devo fazer?”

O locutor estava dizendo:

— O’RORK, SEGUIDO POR KAITAINEN, HARRIS E JOHN WALTON DA NOVA ZELÂNDIA...

Então a coisa começou a baixar nele, como sempre acontecia naquele ponto. Normalmente sentia antes na barriga; um tipo de tensão lenta e ácida, os sistemas começando a entrar em pânico lá dentro; os intestinos e outros órgãos fechando até segunda ordem, preparando-se para

qualquer projeto horripilante que estivesse a caminho. E as pernas começavam a sentir a primeira onda de entorpecimento devido ao ácido láctico, o início de uma dor profunda que logo se transformaria na paralisia ambulante da reta final. Já naquele ponto, tão cedo, ele experimentava todas as velhas sensações, pensando: “Deus, é aquilo de novo! Tudo de novo, e eu tinha esquecido completamente como era. Esquecido totalmente. Ombros e braços estão começando agora. Preste atenção, cacete!”

O circuito oscilava sutilmente, abrangendo tudo, retendo tudo, mantendo tudo tranquilamente em seu interior de aço e lhe permitindo pensar. Ele se concentrou em sua missão.

Mesmo da reta mais afastada era possível ouvir a multidão se agitar e depois explodir, mas antes que pudesse reagir percebeu um corpo se aproximar de seu ombro e então avançar impetuosamente para assumir a dianteira. Um clamor se ergueu, vindo do outro lado do campo. Cassidy refletiu com tranquilidade. Quem era? Não era Walton. Um corredor baixo, todo de vermelho. Wisconsin? St. Johns? Esquadrinhou o cérebro, mas voltou sem uma resposta. Era um coelho ou só um sujeito em busca de alguns segundos de glória, ultrapassando John Walton numa corrida de uma milha? Cassidy permaneceu firme onde estava ao longo de toda a curva, entrando na reta principal pela segunda vez, então olhou para trás, pelo lado interno, e viu Walton, agora demonstrando um pouco mais de esforço, mas ainda correndo de modo descontraído, olhos ligeiramente abaixados, fixos nos pés diante dele. Ao passarem, o barulho da multidão era ensurdecedor, mas dessa vez teve certeza de ter ouvido, sem sombra de dúvida, várias vozes que gritavam: “Vai, Cassidy!”

— ...um cinquenta e SETE, um cinquenta e OITO, um cinquenta e NOVE...

Então aconteceram duas coisas quase ao mesmo tempo. Primeiro, Bruce Denton surgiu num clarão, dizendo com calma: “Um e cinquenta e sete, bom.” E uma fração de segundo depois disso a multidão irrompeu novamente enquanto um corredor vestido de preto disparava numa louca explosão de velocidade: “WALTON! Que diabo ele está fazendo?”, pensou Cassidy.

O locutor, entusiasmado, prosseguiu:

— E AGORA WALTON ASSUMIU A LIDERANÇA, ULTRAPASSANDO HARRIS QUANDO PASSAVAM PELA METADE... — Cassidy não conseguiu ouvir o restante.

“Meu Deus, o que ele está fazendo?”, Cassidy pensou enquanto assistia à silhueta vestida de preto deslizar com facilidade, ultrapassando o corredor de vermelho, e manter a velocidade, sem nenhum sinal de que iria afrouxar o ritmo. Cassidy agora começava realmente a experimentar, no começo da terceira volta, a velha sensação extrema que desce do intestino para as pernas e que se manifesta exatamente na metade de uma corrida, no momento em que se toma consciência de que ainda existe um longo e melancólico caminho a percorrer. Mas lá estava Walton, *atropelando*.

Quenton Cassidy, é claro, não sabia, mas esse era o momento decisivo de sua vida, que poderia fazer com que ele se elevasse à altura de suas maiores aspirações ou tomasse um caminho errado, indo se perder em algum lugar no meio do mato. Na verdade, não houve nenhum processo mental associado àquilo; o rosto agora se amoldava firmemente à máscara da corrida, exibindo nada mais que um interesse tenso e distante por tudo aquilo. Liberando uma onda de energia, ele se viu voando em direção ao irlandês ao longo da reta oposta. O de camiseta vermelha já exibia sinais de grande exaustão, devido à arrancada inicial, e Cassidy logo o

alcançou também. Ele avançou em direção à raia 1 e pensou: “Isso foi rápido demais! Poderia ter feito melhor.” Mas era tarde demais para recriminações. Pôs-se no rastro do uniforme preto em frente, agora se fundindo com a noite, as travas reluzindo num borrão adiante. E isto: do outro lado do campo, os gritos, em maior número, mais altos, mais firmes, agora imploravam:

— CASSIDY! CASSIDY!

— ...WALTON, DA NOVA ZELÂNDIA, COM KAITAINEN SETE METROS ATRÁS... —
narrou o locutor.

Os ombros doíam sob a dura pressão do ácido láctico, então pôs mais força nas passadas, concentrando-se na forma que tomavam, tentando percorrer o terreno suavemente. Esse era o momento em que gostaria de estar flutuando, alcançando a maior distância com o menor esforço possível, mas percebeu que se esforçava para conseguir apenas manter o ritmo. E Walton parecia tão à vontade! Será que ele era deste planeta? Será que tudo poderia mesmo ser uma brincadeira para ele, que corria àquela velocidade sem o menor esforço?

Cassidy não conseguia sentir as pernas, mas não havia problema nisso. Voava em plena noite, concentrando-se com tamanho empenho no demônio de preto lá na frente que, na realidade, estava surpreso por alcançar a segunda curva. Ele se xingou mentalmente quando se viu projetado pelo próprio impulso para a segunda raia, então reassumiu o controle, inclinou-se um pouco na curva e recuperou o ritmo. “Um erro idiota”, pensou, “e me custou dois metros.”

Mas, ao sair da curva e entrar na reta, ele o sentiu. Teve contato. Walton tinha se aproximado um pouco e permitiu que ele tivesse certo contato, quase cinco metros atrás. E ele tinha poder. Soube disso também enquanto aceleravam pela reta; agora ele realmente o sentia, o ácido láctico agia dolorosamente em seu corpo, mas também começava a acumular força, animando-se ao saber que não iria demorar muito, que afinal de contas aquilo não duraria para sempre.

Ao passar pelas arquibancadas, dessa vez Cassidy escutou, inacreditavelmente, o que estavam gritando quando as duas silhuetas passaram em frente à estaca branca:

— CA-SSI-DY! CA-SSI-DY! CA-SSI-DY!

Até o locutor tinha parado de fingir:

— É WALTON SEGUIDO POR... CASSIDY, DA SOUTHEASTERN...

Dick Doobey, quase cego de raiva, as veias saltando do rosto flácido e vermelho, pulou de sua cadeira no setor oficial e rumou para o portão da pista para fazer Deus sabe o quê, quando foi barrado pelo braço mais que musculoso de Mike Mobley, que estava atravessado na frente da entrada, com a enorme mão agarrada à baliza num forte aperto. Mobley o desafiou por um instante com um olhar cheio de desprezo e piedade, então o gigante lhe deu as costas e gritou:

— CA-SSI-DY! CA-SSI-DY! CA-SSI-DY!

Com o rosto pálido, Doobey desabou na cadeira mais próxima que conseguiu encontrar. Em cima, no camarote da imprensa, num silêncio glacial, Steven C. Prigman virou-se para olhar os repórteres, alguns esperando sua reação; ele abriu um sorriso pesaroso e voltou-se novamente para a corrida.

E Denton surgindo novamente: dois e cinquenta e cinco. Espere.

Então, a pistola: CRACK! Como sempre, os pelos em sua nuca se eriçaram. Cassidy pensou: “Faltam quatrocentos metros, Jesus, Deus, só estar aqui já é um sacrifício, e ele está escapando, se eu pudesse ao menos segurá-lo, e agora ele está dando a velocidade máxima para...”

Mas, na verdade, Walton não havia alcançado sua velocidade máxima. Ele de repente olhou para trás, e Cassidy pensou ter visto um vestígio longínquo naqueles olhos severos: surpresa. Não preocupação. Apenas uma leve surpresa.

E a isso se seguiu um arranque tão poderoso e veloz que quebrou o ânimo de Cassidy. “Meu Deus, como ele consegue?”

Quenton Cassidy, com certa tristeza, começava a apertar o ritmo no meio da última volta, e tudo o que conseguia pensar era: “Filho da mãe, o que ele está fazendo correndo desse jeito desde o início? Ele nunca faz isso.” Agora os braços e os ombros de Cassidy pioravam à medida que a pressão do circuito irrompia internamente; tentava suportar aquilo tudo, sentindo agora o começo do processo involuntário de degeneração de sua aparência; ele disse a si mesmo, um tanto consternado, que assim deveria ser a morte, “E, olha, meu Deus, como ele parece à vontade lá na frente. Então é assim que acontece, é exatamente assim, como ele vence, e vence, e vence”.

Da última vez ela tinha ficado de pé como todo mundo e, apesar de saber que o homem do guarda-chuva observava discretamente suas reações, examinava o rosto de Cassidy quando ele passou e viu o olhar completamente impassível do corredor ocupado com seu ofício; alerta, mas não exaltado, tomado pela tensão e por um sofrimento inominável, mas, de maneira muito óbvia, não demonstrando qualquer emoção, disfarçando seus segredos mais sombrios. O que tinha dito a ela sobre os demônios? Ela fazia alguma ideia do que Cassidy e Walton estavam vivenciando por causa dos outros corredores, que, cerca de vinte metros atrás, não conseguiam manter a atitude dos dois. Para ela, Walton parecia absolutamente intimidante, como se já tivesse nascido a toda velocidade; seu tronco, para um corredor, era poderoso, e cada uma de suas passadas transmitia a sensação de uma força impiedosa guardada em reserva. Havia algo de insolente em sua energia e que era arrepiante de se ver.

Mas então ela olhou para Quenton Cassidy e viu nele a mesma expressão de objetividade, de frieza, observou o funcionamento fluente e mecânico das pernas, que eram mais longas do que as de Walton. E de repente ela o enxergou de uma perspectiva diferente: ele também parecia intimidante. E alguma coisa no seu íntimo se agitou quando ela se deu conta de que, afinal de contas, estava com medo por ele, por aquela missão que ele tinha se imposto. Seus olhos lacrimejaram e ela ficou ali, tomada por sentimentos confusos e pela perturbação, sem se importar com o homem do guarda-chuva, que a observava.

— CA-SSI-DY! CA-SSI-DY! CA-SSI-DY!

Ele estava, já àquela altura, começando a experimentar a sensação de atordoamento; a coisa ficaria bastante ruim quando se fizesse sentir plenamente, mas é claro que agora não era o momento de pensar naquilo. “Vamos lá, seu filho da puta”, ele pensou, mas sabia que estava apenas mantendo o que já tinha conquistado. Agora o caminho era ladeira abaixo, e Walton ainda tinha mais ou menos sete metros de vantagem sobre ele. Cassidy podia sentir os músculos no seu pescoço começando a se contrair, levando seu lábio inferior para a frente numa careta horrível; sabia que aquele era um dos últimos indícios, aquele esgar mortal. “Então é isso que acontece! A gente simplesmente não o alcança, só isso! O filho da puta só continua a avançar e aí acaba e a gente não o alcança nunca!”

Cassidy ajustou sua inclinação um pouco mais para a frente; aquilo parecia ajudar um

pouco, mas o pescoço estava ficando mais tenso e ele sentiu os braços começando a endurecer. Quando saíram da curva e entraram na última reta, sabia que eles iam ficar muito mal. Ao longo de toda a reta oposta Cassidy tentara se aproximar dele, mas sem qualquer resultado. Sete metros. Sete metros, *sete metros!* A tensão era visível para os que estavam junto à pista; ao expirar, ele emitia pequenos arquezos: *gahh! gahh! gahh!* Seus olhos começavam a se entrefechar, mas, de qualquer forma, ele mal podia enxergar em meio ao atordoamento que sentia.

Os gritos atravessavam o campo, implorando, cheios de esperança, entusiasmados.

— CA-SSI-DY! CA-SSI-DY! CA-SSI-DY!

“Calem a boca! Calem a boca! Não sou o maldito herói de vocês!” Ao longo de toda a volta final permaneceu olhando o uniforme preto através das fendas enrugadas em que haviam se transformado os seus olhos; fitava o uniforme preto e desejava que todos eles o deixassem em paz. Apenas o deixassem em paz com a sua infelicidade e sua derrota.

Foi quando ele viu.

De modo quase imperceptível, mas lá estava: o ombro esquerdo de repente se inclinou, então a perna direita se projetou um pouco mais para a frente do que o normal, e pronto: de volta ao ritmo normal.

Walton também apertava.

“Então é assim que acontece. Não de modo tão casual, no final das contas.”

Cassidy foi se aproximando, se aproximando, e finalmente começou a alcançá-lo, tudo isso durante a última curva; ao longo desse percurso, ele foi chegando junto, centímetro a centímetro, enquanto sua boca se transformava mais e mais numa horrível careta devido aos espasmos do músculo do pescoço. Centímetro a centímetro, o uniforme preto foi recuando, até que finalmente eles saíram da curva e lá estava: John Walton estava um metro à sua frente, faltando cerca de cem metros de pista diante dos dois até a linha de chegada. Reinava um completo pandemônio nas arquibancadas enquanto os gritos acabaram se transformando num urro, num alarido dominado por um guincho agudo.

Quenton Cassidy passou para a segunda raia, a Raia das Grandes Esperanças, e esgotou o resto de vida que ainda havia nele.

Ao longo dos últimos cinquenta metros ele tinha ficado olhando através das duas fendas enevoadas que lhe serviam de janelas para o pesadelo uivante que se desenrolava em câmara lenta à sua volta, enquanto seu corpo — mal se sustentando, com a parte do queixo até o ombro travada e as laterais se enfraquecendo — começava a perder qualquer coisa parecida com controle. Ele observou tudo isso enquanto o circuito estava prestes a explodir, liberando todo o veneno represado, e muito calmamente imaginou: “Quando isso tudo vai acabar?”

Ele sentiu mais do que viu quando Walton recuou até seu ombro, considerou com uma curiosidade um tanto distante quem estaria ali, mas então voltou a se concentrar naqueles centímetros de Tartan verde da pista que passavam lentamente, lentamente, sob seus pés.

Nos últimos dez metros, seu corpo era um bloco sólido de ácido láctico, com aqueles músculos tensos do pescoço puxando seu lábio para baixo e suas costas arqueando, o trapézio tentando puxá-lo para trás. E durante todo o percurso Quenton Cassidy dizia a si mesmo:

“Agora não... está doendo mas vá até o fim, não pare até passar a linha, você não pode se dar ao luxo de entregar nada a esse filho da mãe... então aguenta aguenta aguenta Meu Deus aguenta aguenta aguenta AGUENTAAGUENTA AGUENTA...”

Finalmente, com um grito e uma violenta contorção ele se desvencilhou da força terrível que o agarrava, curvou-se de um modo que parecia uma inclinação para a frente, e tudo havia terminado...

...OU PELO MENOS ELE PENSOU que tinha terminado, se é que não era um pesadelo, e ele está ofegando, simplesmente arrancando o ar à sua volta, sentindo a morte, com certeza iminente, descendo sobre ele, chorando e com as mãos nos joelhos, tropeçando, por favor, me deixe, por favor, não quero, por favor, preciso respirar...

E então Denton passa o braço em torno de sua cintura e está levantando-o do chão, por favor, Bruce, me ponha no chão, não consigo respirar, mas Denton o está levando dali, para longe deles, arrastando o boneco alto, moreno e mole que aparentemente é incapaz de fazer isso sozinho, segurando-o com esforço e dizendo: Você lembra, Quenton, droga, é melhor lembrar porque não poderia ser melhor; está me ouvindo, cacete?, e Cassidy forçando os olhos a se abrirem finalmente e enxergando Denton através da névoa e vendo que ele está chorando também. Ah, Bruce, estou ouvindo, por favor, me solte, Meu Deus, isso dói, e Denton o deixa levar as mãos aos joelhos para orar para o deus da linha de chegada do corredor, mas Denton se abaixa e sussurra: três e cinquenta e dois ponto cinco, Cass. Ele deu uma arrancada quando faltavam quatrocentos e cinquenta metros, mas foi você, Quenton Cassidy, foi VOCÊ o tempo todo. Porra, Quenton, você sabe que o derrotou, não sabe?

Mas Cassidy é incapaz de fazer qualquer coisa a não ser segurar os joelhos e emitir seus pequenos ruídos ofegantes e acenar com a cabeça, desejando que todos simplesmente o deixassem em paz para que ele descobrisse se ia mesmo morrer.

Walton passa por ele e os dois apertam as mãos; Walton olha para Cassidy com curiosidade, mas sem medo. Ele acena com a cabeça para Denton.

— Bruce — diz ele.

— John.

Esse não é um jogo para presunçosos ou para grandes surpresas, e o olhar de Walton é claramente mais de curiosidade que de qualquer outra coisa. Haverá tempo, dizem seus olhos, para decisões e superações.

— Até mais tarde, colega — diz para Quenton Cassidy. Um aceno respeitoso para Denton, e foi embora.

“Até mais tarde”, diz Cassidy para si mesmo.

Depois dos inúmeros flashes das câmeras e do empurra-empurra, dos cumprimentos e das intermináveis perguntas (ainda querendo saber *O Segredo*), depois de tudo isso, ele finalmente se afastou deles e conversou, com tranquilidade, com Bruce por alguns momentos; levantou o zíper do casaco até em cima para se proteger do frio da noite e saiu para a pista, enquanto os que ainda estavam nas arquibancadas gritavam. Quenton Cassidy ergueu os olhos, deu um pequeno sorriso, acenou e pensou: “Não tenho para onde ir.”

Foi aí que Bruce Denton se virou com um suspiro e caminhou sozinho em direção ao portão, pensando que o sorriso de Quenton Cassidy parecia realmente triste...

O jovem caminhou com firmeza ao longo da curva externa, a parte mais sombria da pista, e entrou na reta final. “Aqui”, pensou, “geralmente já está tudo decidido; é só uma questão de botar para fora o que ainda resta.” Talvez fosse emocionante para os espectadores, mas os corredores estariam tranquilamente nas últimas.

Durante a segunda e a terceira voltas tentara evocar a velha sensação de desespero e de dor, mas, como sempre, não tinha conseguido. Era algo a ser vivenciado, não lembrado.

Agora estava andando os últimos cinquenta metros, inconscientemente balançando os braços com um pouco mais de força, tentando recuperar parte do sumo abandonado e gelado daqueles últimos poucos metros, quando os braços e os ombros, as pernas e os quadris, todos pareciam se ligar uns aos outros, e o queixo fica travado na careta rígida de uma súplica, e a vida toda é reduzida a um simples desespero, um pedido pelo último espasmo patético saído de um simples corpo humano. Conhecia bem aquelas coisas.

Então passou pela marca, dizendo a si mesmo durante os últimos cinco metros: “Vá até o final, vá até o final.” Parou e olhou ao redor. A dor alcançaria você ali, é claro, assim que a linha fosse cruzada, o dominaria durante esses primeiros poucos segundos e o estádio iria tremer. Entre todos os sentimentos, é desse que nossa mente mais nos protege; mais tarde seria impossível recuperar até mesmo o menor vestígio dele.

Mas ele pensava que, por pior que fosse aquele momento, ali deveria haver algum tipo de prazer misturado, algum alívio desesperado. Alegria, talvez, por saber que havia terminado, mais uma vez, sem deixar nada guardado.

Respirou fundo diversas vezes o ar cálido de setembro, então caminhou para o interior do campo, para apanhar sua bolsa de viagem. Olhou ao redor mais uma vez na direção dos colchões dos saltos com vara, da caixa de areia alongada para os atletas do salto em distância, dos anéis de concreto para os homens do peso e finalmente de volta à estaca da linha de largada. Os olhos, então, se voltaram para a pista, acompanhando lentamente a superfície emborrachada durante todo o percurso até a primeira curva, ao longo da extensa e solitária reta do fundo, passando pelo marco dos duzentos metros, pela curva externa e, então, de volta à reta final, rumo à linha de chegada, onde muito tempo atrás ele tinha derrotado o grande John Walton. As dimensões simplificadas do que tinha, já havia alguns anos, definido sua vida.

Quatrocentos metros que ele conhecia centímetro a centímetro. “Há muito a ser deixado para trás aqui”, pensou. “Mas posso conviver com isso.”

Caminhou ao longo do campo, através da pista, e saiu pelo portão, deixando os corredores comuns com sua tarefa noturna. As mariposas ainda importunavam o poste de luz.

O jovem parou por um momento entre as sombras dos insetos que dançavam e abriu a pequena bolsa de viagem. Procurou debaixo do passaporte, das roupas e dos artigos de higiene pessoal, até que encontrou. Sob a luz da rua, abriu a caixa chata e fina, de formato alongado, e olhou para ela mais uma vez.

O disco redondo e pesado descansava sobre o cetim rosa, sua grossa fita roxa se enrolando por trás do tecido macio. A inscrição em torno dela estava em grego, mas seu significado geral era bastante claro.

À luz pálida o metal prateado brilhava de modo apropriado. Aquilo não o machucava mais.

“Também posso conviver com isso”, pensou. “Principalmente porque não tenho mais nada a dizer.” Sorriu de leve, fechou a caixa e recolocou-a no fundo da bolsa. Virou-se sem olhar para trás e caminhou para longe da pista.

Em algum lugar havia uma árvore retorcida muito antiga que ele precisava encontrar, e então seguiria o seu caminho.

© Jack Gescheidt



Formado em jornalismo e em direito pela Universidade da Flórida, John L. Parker Jr. escreveu diversos artigos para revistas, como a *Outside* e a *Runner's World*. Autor, entre outros livros, de *Again to Carthage*, a continuação de *Era uma vez um corredor*, Parker venceu três vezes a corrida de uma milha da Southeastern Conference, além de ter sido campeão em provas de obstáculos da Federação Nacional de Atletismo dos Estados Unidos. Foi também colega de equipe de atletas olímpicos da equipe norte-americana, como Frank Shorter, Jack Bacher e Jeff Galloway, em vários campeonatos cross-country. Atualmente, divide seu tempo entre Gainesville, na Flórida, e Bar Harbor, no Maine trabalhando como advogado, repórter e colunista de jornal, e diretor editorial da revista *Running Times*.